CARTAS A LUCÍLIO

Lúcio Aneu Séneca

Tradução, Prefácio e Notas de
J. A. SEGURADO E CAMPOS

2.ª edição

SERVIÇO DE EDUCAÇÃO E BOLSAS
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

INTRODUÇÃO

As Cartas a Lucílio — Epistulae morales ad Lucilium — *são geralmente consideradas a obra mais importante de quantas subsistem da autoria de Lúcio Aneu Séneca. Tal importância deriva de circunstâncias várias: o facto de se situarem cronologicamente entre as produções da última fase da vida do autor e reflectirem, portanto, a forma mais amadurecida do seu pensamento; o facto de essa fase da vida de Séneca (que iria culminar no suicídio) se ter revestido de formas especialmente dramáticas que encontram eco, mais ou menos explícito, no texto; o facto de, pela sua própria amplitude, conterem uma soma de reflexões sobre enorme variedade de problemas, na sua totalidade de carácter ético; o facto de tais reflexões, conquanto assentes num quadro teórico perfeitamente delimitado e coerente, se revestirem de um carácter extremamente prático, isto é, de constituirem uma análise de situações concretas e de apreciações de grande agudeza sobre a natureza e o comportamento humanos; o facto de o quadro epistolar escolhido pelo autor para a sua exposição (quer se pense, como estamos em crer, que as* Cartas *representam uma correspondência efectiva mantida por Séneca com o seu destinatário, quer, como alguns entendem, que apenas resultam de uma mera ficção literária) se prestar*

à inclusão de numerosos elementos informativos sobre múltiplos aspectos da vida e da civilização romanas; o facto, enfim, de a natureza dos problemas que suscitam e discutem se revestir de uma pertinência transcendente à época em que foram redigidas e oferecer uma viva fonte de meditação para quem pretenda questionar-se sobre os valores da sociedade em que se insere.

Foi, aliás, este último aspecto aquele que acima de tudo nos determinou a empreender a tradução das Cartas*: a persuasão de que a leitura de Séneca pode ser nos dias de hoje de uma utilidade prática evidente como precioso auxiliar no entendimento da natureza humana e na determinação dos valores da existência. Por esta razão a* Introdução *que vai seguir-se não constitui de forma alguma um estudo da filosofia estóica em geral, nem do pensamento de Séneca em particular: existem publicadas excelentes obras num e noutro âmbito para as quais, na bibliografia, remeteremos o leitor interessado. Trata-se tão só de uma chamada de atenção para alguns pontos que nos parece de importância conhecer previamente antes de iniciar a leitura das* Cartas. *Por isso mesmo evitámos aqui todo o aparato erudito: informações biográficas, apoio bibliográfico, referências textuais, considerações filosóficas. Toda essa matéria surgirá, quando tal for pertinente, nas notas que acompanham a tradução. A nossa* Introdução, *em suma, para mantermos o quadro senequiano do texto, será apenas uma "Carta ao Leitor das Cartas a Lucílio"!*

O destinatário das Epistulae *deve a sua imortalidade à amizade que o uniu a Séneca, a quem se deve praticamente tudo o que sabemos sobre ele.*

Aparentemente, Lucílio, de seu nome completo Gaio Lucílio Júnior, era natural de Pompeios, na Campânia,

a célebre cidade arrasada pela erupção do Vesúvio no ano 79 da nossa era. Em dois passos das Epistulae Séneca refere a sua passagem pela cidade, e em ambos os casos escreve: a tua querida cidade de Pompeios. O argumento não é imperioso, mas é altamente plausível que o filósofo use tal expressão por Pompeios ser a terra natal de Lucílio, ou, pelo menos, por este lhe estar associado por algum motivo muito particular.

Não é conhecida a data do seu nascimento, que, no entanto, não havia de andar muito longe da de Séneca. Em 26,7 Séneca dirige-se ao amigo dizendo-lhe: tu és mais novo do que eu, mas em 35,2 diz que as idades de ambos não distavam muito uma da outra.

Socialmente Lucílio pertencia à classe dos cavaleiros (equites), não por nascimento, mas certamente porque as suas actividades, o zelo posto nas missões confiadas, as amizades de algum aristocrata (o próprio Séneca?) levaram o imperador a distingui-lo com a sua promoção a eques. Pelo menos é o que pode deduzir-se de um passo em que Séneca diz que foi a indústria de Lucílio que lhe conseguiu a nomeação para a classe equestre.

O certo é que Lucílio, graças ao seu talento e diligência, conseguiu tornar-se uma personagem de certo destaque na sociedade romana, para o que de alguma forma teria contribuído a sua actividade literária, como adiante veremos. As esperanças de Lucílio poder continuar a fazer carreira não seriam exíguas, como certamente não o seriam as probabilidades de o conseguir. Tanto assim é que, quando Séneca, num momento decisivo da sua vida — quando o filósofo se entrega ao otium, à contemplação filosófica, à produção literária — o aconselha energicamente a não se deixar enredar nas malhas dos compromissos sociais e políticos e, pelo contrário, o exorta a seguir o seu exemplo

e a dedicar-se a tempo inteiro à filosofia, Lucílio opõe resistência, uma resistência tenaz que Séneca combate com não menor tenacidade numa luta que, aliás, acabaria por vencer.

No período em que se situa a correspondência entre Séneca e Lucílio encontrava-se este a desempenhar o cargo de procurator imperial na Sicília, cargo que podemos supor ter sido o culminar da carreira, uma vez que as últimas cartas de Séneca dão a entender que Lucílio decidira finalmente seguir os conselhos do seu mestre e amigo e entrar também ele na vida do otium. Do resto da vida de Lucílio nada mais se sabe; ignora-se igualmente a data da sua morte, embora seja plausível pensar que de alguma forma ele possa ter sido envolvido na mesma desgraça em que Séneca incorreu.

Para além destes pormenores de carácter biográfico, devemos também a Séneca um entusiástico elogio das virtudes morais demonstradas por Lucílio numa fase histórica (os principados de Calígula e de Claúdio, as intrigas que grassavam na corte deste último, sobretudo nos tempos de Messalina, etc.) altamente propícia a todas as formas de corrupção e baixeza moral. Aliás, só assim se explica que Séneca tenha tomado a decisão de encarregar-se da direcção espiritual de Lucílio. Séneca era altamente exigente na escolha dos seus discípulos, só aceitando encarregar-se da orientação moral de alguém em quem reconhecesse por indícios seguros uma vocação filosófica inata. Lucílio possuia, a julgar pelo que nos diz Séneca, essa vocação, possuía um carácter firme e corajoso, insensível à bajulação, não se deixando impressionar pelos perigos da "polícia política" dos príncipes, em suma tinha uma tendência natural para a prática da uirtus, apenas carecendo de um guia firme e capaz que desenvolvesse e trouxesse à superfície as

potencialidades latentes. Esse guia era mesmo tanto mais necessário quanto Lucílio, ao que parece, iniciara a preparação filosófica pela via do epicurismo. Ora é bem conhecido como as duas correntes filosóficas — epicurismo e estoicismo — são a perfeita antítese uma da outra, opondo-se como o positivo e o negativo de um mesmo retrato. Todavia tal como se verifica no exemplo sugerido, se muitas são as diferenças, muitas são igualmente as semelhanças entre as duas posições: consequentemente Séneca, numa prática corrente entre os estóicos, utiliza nas suas primeiras cartas todo um arsenal de máximas e reflexões extraídos da obra de Epicuro, que, naturalmente, interpreta depois em sentido estóico, e assim, gradualmente, vai aproximando Lucílio das posições características da Escola.

A par de notáveis qualidades morais, não era Lucílio destituído de qualidades intelectuais apreciáveis. Ao interesse pela formação filosófica juntava ele a inclinação para a literatura, que praticava com méritos, parece, assinaláveis. A sua obra pereceu quase por inteiro, apenas dele restando como certo alguns versos isolados citados por Séneca em termos elogiosos. Para além destes fragmentos indubitáveis, há quem lhe tenha querido atribuir algumas obras subsistentes, no todo ou em parte, e cuja autoria permanece desconhecida. É o caso do conhecido poema *Aetna*. Sabemos por Séneca (79,5) que Lucílio escreveu (ou estava escrevendo quando Séneca lhe dirigiu esta carta) um poema sobre o vulcão da Sicília, mas nada indica que o poema de Lucílio e o *Aetna* conservado sejam um e o mesmo texto. Aliás, no mesmo passo da carta 79 Séneca menciona o facto de o tema de Etna já ter tentado a musa de três escritores da envergadura de Vergílio, Ovídio e Cornélio Severo, e fá-lo para sublinhar o mérito de

Lucílio em ir tratar por sua vez um tema já desenvolvido por aqueles poetas. De resto, Lucílio parece que pretenderia estudar o Etna de um ponto de vista científico, na sequência de interesses por temas de ordem física bem atestados pelo facto de Séneca lhe dedicar a sua obra "Questões Naturais" (Naturales Quaestiones).

Também tem havido quem pretenda pôr no crédito de Lucílio, como escritor, outras obras: um fragmento épico centrado sobre a batalha de Áctio, que modernamente se costuma atribuir a um poeta amigo de Ovídio, Gaio Rabírio; e não faltou quem quisesse ver nele o autor da pretexta Octauia. Naturalmente que estas tentativas de avolumar a obra conservada de Lucílio não têm qualquer fundamento sólido. Por isso será mais prudente limitarmo-nos a aceitar como produção seguramente luciliana apenas os versos que dele cita Séneca, a pessoa decerto mais abalizada para conhecer a totalidade da sua obra.

As Epistulae morales ad Lucilium não devem ser consideradas como uma obra exclusivamente filosófica, uma correspondência fictícia dirigida a um destinatário fictício apenas para fugir à técnica da exposição teórica, em suma, um artifício meramente literário. É certo que a forma literária da epístola teórica (filosófica ou não) tinha precedentes na literatura antiga, e quanto ao que fosse uma correspondência real entre amigos e familiares, centrada sobre a troca de informações pontuais podemos ter uma ideia pela leitura da carta VII de Platão ou pelos vários volumes da correspondência de Cícero. As cartas de Séneca situam-se, digamos, a meio caminho entre o primeiro e o segundo dos tipos de cartas referidos: são uma correspondência real entre dois amigos em que, na quase totalidade dos casos, são desenvolvidos por Séneca diversos problemas de índole filosófica.

As cartas a Lucílio não foram as únicas que Séneca escreveu e publicou. Diversas fontes, entre elas o próprio Séneca, dão-nos conta de muitas outras cartas dirigidas a outros destinatários. Todas elas se perderam. Em contrapartida conserva-se uma colecção de cartas pretensamente trocadas entre Séneca e S. Paulo, decerto devida ao facto de Séneca ser bastas vezes citado com apreço por diversos Padres da Igreja, que no filósofo viam um justificado precursor das doutrinas cristãs.

Se é certo que as cartas datam da última fase da vida de Séneca, o conhecimento com Lucílio já vinha sem dúvida de longe, e de longe vinha também a intenção de Séneca converter o amigo à doutrina estóica. Podemos supor que o ensino ministrado a Lucílio se processou durante algum tempo apenas por via oral. Mas Lucílio, na prossecução da sua carreira pública veio a ser destacado para a Sicília, e a partir desse momento a direcção espiritual só poderia continuar por meio da escrita. O afastamento físico dos dois amigos foi assim a motivação imediata para a produção das cartas.

Que as Epistulae são uma correspondência inequívoca e não uma mera forma literária pode ser comprovado por uma inúmera série de pormenores, de que apenas daremos uma diminuta exemplificação. Abundam nelas notações concretas, tais como as frequentes fórmulas com que Séneca acusa a recepção das cartas de Lucílio ou se refere ao prazer que experimenta ao lê-las; não menos vezes também alude à insistência de Lucílio em que a troca de epístolas seja mais frequente; numa outra carta Séneca limita-se a dizer que recebeu uma obra escrita por Lucílio e que reserva para outra oportunidade pronunciar-se sobre os seus méritos; noutra, nega-se a escrever cartas simplesmente circunstanciais, como fazem muitos que se limitam cerimoniosamente a falar do tempo.

Destarte é perfeitamente natural que as cartas contenham referências a numerosos casos da vida pessoal de dois amigos ou alusão a pormenores da vida quotidiana da Roma coeva. Exemplos do primeiro ponto temo-los, por exemplo, nas cartas em que Séneca fala a Lucílio de algum amigo comum com quem se encontrou, da morte de um outro amigo de Lucílio e que este deplora com mais intensidade do que convém a um estóico; repetidamente alude Séneca a passeios que realiza, a estadas que faz em alguma das suas propriedades (numa delas encontrando um velho escravo, seu companheiro de brincadeiras na infância, cujo aspecto decrépito o leva a pensar na própria velhice e na morte certamente próxima), a viagens por mar (por exemplo uma em que foi apanhado por uma tempestade e teve de lançar-se à água e alcançar a terra a nado); numa carta descreve uma visita que fez à antiga vila de Cipião Africano, cuja nobre austeridade descreve com complacência; noutra aproveita o facto de Lucílio se encontrar na Sicília para pedir ao amigo certas informações geográficas sobre a ilha, decerto destinadas à inclusão em algum trabalho de natureza científica; noutra ainda menciona os seus problemas de saúde, aos quais só dá atenção para satisfazer a vontade de sua mulher Paulina. Os exemplos poderiam multiplicar-se. Quanto ao segundo ponto pode ler-se a descrição da viagem que Séneca fez de Baias a Nápoles, a descrição condenatória dos brutais espectáculos do circo, ou ainda a pitoresca narração da poluição sonora a que está sujeito um infeliz que habite nas proximidades de um balneário público.

Muito embora sendo, como acabamos de verificar, uma correspondência efectiva, as cartas a Lucílio têm, no entanto, uma motivação profunda que transcende a mera transmissão de notícias e troca de informações. Séneca tem um

objectivo: converter o amigo às teses estóicas, levá-lo gradualmente a dominar os princípios teóricos da Escola e a ser capaz de os aplicar na vida prática, sobretudo a libertar-se dos condicionalismos de ordem social e política, a adquirir a uirtus e a aproximar-se tanto quanto possível do ideal do sábio. Por outras palavras, as cartas a Lucílio são textos de direcção espiritual, exercícios de meditação mais do que exposições de ordem e finalidade meramente teórica, o que, todavia, não significa que Séneca se exima, quando é caso disso, a discutir amplamente problemas de índole teórica.

Para cumprir uma tal finalidade a carta apresenta-se como um veículo ideal. Séneca nunca foi muito dado, pelo menos como escritor, à exposição de teorias desligadas da realidade; bem ao contrário, a teoria sempre lhe interessou apenas na medida em que era susceptível de aplicação, em que podia ser interiorizada e moldar de forma indelével a conduta do homem. Mesmo nos seus tratados puramente teóricos conhecidos por Dialogi a ligação da teoria à prática nunca é perdida de vista, e, forçando um pouco, quase podíamos dizer que os tratados são cartas mais extensas e as cartas tratados mais reduzidos. A carta é o veículo por excelência, porquanto Séneca parte sempre para a sua exposição de um pormenor de natureza muito concreta que utiliza como pretexto para o desenvolvimento de um argumento teórico. Um simples exemplo bastará para elucidar este ponto. Séneca inicia a carta 91 relatando a Lucílio o terrível incêndio que reduziu a escombros a antes próspera cidade de Lião. A catástrofe afligiu de modo violento um amigo comum, natural da cidade sinistrada, e deixou-o moralmente arrasado. Este acontecimento será suficiente para suscitar a reflexão que Séneca vai em seguida desenvolver: as catástrofes (incêndios, sismos, inundações)

inserem-se na ordem natural das coisas; guiando-se pela razão o homem deve conformar-se com as leis da natureza, e não rebelar-se contra elas; as calamidades naturais não são em si mesmas males nem bens, pois o único mal e o único bem são o mal e bem morais, e tudo o mais é indiferente. E assim, servindo-se dum caso realmente ocorrido, Séneca ensina a Lucílio o que se deve pensar sobre o mal e o bem, e, simultaneamente, indica-lhe o modo correcto de agir nas circunstâncias. Numa outra carta, partindo de um evento ou de uma máxima diferente, Séneca não se coibirá de novamente desenvolver este tema, de resto um daqueles em que com maior frequência reflecte: todo o mal e todo bem são exclusivamente de carácter moral.

Vemos por conseguinte que o ensino de Séneca não assume um carácter sistemático, os problemas são tratados ou porque um sucesso exterior os sugeriu, ou porque o próprio Lucílio pediu expressamente a Séneca que tratasse este ou aquele ponto. Não possui igualmente índole dogmática, antes se agarra sempre à realidade, e, mais significativamente, vai sempre acompanhando a evolução do discípulo, fazendo o ponto da situação, insistindo nos tópicos em que aquele revela maiores dificuldades, criticando-o quando fraqueja nas suas convicções ou se deixa momentaneamente seduzir por falsas opiniões, louvando-o quando dá provas seguras de progresso, sugerindo-lhe continuamente, nessas ocasiões, novos temas de meditação, acompanhando sempre a teoria com exemplos muito concretos, sempre mantendo a tensão, nunca contemporizando com as convenções, nunca admitindo entorses aos princípios. Um dos motivos de interesse deste corpus *epistolar consiste mesmo em que através dele podemos ir acompanhando a progressão de Lucílio, feita de sobressaltos, de dúvidas e*

contradições, de momentâneas fraquezas, mas também de sempre renovado e fortificado esforço na vida árdua da sabedoria. O estoicismo não é uma filosofia para fracos: quem disso não esteja convencido acompanhe a carreira de Lucílio e verificará por si que só à custa de muito esforço (mesmo físico!), de constante meditação e de um férreo exercício da vontade será possível a alguém aproximar-se da imagem do sapiens tal como Séneca, com alguma rigidez resultante de um certo "retorno às origens", o concebeu.

Tal como os seus restantes tratados, também as cartas de Séneca a Lucílio, para além dos traços já apontados e que fazem delas cartas autênticas, revelam com maior ou menor intensidade a influência da diatribe cínica em alguns aspectos da sua estrutura. Antes de mais na sua imediata e visível função moralizante: cada carta é uma exortação a a que o destinatário adopte como sua esta ou aquela ideia, este ou aquele princípio, se comporte em determinada situação concreta deste ou daquele modo. Não seria inexacto dizer, portanto, que cada carta (umas mais do que outras, naturalmente) se poderá considerar uma verdadeira suasoria e, como tal, se reveste dos aspectos formais que caracterizam o género.

Entre os mais nítidos abunda o chamado interlocutor fictício. O processo é bem conhecido, tanto das suasoriae propriamente ditas, como ainda dos textos filosóficos (não só de Séneca) e também do discurso satírico (que aliás também resulta em certa medida da influência diatríbica). Consiste o processo em o autor imaginar que uma sua afirmação é objectada por alguém (precisamente um interlocutor fictício, uma pura criação sua), objecção essa que lhe dá oportunidade para retomar a sua ideia inicial, compro-

vá-la com novos argumentos ou ilustrá-la com nova e mais impressionante exemplificação. Daí a abundância com que nos textos de Séneca figuram fórmulas do tipo dicunt ("dizem alguns"), dicis ou dices ("dizes" ou "dirás tu"), fórmulas a que evidentemente Séneca faz seguir um volumoso caudal de contra-argumentação. Nas Epistulae o processo torna-se um tanto incómodo, porquanto, sendo as cartas, por definição, uma conversa entre Séneca e o amigo, fórmula como dizes tu que... deixa-nos muitas vezes na dúvida se a objecção teria sido realmente formulada por Lucílio na carta a que Séneca está dando resposta ou se, como a segunda pessoa do singular é uma das possibilidades que o latim tem de exprimir o sujeito indeterminado, a objecção deverá ser posta na conta de um interlocutor fictício, que é como quem diz, será uma objecção imaginada pelo próprio autor para fazer progredir a demonstração do ponto em causa. Se às vezes é possível estarmos seguros de que foi realmente Lucílio quem levantou o problema a que Séneca vai dar resposta, outras (talvez a maioria) devemos estar perante um mero interlocutor fictício. É pena que se verifique esta ambiguidade, pois se pudéssemos estar certos das questões levantadas por Lucílio estaríamos em melhor situação para ajuizar dos reais avanços que o discípulo de Séneca ia efectivamente fazendo ou das dificuldades que a iniciação no estoicismo lhe suscitava.

Também releva da diatribe o uso contínuo de exemplos (exempla) concretos para ilustrar cada afirmação ou cada problema. As Epistulae estão cheias de personagens cuja atitude nesta ou naquela circunstância é proposta como exemplo a admirar e a seguir, ou, pelo contrário, a censurar. Algumas dessas personagens são figuras históricas bem conhecidas de numerosas fontes, tais como Sócrates, Platão,

Cícero ou Catão (um dos exempla *mais frequentemente utilizados por Séneca), ou ainda Alexandre da Macedónia, Aníbal, Júlio César e Augusto, para só referir as mais familiares; também não faltam personagens da fábula, tais como Dédalo ou Ulisses; e ainda figuras anónimas, humildes no seu anonimato mas grandes na coragem, tais como o gladiador que preferiu o suicídio a servir de espectáculo à brutalidade do público circence. Muitos tipos humanos estão igualmente representados por uma extensa galeria de figuras cujo nome apenas nos é conhecido pelas cartas mas de cuja historicidade não há motivos para duvidar, como o inesquecível Servílio Vátia.*

Frequentemente estas figuras são protagonistas de pequenas anedotas características, umas vezes como exemplos a imitar, outras como exemplos a condenar, sempre com um intuito inequivocamente moralizante. Em caso algum deixa Séneca de pronunciar o seu juízo de valor sobre a personagem aludida ou o acontecimento narrado, pelo que as citações, as anedotas, os exemplos históricos ou literários nunca devem ser entendidos como manifestações de erudição estéril ou como simples ornatos de composição.

Refira-se enfim como influência diatríbica o emprego abundante de máximas, próprias ou alheias, cunhadas para o efeito ou extraídas da obra de filósofos (como Epicuro) ou de poetas (como Publílio Siro ou Vergílio), nas quais Séneca sintetiza sob uma forma poeticamente marcante e, portanto facilmente conservável na memória alguma grande verdade de índole moral. São legião as máximas que seria possível retirar da obra do filósofo, em geral, e em particular das cartas a Lucílio; a Idade Média, época durante a qual Séneca figurou entre os autores mais lidos e apreciados, fê-lo sem rebuços, e chegaram até nós amplos reposi-

tórios de tais máximas pacientemente recolhidas pelos monges medievais. Diga-se, contudo, que a preocupação de Séneca em cunhar sentenças formalmente perfeitas obedece mais a um propósito de utilidade prática (um verso bem composto e sintético memoriza-se mais facilmente do que uma longa e difusa exposição) do que a uma finalidade estética: a estética cumpria uma função exclusivamente ancilar, nunca surgindo como um valor em si.

Confirma esta ideia o facto de Séneca nunca ter dado demasiado relevo à retórica, o que em parte viria a motivar o juízo fortemente negativo que sobre ele faz Quintiliano. Por obediência à tradição (é sabido o peso que a obra de Aristóteles teve sobre os pensadores posteriores), não deixou o estoicismo antigo de dar, no seu plano de partição da filosofia, um lugar à retórica, um lugar subordinado, de resto, como parte do esquema organizativo da lógica. Todavia nunca se preocuparam com ela enquanto arte específica do discurso, mera técnica de persuasão situada à margem, quando não em posição fronteira à moral. Zenão e os seus sucessores interessam-se obviamente pela propagação da "verdade", ao passo que a retórica visa a convencer o auditório da "sua" verdade, que não é forçosamente "a" verdade. O estoicismo antigo rejeita consequentemente tudo quanto não passe de eloquência balofa, de "ruído", de artifício. Quando falam de retórica fazem-no, não no sentido habitual do termo, mas antes implicando a forma de exprimir linguisticamente a verdade.

Quando Séneca escreve, já a retórica tinha uma brilhante tradição em Roma, ilustrada prática e teoricamente de forma superior por Cícero. Este, como orador eminente que era, dava da retórica uma imagem elevada em que se aliavam harmonicamente a técnica mais apurada com a mais larga cultura geral, formando um conjunto indissociável

que a palavra "humanidades" tão bem exprime. Tal não significa que a retórica, no seu aspecto técnico, não pudesse estar ao serviço do artifício e da mentira, como o Cícero-advogado o sabia melhor do que ninguém. Mas apesar de tudo Cícero não concebia que mesmo a filosofia pudesse ser transmitida eficazmente sem arte, o mesmo é dizer, sem retórica.

Séneca nunca se pronunciou sobre a matéria de uma forma sistemática, embora não faltem nos seus textos passos em que se refira mais ou menos detidamente a questões de ordem retórica ou mesmo linguística. De certo modo a sua posição pode considerar-se intermédia entre o rigorismo da Stoa *antiga e a predilecção romana pela arte da palavra. Não esqueçamos que o filósofo iniciou a sua carreira como orador, e, mais, orador famoso. Muitos dos seus textos demonstram à saciedade que ele dominava a técnica, embora afectasse um altivo desprezo pela retórica tradicional. Para ele a filosofia era um assunto demasiado sério para que valesse a pena perder tempo enredado em problemas de composição, em ornatos de estilo, em longa escolha vocabular em detrimento do essencial: as ideias. No entanto, Séneca não deixava de reconhecer a relevância que a forma literária pode ter na transmissão de uma doutrina. Por exemplo, uma verdade filosófica torna-se mais evidente e memoriza-se melhor se for expressa numa forma sentenciosa, ou se for transmitida em verso, de modo que a própria beleza poética alicia o potencial ouvinte a dar maior atenção ao discurso. Tal explica que Séneca, que não apreciava grandemente o teatro, tenha escrito diversas tragédias em que as ideias básicas, os motivos fundamentais são de inspiração estóica: dada a predilecção do público romano pela arte cénica, o filósofo decide-se a comunicar a esse público alguns princípios essenciais mediante uma*

forma literária que ele sabe capaz de atrair as atenções e de assegurar que alguns desses princípios se gravem no espírito dos espectadores.

Não espanta, por conseguinte, que a prosa senequiana, com o seu ritmo desigual, as suas frases nervosas e curtas, as suas sentenças abundantes, a sua composição irregular (desenvolvimentos prometidos que não ocorrem, programas anunciados e não cumpridos, reiteração de temas já anteriormente tratados, recurso excessivo a neologismos ou a vocábulos arcaicos e vulgares, etc.), tão nos antípodas do classicismo ciceroniano, incorressem como incorreram no fundo desagrado de um Quintiliano, que o considera um autor tanto menos de imitar quanto era precisamente um dos mais imitados pelos seus contemporâneos. Apesar de tudo Quintiliano não deixa de reconhecer, e di-lo, a utilidade que os escritos de Séneca podem ter para a formação moral dos jovens romanos. Lamenta, isso sim, é que a emulação que Séneca suscita precisamente entre os jovens se processe a nível formal, com a imitação de um estilo irregular, sem que se verifique também no que respeita à elevação dos princípios contidos nas irregularidades desse estilo.

No seu livro Über den Ungehorsam, *referindo-se aos nossos tempos, escreveu Erich Fromm:*

"É indubitável que nunca como hoje está tão difundido no mundo o conhecimento das grandes ideias da humanidade. Nunca, contudo, foi a sua influência também tão diminuta. Os pensamentos de Platão e Aristóteles, dos Profetas e de Cristo, de Espinoza e de Kant são hoje conhecidos por milhões de pessoas cultas na Europa e na América. Eles são ensinados em inúmeras Escolas, sobre alguns deles fazem-se prédicas em todo o mundo nas Igrejas de todas as confissões. E tudo isto se verifica simultaneamente num mundo em que se presta obediência aos princípios de um egoísmo sem limites, se cultiva um nacio-

nalismo histérico e se prepara um tresloucado genocídio. Como é possível explicar semelhante contradição?"

Nunca Séneca exprimiu de uma forma tão nítida a discrepância verificável entre a cultura entendida e praticada como mera soma de conhecimentos e a "incultura" de facto existente nas relações entre os homens, quer se trate das relações dos indivíduos entre si, do poder e do povo, ou das nações umas com as outras. Mas, mutatis mutandis, *é este um problema que subjaz em maior ou menor grau a todos os seus escritos. Quando ele, por exemplo, se interroga sobre que interesse pode ter conhecer se Homero foi ou não mais antigo do que Hesíodo, se Hécuba foi mais nova ou mais velha do que Helena ou que idade tinham Aquiles e Pátroclo, não é isto o mesmo que questionar o significado de uma cultura entendida como erudição estéril em detrimento de uma cultura autêntica, assimilada, interiorizada e traduzida numa vivência — no mais amplo sentido da palavra — humanista?*

Séneca, talvez num grau mais intenso do que qualquer outro pensador, é um homem "em situação". Salvo nos últimos tempos da sua existência sempre viveu plenamente inserido na vida e participou nos problemas da Roma do tempo, numa carreira ímpar em que conheceu a fama como orador, quase foi vítima de um crime político, sofreu o exílio ainda em consequência de intrigas políticas, regressou em triunfo e durante alguns anos exerceu na prática o poder, para conhecer enfim a desgraça e vir a ser constrangido ao suicídio para evitar a execução por alegada participação numa conjura para derrubar o imperador. A sua filosofia, portanto, não é fruto de uma meditação abstracta realizada em qualquer hipermundo, mas sim resultado de uma luta de todos os dias contra as imposições do momento, contra a fortuna e a adversidade, contra as

próprias fraquezas, o inimigo mais difícil de vencer! Daí que Séneca tenha entendido a sua vida e a sua filosofia como um combate quotidiano contra o mundo e contra si mesmo; uma abundância de passos confirma que a filosofia é vista como uma militia *e o filósofo como um soldado sempre em pé de guerra. Mas não apenas a sua própria vida Séneca concebia como uma luta: também o é a de todos os homens, só que muitos, talvez a maioria, se abandona sem resistência às ideias feitas e aos falsos valores impostos pela sociedade, sendo vencidos antes mesmo de lutarem.*

Quer isto dizer que, talvez num grau mais intenso do que para qualquer outro pensador, seja indispensável conhecer a fundo a biografia de Séneca, determinar com o máximo rigor possível a data de cada uma das suas obras e as circunstâncias em que foi composta, bem como a personalidade do destinatário imediato delas. No que concerne às Epistulae *estamos satisfatoriamente informados: sabemos que são fruto de um período em que Séneca já tinha perdido por completo as ilusões sobre a possibilidade de influenciar num sentido positivo a orientação política de Nero e em que, consequentemente, a sua única preocupação se traduzia em consolidar a sua própria formação moral e filosófica, assim como a do seu amigo Lucílio e, extensivamente, através da publicação das cartas, a do maior número possível de leitores. Séneca sabe que a sua vida está chegando ao fim, se aproxima o momento de fazer o balanço da sua existência, de fixar as metas que um filósofo deve tentar atingir, de determinar o método a seguir para alcançar o seu objectivo. Desta sorte a filosofia contida nas* Epistulae *tem um cunho de urgência vital que se não limita à discussão de questões casuísticas (embora por vezes Séneca, até por solicitação de Lucílio, não possa fugir a elas), que não prossegue uma marcha de cariz*

meramente intelectual, mas que, pelo contrário, se apresenta como uma tarefa ingente e extremamente séria, como um acto de que depende todo o sentido da sua existência.

Subjacente a cada desenvolvimento de Séneca sobre as matérias que vai explicando a Lucílio está sempre presente uma questão: para que serve debater este problema, em que é que este ponto interessa à formação moral? Esta, a formação moral, é para Séneca o ponto axial a que tudo o mais está subordinado. Não cativam o seu interesse as especulações teóricas de teor apenas intelectual, nem a cultura o atrai se não for traduzível em vivência; por esta razão, não obstante domine a matéria, rejeita categoricamente as elocubrações lógicas que encontrava subtilmente debatidas nas obras dos antigos mestres, não se coibindo de censurar, por vezes com aspereza, um Zenão, um Crisipo ou um Posidónio; pelo contrário entusiasma-se pelos problemas de física por estes lhe servirem de pretexto a conclusões de ordem moral, mas já se insurge contra a tecnologia precisamente pela sua indiferença ética.

Para Séneca a filosofia, dissemos, exige a sua transmutação em vivência, isto é, concretizando com um exemplo, só é válido saber em que consiste o bem supremo se na nossa vida diária agirmos em função desse conhecimento. Memorizar uma doxografia — conhecer o que é o bem supremo segundo Platão, Aristóteles, Zenão, Epicuro ou Cleantes — e praticarmos as nossas acções sem referência directa à interiorização desse conhecimento é um processo inteiramente estéril. A filosofia torna-se assim uma prática austera que, se não torna o homem materialmente feliz segundo o conceito vulgar de felicidade (felicitas), *lhe dá em contrapartida uma forma superior de felicidade, talvez devessemos antes dizer* beatitude (uita beata), *que se aproxima do ideal perseguido pelos místicos orientais ou mesmo por certos pensadores cristãos menos ortodoxos. Séneca, não é demais*

repeti-lo, nunca perde de vista a situação concreta do homem na multiplicidade das suas relações sociais e políticas, na interioridade da sua existência peculiar. Neste sentido fundamentadamente assevera o Pe. Manuel Antunes que ele é o "filósofo da condição humana", não por se preocupar em determinar especulativamente os traços que definem essa condição humana, mas essencialmente por pretender conferir ao homem uma orientação concreta que lhe seja de utilidade em todos os momentos da sua vida. Daí certos textos que à mentalidade tecnológica de hoje podem merecer o epíteto (que se pretende depreciativo) de "moralizantes". A importância desses textos para o pensamento de Séneca é contudo, imensa, na medida em que consistem em meditações sobre as problemáticas mais imediatas da vida de qualquer um: por exemplo, como reagir perante a morte de um ente querido, como encarar as obrigações de natureza social, que valor atribuir aos bens materiais, como agir perante pessoas de estratos sociais diferentes, como valorizar a actividade política, como entender o que seja o progresso, como julgar as chamadas "conquistas tecnológicas", como educar as crianças, como formar os jovens, que conceito fazer do que seja a cultura, etc., etc.

Frequentemente encontramos no texto das cartas uma exortação básica, que Séneca repete à saciedade: é imperioso "seguir a natureza" (sequi naturam). Dado que uma injunção semelhante se encontra também em textos epicuristas importa definir em que sentido Séneca, como estóico, entende a expressão, pois daí decorrerá o seu conceito da condição humana.

O filósofo distingue dois sentidos elementares contidos no conceito de "seguir a natureza". Por um lado considera a "natureza" biológica, comum ao homem e aos animais, e nesta instância seguir a natureza significa apenas obedecer

aos instintos que nos levam a comer, a beber, a satisfazer, enfim, aquilo a que chamamos "as necessidades naturais", entre as quais se inclui, naturalmente o instinto de conservação. Obviamente estamos aqui perante um conceito "inferior" do que seja a natureza, e não é neste sentido que Séneca exorta Lucílio (e através dele todos os seus leitores) a segui-la.

Passando a um nível "superior" Séneca vai procurar qual, de entre os seus dados naturais, é aquele que constitui o "bem" específico do homem. Investigando os traços que aproximam e separam o homem dos restantes animais Séneca considera que, enquanto as necessidades naturais são idênticas para todos, existe algo que é exclusivo do homem, e esse será o seu "bem" específico: a razão. Logo seguir a natureza *toma um sentido diferente do que a expressão possui quando aplicada aos animais: para o homem significará única e exclusivamente viver de acordo com os ditames da razão.*

Mas o homem, queira-se ou não, é um animal, pelo que aparentemente, ao incitá-lo a seguir a natureza, está a cair-se numa contradição: por um lado exorta-se o homem a segui-la, por outro toda a marcha da filosofia estóica (Séneca muito especialmente) visa a ultrapassar, *a* vencer *a natureza humana. Dito de outro modo: sendo a razão o bem particular do homem deveríamos ser levados a pensar que ele vive* naturalmente *segundo a razão, e portanto* segundo a natureza, *o que evidentemente se não verifica, e daí a urgência de vencer o modo humano de ser para que seja possível cumprir o ideal de viver segundo a natureza.*

Séneca resolve esta dificuldade distinguindo uma dupla natureza na alma humana: uma inferior na qual dominam os instintos, as paixões (affectus), *outra superior que constitui o domínio próprio da razão* (ratio). *Toda a questão está, por conseguinte, em atingir um nível em que seja a natureza "superior" a exercer o seu domínio sobre a "inferior".*

Todo o homem tem, enquanto animal, necessidades naturais de nível inferior, e obviamente tem de responder a essas carências, mas somente na medida em que a razão decida como, quando e até que ponto elas devem ser satisfeitas. Podem surgir situações em que a razão, em nome da natureza superior, rejeite precisamente a satisfação das necessidades naturais, mesmo uma tão imperiosa como o instinto de conservação.

Podemos assim dizer que o bem específico do homem — a razão — existe como potência *em todo o ser humano, mas para se realizar plenamente importa subjugar o mundo das paixões, isto é, viver segundo a natureza humana implica, senão eliminar, pelo menos manter sob severo controlo todo um conjunto de instintos naturais ao homem enquanto animal: exige-se a transformação da* potência *em* acto. *A actualização da razão é aquilo a que Séneca chama a* virtude (uirtus). *Em última análise a virtude identifica-se com a razão, dada a oposição diametral que existe entre virtude e paixão por um lado, entre razão e paixão, por outro.*

Assim se completa a identificação entre estes três termos básicos do pensamento de Séneca (virtude, razão, natureza), e assim chegamos a entender o que o filósofo pretende quando aponta como objectivo supremo do homem sequi naturam*: a natureza humana tem de específico o ser dotada de razão; a razão existente potencialmente em cada ser humano actualiza-se como virtude, pelo que, para o homem, seguir a natureza será, exclusivamente, viver segundo a razão, praticar a virtude.*

Daqui decorre uma consequência extremamente importante para a compreensão da obra de Séneca. O filósofo poderia, na esteira dos antigos mestres do estoicismo, enveredar pelo caminho da casuística e dedicar-se a esta-

belecer uma minuciosa hierarquização das "virtudes", distinguir quais as fundamentais, quais as subordinadas e qual a articulação entre elas, enveredando, assim, por um caminho intelectual talvez mais "científico" mas, sem dúvida, de menor interesse prático. Sempre fiel à realidade concreta, porém, Séneca rejeita essa via, limitando-se a considerar a virtude, por assim dizer, em bloco, sem se preocupar se esta virtude particular é mais ou menos virtude do que aquela outra. O seu escopo é levar o orientando à prática da virtude, simplesmente, numa intenção pedagógica em que, como sempre, o importante é o valor real do ensino para a formação *moral e não o luxo intelectual da* informação.

Do seguir a natureza conforme a razão, ou, dito por outras palavras, da prática da virtude decorre para o homem a obtenção da felicidade (uita beata), *a qual é para o homem o supremo bem* (summum bonum). *Conforme o leitor certamente infere, a felicidade para Séneca nada tem a ver com a obtenção de bens materiais, nem com a posição social ou o poder que se exerce. A felicidade, como supremo bem, reside apenas no bem moral* (honestum), *o qual pode implicar (e geralmente fá-lo) precisamente a rejeição daquilo que o vulgo tem como "bens". O bem moral também carece de um certo sentido estético que o termo grego corresponde (τὸ καλόν) de certo modo conota. O bem moral, para o estoicismo, e muito particularmente para Séneca, é dotado de uma severidade sem complacências, de uma austeridade a toda a prova, de um "aristocratismo" que o tornam de realização extremamente difícil e, para a maioria, talvez até pouco atraente. Trata-se, todavia, de um ideal que em épocas históricas determinadas e para certas personalidades concretas constitui a única defesa contra os condicionalismos exteriores. Uma dessas personalidades foi precisamente Séneca: os altos e baixos*

da sua carreira, as múltiplas situações difíceis em que se viu envolvido levaram-no a constantemente meditar sobre os problemas reais que a vida põe. Os seus escritos, além de serem uma forma de difundir no público as suas ideias e de assim realizar uma tarefa pedagógica (que sempre esteve na mira do estoicismo), são também uma forma de se educar a si próprio, são exercícios espirituais que propõe tanto para si como para os outros, são meditações sobre as ocorrências da sua existência, são uma forma de fixar as suas ideias, de assegurar para si uma estabilidade, uma constância assente na fidelidade aos princípios, um método para atingir a identidade consigo próprio, para ser sempre igual a si mesmo, para, como ele diz, "querer e não querer sempre a mesma coisa" (idem uelle et idem nolle).

A filosofia senequiana surge, assim, não como mera especulação, mas sobretudo como uma verdadeira terapia *que o pensador procura aplicar tanto em si próprio como nos outros. Com grande poder de observação, Séneca detectou aguda e pertinentemente aquilo a que poderíamos chamar o* mal du siècle *da Roma de então, e que em síntese seria possível definir com a deriva de uma sociedade carente de valores. Por um lado uma prosperidade económica acentuada (apesar da crise financeira do fim do principado de Nero), uma estabilidade política e social que certas guerras de fronteira ou um ou outro levantamento de gladiadores nas províncias não chegavam para perturbar, um nível cultural e artístico de grande sofisticação, tudo acompanhado de uma enorme crise de valores morais, de que os espectáculos do circo são um dos sintomas e as obras dos grandes autores do tempo como Lucano, Pérsio e o próprio Séneca a decidida denúncia. A ausência de objectivos superiores para a existência, a ânsia desmedida dos bens materiais, os excessos de toda a natureza (por*

exemplo, gastronómicos), a obediência exclusiva às paixões de toda a ordem, tais como as vemos representadas nas tragédias do próprio Séneca ou nas sátiras de Pérsio, tudo isto fazia da sociedade romana uma sociedade doente, à deriva, presa fácil de charlatães e adivinhos (como os astrólogos), aberta a toda a espécie de cultos religiosos que propusessem aos seus aderentes qualquer espécie de salvação.

Ora um enfermo, seja ele um homem ou uma sociedade, deve procurar tratar-se, e foi isso o que Séneca pretendeu fazer infatigavelmente, não apenas diagnosticando com precisão a moléstia, mas ainda propondo criteriosamente o remédio. Um homem que, em vez de obedecer à razão, se torna escravo das paixões é, obviamente, uma criatura doente, precisamente porque nela se não desenvolveu, se não actualizou a virtude que todos possuímos em potência. Um homem em quem a razão (e, portanto, a virtude) não passa a acto é um ser defeituoso. Há, consequentemente, que chamar-lhe a atenção para o seu mal, apontando as respectivas causas e propondo o tratamento adequado. É ao filósofo que cabe desempenhar tal tarefa, como se um médico fosse, e como tal entendeu Séneca a sua missão. Anteriormente referimos que o filósofo concebia a vida e a actividade filosófica como uma luta; nova abordagem permitirá afirmar que ele entende a filsofia como uma forma de medicina, medicina das almas, naturalmente, porquanto a saúde do corpo, por carecer em si mesma de valor moral, é relegada por Séneca para a categoria dos indiferentes.

A doença de que enfermava a sociedade romana, embora podendo revestir aspectos múltiplos, era na base muito simples de definir: tendo a alma uma dupla natureza (uma "parte" superior que nos equipara aos deuses, uma

"parte" inferior que nos mantém ao nível dos animais) o romano médio (e não só o romano, evidentemente) limita a sua existência ao nível inferior, onde dominam, como vimos, os instintos, as paixões. Em contrapartida, todas as correntes filosóficas visavam a libertar o homem do domínio das paixões e a proporcionar-lhe uma forma superior de "felicidade". A esse estado de vivência superior de que as paixões estão excluídas chamavam os gregos ἀπάθεια; Séneca designa-a por tranquillitas animi (tranquilidade da alma, título, aliás de um dos seus tratados). A função do filósofo, portanto, consistirá basicamente em ajudar o "paciente" a obter essa tranquilidade que entregue a si mesmo não consegue alcançar, mais, de que as tendências da sociedade decisivamente o afastam.

Temos, portanto, a filosofia cumprindo o papel de uma pedagogia e também o de uma terapia, implicando este termo um maior empenhamento do sábio no desempenho da sua missão do que uma tarefa meramente pedagógica exigiria. A filosofia deve curar os males da alma, e não somente definir em que eles consistem. Um "doente" renitente pode saber em que consiste o seu mal e nem por isso decidir-se à cura; pode dizer, como a Medeia de Ovídio, uideo meliora proboque, deteriora sequor. Se tal suceder, a filosofia terá falhado o seu objectivo.

Destas considerações decorre a nova inflexão dada por Séneca a dois conceitos básicos do pensamento romano: o conceito de officium (literalmente, "dever") e o conceito de amicitia literalmente, "amizade"). Ambos os conceitos servem de título a duas obras filosóficas de Cícero, o De Officiis ("Sobre os deveres") e o De Amicitia ("Sobre a amizade"). Em Cícero, porém, sobressai o valor social de ambos os conceitos, isto é, mais do que o dever de todo o

homem para todo o homem, prevalece o dever do homem enquanto cidadão para com os seus concidadãos, para com os membros da sua classe social, da sua família, do seu grupo político, da sua pátria. O mesmo relativismo se verifica no que à amizade concerne, que inclusivamente pode chegar a limitar-se à designação de uma afinidade política, de partido, em que a amizade como supremo valor moral carece por completo de cabimento.

Nada disto se verifica em Séneca. O filósofo de Córdova é um homem do absoluto, não se contenta com os meros valores relativos vigentes na sociedade, os quais, precisamente por serem relativos, não devem ser tomados como verdadeiros valores. O dever ou a amizade tal como Séneca os entende são absolutos morais, independentes das classes sociais, da nação, dos laços familiares, da riqueza. Assim é que Séneca pode falar como fala, por exemplo, dos escravos. Às vezes critica-se Séneca por não ter levado as suas ideias às últimas consequências e não ter chegado a pôr em causa o próprio sistema da escravatura. Tal tipo de críticas padece de anacronismo: pense-se nos séculos que foi preciso ainda atravessar para que o esclavagismo viesse a ser oficialmente erradicado. No seu enquadramento histórico, dizer como o fez Séneca que o escravo é um homem, que um escravo e um homem livre podem ser amigos, que um escravo é tão capaz como um homem livre de prestar um benefício ao seu semelhante, e sobretudo proclamar que um escravo que viva segundo a razão e pratique a virtude é incomensuravelmente mais livre do que o mais nobre dos cidadãos romanos que se submeta às paixões, é uma tomada de posição verdadeiramente revolucionária. Se outro mérito o estoicismo não tivesse, bastaria o facto de o vermos praticado com igual elevação

moral por um aristocrata romano (Séneca), um antigo escravo (Epicteto) ou um imperador (Marco Aurélio) para lhe grangear um lugar à parte na sucessão das correntes filosóficas do mundo antigo.

Dissemos em parágrafo anterior que a natureza humana tinha em si algo que a equiparava aos animais e algo que a igualava à natureza divina. Será altura oportuna, a fim de evitar qualquer espécie de mal entendido, para esclarecer o que significam para os estóicos os deuses (ou um deus, ou Deus); tal precisão é muito particularmente necessária no caso de Séneca, em cuja obra palavras como deus, deuses, divino, divindade ou similares ocorrem com extrema frequência. Dito de outra forma, torna-se necessário entrar no domínio da teologia estóica. De facto, nenhuma obra de exegese sobre o estoicismo se exime a dedicar algumas páginas a este ponto. No entanto, se autores há que pretendem vincar o panteísmo destes pensadores, outros consideram-nos materialistas; não falta também quem veja neles monoteístas, nem quem entenda o estoicismo mais como uma religião, uma crença, do que, na essência, uma filosofia. Não será, portanto, inútil chamar a atenção para alguns pontos que ajudem o leitor a situar-se quando, no decorrer da leitura das cartas, deparar com alguma das muitas ocorrências do termo deus.

Comecemos por eliminar a questão (falsa) monoteísmo/politeísmo. Não é de atribuir qualquer valor especial ao aparecimento de nomes divinos como Júpiter ou outros; primeiro, porque tanto Séneca como os seus predecessores são muito claros a este respeito, e quando dizem Júpiter, ou Neptuno, não pretendem referir-se ao deus do panteão tradicional; segundo, e isto é especialmente válido no caso de Séneca, porque o estóico, na sua função de pedagogo, obedece ao princípio axial de respeitar as crenças que

eventualmente o seu discípulo tenha, sem prejuízo de posteriormente o procurar atrair para os princípios da Escola. *Aliás, já atrás vimos como Séneca lidava com Lucílio, antigo epicurista, não atacando Epicuro, antes dele citando pensamentos idênticos aos seus próprios, ou pelo menos interpretando-os à luz do estoicismo, sem adoptar uma atitude depreciativa ou dogmática em relação aos seus adversários filosóficos. Neste sentido pode dizer-se que todos os estóicos são monoteístas, porque nenhum deles aceita o politeísmo da religião tradicional, mas deverá evitar dizer-se que são monoteístas no sentido em que se fala de monoteísmo judaico, cristão ou islâmico.*

O deus *dos estóicos não é mais do que o equivalente daquilo que no homem é a alma: a "alma do universo" (a* anima mundi mundia *a que já se referia Aristóteles). Por isso não nos devemos espantar por num texto célebre das* Naturales Quaestiones *Séneca propor toda uma série de equivalências linguísticas para a expressão do mesmo conceito: Júpiter é o guia e o guardião do universo* (rector custosque uniuersi), *a alma e o espírito do mundo* (animus ac spiritus mundi), *o senhor e criador de toda esta máquina* (operis huius dominus et artifex)*; mas não erraremos se lhe chamarmos "destino"* (fatum), *ou "causa das causas"* (causa causarum)*; também estaríamos certos se lhe chamássemos "providência"* (prouidentia), *mas igualmente não nos enganaríamos se lhe dessemos o nome de "natureza"* (natura) *ou "mundo"* (mundus). *Falar, como alguns o fazem, de uma certa religiosidade inerente ao pensamento de Séneca apenas estará correcto se nos entendermos quanto ao sentido da palavra: religiosidade" enquanto Séneca concebe o homem como* um *com a natureza, e não à margem e menos ainda acima dela, enquanto pensa*

que o homem deve entender a natureza e nela se integrar, e não exercer domínio sobre ela, respeitá-la e não destruí-la; "religiosidade" enquanto sentido de transcendência, atitude contemplativa. Mas não cremos que se deva falar em religiosidade de Séneca se dermos ao termo qualquer conotação de cariz cultual, de crença em alguma divindade transcendente ao mundo, de prática de alguma forma de prece, ou de outras manifestações similares.

No que toca ao materialismo, é inegável que, em certo sentido, os estóicos (e Séneca não é excepção) são efectivamente materialistas, não por postularem a matéria com exclusão de todo o elemento espiritual, mas por entenderem que tudo, inclusive o espírito, é de natureza material. No universo contínuo que é o seu, em que tudo age sobre tudo, tal acção de tudo sobre tudo só é pensável se tudo for de natureza corpórea, material. O espírito é um corpo, a alma é um corpo, "deus" é um corpo; neste sentido, sim, é lícito dizer que os estóicos são materialistas, mas já não o será pretender fazer deles quaisquer precursores de filosofias de cariz positivista.

De incidência neste capítulo é também importante e controversa a questão do conceito estóico de "destino". O termo não é cómodo, e possui hoje certas conotações que nos parece não existirem no termo latino fatum. *Quando se fala em "destino" é praticamente inevitável levantar-se a questão de como pode o homem ser livre (e em Séneca o conceito de "liberdade" é de grande relevância) num mundo submetido ao mais estrito determinismo. De facto parece haver uma contradição insanável entre determinismo e liberdade, e não falta quem veja na firmeza com que Séneca aceita o determinismo e defende a liberdade do homem um fruto de certa falta de sistematização, de rigor do seu pensamento, resultado de muitas leituras, que fariam da sua filosofia uma espécie de eclectismo sem consistência real.*

Se bem atentarmos no que Séneca nos diz em passos diversos das cartas estamos em crer que a contradição se resolverá por si. O caso é que em grande medida o homem é determinado: ninguém escolhe a forma do corpo, a agudeza dos sentidos, as potencialidades físicas, tal como ninguém escolhe o lugar e o momento de nascer ou (em princípio) de morrer. Isto é um dado de facto contra o qual nada pode a vontade humana. A liberdade, porém, assume-se no modo como cada homem vive as determinações que lhe são impostas pela natureza (ou pelo destino, o que significa o mesmo). Numa frase famosa, Séneca escreveu: ducunt uolentem fata, nolentem trahunt "o destino guia quem o segue de bom grado, mas arrasta quem se recusa a segui-lo". Neste verso sumariza-se claramente o seu pensamento sobre este problema: aquelas determinações que nos são impostas pela natureza, tais como a nossa condição de mortais ou a situação num mundo sujeito a cataclismos naturais, temos de as aceitar com magnanimidade, sem revolta, pois de forma alguma temos a possibilidade, a "liberdade" de lhes fugir; está, todavia, na nossa mão a forma como reagimos a essas contingências inevitáveis. Por exemplo, é um facto que nós nascemos nesta ou naquela época, neste ou naquele lugar: porquê insurgir-nos contra o "destino" que nos fez nascer romanos e não gregos, escravos e não cidadãos livres, homens e não mulheres, baixos e atarracados em vez de altos e de porte atlético? A razão diz-nos que contra isto nada há a fazer: porquê lamentarmos irracionalmente o que o "destino" nos deu em sorte? Agindo ao revés do que a ratio nos diz estaremos a ser "estúpidos" (stulti), e "estúpido" é todo aquele que não desenvolveu em si as potencialidades da natureza humana, cujo traço essencial é, como vimos, a razão. O cúmulo da estultícia seria cair naquilo a que

Séneca chama o taedium uitae *"o horror à vida". Ao contrário do que às vezes se supõe, o estoicismo não ignora a "alegria de viver", mas tem dela um entendimento não semelhante ao do vulgo.*

A par do conceito de "destino", deparamos continuamente em Séneca com um outro conceito aparentemente similar, o de "fortuna" (fortuna). *Na verdade, embora por vezes se afigure que as duas ideias se recobrem (nem sempre Séneca escreve com um rigor terminológico irrepreensível), elas são distintas: enquanto o* fatum *circunscreve os traços essenciais da natureza humana (u.g., a condição mortal), a* fortuna *implica as circunstâncias exteriores que nos determinam (u.g., o sermos bonitos ou feios, nascermos ricos ou pobres, etc.). Num caso e noutro o homem não é "livre" de escolher a sua sorte, mas enquanto aquilo que nos é imposto pela* fatum *está para lá de toda a determinação moral, já o mesmo se não verifica com o que nos é dado pela* fortuna.

Para o estoicismo, todas as coisas são passíveis de uma tríplice classificação de ordem moral: uma coisa só pode ser ou "boa", ou "má" ou "indiferente". Tudo quanto se conforme com o bem moral será bom; tudo o que contrarie o bem moral será mau; toda a coisa que apenas seja boa ou má em função do uso que dela fizermos, e não em si mesma, será indiferente. Concretizando, a virtude será obviamente um bem (será mesmo o único bem); o vício (que é o contrário da virtude), será obviamente um mal (será mesmo o único mal); uma coisa como a riqueza e a força física que tanto pode ser utilizada para praticar o bem como para praticar o mal, entrará na categoria dos indiferentes.

Retomando a oposição fatum/fortuna *no âmbito desta classificação, poderá verificar-se que, enquanto as determi-*

nações derivadas do fatum *escapam realmente à classificação bom/mau/indiferente, já o mesmo se não dá quando falamos da* fortuna. *Não tem sentido dizer que a nossa condição de mortais é moralmente boa ou má, ou nem uma coisa nem outra; a mortalidade simplesmente é, sem mais. Já faz sentido, todavia, afirmar que a condição social do homem livre ou do escravo são ambas moralmente indiferentes, tudo dependendo do que o homem livre ou o escravo façam dela. E já acima sublinhámos que para Séneca nada impedia que um escravo fosse mais* livre *do que um cidadão livre, desde que aquele, ao contrário deste, se orientasse pela razão. Daqui decorre uma diferença de formulação que ocorre em Séneca e que é elucidativa a este respeito: ao passo que nós* sequimur fatum *"seguimos de bom grado o destino", o que implica uma atitude activa, racional, de aceitação do irrecusável, pelo contrário* praebemur fortunae *"estamos sujeitos à fortuna", em princípio numa posição passiva perante um mundo de indiferentes, mas susceptível de, pela razão, pela virtude, pela* unicidade *do bem moral, ser por nós dominada e transformada em "bem". Por isso mesmo pode Séneca (e outros autores de obediência estóica) falar em* amor fati *"amor pelo destino", mas já seria destituído de sentido falar em* amor fortunae *"amor pela fortuna". Em suma, se o homem não é livre de escolher o seu* fatum *nem a sua* fortuna, *é, por um lado, dotado da razão que lhe dita a obediência ao* fatum *e dispõe, por outro, da liberdade de transformar uma* fortuna *moralmente indiferente num verdadeiro bem.*

Da consideração da classificação de tudo em três grandes categorias — as coisas boas, más e indiferentes — chegamos naturalmente a outro ponto de enorme importância para Séneca, decorrente da ocorrência constante de vocábulos como sapiens *(que traduzimos por "sábio") ou*

sapientia (que vertemos por "sabedoria"), ou seja, ao conceito que o filósofo faz do que seja o homem superior, que mais não é do que o homem autêntico, o homem na sua completude ontológica e ética.

Esta tripartição não é naturalmente criação de Séneca, pois todos os antigos estóicos a ela se referem. Não será, porém, exagerado dizer que ela tem para Séneca uma relevância particular, pois é somente em função dela que se torna possível atribuir valores. Para já, a própria opção pela filosofia é em si mesma uma atribuição de valor. Além disso, sendo a filosofia de Séneca mais uma obra de acção pedagógica e de direcção espiritual do que um puro pensamento especulativo, torna-se evidente que a primeira consideração a fazer consiste precisamente na fixação de uma escala universal e rigorosa de valores: sem estes não há pedagogia ou percurso espiritual minimamente válidos.

A primeira opção a fazer pelo sujeito ético consiste em decidir se se deseja seguir a via da razão (ratio) ou se prefere atender à opinião vulgar (opinio). Por natureza todo o homem é potencialmente dotado de razão, mas tudo o que existe potencialmente requer condições favoráveis para poder passar a acto; se tais condições favoráveis se não verificarem uma coisa existente em potência jamais se actualizará. Sucede ainda que o homem, na condução da sua vida, tem de começar por determinar o que deseja ou não fazer segundo a atribuição de valores. Toda a sociedade possui, explícita ou implicitamente, uma escala de valores (na maioria dos casos o que se verifica é a existência de uma escala de valores implícita, não confessada, que se mascara atrás de um sistema de valores explícitos não praticados). Aquilo a que Séneca chama a communis opinio, a "opinião vulgar", proclama naturalmente a sua escala de valores. Ao filósofo cabe distinguir em que medida

essa escala proclamada coincide ou não com os valores determinados pela filosofia, isto é, pela razão.

Vimos que o critério único que Séneca admite para a atribuição de um valor a qualquer coisa reside na sua "bondade" moral. Para o filósofo o bem moral não se limita a ser o bem supremo, mais do que isso, é o único *bem. Neste ponto Séneca é intransigente, talvez mais do que os seus predecessores do antigo estoicismo, e certamente muito mais do que os pensadores do chamado "estoicismo médio". Para ele só tem valor qualquer coisa — um objecto, uma acção, uma ideia, uma ocupação intelectual — que vise a obtenção do bem moral, que se proponha tornar o homem melhor do que era. A dicotomia entre o* honestum *(o bem moral), que se identifica com a* ratio *(razão) e a* uirtus *(virtude), e o* uitium *(o mal moral, o mal por excelência) é absoluta. Absoluta também será consequentemente a dicotomia entre o homem moralmente perfeito (o* sapiens *"sábio") e o homem moralmente imperfeito (o* stultus, insipiens, *literalmente, "estúpido, não-sábio"). Surge, porém, aqui um escolho: se qualquer coisa é passível de ser boa, má ou indiferente, porque é que o homem só poderá ser bom (virtuoso, racional, sábio) ou mau (vicioso, irracional, estúpido)? Não será necessário criar uma terceira categoria de homens, a que por paralelismo poderíamos chamar "indiferentes", onde coubessem todos aqueles que não são, em termos absolutos, nem "bons" nem "maus"?*

Para os antigos estóicos, que abordaram o problema com o máximo rigor, a resposta é decididamente negativa. Um homem ou é sábio, ou não é, sem que haja qualquer alternativa. Por muito próximo que alguém se encontre da condição ideal de sábio, ainda que seja ínfima a diferença que o separa de tal condição, esse alguém entrará necessa-

riamente no grupo dos "estultos", dos "insipientes". Este rigorismo faz obrigatoriamente com que o sábio estóico seja uma espécie de Übermensch, um tipo puramente ideal, ou pelo menos tão raro como a fénix. É o infinito matemático, um limite para que se pode tender mas que necessariamente nunca será atingível. Ocorre pensar-se que o estoicismo seja uma filosofia verdadeiramente desumana, na medida em que propõe como ideal atingir uma meta por definição inatingível!

Conscientes da validade desta crítica, pensadores como Panécio ou Posidónio procuraram, por assim dizer, "humanizar" o retrato ideal do sábio, pondo-o ao alcance, senão de qualquer um, pelo menos de uma boa percentagem de homens medianamente dotados. Para tanto, abandonaram o rigor da distinção entre o bem e o mal, incluindo entre os bens muitas coisas que para os estóicos antigos (e, como veremos, para Séneca) entravam, se tanto, na categoria dos indiferentes. Assim, por exemplo, Posidónio considerava digno do nome de sábio um homem cujo saber fosse essencialmente de cariz tecnológico ou julgava como boa uma ocupação intelectual que não visasse expressamente a formação moral, como a matemática (o que Séneca lhe criticou asperamente). Tal crítica por parte de Séneca constitui, por um lado o retorno a uma certa ortodoxia, a um certo rigorismo extremo do estoicismo antigo mitigado pelos estóicos "médios", mas por outro lado revela-se igualmente como um aperfeiçoamento da posição da antiga Stoa, tornando-a mais humana, sem, no entanto, lhe diminuir o rigor.

Como os antigos, Séneca é definitivo: todo o homem ou é "bom" ou é "mau"; estes dois termos determinam duas categorias absolutas, que, por serem absolutas, se podem ter como limites. Mas, ao contrário dos antigos, Séneca

admite gradações entre estes dois extremos. Um homem pode não ser absolutamente "bom", "sábio" (e Séneca afirma que esse ideal apenas muito raramente tem sido atingido na vida real, embora haja alguns exemplos, como Sócrates ou Catão), mas, embora permanecendo "insipiente", pode, no entanto tender *para a "bondade". Por outras palavras, enquanto as categorias de "bom" e de "mau" são absolutas, imutáveis, polarmente opostas, o homem tem a possibilidade de, usando a razão, procurar aproximar-se do tipo ideal do sábio. Uma primeira etapa consistirá no reconhecimento de que apenas os valores estabelecidos pela filosofia são efectivamente valores admissíveis e na rejeição dos valores propostos pela* communis opinio. *Em seguida procurará tanto quanto possível pôr em prática na sua acção esses valores e assim ir-se gradualmente aproximando do modelo ideal. Um "não sábio" pode progredir na via da sapiência, partindo de inícios modestos poderá alcançar um ponto em que, continuando embora "não sábio", será irreversível a marcha. Para Séneca, portanto, a condição de sábio não se atinge instantaneamente, num momento, digamos, de "iluminação", mas implica uma continuidade de esforço, uma aplicação incessante e, sobretudo, um férreo exercício da* "vontade".

Estamos perante um ponto em que, mais do que em nenhum outro, Séneca se mostra um pensador tipicamente romano e profundamente original. Ocasionalmente aponta-se o conceito grego de διάνοια *como possível modelo para o conceito romano (e senequiano) de* uoluntas *("vontade"). Uma diferença considerável existe, todavia. Enquanto para o grego o conceito é puramente intelectual, o mesmo não se verifica no caso dos pensadores romanos. Isto é, o pensamento grego concebe o* querer *como consequência inevitável do* conhecer*: para Platão, todo o mal é resul-*

tado da ignorância; quem conhece *o bem tem, por força de praticá-lo. Para os romanos tal concepção é inexacta: é perfeitamente possível saber teoricamente o que é o bem e, apesar disso, continuar a praticar o mal, como faz a ovidiana Medeia do célebre passo atrás citado. O importante, portanto, é conseguir a adequação entre o bem que se conhece e o bem que se quer praticar.*

Nas suas meditações sobre a vontade está o ponto culminante da obra de Séneca. A mera consideração teórica da dicotomia bem/mal, sábio/não sábio *de modo algum o satizfaz. Sempre apegado ao concreto, sempre tendo em vista a função eminentemente prática da filosofia, Séneca situa-se preferencialmente na análise do domínio dos indiferentes, pois apenas aqui se torna possível ao homem exercitar a razão e pôr em acção a vontade. O homem absolutamente mau, tal como o homem absolutamente bom (o sábio) situam-se em planos que não admitem mudança. O homem absolutamente mau assemelha-se a um doente atingido por uma doença incurável perante a qual toda a medicina é impotente; o homem absolutamente bom assemelha-se a um deus que não carece por definição de quaisquer cuidados médicos. É, consequentemente, o homem vulgar, situado entre os dois extremos, aquele a quem pode aproveitar o exercício da filosofia, é a esse homem que o filósofo deve dedicar a sua atenção e ministrar os seus ensinamentos. Nalguns casos favoráveis (e podemos supor que tal teria sido o caso de Séneca em relação a Lucílio) o filósofo logrará conseguir que o seu discípulo, embora não tendo atingido o grau de sábio, pelo menos tenha progredido o suficiente para se ter a certeza de que não retrocederá.*

Assim agiu Séneca em relação a Lucílio, e certamente também em relação a outros discípulos; mais, assim agiu ele em relação a si próprio. Nunca Séneca se considerou

um sábio; com perfeito sentido das próprias limitações, sempre capaz de autocrítica, o filósofo exerce a sua meditação e pratica a filosofia tanto para ajudar os outros quanto para se ajudar a si mesmo. Comprazem-se muitos biógrafos de Séneca ou historiadores da filosofia em assinalar a discrepância entre a nobreza da moral defendida por Séneca nos seus escritos e certas fraquezas condenáveis da sua conduta pessoal: pode dizer-se que é tinta gasta em má causa, pois, melhor do que ninguém, Séneca estava ciente de tal discrepância. Toda a sua vida foi uma luta constante no sentido de colmatar esse fosso, e não será inexacto dizer que nos últimos anos da sua vida, nomeadamente no período em que redigia as cartas a Lucílio, Séneca saíu vencedor dessa luta. Somente a morte permite fazer um balanço correcto do que valeu a vida de um homem. Como afirma o Pe. Manuel Antunes, Séneca "graças aos seus mestres do Pórtico e graças aos seus também mestres do Jardim, graças à sua intuição e graças ao seu longo e lento exercício meditativo, (...) foi transformando o pessimismo em optimismo, o trágico em liberdade e a inquietude em serenidade". E não é, afinal, a obtenção da serenidade — a tranquillitas animi — o fim último da sabedoria?

Toda a vida não é mais do que uma preparação para a morte, já o asseveravam os Gregos, nomeadamente Sócrates. A consideração da morte, meta inevitável e universal, é uma preocupação constante para Séneca. Continuamente ecoa nas cartas o apelo à meditatio mortis, não como exercício mórbido e quase masoquista impeditivo da alegria de viver, mas precisamente como forma de permitir a distinção entre o que é valor e o que o não é e de lograr uma alegria de vida feita de serenidade, nos antípodas das meras satisfações materiais. A alegria (gaudium)

não se confunde com o prazer (uoluptas); a alegria é um estado interior que nada tem a ver com os falsos "bens" em que a sociedade — communis opinio — se reconhece. A meditação sobre a morte mais não é do que o instrumento que permite ao homem a transformação da uoluptas em gaudium. Essa transformação conseguiu-a Séneca no termo da vida: ele próprio seria o primeiro a reconhecer que, se em vários períodos da sua existência viveu mal, soube pelo menos, no momento decisivo, morrer bem. Tal resultado ficou a devê-lo exclusivamente à nunca interrupta prática da filosofia, ao exercício quotidiano da meditação, e acima de tudo à afirmação categórica da vontade.

Uma análise de referência positivista não deixará de investigar até que ponto o pensamento de Séneca se reveste de originalidade, tanto mais que ele é confessadamente adepto de uma filosofia que já encontrou formada, e não criador de qualquer novo sistema.

Quais as "fontes" utilizadas por Séneca nos seus escritos, e nomeadamente nas Epistulae? A lista dos autores referidos no texto é considerável (e certamente não comporta a totalidade dos que Séneca conheceu), desde filósofos a poetas e oradores das mais variadas tendências. Se nos fixarmos apenas na lista dos filósofos, nela encontramos os antigos mestres do Pórtico (Zenão, Cleantes, Crisipo), os pensadores do estoicismo "médio" (Panécio e Posidónio), vários outros adeptos da Stoa, Sócrates, Platão e Aristóteles, mestres não identificados individualmente mas apenas pelo nome da escola (cínicos, cirenaicos, peripatéticos), pensadores romanos (Cícero, os Sêxtios), os mestres da juventude de Séneca (Papírio Fabiano, Demétrio), e não fica esgotado o elenco. Daqui pensar-se que a filosofia de Séneca não passa de uma espécie de "mosaico", de um eclectismo mal assimilado em que coabitam pensamentos

oriundos de filósofos de tendências tão opostas como os estóicos e os epicuristas. A confirmar a justeza aparente desta visão está a possibilidade de detectar e isolar os elementos provenientes do estoicismo daqueles que são oriundos de outras tendências ou deste ou daquele pensador individual.

Em contraste com este dado factual deparamos com a ocorrência frequente nos texto de Séneca de passos em que ele reivindica a sua originalidade, nega todas as tendências dogmáticas, rejeita Zenão e aproxima-se de Epicuro, insere uma ideia de Platão num desenvolvimento de base estóica, critica, às vezes asperamente, as vozes mais autorizadas da Escola, em suma, recusa todo o argumento derivado da autoridade e reclama o direito de pensar pela própria cabeça. Como conciliar então estes dois dados inscritos ambos nos textos?

Tudo depende afinal do que se entender por originalidade. Se por tal considerarmos a criação ex nihilo de todos os elementos do seu pensamento é evidente ao mais leigo que a filosofia de Séneca não é original. Mas se, olhando o problema por outro prisma, tendermos a buscar a originalidade no modo particular como o filósofo vive o seu pensamento a questão revestirá um aspecto diferente. Adoptando esta óptica verifica-se infrutuoso todo o estudo que se faça das fontes de Séneca, pois a vivência pessoal da sua filosofia é, por definição, algo que se encontra na vida do próprio filósofo, nas relações que ao longo dos anos foi mantendo com ela, no modo como esta, em cada momento da sua existência, determinou a sua acção e deu forma às suas atitudes. Afirma I. Hadot que a independência tão frequentemente reivindicada por Séneca deve ser encarada mais como expressão de uma disposição interior do que como originalidade filosófica propriamente dita.

Cremos ser exacta esta afirmação. A independência de Séneca é, de facto, interior, resultante da interacção entre a vida e o pensamento, é uma conquista gradual que só no momento de escolher a morte se revelou em toda a sua amplitude; mais do que *naquilo que* pensou, está na *forma como* o pensou.

Não quer isto dizer que seja totalmente impossível reconhecer elementos de originalidade, no sentido tradicional, na obra da Séneca, em especial nas *Epistulae*.

Na base de todo o pensamento senequiano está a delimitação rigorosa do bem e do mal que, para o filósofo, se situa unicamente na esfera da moral. Daqui decorre tudo o que ele exprime sobre o valor da actividade intelectual, sobre a investigação científica, sobre o progresso tecnológico. Nestes pontos Séneca é do mais extremo rigor: o progresso tecnológico não é realmente progresso, porquanto situado na esfera material, e toda a forma de progresso material é estritamente independente do progresso moral, o único a merecer este nome; a investigação científica não deve visar qualquer forma de domínio sobre a natureza, mas tão só um cada vez maior conhecimento da mesma que permita uma também cada vez maior integração nela do homem, e quanto às diversas formas de actividade intelectual só possuem sentido se, de alguma maneira, tenderem para o aperfeiçoamento moral e não apenas para a acumulação de conhecimentos estéreis.

O fim último, portanto, de todo o pensamento é a obtenção daquela serenidade de espírito, daquela *tranquillitas animi* que permite ao homem a independência em relação quer aos constrangimentos sociais, quer às obrigações políticas, quer à tirania da *communis opinio*, quer ainda à obediência acrítica aos dogmas da própria escola filosófica. Em última análise a busca da independência

obriga à contínua meditatio mortis, *porquanto num mundo feito de convenções e constrangimentos de toda a ordem a morte surge como a única forma possível de assegurar a liberdade. É de notar, quanto a este ponto, a abundância de textos em que Séneca fala sobre o suicídio e a defesa que faz, sob certas condições, desta forma de abandonar a existência. Séneca é, em certa medida, um apologista do suicídio, até porque é talvez a única situação em que o homem se pode mostrar total e absolutamente livre. Como ele diz numa das* Epistulae, *nenhum homem é livre de escolher o momento de nascer, mas cada um tem a liberdade de escolher o momento em que quer morrer. No entanto não defende o suicídio em quaisquer circunstâncias, mas exclusivamente quando o continuar vivo só é possível com o abandono do bem moral. Por isso Séneca só aceita o suicídio, por exemplo no caso de uma doença incurável, se a doença é de molde a obnubilar a razão, mas já não o aceita se o objectivo for unicamente o de evitar a dor física. Mas fundamentalmente Séneca defende a morte voluntária quando as condições exteriores, nomeadamente as condições de ordem política, tornarem impossível a vida com dignidade, isto é, conduzida em estrita obediência aos valores morais.*

E já que falámos de política, impõe-se assinalar, como traço original de Séneca, a importância que no seu pensamento reveste esta área da actividade humana. Uma precisão neste capítulo é tanto mais necessária quanto nas cartas que dirige a Lucílio, Séneca está constantemente a negar o valor da acção política e a aconselhar o amigo a renunciar à carreira. Na realidade os mestres antigos do Pórtico defendiam a participação do homem, e nomeadamente do filósofo, na vida da cidade, conquanto se não saiba que algum deles tenha pessoalmente desempenhado

funções políticas. Séneca, porém, levou a sério a injunção dos antigos mestres e quer pela escrita quer pela acção foi um participante activo da política romana. Textos como o Da cólera ou o Da clemência, até mesmo a Consolação a Políbio ou a Sátira à morte de Cláudio têm, entre outras, uma forte motivação de ordem política. Quando, após a morte de Cláudio e o acesso de Nero ao poder, Séneca orientou a política romana a título de conselheiro do jovem imperador, fê-lo porque pensou ter nas mãos uma oportunidade única de agir, através da política, sobre a vida moral de Roma. Só que as realidades do poder e o idealismo da filosofia uma vez mais se mostraram inconciliáveis, e o resultado foi Séneca ter de acabar por afastar-se do exercício de um poder que cada vez mais lhe escapava. Daí que ele tenha afirmado no seu breve escrito Sobre o ócio, em resposta precisamente a uma objecção de Lucílio que estranhava ver Séneca, contrariamente aos princípios da Escola, defender o afastamento do sábio da vida pública: o sábio só deve participar na vida política se o puder fazer dentro da maior dignidade e se a sua acção tiver hipóteses de ser benéfica para a comunidade; se, pelo contrário, as condições forem tais que o sábio só possa estar na política com o abandono da moral, então deverá retirar-se. Tais condições impuseram o afastamento de Séneca, e constituiram o cenário em que escreveu as Epistulae morales ad Lucilium. Não há, pois, contradição, apenas a necessidade de salvaguardar a independência e a dignidade moral ameaçadas.

Mas o traço mais original do pensamento senequiano, como já temos dito, está na insistência em que a filosofia é para ser vivida e nunca se deve limitar a uma acumulação de conhecimentos desprovidos de valor moral. A vivência da filosofia implica uma série de técnicas que aproxi-

mam as posições de Séneca de algumas formas do pensamento oriental e mesmo da de certos místicos. De entre elas salientamos a forte disciplina física que Séneca defende (e obviamente pratica), e que se evidencia pela recusa das "comodidades da civilização" ou dos requintes gastronómicos. Não se trata de qualquer tipo de "mortificação da carne" como forma de expiação de pecados (a noção de "pecado" em sentido cristão não existe para Séneca), mas de uma forma de exercício da vontade e de uma necessidade de libertar o espírito e torná-lo mais ágil e robusto. Aliada à concomitante prática da meditação, a austeridade física lembra-nos (embora seja difícil determinar se estamos perante um caso de influência ou de simples coincidência de propósitos) das técnicas indianas do yoga.

Também merece realce, na sequência de um ponto já atrás aflorado (a comparação entre o filósofo e o médico), a preocupação manifestada por Séneca pela análise da realidade psicológica dos seus "pacientes", não, insistimos, uma análise de tipo meramente científico, mas antes de carácter terapêutico: o filósofo interessa-se pelos mecanismos que ditam o comportamento, por exemplo de Lucílio, para pela sua análise ser capaz de detectar a "doença" e propor a aplicação de um "tratamento". Será arriscado ver assim em Séneca um precursor da psicanálise?

Finalmente refiramos o que Séneca pensa sobre o problema da acção. Por tudo quanto ficou dito já se viu que Séneca nega qualquer valor à acção em si mesma. O valor da acção radica no seu fundamento ético: fazer um benefício, orientar, ensinar, meditar, praticar austeridades físicas, só vale se praticado com um propósito moral. Viver com austeridade apenas para grangear fama de filósofo na sociedade é por completo condenável. Séneca apenas propugna a acção quando ela é o resultado de um compromisso

ético. Isto significa que importa distinguir no pensamento senequiano o que seja acção, não-acção e inacção. Sobretudo não se caia na tentação de confundir não-acção (otium) *com inacção. No que toca às duas últimas categorias, enquanto não-acção significa renúncia à acção* como valor, *capaz de se sobrepor a considerações de ordem moral, inacção não passa de preguiça quer física quer intelectual e egoísmo assente no mais crasso materialismo. Para o filósofo a primeira transparece no* otium *que pode ser altamente benéfico, mesmo para a sociedade; a segunda é por completo estéril. Como diz o filósofo chinês Lao Tse, "do não agir é que resulta toda a acção", enquanto da acção entendida como valor em si somente decorre a confusão, o caos e a perversão dos valores.*

BIBLIOGRAFIA

TEXTO

A edição que nos serviu de base para a nossa tradução foi a de Reynolds:

L. Annaei Senacae ad Lucilium Epistulae Morales *recognouit et adnotatione critica instruxit L. D. Reynolds (Oxford Classical Texts), Oxford University Press 1965.*

Muito raramente, num ou noutro passo devidamente identificado nas notas, seguimos o texto da Colection des Universités de France: Sénèque Lettres à Lucilius, *texte établi par François Préchac et traduit par Henri Noblot, Paris, Société d'Édition Les Belles Lettres, 1945-1964 (reimpressões várias), ou de algum outro editor citado no aparato crítico da edição Reynolds.*

ESTUDOS

A bibliografia sobre o estoicismo em geral e sobre Séneca em particular é extremamente vasta, e não cessa de crescer. Cada ano assiste ao aparecimento de algumas largas dezenas de títulos, variamente importantes, quer sob a forma de livros ou de artigos de revistas e enciclo-

pédias. Seria manifestamente impossível e excessivo sobrecarregar esta tradução das Cartas a Lucílio com uma bibliografia, já não dizemos exaustiva, pois para tanto seria necessário um volume de proporções idênticas às do texto, mas pelo menos razoavelmente completa. O leitor eventualmente interessado encontrará nos volumes de L'Année Philologique *toda a informação pertinente. Acresce que muitas das obras abaixo enumeradas são acompanhadas de amplas e criteriosamente escolhidas listas de obras a consultar. Limitamo-nos por isso a sugerir alguns textos particularmente relevantes.*

Sobre o estoicismo em geral são imprescindíveis: a colectânea dos fragmentos dos antigos Mestres: Stoicorum Veterum Fragmenta *preparada por Hans von Arnim [Stuttgart, B. G. Teubner, 1965 (repr.)], que citamos pela sigla* **S. V. F.** *seguida do número do volume em algarismos romanos e do número do fragmento em algarismos árabes; e o estudo, ainda hoje a mais completa obra de conjunto sobre esta corrente filosófica, de Max Pohlenz* DIE STOA — Geschichte einer geistigen Bewegung, *Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1970 [4.ª repr.].*

Úteis ainda os volumes de F. H. Sandbach The Stoics, *London, Chatto & Windus, 1975; de Ludwig Edelstein* The Meaning of Stoicism, *Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1966 [repr. 1968]; de J. M. Rist* Stoic Philosophy, *Cambridge, at the University Press, 1969; a colectânea de artigos de vários especialistas sobre pontos diversos da filosofia estóica organizada pelo mesmo J. M. Rist* The Stoics, *Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 1978; de A. A. Long* Hellenistic Philosophy — Stoics, Epicureans, Sceptics, *London, Duckworth, [1974]. Sobre os problemas decorrentes da introdução e adaptação do estoicismo em Roma veja-se o artigo de Gérard Verbeke "Le stoicisme, une philosophie sans frontières"*

in A. N. R. W. [=Aufstieg und Nierdergang der römischen Welt], *I, 4, pp. 3-42.*

Sobre a obra de Séneca em geral, vista em correlação com a sua biografia, pode ler-se o livro de Marc Rozelaar Seneca, Eine Gesamtdarstellung, *Amsterdam, Hakkert, 1976 e a obra de Pierre Grimal* Sénèque ou la conscience de l'empire, *Paris, Les Belles Lettres, 1978; excelente visão de conjunto, embora por vezes defendendo posições algo polémicas (por exemplo ao considerar a correspondência entre Séneca e Lucílio como uma mera ficção literária), o estudo de Karlhans Abel "Seneca. Leben und Leistung"* **in** A. N. R. W., *II, 32.2, [Berlin, de Gruyter, 1985] pp. 653-775 (importante bibliografia). Embora já antigo, é, no entanto, ainda estimulante pela novidade das suas posições o artigo do historiador Arnaldo Momigliano "Seneca between political and contemplative life" (conferência realizada em 1950 mas só publicada no volume de ensaios* Quarto contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico, *Roma, 1969, pp. 239-256).*

Sobre Séneca filósofo, além dos capítulos pertinentes das obras citadas, podem ler-se:

Pierre Grimal, Sénèque, sa vie, son oeuvre avec un exposé de sa philosophie, *Paris, P. U. F., 1966 (3.ª ed.);*

Estudios sobre Séneca — ponencias e comunicaciones, *Octava semana española de filosofia, Madrid, C. S. I. C., 1966;*

Gregor Maurach (ed.), Seneca als Philosoph, *Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1975; o volume paralelo* Senecas Tragödien *[ibid. 1972], editado por Eckard Lefèvre, contém alguns artigos dedicados aos aspectos filosóficos das tragédias senequianas.*

Em português, é merecedor de uma leitura o ensaio, pequeno em tamanho, mas estimulante pela reflexão, do

Padre Manuel Antunes "Séneca, filósofo da condição humana", in Grandes contemporâneos, *Lisboa, Verbo, [1973], pp. 11-20.*

Sobre a incidência política do pensamento senequiano merece uma leitura a tese de Fernando Prieto El pensamiento político de Séneca, *Madrid, Revista de Occidente, 1977.*

Finalmente recomendamos a leitura de uma obra de Ilsetraut Hadot, Seneca und die griechisch-römische Tradition der Seelenleitung, *Berlin, de Gruyter, 1969, indispensável para entender os objectivos de Séneca como filósofo não meramente teórico, mas antes como pedagogo, como* maître à penser, *ou ainda, conforme alguém já lhe chamou, director de consciência, bem como para compreender a razão de ser de certas aparentes contradições no pensamento do filósofo e para avaliar na sua justa medida o carácter da sua originalidade e importância.*

LIVRO I

(Cartas 1-12)

1

Procede deste modo, caro Lucílio: reclama o direito de dispores de ti, concentra e aproveita todo o tempo que até agora te era roubado, te era subtraído, que te fugia das mãos. Convence-te de que as coisas são tal como as descrevo: uma parte do tempo é-nos tomada, outra parte vai-se sem darmos por isso, outra deixamo-la escapar. Mas o pior de tudo é o tempo desperdiçado por negligência. Se bem reparares, durante grande parte da vida agimos mal, durante a maior parte não agimos nada, durante toda a vida agimos inutilmente. **1**

Podes indicar-me alguém que dê o justo valor ao tempo aproveite bem o seu dia e pense que diariamente morre um pouco? É um erro imaginar que a morte está à nossa frente: grande parte dela já pertence ao passado, toda a nossa vida pretérita é já do domínio da morte! **2**

Procede, portanto, caro Lucílio, conforme dizes: preenche todas as tuas horas! Se tomares nas mãos o dia de hoje conseguirás depender menos do dia de amanhã. De adiamento em adiamento, a vida vai-se passando.

Nada nos pertence, Lucílio, só o tempo é mesmo nosso. A natureza concedeu-nos a posse desta coisa transitória e **3**

evanescente da qual quem quer que seja nos pode expulsar. É tão grande a insensatez dos homens que aceitam prestar contas de tudo quanto — mau grado o seu valor mínimo, ou nulo, e pelo menos certamente recuperável — lhes é emprestado, mas ninguém se julga na obrigação de justificar o tempo que recebeu, apesar de este ser o único bem que, por maior que seja a nossa gratidão, nunca podemos restituir.

4 Talvez te apeteça perguntar como procedo eu, que te dou todos estes preceitos. Dir-te-ei com franqueza: como alguém que vive bem, mas sem esbanjamento. Tenho as minhas contas em dia! Não te posso dizer que nunca perco tempo, mas sei dizer-te quanto, porquê e de que modo o perco. Posso prestar contas da minha pobreza. A mim, porém, sucede-me o mesmo que a muitos que, sem culpa própria, ficaram reduzidos à miséria: todos perdoam, mas ninguém ajuda.

5 Que mais há a dizer? Não considero pobre aquele a quem basta o poucochinho que tem. Prefiro, contudo, que tu preserves os teus bens e que o comeces a fazer quanto antes. Conforme diziam os nossos maiores, "já vem tarde a poupança quando o vinho está no fundo."[1] É que o que fica no fundo, além de ser muito pouco, são apenas as borras!

Adeus[2]

---

[1] Tradução quase literal de Hesíodo, *Op.*, 369: *δειλὴ δ'ἐν πυθμένι φειδώ*.

[2] Todas as cartas terminam com a fórmula de saudação *Vale* (lit. "passa bem!") "Adeus!". Dada esta indicação, dispensámo-nos de aqui em diante de repetir o "adeus" no termo de cada carta.

2

1 Tanto aquilo que me escreves como o que oiço dizer de ti fazem-me ter boas esperanças a teu respeito: não viajas continuamente nem te deixas agitar por constantes deslocações. Um semelhante deambular é indício duma alma doente: eu, de facto, entendo que o primeiro sinal de um espírito bem formado consiste em ser capaz de parar e de coabitar consigo mesmo. **2** Toma, porém, atenção, não vá essa tua leitura de inúmeros autores e de volumes de toda a espécie arrastar algo de indecisão e de instabilidade. Importa que te fixes em determinados pensadores, que te nutras das suas ideias, se na verdade queres que alguma coisa permaneça definitivamente no teu espírito. Estar em todo o lado é o mesmo que não estar em parte alguma! Ora a quem passa a vida em viagens acontece ter muitos conhecimentos fortuitos, mas nenhum amigo verdadeiro; o mesmo sucede logicamente àqueles que não se aplicam intimamente ao estudo de um pensador, mas sim percorrem todos de passagem e a correr. **3** Um alimento que mal é ingerido imediatamente é "devolvido", não aproveita nem dá força ao corpo; igualmente nada prejudica tanto a saúde como a frequente mudança de medicamentos; uma ferida não cicatriza quando se lhe aplicam tentativamente diversos remédios; uma planta nunca se robustece se continuamente a mudamos de lugar; nada enfim, por muito útil, conserva a utilidade em contínua mudança. Demasiada abundância de livros é fonte de dispersão; assim, como não poderás ler tudo quanto possuis, contenta-te em possuir apenas o que possas ler. **4** Dirás tu: *"Mas sinto vontade de folhear ora este livro, ora aquele."*

Provar muita coisa é sintoma de estômago embotado; quando são muitos e variados os pratos, só fazem mal em vez de alimentar. Lê, portanto, constantemente autores de confiança e quando sentires vontade de passar a outros, regressa aos primeiros. Reflecte todos os dias em qualquer texto que te auxilie a encarar a indigência, a morte, ou qualquer outra calamidade; quando tiveres percorrido diversos textos, escolhe um passo que alimente a tua meditação

5 durante o dia. É isso o que eu mesmo faço: de muita coisa que li retenho uma certa máxima. A minha máxima de hoje encontrei-a em Epicuro (é um hábito percorrer os acampamentos alheios, não como desertor, mas sim como batedor!). Diz ele: "É um bem desejável conservar a ale-

6 gria em plena pobreza"[3]. E com razão, pois se há alegria não pode haver pobreza: não é pobre quem tem pouco, mas sim quem deseja mais. Que importa o que temos no cofre, ou nos celeiros, quantas cabeças de gado ou quanto capital a juros, se fizermos as contas não ao que possuímos, mas ao que queremos possuir? Queres saber qual a justa medida das riquezas? Primeiro: aquilo que é necessário; segundo: aquilo que é suficiente!

3

1 Dizes-me que entregaste a carta a um amigo teu, para me trazer, mas em seguida aconselhas-me a não trocar impressões com ele sobre quanto te diz respeito, pois nem tu próprio o costumas fazer. Quer dizer, na mesma

---

[3] Epicuro, fr. 475 Usener.

carta deste-lhe e recusaste-lhe o título de "amigo". Ora bem: se tu usaste esta palavra não no seu verdadeiro sentido mas antes em sentido genérico, e lhe chamaste "amigo" tal como a todos os candidatos nós chamamos "respeitáveis cidadãos", ou como às pessoas que encontramos e cujo nome nos não ocorre, cumprimentamos como "senhor fulano" ainda é aceitável; se consideras, porém, "amigo" alguém em quem não confias tanto como em ti próprio, então cometes um erro grave e mostras não conhecer bem o significado da verdadeira amizade. **2**

Delibera em comum com o teu amigo mas começa por formular sobre ele um juízo correcto: após o início da amizade, há que ter confiança. Antes, sim, é que se deve ajuizar. Confundem as obrigações inerentes a este princípio aqueles que, ao contrário dos ensinamentos de Teofrasto,[4] formulam juízos depois de iniciada a amizade, e não estabelecem relações de amizade depois de formularem juízos. Pensa longamente se alguém é digno de que o incluas no número dos teus amigos; quando decidires incluí-lo, então recebe-o de coração aberto e fala com ele com tanto à-vontade como contigo próprio.

3 Pelo teu lado, vive de tal maneira que não tenhas de confiar a ti mesmo nada que não pudesses confiar até a um inimigo pessoal; como, todavia, há certas coisas que, por hábito, são consideradas íntimas, compartilha com o teu amigo todos os teus cuidados, todos os teus pensamentos. Se o considerares um amigo leal, é isso o que farás. Pessoas há que, no terror de serem enganadas, como que ensinaram os outros a enganá-las e pelas suas suspeitas justificaram as faltas dos outros. Que motivo pode

[4] Teofrasto, fr. 74 Wimmer.

levar-me a medir as minhas palavras diante de um amigo? Que motivo pode levar-me a não me considerar diante

4 dele como se estivesse sozinho? Há quem conte ao primeiro passante aquilo que apenas se deve confiar aos amigos, e confie aos ouvidos de qualquer um o segredo que o consome; a outros, pelo contrário, repugna dar conhecimento ainda aos amigos mais íntimos e, se pudessem, não confiando sequer em si mesmos, interiorizariam tanto quanto possível todo o segredo. Não devemos fazer uma coisa nem outra; qualquer delas — ou confiar em todos ou não confiar em ninguém — é um erro; apenas diria que a primeira é um erro mais honroso, e a segunda, mais seguro.

5 Deste modo, são igualmente censuráveis quer os que andam sempre inquietos quer os que vivem em perpétua calma. De facto, não é diligência o comprazimento com a confusão mas apenas correria de um espírito sobreexcitado; e não é calma a recusa de todo o movimento como

6 se fosse uma doença mas apenas indolência e moleza. Por isso devemos conservar bem presente aquela descrição que encontrei na obra de Pompónio: *"houve quem se refugiasse na escuridão com a ideia de que tudo quanto está em plena luz é marcado pela confusão."*[5]

Há que dosear as duas coisas: importa agir mesmo mantendo a calma, importa manter a calma mesmo quando se age. Confronta a tua atitude com a da natureza: esta te dirá que criou igualmente o dia e a noite.

---

[5] Cf. Ribbeck[3], *Com. Rom. Frag.* p. 307 (Pompónio Bononiense); para outros (por ex. Fickert) o fr. será de atribuir a Pompónio Segundo.

4

Prossegue a vida que encetaste, apressa-te quanto puderes, para mais tempo te ser dado usufruir de um espírito correcto e equilibrado. Mesmo enquanto o corriges e equilibras podes ir usufruindo dele; a contemplação de uma alma livre de toda a mácula e resplandecente, todavia, é um prazer de natureza bem superior! **1**

Ainda te lembras, certamente, da alegria que sentiste quando, despindo a toga pretexta, vestiste a toga viril[6] e fizeste a tua entrada no foro. Prepara-te para uma alegria ainda maior quando te despojares do espírito pueril e, graças à filosofia, entrares no círculo dos homens. Até esse momento, perdura em nós, não naturalmente a infância, mas sim a mentalidade infantil, o que é muito pior. E pior ainda é que já temos a autoridade da velhice mas mantemos vícios de crianças; não só de crianças, mas mesmo de recém-nascidos, pois as crianças temem coisas sem importância e os recém-nascidos coisas inexistentes; nós, tememos umas e outras. **2**

Persevera, pois, e compreenderás que há coisas que são tanto menos de temer quanto maior é o temor que inspiram! **3**

Nenhum mal é verdadeiramente grande quando é o último. A morte aproxima-se de ti. Ela seria, de facto, temível se pudesse estar sempre contigo; na realidade, porém, a lei natural é que ela ou não te atinja ou te

---

[6] A toga pretexta, decorada com uma banda de cor púrpura, era usada pelos jovens até à idade de dezasseis anos, altura em que, reconhecida a sua maioridade e capacidade de aceder aos direitos plenos de cidadão, passavam a usar a toga viril, inteiramente branca. A substituição, portanto, da toga pretexta pela toga viril é um indício de maturidade.

4 ultrapasse. *"É difícil"* — dirás — *"levar o espírito a conseguir desprezar a vida."* Mas tu não vês como, continuamente, ela é desprezada por motivos fúteis? É um que se enforca diante da porta da amante, é um servo que se atira do telhado abaixo para deixar de aturar os ralhos do senhor, é um escravo fugitivo que, para não ser recapturado, se trespassa com um punhal! Pois bem, achas que a virtude é incapaz de conseguir aquilo que um terror pânico consegue? Ninguém pode obter uma vida segura se continuamente pensar em prolongá-la, se considerar entre os bens mais preciosos um grande número de anos.

5 Medita diariamente nisto, para seres capaz de abandonar a vida com serenidade de espírito: muitos são os que se agarram a ela como pessoas arrastadas pela corrente, que jogam a mão aos cardos e aos rochedos! Muitos há que andam miseravelmente à deriva entre o medo da morte e os tormentos da vida, sem querer viver nem saber morrer.

6 Se queres ter uma vida agradável deixa de preocupar-te com ela! Nenhum objecto dá bem estar ao seu possuidor senão quando este está preparado para ficar sem ele; e nenhuma coisa mais facilmente podemos perder do
7 que aquela que é irrecuperável depois de perdida. Anima-te, pois, e ganha coragem contra aquilo que é inevitável mesmo aos mais poderosos. A vida de Pompeio veio a estar nas mãos de um pupilo e de um eunuco; a de Crasso, nas do Parto cruel e orgulhoso. Gaio César mandou o tribuno Dextro matar Lépido, e ele próprio veio a ser morto por Quérea. A ninguém a fortuna elevou a tal ponto que se livrasse das ameaças que fazia impender sobre os outros. Não confies na calmaria presente: o estado do mar altera-se dum momento para o outro e no mesmo dia um barco pode naufragar lá mesmo onde há pouco

passara sem perigo. Pensa que um ladrão, um inimigo, pode enterrar-te uma adaga na garganta; e se alguém mais poderoso o não fizer, qualquer escravo terá sobre ti poder de vida ou de morte. Podes estar certo disto: quem despreza a própria vida é absoluto senhor da tua! Passa em revista os casos dos que morreram às mãos dos seus servos ou violentamente e às claras, ou através de algum ardil e verificarás que a ira dos escravos não fez menor número de vítimas que a dos reis! Que te importa, portanto, o poder daqueles que receias se qualquer um poderá fazer aquilo mesmo que tu receias? **8** Se, porventura, caíres nas mãos do inimigo, o vencedor dar-te-á o destino que, afinal de contas, será sempre o teu! Porque te enganas a ti mesmo e só agora te dás conta daquilo que, desde sempre, é o teu destino? Fica certo: caminhas para a morte desde que nasceste! Estas reflexões, ou outras similares, devemos ter sempre no espírito, se queremos aguardar com serenidade aquela última hora, cujo temor enche todas as outras de sobressalto. **9**

10 Para finalizar esta carta, aqui te deixo uma máxima que li hoje, e que também ela foi colhida num jardim alheio: *"uma verdadeira riqueza é a pobreza conforme à lei natural."*[7] Sabes quais os limites que a lei natural nos impõe? Não passar fome, nem sede, nem dor. Para evitar a fome e a sede não é necessário frequentar a casa dos grandes senhores, nem suportar o seu ar carrancudo, ou a sua ofensiva bondade, não é preciso correr riscos no mar ou ir em expedições bélicas: aquilo de que a natureza

---

[7] Epicuro, fr. 477 Usener. A mesma máxima vem citada quase *ipsis uerbis* em 27, 9. Cf. ainda idêntica ideia, retomada com expressão também quase idêntica, em 119, 7.

11 necessita está perto, está à nossa mão É o supérfluo que nos faz envelhecer nos quartéis, que nos leva até terras estranhas! O indispensável está ao nosso alcance. Aquele que sabe viver em paz com a pobreza, esse, é verdadeiramente rico.

5

1 Estudas perseverantemente e deixando tudo o mais apenas te aplicas ao teu quotidiano aperfeiçoamento: aprovo-te com satisfação, e não só te aconselho, como te peço que continues assim. E mais te aconselho a que não procedas como aqueles que mais pretendem dar nas vistas do que aperfeiçoar-se: evita tudo quanto se torna notado quer
2 na tua pessoa, quer no teu estilo de vida. O aspecto descuidado, o cabelo por cortar, a barba por fazer, o ódio afectado ao dinheiro, a cama no chão, são formas deformadas de ambição que tu deves recusar. O próprio nome da filosofia, ainda que sem atitudes ostentatórias, já causa por si má vontade! O que seria, então, se nos começássemos a afastar dos comuns hábitos de vida. Sejamos no íntimo absolutamente diferentes, embora na aparência
3 vivamos como os demais. Não usemos togas esplendorosas, nem tão pouco sórdidas; não tenhamos pratas cinzeladas com incrustações de ouro maciço, nem tão pouco consideremos sinal de frugalidade a ausência completa de ouro e prata. Devemos agir de modo a que, em comparação com os outros, a nossa vida seja, não diametralmente oposta, mas sim melhor. De outro modo poremos em fuga e afastaremos de nós aqueles que desejamos corrigir, acabaremos por conseguir que não nos imitem em nada por receio de nos deverem imitar em tudo.

A primeira coisa que a filosofia nos garante é o senso comum, a humanidade, o espírito de comunidade, coisas de cuja prática nos afastará uma vida demasiado diferente. Devemos precaver-nos, não vão os nossos actos, que desejamos merecedores de admiração, tornar-se antes ridículos e odiosos. **4**

O nosso objectivo é, primacialmente, viver de acordo com a natureza. Ora é antinatural torturar o próprio corpo, repelir os cuidados elementares de higiene, procurar a sujidade e tomar alimentos não apenas humildes mas repugnantes, repelentes. Assim como é luxo e gula só desejar iguarias sofisticadas, assim também é loucura evitar as habituais que se conseguem sem grande dispêndio. A filosofia exige frugalidade, não suplícios, e a frugalidade não necessita de ser desordenada. Há um meio termo que eu preconizo: que a nossa vida seja um equilíbrio entre o modo de vida superior e o vulgar; que todos olhem a nossa vida como algo acima do normal, mas sem que sejamos uns estranhos para eles. **5**

"Que dizes? Então nós havemos de fazer o mesmo que os outros? Entre nós e eles não haverá diferença alguma?" **6**

A maior possível: a um exame mais atento ver-se-á como diferimos do vulgar e quem entrar na nossa casa admirar-nos-á mais a nós do que à nossa mobília. Um espírito superior é capaz de usar utensílios de barro como se fossem de prata, mas não é inferior aquele que usa os de prata como se fossem de barro. Dá provas, contudo, de um espírito imperfeito aquele que não sabe suportar a riqueza.

Mas quero partilhar contigo o pequeno lucro que tirei do dia de hoje. Li no nosso Hecatão que pôr termo aos desejos é proveitoso como remédio aos nossos temores. **7**

Diz ele: *"deixarás de ter medo quando deixares de ter esperança"*[8]. Perguntarás tu como é possível conciliar duas coisas tão diversas. Mas é assim mesmo, amigo Lucílio: embora pareçam dissociadas, elas estão interligadas. Assim como uma mesma cadeia acorrenta o guarda e o prisioneiro, assim aquelas, embora parecendo dissemelhantes, caminham lado a lado: à esperança segue-se sempre o
8 medo. Nem é de admirar que assim seja: ambos caracterizam um espírito hesitante, preocupado na expectativa do futuro. A causa principal de ambos é que não nos ligamos ao momento presente antes dirigimos o nosso pensamento para um momento distante e assim é que a capacidade de prever, o melhor bem da condição humana, se vem a
9 transformar num mal. As feras fogem aos perigos que vêem mas assim que fugiram recobram a segurança. Nós tanto nos torturamos com o futuro como com o passado. Muitos dos nossos bens acabam por ser nocivos: a memória reactualiza a tortura do medo, a previsão antecipa-a; apenas com o presente ninguém pode ser infeliz!

6

1 Verifico, Lucílio, que não apenas me estou corrigindo, antes me estou transfigurando. Não garanto, nem sequer espero, que nada já reste em mim sem necessitar de mudança! Como não hei-de eu ter ainda muito que deva ser refreado, ou diminuído, ou elevado? Mas já é uma prova de que o espírito alcançou um degrau superior o facto de reconhecer os defeitos que até então permane-

---

[8] Hecatão, fr. 25 Fowler.

ciam ignorados: já é motivo para felicitar certos doentes o facto de eles próprios se reconhecerem doentes.

2 Desejaria compartilhar contigo esta súbita mudança operada em mim. Começaria então a ter uma mais segura confiança na nossa amizade que nem a esperança, ou o medo, ou a busca da utilidade, pode quebrar, numa amizade daquelas com a qual, e pela qual, os homens podem morrer. 3 Posso citar-te muitos que, embora tendo amigos, careceram de amizade: ora tal caso não pode dar-se quando uma igual vontade de só desejar o bem liga dois espíritos em comunhão. E como não ser assim, se eles sabem que tudo é comum entre ambos e principalmente a adversidade?

4 Tu não podes conceber de quanta importância se reveste para mim cada dia. *"Compartilha comigo tudo cuja eficácia experimentaste"* — dirás tu. Eu não desejo outra coisa senão transmitir-te toda a minha experiência: aprender dá-me sobretudo prazer porque me torna apto a ensinar! E nada, por muito elevado e proveitoso que seja, alguma vez me deleitará se guardar apenas para mim o seu conhecimento. Se a sabedoria só me for concedida na condição de a guardar para mim, sem a compartilhar, então rejeitá-la-ei: nenhum bem há cuja posse não partilhada dê satisfação.

5 Vou, pois, enviar-te os livros que utilizei, e para não perderes tempo à procura dos passos mais úteis, eu assinalá-los-ei, de modo que encontres de imediato aqueles que me merecem aprovação e respeito.

Uma conversa de viva voz ser-te-á, contudo, mais útil do que um discurso escrito. Deves vir mesmo ver como as coisas se passam, primeiro porque geralmente se dá mais crédito aos olhos do que aos ouvidos, segundo, porque a via através de conselhos é longa, através de exemplos é curta e eficaz.

6 Cleantes nunca teria revivificado o ensino de Zenão se apenas fosse seu ouvinte; não, ele participou da vida do mestre, penetrou os seus segredos, observou até que ponto ele vivia de acordo com a sua doutrina. Platão, Aristóteles, todos os filósofos que depois se cindiram em diversas escolas, aprenderam mais da vida que das palavras de Sócrates. Não foi a escola, mas sim a convivência de Epicuro que fez de Metrodoro, de Hermarco, de Polieno, grandes homens. E não quero a tua presença apenas para que *tu* aproveites, mas também para que *me* aproveites: ambos poderemos ser muito úteis um ao outro!

7 Por agora, como te devo o meu pequeno presente diário, aqui tens uma máxima que hoje encontrei com prazer em Hecatão.[9] "*Queres saber o que lucrei hoje? Comecei a ser amigo de mim próprio.*" Muito lucrou, deste modo nunca estará sozinho. Um tal amigo, fica sabendo, toda a gente o pode ter!

7

1 Queres saber qual é a coisa que com maior empenho deves evitar? A multidão! Ainda não estás em estado de frequentá-la em segurança. Eu confesso-te sem rodeios a minha própria fraqueza: nunca regresso com o mesmo carácter com que saí de casa; algo do que já pusera em ordem é alterado, algo do que já conseguira eliminar, regressa! O mesmo que sucede aos doentes que uma longa debilidade não deixa ir a parte alguma sem recaída, nos acontece, a nós, cujo espírito se está refazendo de uma pro-

---

[9] Hecatão, fr. 26 Fowler.

longada enfermidade. É-nos prejudicial o convívio com muita gente: não há ninguém que nos não pegue qualquer vício, nos contagie, nos contamine sem nós darmos por isso. Por isso, quanto maior é a massa a que nos juntamos, tanto maior é o perigo. E nada há tão nocivo aos bons costumes como ficar a assistir a algum espectáculo, pois é pela via do prazer que os vícios se nos insinuam mais facilmente. **2**

Que pensas tu que eu quero dizer? Que regresso mais avaro, mais ambicioso, mais propenso ao luxo? Mais do que isso: venho mais cruel e mais desumano de ter estado em contacto com os homens. Fui casualmente assistir ao espectáculo do meio-dia, à espera de encontrar algo de ligeiro, de divertido, algo que descansasse os olhares dos homens da vista do sangue humano. Foi o contrário que encontrei: todas as lutas anteriormente realizadas foram actos de misericórdia; a esta hora, sem artifícios alguns, o que há são puros homicídios. Os lutadores não têm protecção alguma; todo o seu corpo está patente aos golpes, e nenhum golpe é desferido em vão. **4** Muitos espectadores preferem isto aos combates entre pares de gladiadores normais, e favoritos do público. E como não hão-de preferir? Não há elmo nem escudo que se oponha ao ferro do adversário! Armas defensivas para quê? Técnica para quê? Tudo isso só serve para retardar a morte. Atiram-se homens aos leões e ursos de manhã, aos próprios espectadores ao meio-dia! Os assassinos enfrentam aqueles que os hão-de assassinar, e cada vencedor é reservado para morrer mais tarde. Para estes lutadores a única saída é a morte. Matam-nos a ferro e fogo. É isto o que se passa nos intervalos do circo. **5** *"Mas este homem cometeu um crime, um homicídio"*. E então? Se ele matou alguém, mereceu o castigo por que está passando; mas tu, infeliz, **3**

o que fizeste para merecer ver isto? *"Mata, fere, queima! Porque se lança ele tão debilmente contra o ferro do adversário? Porque mata ele o outro com tão pouca resolução? Levem-nos ao combate à chicotada, recebam frontalmente os golpes um do outro com o peito descoberto!"* Interrompe-se o espectáculo: *"enforquem alguns homens entretanto, para fazer qualquer coisa".* Ora bem, não compreendeis que os maus exemplos redundam em prejuízo daqueles que os dão? Agradecei aos deuses imortais por terdes de ensinar a crueldade a quem não a pode aprender por si.

6 Há que subtrair à influência do vulgo o ânimo fraco e pouco firme na virtude: facilmente se passa para o lado do maior número. Sócrates, Catão, Lélio — uma multidão inteiramente antagónica poderia abalar o seu carácter. Digo-te mais: mesmo nós[10] — e se nós nos esforçamos por robustecer o nosso carácter! —, nenhum de nós seria capaz de fazer frente à avalanche dos vícios no meio de **7** uma turba. Um só exemplo de luxo ou de avareza basta para provocar muito mal: um companheiro de mesa de gosto sofisticado acaba por nos tirar a energia e austeridade, um vizinho rico excita os nossos desejos, um amigo perverso propaga a sua peste por muito puros e simples que sejamos: que pensas tu que sucederá àqueles costumes para que nos arrasta a multidão? É forçoso ou que os **8** imites, ou que os odeies. Ambas as atitudes, porém, são de evitar: nem te deves assemelhar aos maus porque são muitos, nem tornar-te inimigo de muitos porque são diferentes. Refugia-te em ti próprio quanto puderes; dá-te com aqueles que te possam tornar melhor, convive com

---

[10] *Nós*, entenda-se os seguidores do estoicismo.

aqueles que tu possas tornar melhores. Há que usar de reciprocidade: enquanto se ensina aprende-se também. Por **9** vão desejo de tornares conhecido o teu talento não deves misturar-te com o público a ponto de desejares fazer leituras ou participar em debates. Aconselhar-te-ia a fazê-lo se tivesses mercadoria adequada a esta gente; mas entre ela não há quem pudesse entender-te. É possível que casualmente apareça um ou outro de cuja formação e educação te devas encarregar até o elevares ao teu nível. *"Mas então, em proveito de quem estudei eu?"* Não tenhas receio: se tiveres estudado em teu proveito não terás perdido o tempo.

E para que os meus estudos de hoje não tenham sido **10** só em meu proveito, vou-te citar três pensamentos notáveis que encontrei, mais ou menos com o mesmo sentido. Um servirá para pagar o tributo desta carta, os outros dois recebe-os como adiantamento. Afirma Demócrito: *"um só homem vale para mim um povo, um povo vale tanto como um só homem"*[11]. Também tinha razão aquele autor **11** (sobre cuja identidade se discute) que, ao perguntarem-lhe por que se aplicava com tanto empenho num tratado que seria acessível a tão poucos, respondeu: *"para mim, basta-me que sejam poucos, basta-me que haja só um leitor, basta-me que não haja nenhum"*. Em terceiro lugar há este dito notável de Epicuro, em carta dirigida a um dos seus companheiros de estudos: *"eu não escrevi isto para muitos, mas sim para ti; contemplarmo-nos um ao outro é espectáculo suficiente"*.[12]

---

[11] Demócrito, fr. 302 a Diels-Kranz.

[12] Epicuro, fr. 208 Usener.

12 Estes pensamentos, caro Lucílio, tens que interiorizá-los, para reprimir o prazer oriundo do aplauso da multidão. Quando muitos te cobrirem de louvores, verifica se ainda tens motivo de agrado ante ti próprio, já que és homem que muitos possam entender! Os teus autênticos bens são apenas do foro íntimo.

8

1 Uma objecção tua:

"Então tu mandas-me evitar a multidão, conservar-me retirado, contentar-me com a minha consciência? Que é feito daquelas vossas máximas que nos objurgam a morrer em plena acção?"[13]

Bom, ao que parece eu estou-te aconselhando a inércia? Se eu me recolhi em casa e fechei as portas foi para poder ser útil a um maior número. Nem um único dia me chega ao fim na ociosidade; parte da noite, reservo-a para os meus estudos; não me disponho ao sono — sucumbo a ele, e deixo repousar sobre o meu trabalho os 2 olhos cansados da vigília e já prestes a cerrar-se. Retirei-me não só dos homens, como dos negócios, começando com os meus próprios: estou trabalhando para a posteridade. Vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser

[13] Ao contrário dos epicuristas, que defendiam para o filósofo a vida à margem das obrigações políticas e sociais, os estóicos aconselhavam a participação activa do sábio na vida da cidade. Isto explica, em boa parte pelo menos, a importante carreira pública do próprio Séneca. As condições sócio-políticas podem ser tais, contudo, que obriguem o sábio a recolher-se à vida estritamente privada, como fez Séneca a partir de 62. Sobre o assunto, v. o que Séneca diz no seu tratado *de otio*.

útil; passo ao papel alguns conselhos, salutares como as receitas dos remédios úteis, — conselhos que sei serem eficazes por tê-los experimentado nas minhas próprias feridas, as quais, se ainda não estão completamente saradas, deixaram pelo menos de me torturar. Indico aos outros o **3** caminho justo, que eu próprio só tarde encontrei, cansado de atalhos. Vou gritando: "Evitai tudo quanto agrade ao vulgo, tudo quanto o acaso proporciona; diante de qualquer bem fortuito parai com desconfiança e receio: também a caça ou o peixe se deixa enganar por esperanças falaciosas. Julgais que se trata de benesses da sorte? São armadilhas! Quem quer que deseje passar a vida em segurança evite quanto possa estes benefícios escorregadios nos quais, pobres de nós, até nisto nos enganamos: ao julgar possuí-los, deixamo-nos apanhar! Esta corrida leva-nos para **4** o abismo; a única saída para uma vida "elevada", é a queda! E mais: nem sequer poderemos parar quando a fortuna começa a desviar-nos da rota certa, nem ao menos ir a pique, cair instantaneamente: não, a fortuna não nos faz tropeçar, derruba-nos, esmaga-nos. Prossegui, pois, um **5** estilo de vida correcto e saudável, comprazendo o corpo apenas na medida do indispensável à boa saúde. Mas há que tratá-lo com dureza, para ele obedecer sem custo ao espírito: limite-se a comida a matar a fome, a bebida a extinguir a sede, a roupa a afastar o frio, a casa a servir de abrigo contra as intempéries. Que a habitação seja feita de ramos ou de pedras coloridas importadas de longe, é pormenor sem interesse: ficai sabendo que para abrigar um homem tão bom é o colmo como o ouro! Desprezai tudo quanto, com supérfluo trabalho, se acrescenta para ornamento e decoração; pensai que só o espírito merece admiração, e para um grande espírito nada há que seja grande."

6 Ao formular estas reflexões, tanto para mim próprio como para a posteridade, não te parece que estou a ser mais útil do que se comparecesse como consultor numa citação judiciária, se imprimisse o meu sinete no fim dum testamento, ou se fosse ao senado dar o meu voto e o meu apoio a um candidato qualquer? Acredita: os que mais fazem são os que menos parecem fazer, pois tratam ao mesmo tempo dos planos humano e divino.

7 Mas já é altura de terminar e como tenho por hábito há que enviar um brinde com esta carta. Não me pertence, o brinde. Tenho andado a respigar Epicuro, e dele li hoje esta frase: *"Deves ser servo da filosofia se pretendes obter a verdadeira liberdade"*[14]. Não será posto de lado quem a ela se entregar confiadamente: logo ela lhe prestará os seus benefícios. É nesta entrega total à filosofia que consiste a liberdade.

8 Talvez me queiras perguntar por que razão te cito eu tantas belas máximas de Epicuro, em vez de as extrair dos nossos autores. Por que motivo, porém, deveremos considerá-las de Epicuro, e não propriedade de todos? Quantos poetas há que já disseram o que os filósofos ou já disseram também ou hão-de dizer um dia! Nem preciso de recorrer aos trágicos, ou às nossas pretextas (peças estas que possuem uma certa seriedade que as coloca a meio caminho entre as comédias e as tragédias): até nos mimos, que quantidade se não encontra de versos excelentes! Quantos versos não escreveu Publílio dignos de per-

9 sonagens de coturno, e não de gente descalça! Vou citar-te um verso dele que trata matéria filosófica, e precisamente

---

[14] Epicuro, fr. 199 Usener.

aquele ponto que estive a discutir atrás, ou seja, que não devemos ter por nosso aquilo que o acaso nos dá:

Nada nos pertence daquilo que o acaso nos traz[15].

A mesma ideia exprimiste tu, bem me lembro, num verso não menos brilhante e conciso: **10**

Não é verdadeiramente teu o que é teu por dom da sorte![16]

Não me esqueço também de outro verso teu melhor ainda:

Bem que se pode dar, pode também tirar-se[17].

Mas isto já não faz parte do brinde: só te devolvo o que é teu.

9

Estás com interesse em saber se Epicuro tem razão quando, numa das suas cartas, censura aqueles que afirmam que o sábio se contenta consigo mesmo e, por isso, não tem necessidade de amigos[18]. Esta crítica fá-la Epicuro a Estilbão e a outros para quem o máximo bem consiste na impassibilidade do espírito. Caíremos na ambiguidade se pretendermos à pressa traduzir *ἀπάθεια* por um só vocábulo e usarmos o termo *"impaciência"*; pode suceder que se entenda o contrário daquilo que pretendemos significar. Nós pretendemos aludir a alguém capaz de repelir o sentimento da dor, mas a palavra pode entender-se como **1** **2**

---

[15] Publílio Siro, fr. A 1 Meyer.
[16] Lucílio Júnior, fr. 1 Morel.
[17] Lucílio Júnior, fr. 2 Morel.
[18] Epicuro, fr. 174 Usener.

significando a incapacidade de suportá-la[19]. Pensa, portanto, se não seria preferível falarmos em "invulnerabilidade do ânimo" ou em "ânimo situado para lá de todo o sofri-
3 mento." A diferença entre a nossa escola e a deles é que o sábio, na nossa concepção, embora o sinta, domina todo o sofrimento, na deles, nem sequer o sente. Entre nós e eles existe um ponto comum: o sábio contenta-se consigo próprio. Tal não implica que, embora se baste a si próprio, ele não deseje ter um amigo, um vizinho, um
4 companheiro. E até que ponto se contenta consigo mesmo mostra-o o facto de, por vezes, se contentar com uma parte de si. Se uma doença, se um inimigo lhe cortarem uma mão, se qualquer acidente lhe roubar um olho, ou mesmo os dois, ele contentar-se-á com o que lhe resta, e conservará tanta alegria de espírito depois de mutilado e estropiado como tinha quando possuia um corpo válido. No entanto, embora não se queixe da sua mutilação, pre-
5 fere não a sofrer. É neste sentido que o sábio se contenta consigo mesmo: não que deseje, mas sim que possa prescindir de amigos. E ao dizer "que possa" entendo que suportará com firmeza de ânimo a perda de algum. Na realidade ele nunca estará sem qualquer amigo pois tem a possibilidade de rapidamente reparar a falta de algum. Tal como Fídias, se perdesse uma estátua, imediatamente esculpiria outra, assim o sábio, verdadeiro especialista em fazer

[19] O termo grego ἀπάθεια (*Apatheia*, donde o port. *apatia*) significa literalmente "ausência de sofrimento". O seu correspondente latino, porém, reveste, como diz Séneca, alguma ambiguidade: *impatientia*, de facto, tanto pode entender-se etimologicamente como significando "ausência de sofrimento" (tal como o vocábulo grego) como também ter o sentido de "incapacidade para aceitar o sofrimento" (e este sentido explica o port. *impaciência*).

amizades, em lugar do amigo perdido depressa arranjaria outro. Como é que rapidamente ele conseguirá conciliar outro amigo? Dir-to-ei, se estiveres de acordo em que te pague já a minha dívida e que, quanto a esta carta, fiquemos com as contas em dia. Diz Hecatão: *"vou indicar-te uma receita para o amor que dispensa o recurso a filtros, ervas ou fórmulas de feiticeira: se queres ser amado, ama!"*[20] Não apenas a prática de uma amizade antiga e firme traz consigo grande prazer, mas também o início e a conciliação de uma nova. A mesma diferença que há entre o agricultor que ceifa a seara e o que a semeia, existe entre aquele que já conciliou e o que está conciliando um amigo. O filósofo Átalo costumava dizer que é mais agradável fazer do que ter um amigo, *"tal como ao pintor dá mais prazer pintar do que terminar o quadro"*. A atenção dada à pintura a realizar encontra na respectiva ocupação um imenso prazer, o qual já não toca tão intensamente o artista quando afasta as mãos da obra terminada. Neste caso ele goza o fruto da sua arte; enquanto pintava, porém, saboreava a própria arte. Se a adolescência dos filhos é mais rica em promessas cumpridas, o certo é que é mais doce a sua infância. **6** **7**

Mas voltemos à nossa questão. O sábio, embora se baste a si mesmo, deseja no entanto ter um amigo, quanto mais não seja para exercer a amizade, para que uma tão grande virtude não fique inactiva; não (como na mesma carta afirmava Epicuro) *"para ter alguém que o ajude na doença e o socorra se for encarcerado ou cair na miséria"*[21], mas, pelo contrário, para ter alguém a quem ajude **8**

---

[20] Hecatão, fr. 27 Fowler.
[21] Epicuro, fr. 175 Usener.

na doença, alguém que, caso seja capturado, possa libertar das prisões inimigas. Quem só cuida de si e procura amizades com fins egoístas não pensa correctamente. Tal como começou assim acabará: arranjou um amigo para o auxiliar contra a prisão, mas assim que os ferros rangerem tal amigo evaporar-se-á! Amizades deste tipo chama-se-lhes correntemente "oportunistas"; alguém que seja tomado por amigo por motivo da sua utilidade deixará de agradar quando deixar de ser útil. Por isso mesmo grande cópia de amigos rodeia os ricaços, enquanto a solidão é apanágio dos arruinados; os amigos fogem de onde são postos à prova; daí todos estes tristes exemplos de deserções ou traições ocasionadas pelo medo. Necessariamente nestas amizades o princípio e o fim estão em completo acordo: quem começou a ser amigo por conveniência, deixa de o ser também por conveniência; qualquer interesse prevalecerá contra a amizade se nela se procurar outro interesse que não ela própria.

9

10 *"Para quê arranjar então um amigo?"* Para ter alguém por quem possa morrer, alguém que possa acompanhar ao exílio, alguém por quem me arrisque e ofereça à morte. "Isso" a que aludis e que tem em vista o interesse, que considera as vantagens práticas, isso não é amizade, é uma negociata! A paixão amorosa tem indubitavelmente algo de semelhante com a amizade, a ponto de a podermos considerar uma amizade levada até à loucura. Pois quem há que se apaixone por motivos de interesse, de ambição, de glória? É o amor que por si mesmo, abstraindo de tudo o mais, faz o espírito arder com o desejo da beleza, de mistura com uma certa esperança de afecto recíproco. Ora bem, será possível que de uma causa mais elevada resulte um afecto moralmente condenável? *"Não se trata agora"* — dirás tu — *"de saber se a amizade*

11

12

deve ser desejada por si mesma". Pelo contrário, nada importa mais demonstrar, porquanto, se deve ser desejada por si mesma, então pode aceder a ela precisamente aquele homem que se basta a si próprio. *"Aceder a ela de que modo?"* Do mesmo modo que à contemplação de um objecto belo: nem movido por baixo interesse, nem receoso dos caprichos da fortuna. Conciliá-la com vista às situações favoráveis, significa despojar a amizade da sua majestade própria.

13 *"O sábio basta-se a si mesmo."* Amigo Lucílio, muita gente interpreta incorrectamente esta máxima, afastando o sábio do mundo que o rodeia e reduzindo-o aos limites do seu corpo. Por conseguinte é imprescindível distinguir bem o que significa, e qual o alcance desta frase: o sábio basta-se a si mesmo para viver uma vida feliz, não simplesmente para viver, na medida em que para viver carece de muita coisa, mas para ter uma vida feliz basta-lhe possuir um espírito são, elevado e indiferente à fortuna. **14** Vou citar-te também uma análise apresentada por Crisipo. Diz ele que o sábio não carece de nada, conquanto precise de muitas coisas: *"o insensato, pelo contrário, não precisa de nada (precisamente porque não sabe o uso correcto de nada), no entanto carece de tudo"*[22]. O sábio precisa das mãos, dos olhos, de muita coisa necessária à vida quotidiana, mas não carece de coisa alguma: carecer implica ter necessidade, ser sábio implica não ter necessidade de nada. **15** Por isso mesmo, embora se baste a si próprio, precisa de ter amigos; deseja mesmo tê-los no maior número possível, mas não para viver uma vida feliz, pois é capaz de ter uma vida feliz mesmo sem amigos. O bem supremo

---

[22] Crisipo, *in* S.V.F., III, 674.

não vai buscar instrumentos auxiliares fora de si mesmo; está concentrado em si, reside inteiramente em si; se for buscar ao exterior alguma parte de si, principiará a

16 submeter-se à sorte. *"Como será eventualmente a vida do sábio se tombar no cativeiro, isolado e sem amigos, se for abandonado no meio dum povo estranho, se errar pelo oceano em longas travessias, se for parar a um local deserto?"* Será como a vida de Júpiter: quando o universo se dissolver e todos os deuses se confundirem na unidade, quando gradualmente a natureza for perdendo o movimento, ele repousará em si mesmo, todo entregue ao seu pensamento[23]. O mesmo fará o sábio: fechar-se-á dentro

17 de si, estará na presença de si próprio. Enquanto lhe for possível ordenar a vida à sua vontade, ele basta-se a si mesmo, mas contrai matrimónio; basta-se a si mesmo, mas procria filhos; basta-se a si mesmo, mas deixaria de viver se o não pudesse fazer entre os homens. Não é qualquer consideração utilitária que o incita à amizade, é sim uma disposição natural; tal como existe em nós uma atracção inata para outras coisas, assim existe para a amizade. Tal como é a natureza que gera o horror à solidão e a procura de companhia, que atrai o homem para o seu semelhante, também é um instinto natural que nos leva a

18 procurar arranjar amizades. Conquanto seja amicíssimo dos seus amigos e os coloque a par, ou, tantas vezes, acima de si mesmo, nem por isso o sábio deixará que tudo quanto para ele é bem dependa do exterior, e fará suas as palavras de Estilbão, desse Estilbão que Epicuro tanto ataca na sua carta. A sua cidade fora tomada, os filhos e a mulher pereceram, tudo era pasto das chamas; sozinho; e apesar

---

[23] Cf. Crisipo, *in* S.V.F., II, 1065 — Alusão à teoria estóica da conflagração.

de tudo feliz, Estilbão partia, quando Demétrio, aquele que das cidades destruídas tomou o cognome de Poliorcetes, lhe perguntou se havia perdido alguma coisa. Resposta do filósofo: *"não, todos os meus bens estão aqui comigo"*. Isto é que é ser um homem forte e indomável, capaz de vencer a própria vitória do seu inimigo! *"Nada perdi"*, disse ele; e com isto forçou Demétrio a duvidar do seu triunfo. *"Todos os meus bens estão aqui comigo"*: a justiça, a virtude, a prudência, este simples facto de não considerar como bem algo que se possa perder. Nós admiramos certos animais capazes de atravessarem as chamas sem nada sofrer; quanto mais admirável é um homem capaz de passar ileso e inatacável por entre as armas, a destruição, o fogo! Estás vendo como pode ser mais fácil vencer um povo inteiro do que um único homem? Esta simples frase faz de Estilbão um estóico, capaz, ele também, de preservar os seus bens entre o incêndio total da cidade. Basta-se a si mesmo: esta a fronteira que coloca à sua felicidade. **19**

20 Não penses que só nós somos capazes de proferir sentenças sublimes. O próprio Epicuro, o crítico de Estilbão, disse uma frase semelhante; aceita-a como presente meu, apesar de por hoje já ter pago o tributo. *"Quem considera diminutos os seus bens mesmo quando é senhor de todo o mundo, esse homem é um indigente."*[24] Ou, se preferires a mesma coisa dita de outra maneira (pois é preciso habituarmo-nos a considerar o sentido sem ficarmos presos às palavras): *"indigente é o homem que se não julga imensamente feliz mesmo que seja imperador do mundo"*. E para que vejas como este pensamento foi **21**

[24] Epicuro, fr. 474 Usener.

ditado pela natureza à sabedoria popular citar-te-ei este verso dum poeta cómico:

não é feliz o homem que se não julga feliz[25].

22 Que importa, de facto, a situação em que te encontras se tu a considerares má? *"Como é isso? Então se um ricaço desonesto, se um homem senhor de muitos escravos mas escravo ainda de mais, disser:* "eu sou feliz!", *o facto de pronunciar esta frase fará dele um homem feliz?"* Não, o que interessa não é o que ele diz, mas o que sente e o que sente continuamente e não num dia qualquer. E não receies que tão afortunada situação possa ser apanágio de um ser indigno: só o sábio se contenta com o que tem, todos os insensatos sofrem de descontentamento consigo mesmos.

10

1 É assim como te digo, não mudo de opinião: evita as multidões, evita os pequenos grupos, evita mesmo os indivíduos isolados. Não conheço ninguém com quem goste de te ver em comunicação. Repara, porém, no juízo que faço a teu respeito: ouso confiar-te a ti mesmo. Segundo corre, Crates, um discípulo daquele Estilbão de que te falei na carta anterior, viu um dia um jovem passeando sozinho e perguntou-lhe o que fazia, assim isolado. O jovem respondeu: *"Falo comigo mesmo."* Então Crates retorquiu: *"Tem cuidado, toma bem atenção no que fazes: olha que estás falando com um homem de mau carácter."*

---

[25] Ribbeck[3], com. pall. inc., 77 (p. 147); Meyer atribui o verso a Publílio Siro (= N 61); Bücheler pensa que se trata de um verso grego traduzido por Séneca.

Quando alguém se encontra dominado pela dor ou pelo medo, costumamos vigiá-lo, não vá ele fazer mau uso da sua solidão. Pessoas de pouco discernimento não devem ficar entregues a si próprias: ou tomam decisões erradas, ou assumem atitudes perigosas, para os outros ou para si mesmas, ou se deixam guiar por propósitos desonestos; tudo quanto o medo ou o pudor lhes escondia no ânimo vem ao de cima, provoca o atrevimento, agudiza a sensualidade, desperta a cólera. Em suma, a única vantagem da solidão — não confiar segredos, não temer denúncias — o insensato perde-a, pois é ele próprio que se trai. **2**

Vê assim que esperanças tenho a teu respeito, ou melhor, que confiança (pois a "esperança" refere-se a um bem ainda incerto) tenho em ti, a ponto de não conhecer ninguém cuja companhia te seja preferível à tua própria. Recordo-me da energia com que pronunciavas certas máximas, e de como estas estavam cheias de vigor; como eu me congratulei desde logo, dizendo: "estas frases não vêm somente da boca, são palavras que assentam em base sólida; este homem não é um indivíduo vulgar, é sim alguém que visa a salvação"! Fala e age sempre com esse propósito, atenta a que coisa alguma te desanime. Pede aos deuses que te libertem dos teus votos de antigamente e formula outros inteiramente novos: pede-lhes sabedoria, pede-lhes impecável saúde de espírito, e só depois também a do corpo. Porque não hás-de formular tais votos com frequência? Pede sem receio à divindade que lhes dê seguimento: nada pedirás que não esteja em seu poder! **3** **4**

Para terminar esta carta com a pequena oferenda do costume, aqui tens esta verdade que colhi em Atenodoro: *"podes estar certo de que te libertaste totalmente das paixões quando chegares ao ponto de não pedires aos deuses senão o que fores capaz de pedir em voz alta!"* Mas como **5**

é grande, no geral, a insensatez dos homens que, murmurando, dirigem aos deuses as mais sórdidas preces! Calam-se se alguém as tentar ouvir mas dizem à divindade palavras que não querem que outro homem escute. Repara, portanto, se não será salutar este preceito: vive com os homens como se a divindade te observasse; fala com a divindade como se os homens te escutassem.

11

1 Estivemos conversando, o teu amigo e eu, e esta primeira conversa revelou-me o seu bom carácter, deu-me a conhecer quanto nele há de ânimo, de inteligência, mesmo já de progresso no campo filosófico. Como que me deu a provar aquilo que virá a ser no futuro, tanto mais que a conversação não fora preparada, mas correu de improviso. Enquanto procurava dominar-se, só a custo reprimiu a timidez — indício positivo, tratando-se dum jovem —, o que prova como era sentido o rubor que lhe cobriu o rosto. Creio bem que, mesmo quando obtiver a autoconfiança e se libertar de todos os seus vícios, até quando for já um sábio, nunca perderá a tendência para corar. Nenhuma sabedoria, de facto, nos poderá libertar de certas fraquezas físicas naturais[26]: tendências inatas, congénitas, a 2 prática pode abrandá-las, nunca suprimi-las. Há homens, mesmo muitíssimos senhores de si, que, em presença do público, se cobrem de suor como se estivessem mortos de

[26] No texto latino ocorre: *naturalia corporis aut animi uitia* "defeitos naturais do corpo ou do espírito"; na tradução, a exemplo da maioria dos editores, eliminou-se a expressão *aut animi*, segundo correcção proposta por Madvig.

fadiga ou de calor; outros, quando se aprestam para discursar, ficam sem força nas pernas, a outros batem os dentes, entaramela-se a língua, colam-se os lábios. Contra isto não há técnica ou prática que valha; a natureza exerce os seus direitos e mesmo às pessoas mais firmes faz sentir essa sua debilidade. **3** Entre tais debilidades pode incluir-se a tendência para corar, capaz de ocorrer subitamente mesmo às pessoas mais austeras. É, todavia, mais frequente nos jovens, que têm o sangue mais quente e o rosto mais delicado; no entanto também se verifica nas pessoas maduras ou velhas. Há homens que nunca são tão temíveis como quando ruborizados, como se o facto significasse que perderam toda a vergonha. **4** Sula, por exemplo, nunca era tão violento como quando o sangue lhe afluía ao rosto. Nada era mais instável do que o rosto de Pompeio o qual, quando falava em público, especialmente na assembleia popular, corava sempre. Lembro-me de ver Fabiano, ao comparecer como testemunha ante o senado, ficar todo corado, sinal de pudor que lhe convinha maravilhosamente. **5** Ora o facto não resulta de qualquer defeito intelectual, mas sim do inesperado duma situação, que pode, senão inibir, pelo menos perturbar os inexperientes que, por natureza, tendem a ruborizar-se com facilidade. Assim como há pessoas de sangue calmo, outras há que o têm vivo e ágil, capaz de afluir rapidamente ao rosto. **6** Tais fenómenos, conforme disse, não há sabedoria que os suprima; doutro modo a sabedoria, se pudesse erradicar todos os defeitos, teria um poder absoluto sobre a natureza. Aquilo que nos foi dado pelos condicionalismos do nascimento e da constituição física, por muito que, longamente, o espírito tenha trabalhado por aperfeiçoar-se, nunca nos abandonará, são fenómenos que não podemos impedir, nem simultaneamente, podemos provocar. **7** Os actores

de teatro, os quais devem imitar paixões, exprimir medo e ansiedade, denotar tristeza, servem-se, para imitar a vergonha, destes artifícios: baixar o rosto, mastigar as palavras, manter os olhos fixos no chão. Corar, todavia, é coisa que são incapazes de fazer! O rubor nem se impede, nem se provoca deliberadamente. Contra fenómenos deste género a sabedoria nada garante, nada consegue; são fenómenos naturais, ocorrem sem nós querermos, esvaem-se sem nós querermos.

8 Esta carta já está reclamando o brinde final. Cá vai ele! É bem útil e salutar esta máxima que pretendo ver gravada no teu espírito: *"devemos eleger um homem de bem como modelo e tê-lo sempre diante dos olhos, de modo a vivermos como se ele nos observasse, a proce-* **9** *dermos como se ele visse os nossos actos"*[27]. Este preceito, caro Lucílio, foi enunciado por Epicuro, que assim nos dota de um vigilante, de um pedagogo; e com razão, pois grande parte das faltas não seria cometida se ante os faltosos se erguesse uma testemunha. Que a nossa alma, portanto, tenha um modelo a quem venere e graças a cuja autoridade torne mais nobre mesmo o seu mais íntimo recesso. Feliz o homem que, não apenas pela sua presença, mas até só pela sua imagem torna os outros melhores! Feliz o homem capaz de ter por alguém tanto respeito que a simples lembrança do modelo basta para lhe dar ordem e harmonia espiritual! Quem for capaz de ter por alguém um tal respeito, em breve inspirará por **10** seu turno respeito idêntico. Escolhe, por exemplo, Catão; se este te parecer demasiado rígido, escolhe Lélio, que é homem de espírito mais maleável. Escolhe alguém cuja

---

[27] Epicuro, fr. 210 Usener.

vida, cujas palavras, cujo rosto, enfim, espelho da própria alma, sejam do teu agrado. Contempla-o sempre, ou como teu vigilante, ou como teu modelo. Temos necessidade, repito, de alguém por cujo carácter procuremos afinar o nosso: riscos tortos só se corrigem com a régua!

12

1 Para onde quer que me vire, vejo indícios da minha velhice. Tinha ido à minha quinta nos arredores e queixava-me das despesas a fazer com uma casa em ruínas. O feitor diz-me que o mal não está em falta de cuidados seus, simplesmente a casa é velha. Ora esta casa cresceu entre as minhas mãos: como não estarei eu, se tão podres estão estas pedras da minha idade? 2 Irritado, aproveito a primeira ocasião para me zangar com o homem. "Parece" — digo-lhe eu — "que estes plátanos não são cuidados. Não têm folhas nenhumas! Olha como os ramos estão nodosos e ressequidos, como os troncos estão macilentos e sujos! Isto não aconteceria se as árvores fossem escavadas e regadas!". O homem jura pelo meu Génio[28] que faz tudo o que é preciso, que toma todos os cuidados necessários: elas é que já são velhotas! Aqui entre nós, fora eu que as plantara, eu que vira brotar as suas primeiras folhas.

3 Virei-me para a porta. "Quem é este?" — perguntei. "Este velho decrépito que, com toda a razão, puseram junto da porta? Onde foste desencantar este indivíduo?

[28] Na religião romana, o Génio [*Genius*] era uma das divindades domésticas (a par dos *Lares* e dos *Penates*) individualmente associada a cada homem: cada homem possuía o seu *Genius*, tal como cada mulher possuía uma contrapartida feminina, a sua *Iuno*. Especialmente venerado era, em cada casa, o *Genius* do chefe de família, simbolizado por uma serpente pintada no altar.

Que ideia foi essa de ir buscar um morto que não é nosso?" Diz-me o velho: "Então não me conheces? Eu sou Felicião, a quem tu costumavas oferecer bonecos[29], sou o filho do teu feitor Filosito, o teu companheiro preferido". "Belo" — digo eu — "este está doido; catraio, e ainda por cima armado em meu companheiro preferido! Até está correcto: já lhe estão caindo todos os dentes!..."

4 Fico em dívida com a minha quinta: para onde quer que me virava fazia-me dar conta da minha velhice. Pois abracemo-la, apreciemo-la: se a soubermos usar, a velhice é uma fonte de prazer. Os frutos tornam-se mais agradáveis quando estão a ficar passados; é no seu termo que mais brilha a graça da infância; aos bebedores, o último copo é que dá mais prazer, aquele que culmina e dá o último impulso à embriaguez; aquilo que cada prazer tem **5** de mais saboroso é guardado para o fim. É extremamente agradável esta idade, já tendente para o fim embora ainda não a tombar; estar prestes a atingir a beira do telhado, acho que é situação dotada dos seus encantos; ou pelo menos, em vez de encantos, bastará a simples ausência de necessidades. Como é bom já ter cansado os nossos desejos, tê-los abandonado.

6 *"Mas é penoso"* — dirás — *"ter a morte diante dos olhos."*

---

[29] Por ocasião das Saturnais (*Saturnalia*), antigas festas do calendário romano celebradas por volta de 17 de Dezembro de cada ano em honra de Saturno, era costume haver troca de presentes entre amigos, e mesmo, como é aqui o caso, entre senhores e escravos (por ex. os livros XIII e XIV de Marcial recolhem uma colecção de epigramas apensos pelo poeta a presentes oferecidos por essas festas). Neste período, os escravos gozavam em relação aos seus senhores de uma grande liberdade, como pode verificar-se, u.g., na sátira 7 do livro II de Horácio (diálogo entre o Poeta e o seu escravo Davo).

Bom, ter a morte diante dos olhos é coisa que tanto deve fazer um velho como um jovem (já que ela nos não chama por ordem de idades); além disso, não há ninguém tão velho que não tenha direito a esperar um dia mais. Aliás, um dia é um degrau na vida. Toda a nossa existência consta de partes, de círculos concêntricos em que os maiores abarcam os menores: há um círculo que os abarca e rodeia a todos (este é o que contém todo o tempo do nascimento à morte); há outro que delimita os anos da adolescência; outro que dentro da sua órbita rodeia os anos da infância; além disso, cada ano de per si contém as subdivisões do tempo, de cuja combinação resulta a nossa vida; um mês está contido num círculo menor; um dia tem um perímetro ainda mais curto, mas mesmo ele tem um princípio e um fim, uma origem e um termo. Por isso dizia Heraclito, o filósofo que deveu a fama à sua **7** linguagem obscura, *"que qualquer dia é igual a todos os outros"*[30].

Esta ideia foi expressa por outros, cada qual da sua maneira. Disse um que é igual em número de horas, e com razão, pois, se um dia é um espaço de tempo de vinte e quatro horas, necessariamente todos os dias são iguais entre si: a noite tem a mais o que o dia tem a menos. Disse um outro que todos os dias são iguais na sua aparência geral, porquanto nada há num enorme espaço de tempo que se não possa encontrar num único dia — a luz e as trevas; no constante alternar do universo, tudo isto aparece multiplicado, mas não diferente, ...[31] apenas numas vezes mais curto, noutras mais dilatado. Organize- **8** mos, portanto, cada dia como se fosse o final da batalha,

---

[30] Heraclito fr. 106 Diels-Kranz.

[31] O texto apresenta aqui uma lacuna.

como se fosse o limite, o termo da nossa vida. Pacúvio, que usufruía da Síria como se lhe pertencesse de direito[32], depois de a si mesmo se ter celebrado com libações e sumptuosos banquetes fúnebres, fazia-se transportar do festim para o quarto entre as palmas dos seus "amiguinhos" que cantavam em coro: *βεβίωται, βεβίωται*[33]. Todos os dias fez o seu próprio funeral. Ora o que ele fazia com a consciência pesada façamo-lo nós com ela tranquila, e ao irmos dormir digamos, com satisfação e alegria,

9

vivi, cumpri o curso que a fortuna me deu[34].

Se a divindade nos conceder o novo dia, aceitemo-lo com alegria. O mais feliz dos homens, o dono seguro de si próprio é aquele que aguarda sem ansiedade o dia seguinte. Quem quotidianamente diz: "vivi"!, quotidianamente ficará a lucrar.

10 Mas já é altura de fechar esta carta. — *"Olá! Então e ela vem sem me trazer brinde?"* — Não te assustes: vai levar qualquer coisa. Qualquer coisa, não: muita coisa. Que há, na verdade, de mais notável que esta frase que eu aqui incluo para ti? *"É um mal viver na necessidade, mas não há qualquer necessidade de viver na necessidade."*[35] Como não seria assim? Em todo o lado estão patentes as vias para a liberdade: muitas, curtas e fáceis. Agradeçamos à divindade o facto de ninguém poder ser obrigado a permanecer vivo: é-nos possível dar um pontapé na própria necessidade.

---

[32] O governador efectivo da Síria, nomeado por Tibério, era Élio Lâmia, que, impedido de sair de Roma pelo Imperador, administrava a província por intermédio do seu legado Pacúvio (cf. Tácito, *Anais*, VI, 27 e I, 80).

[33] *"Já viveu, já viveu!"* (isto é, "está morto"!)

[34] Vergílio, *Aen*, IV, 653.

[35] Epicuro, fr. 487 Usener.

Dirás tu: *"Essa frase é de Epicuro; para quê recorrer à propriedade alheia?"* Tudo quanto é verdade, pertence-me. E vou continuar a citar-te Epicuro para que todos quantos juram pelas palavras e se interessam, não pela ideia mas pelo seu autor, fiquem sabendo que as ideias correctas são pertença de todos. **11**

LIVRO II

(Cartas 13-21)

13

Sei que tens muita força de ânimo. Mesmo antes de **1** começares a aprender os nossos preceitos, tão salutares e tão capazes de nos fazerem afrontar vitoriosamente as situações mais duras, já te comprazias em fazer face à fortuna. Muito mais animoso estás agora depois que iniciaste com ela a luta corpo a corpo e experimentaste as tuas próprias forças; na realidade, apenas podemos confiar na nossa força quando aqui e ali deparamos com várias dificuldades, sobretudo quando uma vez por outra nos atingem muito de perto. É assim que se vê até onde chega a verdadeira coragem, aquela que nunca abdicará do seu livre arbítrio; tal situação é a verdadeira pedra de toque do nosso ânimo. Um atleta que nunca foi ferido é incapaz de **2** afrontar o combate de ânimo alto. Só aquele que viu correr o próprio sangue, que sentiu os dentes rangerem sob os golpes, que, lançado por terra, suportou sobre o corpo o peso do adversário sem, embora abatido, nunca deixar abater o ânimo, só aquele que se ergue com mais energia de cada vez que é derrubado pode descer à arena com esperança de vencer. Prosseguindo com este símile, direi **3** que já várias vezes a fortuna te deitou ao chão sem que te confessasses vencido; pelo contrário, ergueste-te de novo e

retomaste a luta com energia dobrada. A virtude autêntica ganha novas forças de cada vez que sofre um golpe.

4 Se estás de acordo, contudo, dar-te-ei conselhos que te ajudarão a reforçar o teu vigor. Mais numerosos são, Lucílio, os nossos temores que as nossas verdadeiras aflições; e mais frequentemente nos angustia a nossa imaginação do que a realidade. Não te estou falando em linguagem de estóico, mas sim em linguagem menos rigorosa. O que nós, estóicos, de facto afirmamos é que tudo o que nos suscita murmúrios e suspiros não tem a mínima importância e só merece desprezo. Deixemos, portanto, as grandes frases, que, todavia, — ó deuses!, — são bem verdadeiras. Dar-te-ei somente este preceito: não sejas desgraçado antes de tempo, pois o que tu temes como coisa iminente talvez nunca venha a suceder; pelo menos, é

5 certo que ainda não sucedeu! Certas coisas angustiam-nos mais do que há razão para tal; outras angustiam-nos antes que haja razão; outras angustiam-nos sem a mínima razão. Isto é, ou exageramos o nosso sofrimento, ou o sentimos por antecipação, ou apenas o imaginamos!

Este ponto é controverso e sujeito a discussão: discutamo-lo desde já. Aquilo que eu considero sem importância poderás tu afirmar ser extremamente doloroso: sei bem que há homens capazes de rir sob o chicote enquanto outros gemem a uma simples bofetada. Veremos mais tarde se estas situações se impõem devido à sua gravidade intrínseca ou se o fazem por causa da nossa debilidade.

6 Por agora toma atenção a este conselho. Quando tiveres à tua volta pessoas empenhadas em persuadir-te de que és um desgraçado pensa bem, não nas palavras que ouves, mas sim naquilo que tu próprio sentes; analisa a tua capacidade de resistência e, pois és o melhor conhecedor de ti mesmo, interroga-te: "*Qual a razão por que eles me*

lamentam? Por que motivo estremecem, porque receiam que os contagie, como se uma desgraça se pudesse transmitir? O que me aflige é um mal real, ou é antes, somente, um "mal de opinião"? Pergunta a ti mesmo: *"será que sofro e me aflijo sem motivo, que imagino um mal onde não existe?"*

7 Estou a ouvir a tua pergunta: *"Mas como hei-de eu saber se o que me atormenta é imaginário ou é real?"* Aqui tens a receita! Os nossos tormentos existem ou no presente, ou no futuro, ou em ambos. Sobre o presente é fácil ajuizar. O teu corpo está são e escorreito, não foste vítima de qualquer violência física: pois amanhã logo se verá o que sucede, por hoje não há qualquer problema.

8 *"Mas há-de haver!"* — dirás tu. Ora repara se podemos tomar como argumentos válidos os males futuros! O pânico que nos toma apenas provém de suspeitas, de ilusões. É como na guerra: um boato basta para dar como perdida a batalha; um mero boato faz dum homem um vencido! É assim mesmo, amigo Lucílio: aceitamos de chofre a opinião vulgar. Não observamos nem analisamos criticamente as causas dos nossos temores; enchemo-nos de medo e largamos a fugir como aqueles soldados que saem do acampamento por verem ao longe a poeira levantada por um rebanho, como aqueles a quem um boato anónimo

9 enche de pânico. As angústias ilusórias são mesmo mais perturbadoras, não sei porquê! As autênticas ainda mantêm certos limites; as incertas, porém, dão toda a margem às conjecturas e fazem perder o norte aos ânimos medrosos. Não há tipo de terror tão funesto, tão incontrolável como o pânico; se o medo faz perder a razão, o pânico

10 gera a completa loucura. Analisemos, portanto, a situação com o máximo cuidado. É natural que no futuro nos suceda um mal qualquer: o facto é que de momento ainda

não existe. E quanta coisa não sucede sem nós esperarmos! Quanta coisa nós esperamos que nunca sucede! Mesmo que seja certo um mal futuro, para quê começar a sofrer antecipadamente? Logo sofrerás quando ele chegar; por

11 agora, pensa em coisas mais agradáveis. Assim irás aproveitando o teu tempo: já é uma vantagem! Muitas circunstâncias podem surgir que suspendam, eliminem ou desviem sobre outro um perigo próximo, ou mesmo já iminente. Um incêndio pode permitir-nos a fuga; um edifício que tomba em ruínas pode depositar-nos no chão, ilesos; uma espada prestes a degolar-nos pode ser desviada; e há quem tenha sobrevivido ao carrasco que lhe fora designado. A adversidade também tem a sua inconstância. Talvez nos atinja, ou talvez não; entretanto está longe: pensemos em coisas mais alegres!

12 Frequentemente, sem que ocorra qualquer sinal anunciador de algum mal futuro, o nosso espírito cria ideias falsas. É uma palavra ambígua que se interpreta no sentido mais desfavorável; é uma ofensa, mais grave que na realidade é, que se atribui a alguém, pensando-se não até que ponto esse alguém está irado, mas sim o que ele poderá fazer se estiver irado! A vida perde qualquer sentido, a desgraça não conhecerá qualquer limite se nos pusermos a recear tudo quanto pode acontecer. Ajude-te neste ponto a tua capacidade de discernimento, e afasta para longe, com força de ânimo, mesmo um medo motivado. Se o não conseguires, então combate um vício com outro vício, e contrabalança o medo com a esperança. Por muito certos que sejam os nossos temores, mais certo ainda é que um dia o que tememos há-de cessar, tal como

13 o que esperamos nos virá a decepcionar. Pondera, portanto, os motivos de esperança e de medo, e sempre que as coisas te apareçam todas como ambíguas, age pelo me-

lhor e acredita no que preferires. Ainda que o medo disponha de mais argumentos, mesmo assim toma de preferência este partido: não te deixes perturbar, pensa imediatamente que a maior parte dos homens, sem que qualquer mal os aflija nem os venha a atingir como coisa inevitável, se deixam ir à deriva guiados pelas suas paixões. Ninguém resiste ao próprio impulso que tomou, ninguém sabe adequar o seu medo à realidade. Ninguém sabe dizer que o medo é mau conselheiro, que gera falsas ideias, ou acredita nelas. Deixamo-nos guiar ao sabor do vento; receamos o ambíguo como se fosse indiscutível; não agimos com conta, peso e medida, uma simples inquietação logo se transforma em terror!

14 Até sinto vergonha de usar contigo esta linguagem e de te confortar com conselhos tão banais. Um homem vulgar dirá: "*Talvez este mal não ocorra!*" Tu, porém, deves dizer: "*E se ocorrer, qual é o problema? Veremos qual de nós se deixará vencer! Talvez um mal venha em meu benefício, talvez uma morte assim enobreça a minha vida.*" Foi a cicuta que deu grandeza a Sócrates! Tira a Catão o gládio com que assegurou a sua liberdade, e tirar-lhe-ás grande parte da sua glória! **15** Já estou, porém, a exortar-te há demasiado tempo, quando tu necessitas mais de conselhos práticos que de exortações. Não te estou conduzindo por uma via contrária à tua natureza: tu nasceste dotado para este tipo de filosofia. Mais uma razão para acrescentares e ilustrares as boas qualidades que já são tuas.

16 Mas é tempo de terminar esta carta. Só falta imprimir nela o sinete, isto é, citar alguma máxima importante sobre a qual tu medites.

17 *"Entre outros defeitos, a insensatez tem ainda mais este: está sempre no início da vida."*[1] Pondera no que significa esta frase, Lucílio, meu amigo caro entre todos! Verás como é repugnante a inconstância dos homens que todos os dias constroem novos fundamentos para a sua vida, e que mesmo à beira da morte concebem novas esperanças. Observa-os um por um: encontrarás alguns velhos que, com o máximo empenho, enveredam pela intriga política, pelas grandes expedições, pela vida dos negócios. Que há de mais repugnante do que um velho iniciando uma nova vida? Não acrescentaria o nome do autor desta frase se não se desse o facto de ela ser pouco conhecida e não pertencer ao número das máximas divulgadas de Epicuro que eu me tenho permitido citar e adoptar como minhas!

14

1 Admito que é inata em nós a estima pelo próprio corpo, admito que temos o dever de cuidar dele. Não nego que devamos dar-lhe atenção, mas nego que devamos ser seus escravos. Será escravo de muitos quem for escravo do próprio corpo, quem temer por ele em demasia, quem tudo fizer em função dele. 2 Devemos proceder não como quem vive no interesse do corpo, mas simplesmente como quem não pode viver sem ele. Um excessivo interesse pelo corpo inquieta-nos com temores, carrega-nos de apreensões, expõe-nos aos insultos; o bem moral torna-se desprezível para aqueles que amam em excesso o

[1] Epicuro, fr. 494 Usener.

corpo. Tenhamos com ele o maior cuidado, mas na disposição de o atirar às chamas quando a razão, a dignidade, a lealdade assim o exigirem. De qualquer modo evitemos **3** quanto possível mesmo os incómodos, e não somente os perigos, coloquemo-nos em lugar seguro mas reflectindo desde logo nos meios como afastar os motivos de temor. Tais motivos, se bem me lembro, são de três tipos: podemos temer a indigência, ou as doenças, ou as violências perpetradas pelos poderosos. De todos eles nada nos abala mais **4** do que os males ocasionados pela prepotência alheia, já que ocorrem acompanhados de imenso estrépito e agitação. As calamidades naturais que referi, indigência e doença, surgem silenciosamente e não incutem terror através da vista ou do ouvido; o terceiro tipo de desgraça ocorre entre grande alarido, faz a sua aparição entre armas, chamas, cadeias e bandos de feras treinadas para rasgar aos homens as entranhas. Imagina, neste momento, o cárcere, as cru- **5** zes, os cavaletes, os ganchos[2], o pau que atravessa todo o corpo e acaba por sair pela boca, os carros lançados em direcções opostas que despedaçam os membros, a célebre túnica revestida e entretecida de matérias inflamáveis e tudo o mais que a crueldade foi ainda capaz de inventar. Não é, portanto, de admirar se o perigo que mais receio **6** inspira é este, que se apresenta sob tanta variedade de formas e rodeado de aparato terrível. Tal qual como a tortura é tanto mais eficaz quanto mais instrumentos dolorosos exibir (e assim vence pela vista homens que resistiriam ao sofrimento), também daqueles receios que nos

---

[2] Os ganchos aqui referidos eram os que se usavam para arrastar os corpos dos supliciados até junto às *Gemoniae scalae* "as escadas dos gemidos", donde depois eram lançados ao Tibre.

afligem e abatem o ânimo, os mais eficazes são aqueles que se fazem ver. Há outras calamidades não menos graves — por exemplo a fome, a sede, as úlceras, a febre que parece queimar as entranhas —, mas que se não vêm, que não chamam a atenção, que se não exibem; aquelas outras, ao contrário, são como as guerras violentas, que nos vencem pelo seu aparato visível.

7 Tomemos, por isso, precauções para evitarmos ser ofensivos. Por vezes é de todo o povo que nos devemos precaver; outras vezes, quando o governo da cidade passa na sua maior parte pelo senado, são os seus membros que importa conciliar; outras, são homens que, a título pessoal, receberam do povo o poder que exercem contra o próprio povo. Tê-los a todos como amigos seria ingente tarefa; basta que os não tenhamos por inimigos. O sábio, consequentemente, não provocará as iras dos poderosos, antes as esquivará, tal como no mar procuramos esquivar as tempestades. Quando foste à Sicília tiveste de atravessar o

8 mar. Se o piloto é temerário não cuida dos perigos do austro[3], o vento que agita o mar da Sicília e provoca os remoínhos, nem se aproxima da margem à sua esquerda, antes navega por entre os turbilhões causados por Caríbdis. Um outro mais prudente inquere dos conhecedores do local o sentido das correntes ou os indícios a tirar das nuvens, e dirigirá a sua rota longe daquelas paragens tão tristemente famosas pelos seus vórtices. Idêntico método usará o sábio: evita a perniciosa companhia dos poderosos mas tomando cautela para não aparentar evitá-la; em grande parte a segurança reside em não a buscarmos de forma demasiado evidente, pois fugir de alguma coisa é o

---

[3] Vento sul.

mesmo que condená-la. Há, por conseguinte, que tomar todos os cuidados para nos precavermos do vulgo. Para começar, não devemos ter ambições: competição gera conflito! Em segundo lugar não devemos possuir nada capaz de ser aliciante para um eventual salteador: não ostentes quanto possível sobre ti o que possa ser tomado como espólio! Ninguém chega a matar o seu semelhante por puro prazer de matar, ou, pelo menos, muito poucos; mais numerosos são os que o fazem por cálculo do que por ódio. Qualquer ladrão deixa em paz quem nada tem; mesmo numa estrada infestada o pobre nada tem a temer. **9**

Há seguidamente três coisas que, segundo o velho provérbio, se devem evitar: o ódio, a inveja, o desprezo. O modo de consegui-lo, só a sabedoria pode indicá-lo. É, na verdade, difícil conseguir o equilíbrio, e por isso importa ter cuidado, não vá o medo da inveja fazer-nos incorrer no desprezo ou o receio de pisar os outros parecer significar que os outros nos possam pisar. O poder de inspirar temor tem sido para muitos causa de temor! Retiremo-nos com precaução de todas as frentes: tão perigoso é ser desprezado como inspirar suspeitas. **10**

A solução é procurar refúgio na filosofia: a prática do seu estudo exerce, já não digo sobre as pessoas de bem, mas mesmo sobre as não muito más, um efeito semelhante ao das insígnias sacerdotais. A eloquência forense, ou mesmo outra modalidade de eloquência que actue sobre as massas, gera inimizades; a filosofia, arte pacífica e concentrada sobre si mesmo, não pode incorrer no desprezo, ela que, mesmo entre gente inculta, leva a palma a todas as outras artes. Nunca a perversidade ganhará tanta força, nunca se encarniçará tanto contra a virtude, que o nome da filosofia não permaneça como algo venerável e sagrado. De resto, só com tranquilidade e modéstia se pode praticar a filosofia. **11**

12 Aqui objectarás tu: *"Pois quê, então achas que M. Catão praticou com modéstia a filosofia, ele que se atreveu a votar contra a guerra civil? Que ousou entremeter-se entre os dois generais entregues à fúria das armas? Que, enquanto uns invectivavam Pompeio e outros César, ousou*
13 *condená-los a ambos?"* Pode discutir-se se, numa ocasião daquelas, o sábio deveria ou não participar na vida política. Que objectivo visava Marco Catão? Já não estava em causa a liberdade, perdida de há muito. A questão era saber se o dono do Estado seria César ou Pompeio: que interessava a Catão essa disputa? Nenhum dos dois partidos era o seu! Escolhia-se um ditador: que lhe importava a ele qual seria o vencedor? Era possível que viesse a vencer o melhor, mas seria impossível que o pior não fosse o vitorioso! Mas estou-me referindo aos últimos tempos de Catão. Quanto aos anos precedentes, em que o Estado era disputado pela violência, também não eram próprios para aceitar a participação do sábio. Que outra coisa fez Catão senão vociferar palavras que ninguém ouvia, nesses dias em que ora era levado pelas mãos da populaça e, exposto aos seus escravos, era arrastado à força para fora do foro, ou conduzido do senado até ao cárcere?

14 Posteriormente havemos de ver se o sábio deve ou não dar a sua colaboração ao Estado. Por agora chamo a tua atenção para aqueles estóicos que, vivendo à margem da política, se dedicaram ao estudo da condução da vida e do estabelecimento dos direitos humanos sem incorrerem ao desagrado dos poderosos. O sábio não deve perturbar os costumes do vulgo nem levar uma vida estranha de
15 molde a atrair sobre si as atenções. *"Queres dizer que, usando esse sistema, ele estará sempre em segurança?"* Não te posso garantir isso, tal como não te posso garantir que uma vida regrada implique necessariamente uma exce-

lente saúde. Por vezes um navio pode afundar-se no porto: mas o que pensas tu não lhe sucederia no mar alto? A quantos perigos não ficaria mais exposto um homem de múltiplas actividades e empreendimentos se o próprio ócio não garante a segurança? Ocasionalmente são vitimados inocentes (quem o nega?), mas é mais frequente que o sejam culpados. Um esgrimista é atingido sob a armadura: tal não diminui a sua habilidade. Além disso o sábio pode responsabilizar-se pelas suas decisões, não pelo sucesso das mesmas. Se o início depende de nós, o resultado depende **16** da fortuna, sem que por isso eu lhe confira direitos a julgar-me. *"Mas assim poderás sofrer vexames, ou graves contrariedades."* Um salteador pode matar-me; condenar--me, isso não!

Neste momento estendes a mão para receber o tributo **17** diário. Vou encher-te as mãos de ouro e já que falei em ouro aprende a maneira de tirares dele o mais completo proveito. *"Aquele que melhor goza da riqueza é o que menos necessita da riqueza."*[4] *"Qual o autor?"* — perguntas. Para veres até que ponto sou tolerante decidi citar-te autores alheios: a frase é de Epicuro, ou de Metrodoro, ou de algum outro pensador lá dessa seita. Mas que interesse **18** tem o nome do autor se ele falou para benefício de todos? Quem necessita de riqueza está em ânsias por ela; ora ninguém goza um bem que é fonte de preocupações. Procura sempre acrescentar-lhe qualquer coisa, e enquanto pensa em aumentá-la, esquece-se de tirar dela partido. Confere as contas, gasta as lages do foro, compulsa os registos dos juros: em vez do dono dos bens, torna-se guarda-livros!

---

[4] Epicuro, epist. 3, p. 63, 19-20 Usener.

15

1 Costumavam os antigos (e o uso conservou-se até ao meu tempo) escrever logo a seguir à epígrafe das cartas estas palavras: "*Se estás de boa saúde, tanto melhor; eu estou de boa saúde.*" Quanto a nós teremos antes razões para dizer: "*se te aplicas à filosofia, tanto melhor*"! De facto é na filosofia que reside a saúde verdadeira. Sem ela, a alma estará doente e mesmo o corpo, embora dotado de grande robustez, terá somente a saúde própria dos demen-
2 tes, dos frenéticos.[5] Cultiva, portanto, em primeiro lugar a saúde da alma, e só em segundo lugar a do corpo; esta última, aliás, não te dará grande trabalho se o teu objectivo apenas for gozar de boa saúde. A ginástica destinada a desenvolver a musculatura dos braços, do pescoço, do tórax, é uma insensatez totalmente imprópria dum homem de cultura: ainda que sejas bem sucedido na eliminação da adiposidade e no crescimento da musculatura nunca igualarás nem a força nem o peso de um boi gordo! Pensa também que quanto mais volumoso for o corpo mais entravada e menos ágil se torna a alma. Por isso mesmo, limita quanto puderes o volume do teu corpo e dá o
3 máximo espaço à tua alma! Vários inconvenientes se oferecem a quem se preocupa em excesso com o físico: por um lado o esforço exigido pelos próprios exercícios tira-nos

---

[5] Uma das ideias em que Séneca não se cansa de insistir é a oposição entre os adeptos da filosofia, ou seja, aqueles que, com maior ou menor dificuldade, tentam aproximar-se do ideal do "sábio" *(sapiens)* estóico, e a grande massa dos *stulti*, os "insensatos, estúpidos, incultos, dementes". Deverá entender-se que Séneca, ao usar o adjectivo *stultus* ("estúpido") não está a fazer qualquer pressuposição sobre a inteligência do visado, mas tão somente a sublinhar o seu afastamento em relação ao modelo ideal da Escola.

o fôlego e deixa-nos incapazes de atenção e de aplicação a um trabalho intelectual intenso; por outro, o excesso de alimentos limita-nos a inteligência. Como mestres de cultura física recrutam-se escravos da pior extracção, homens que dividem o tempo entre o óleo[6] e o vinho — e que consideram bem sucedido o seu dia se transpiraram muito e se em compensação do suor derramado ingeriram bebidas em quantidade equivalente, e tanto mais eficazes se consumidas em jejum! Beber e suar: vida de quem sofre do estômago!

4 Há exercícios fáceis e breves que fatigam o corpo rapidamente e nos poupam tempo. Tais exercícios merecem sobretudo a nossa atenção: a corrida, os exercícios com halteres, os vários tipos de salto — em altura, em comprimento, o salto a que eu chamaria "à moda dos Sálios"[7], ou aquele outro que, em linguagem provocante, diria "o passo dos tintureiros"[8]. Escolhe algum destes exercícios, cuja execução não é difícil[9]. **5** Seja qual for o teu preferido, não deixes de passar depressa do corpo para a alma: a esta, dá-lhe exercício dia e noite. O exercício físico

---

[6] O óleo com que os atletas untavam o corpo antes dos exercícios físicos, nomeadamente a luta.

[7] O Colégio dos Sálios, confraria de sacerdotes consagrados ao culto do deus Marte, realizava anualmente no mês de Março uma procissão pelas ruas de Roma batendo nuns escudos sagrados que transportavam consigo (os *ancilia*), dançando uma dança guerreira ritual e entoando em honra do deus hinos cujo texto, na época de Quintiliano, já nem os próprios celebrantes compreendiam.

[8] O "passo dos tintureiros", ou seja, o pisar dos tecidos imersos em grandes tanques, não deveria diferir muito do antigo processo de espremer as uvas calcando-as em vastos recipientes.

[9] Tradução conjectural; a corruptela que o texto apresenta neste passo, objecto de diversas tentativas de correcção, ainda não foi sanada de modo a obter o consenso geral. De qualquer forma, o sentido não deverá ser muito diferente do que escrevemos.

não te exigirá grande esforço; o da alma, nem o frio ou o
6 calor o interrompe, nem mesmo a velhice. Cultiva, por conseguinte, um bem que vai melhorando com a idade! Não te digo que estejas sempre debruçado sobre um livro ou um bloco de apontamentos; é preciso dar à alma algum descanso, de modo tal, porém, que não perca a firmeza, apenas repouse um pouco.

Andar de liteira, obriga a movimentar o corpo e não prejudica a actividade intelectual: poderás ler, ditar, conversar, ouvir, — coisa, aliás, que o caminhar a pé também
7 te não impede de fazer. Não deverás também desprezar a educação da voz, conquanto eu te aconselhe a não a elevares gradualmente, e segundo modulações determinadas, para depois desceres ao registo grave. Pode ser também que te venha à ideia aprenderes o modo correcto de marchar!? Pois nesse caso podes socorrer-te desses homens a quem a fome ensinou novos ofícios: algum deles te corrigirá o ritmo da marcha, outro observar-te-á a boca enquanto comes, enfim, a tantos pormenores estarão atentos quantos a tua paciência crédula permitir à sua audácia!

Certamente não irás exercitar a voz começando de imediato aos gritos no tom mais agudo que puderes! O que é natural é ir elevando a voz a pouco e pouco, tal como, no tribunal, os oradores começam por falar em tom de conversa até passarem aos grandes clamores; ninguém começa desde logo por implorar a benevolência dos Quiri-
8 tes[10]! Assim sendo, e de acordo com a tua disposição de

---

[10] Quirites são os cidadãos romanos na plenitude dos seus direitos civis. A *captatio beneuolentiae* (o apelo à benevolência do povo romano) ocorria, por norma, no termo do discurso, quando o orador, depois de devidamente exposta a sua argumentação, recorria à emoção a fim de conciliar o favor da assembleia.

momento, admoesta os teus vícios ora com mais entusiasmo, ora com mais calma, conforme a orientação que a tua própria voz te aconselhar. E quando dominares a tua entoação e a pretenderes tornar mais tranquila, faz com que ela desça gradualmente, e não de chofre; conserva um registo médio, sem aquelas bruscas alterações de tom próprio de campónios iletrados. De facto, não é para exercitar a voz que fazemos estes exercícios mas para que através dela nos exercitemos nós!

9 Já te libertei duma preocupação de certa importância: uma pequena oferta — um dito grego — vai agora juntar-se ao benefício que já te fiz. Aqui tens um preceito notável: *"A vida do insensato carece de atractivos e abunda em temores, já que está totalmente orientada para o futuro"*[11]. Perguntas-me quem é o autor: é o mesmo que anteriormente. O que imaginas tu que se entende por "a vida do insensato"? A vida de Baba ou de Isião? Nada disso. É da nossa vida que se trata; é de nós, que não pensamos em como é agradável não ter de pedir seja o que for, em como é sublime sentirmo-nos satisfeitos e independentes da fortuna. **10** Pensa continuamente, Lucílio, em todos os bens que já conseguiste obter; e quando reparares naqueles que te levam vantagem, atenta igualmente em todos os que estão abaixo de ti. Se quiseres mostrar-te grato para com os deuses e para com o que a vida te deu, pensa no grande número daqueles a quem te superiorizaste. Mais: que te importam os outros, se te superiorizaste a ti mesmo?! **11** Marca um limite para lá do qual não passes, ainda que o pretendesses! Afasta duma vez por todas o desejo desses bens tão ilusórios, que até é

---

[11] Epicuro, fr. 491 Usener.

preferível apenas desejá-los sem os obter! De resto, se neles existisse algo de concreto, eles inevitavelmente nos saciariam; o que se passa de facto é que quanto mais os saboreamos mais lhes sentimos a sede. Afastemos de nós essas miragens sedutoras: tudo aquilo que se encontra nas incertezas do futuro, por que motivo me será mais vantajoso consegui-lo da fortuna, do que eu próprio disso prescindir? E porque não prescindir? Para quê esquecer-me da fragilidade humana e pôr-me a acumular bens? Para quê penar por eles? Este dia será o meu último dia; e se acaso o não for decerto que o meu fim já não está distante!

16

1 Tenho a certeza, Lucílio, que é para ti uma verdade evidente que ninguém pode alcançar uma vida, já não digo feliz, mas nem sequer aceitável sem praticar o estudo da filosofia; além disso, uma vida feliz é produto de uma sabedoria totalmente realizada, ao passo que para ter uma vida aceitável basta a iniciação filosófica. Uma verdade evidente, todavia, deve ser confirmada e interiorizada bem no íntimo através da meditação quotidiana: é mais trabalhoso, de facto, manter firmes os nossos propósitos do que fazer propósitos honestos. É imprescindível persistir, é preciso robustecer num esforço permanente as nossas ideias, se queremos que se tranforme em sabedoria o que apenas era boa vontade.

2 Por esta razão não precisas de gastar comigo tantas palavras nem de fazer tão longas profissões de fé: eu sei que tu já progrediste bastante. Sei bem de que fonte nascem as tuas palavras, que nem são fingidas nem exageradas. Dir-te-ei, contudo, o que penso: espero muito de ti,

mas não confio ainda totalmente. Aliás quero que tu faças o mesmo comigo, ou seja, que não acredites no que te digo com excessiva prontidão. Observa-te a ti mesmo, analisa-te de vários ângulos, estuda-te. Acima de tudo verifica se progrediste no estudo da filosofia ou no teu próprio modo de vida. A filosofia não é uma habilidade para **3** exibir em público, não se destina a servir de espectáculo; a filosofia não consiste em palavras, mas em acções. O seu fim não consiste em fazer-nos passar o tempo com alguma distracção, nem em libertar o ócio do tédio. O objectivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura à nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos actos, em apontar-nos o que devemos fazer ou pôr de lado, em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua à deriva entre escolhos. Sem ela ninguém pode viver sem temor, ninguém pode viver em segurança. A toda a hora nos vemos em inúmeras situações em que carecemos de um conselho: pois é a filosofia que no-lo pode dar. Haverá quem diga: *"De que me serve a filosofia se existe o destino? De que me serve ela se há um* **4** *deus que tudo dirige? De que me serve ela se tudo obedece ao acaso? De facto, tão impossível é alterar o que está predeterminado como tomar providências em relação ao que é incerto, pois ou as minhas decisões já foram antecipadas por um deus que me indicou como agir, ou então é a fortuna que nada deixa entregue ao meu arbítrio"*.

Qualquer que seja, caro Lucílio, o valor destes argu- **5** mentos, e mesmo que todos sejam válidos, devemos praticar a filosofia. Quer nos determine a lei inexorável do destino, quer algum deus moderador do universo ordene todos os acontecimentos, quer seja o acaso que, desordenadamente, empurre aos baldões o curso da vida humana, a filosofia deverá proteger-nos. Ela nos incitará a obedecer

espontaneamente à divindade, a resistir a pé firme à fortuna; ela nos ensinará a seguir a divindade, ou a suportar
6 o acaso. Mas não é agora oportuno começar a discutir os limites do nosso arbítrio no caso de haver uma providência ordenadora, de o curso do destino nos arrastar manietados, ou de predominarem as ocorrências súbitas e casuais. Agora regresso ao meu ponto de partida: aconselhar-te com todo o empenho que nunca deixes esmorecer ou esfriar o ímpeto que te vai na alma. Conserva-o, dá-lhe forma, de modo a que esse ímpeto de hoje se torne configuração permanente da tua alma.

7 Se bem te conheço, desde o início estás à procura do presentinho que esta carta te leva: sacode-a bem, e encontrá-lo-ás. Não te admires da minha generosidade: até agora estou sendo pródigo... de bens alheios. Mas porquê dizer "alheios"? Qualquer boa máxima, seja qual for o autor, é minha propriedade. Aqui tens, pois, outra sentença de Epicuro: *"Se viveres conforme a natureza, nunca serás pobre; se viveres conforme a opinião do vulgo, nunca*
8 *serás rico"*[12]. As exigências da natureza são exíguas; imensas, as da opinião do vulgo. Pode acumular-se nas tuas mãos a riqueza de muitos milionários; pode a fortuna dar-te um nível económico superior ao normal, cobrir-te de ouro, vestir-te de púrpura, elevar-te a um tal grau de luxo e requinte que caminhes sobre mármores, sem nunca veres um grão de terra; pode vir a ser-te possível calcar aos pés a riqueza, e não só possuí-la; podes ainda acrescentar estátuas, e pinturas, e tudo quanto as artes do luxo sabem
9 produzir: tudo isto só te ensinará a desejar ainda mais. Os desejos naturais são limitados; aqueles que são gerados por

[12] Epicuro, fr. 201 Usener.

falsas opiniões não conhecem limite algum, porquanto a falsidade não tem termo. Quem caminha por uma estrada chega sempre ao fim; o erro, esse não conhece medida. Afasta-te, portanto, dos vãos desejos. Quando quiseres saber se o teu desejo é de origem natural, ou se provém de falsa opinião, vê se ele pode encontrar um limite: se, por muito que obtenhas, é sempre mais o que te falta ainda obter, então podes ter a certeza de que é um desejo não natural.

17

1 Se és sábio, melhor, se quiseres ser sábio, deixa-te de fantasias e aplica as tuas forças a fim de atingires quanto antes a perfeição espiritual. Se algo te impede de avançar, liberta-te, corta o mal pela raiz. "*O que me impede*" — dizes tu — "*é o património familiar; quero dispor as coisas de modo que possa viver do rendimento, sem que a pobreza me seja um fardo, ou eu me torne um fardo para alguém*". 2 Ao falares assim pareces-me não dar conta de todos os recursos à disposição do bem em que estás pensando. Quero dizer, tu percebes o ponto essencial — a suprema utilidade da filosofia —, mas ainda não distingues com suficiente clareza os pontos de pormenor; ainda não sabes quanto ela nos pode ajudar em qualquer altura e, para usar os termos de Cícero, "corre em nosso auxílio"[13] nas situações mais graves, como de resto o faz mesmo em situações banais. Faz o que te digo, pede conselho à filosofia, e ela te convencerá a não te importares com as

---

[13] Cícero, *Hort.*, fr. 98 p. 326 Mueller.

3 contas! É esse então o teu problema, é por isso que adias a tua formação: para não teres de recear a pobreza! E não será a pobreza desejável? Muitos há a quem a riqueza impediu de dedicar-se à filosofia. A pobreza não é obstáculo, não é motivo de angústias. O pobre, quando ouve os clarins soarem, sabe que o caso lhe não respeita; quando ouve gritar por água, procura o meio de escapar ao fogo, sem cuidar dos objectos a salvar; se tem de viajar por mar, não provoca bulício no porto nem faz com que a escolta dum único viajante encha de estrépito o cais; não tem à sua volta uma multidão de escravos para cujo sustento seja preciso recorrer à fertilidade de regiões longín-
4 quas. Não tem problema sustentar meia-dúzia de estômagos de hábitos saudáveis e sem outra ambição senão serem saciados. A fome contenta-se com pouco, os paladares requintados é que têm grandes exigências. A pobreza limita-se a satisfazer as necessidades mais prementes: porque deverás tu recusá-la como companheira, se até os
5 ricos de bom senso lhe adoptam os hábitos? Se quiseres estar livre para cuidares da alma deverás ser pobre, ou fazer vida de pobre. O estudo da filosofia não dará fruto se não adoptares uma vida frugal; ora a frugalidade não passa de pobreza voluntária. Deixa-te, portanto, de pretextos: "*Ainda não tenho o rendimento suficiente; quando o obtiver, dedicar-me-ei inteiramente à filosofia*". Ora é precisamente a filosofia que tu deves obter antes de mais nada, em vez de a adiares, de a deixares para o fim; é por ela que tens de começar. "*Quero arranjar primeiro os meios de que viver*". O que deves é aprender a "arranjar-te" a ti mesmo: se algo te impede de viver bem, nada te
6 pode impedir de morrer bem. Não há qualquer razão para que a pobreza, ou mesmo a indigência, nos afaste da filosofia. Para obtermos os seus benefícios devemos supor-

tar até a fome! Quantas cidades cercadas não a aguentaram, sem esperanças de outra recompensa para o seu sofrimento para além de evitar sujeitar-se ao arbítrio dos vencedores? A recompensa que te promete a filosofia é de longe superior: a liberdade permanente, a ausência de receio quer ante os homens, quer ante os deuses. Para alcançar tal recompensa não achas que vale a pena suportar até a fome? Houve exércitos que experimentaram a mais completa carência, vivendo de raízes, matando a fome com coisas que só até o mencioná-las repugna; e aguentaram tudo para defender um reino — bem podes espantar-te — estrangeiro![14] Para libertar a alma das paixões haverá quem hesite em suportar a pobreza? Não há qualquer aquisição prévia a fazer: pode chegar-se à filosofia mesmo sem viático! Pois quê, depois de teres tudo o mais é que pretendes adquirir a sabedoria? Ela será apenas mais um objecto na tua vida, será, por assim dizer, um mero acessório? Ora bem: se tu já possuis alguma coisa começa a filosofar (doutro modo como saberás se as tuas posses não são já demasiadas?); se nada possuis, procura a filosofia antes de mais nada. "*Mas faltar-me-ão recursos indispensáveis*". Para começar, não poderão faltar-te recursos, porque as exigências naturais são mínimas e o sábio adapta-se ao que é natural. Se se vir reduzido às mais extremas carências, nesse caso abandonará a vida e deixará de ser um fardo para si próprio. Se dispuser dos recursos mínimos indispensáveis à conservação da vida, usará esses recursos e, sem se preocupar nem angustiar para além do indispensável, dará o "quanto baste" ao estômago e aos

7 **8** **9**

---

[14] Em *de ira* 3, 20, 2 Séneca relata como os soldados de Cambises, devido à imprevidência do rei, se viram forçados até a comer sola amolecida ao fogo.

músculos; observando as fadigas dos ricaços, a agitação sem freio da corrida às riquezas, o sábio, tranquilo e con-

10 tente, rir-se-á, dizendo: *"Para quê adiares a tua própria formação? Estás à espera de receberes juros, de tirares lucro de alguma operação comercial, de seres contemplado no testamento dum velho rico, quando podes tornar-te rico instantaneamente? A sabedoria pôe a riqueza à tua mão: ao mostrar que é supérflua, está como que a oferecer-*-*ta!"*. Mas estas considerações convirão melhor a outros; tu estás mais perto da gente abastada. Se mudares de época, serás rico em excesso, em todas as épocas uma só coisa permanece idêntica — aquilo que é bastante.

11 Já podia terminar aqui esta carta se não tivesse criado em ti certos maus hábitos! Aos reis Partos, ninguém os pode ir saudar sem levar uma oferenda; a ti, não posso dizer adeus sem um presente!... Pois bem, vou saldar a dívida com um dito de Epicuro:

"Conquistar riqueza tem sido para muitos não o fim, mas apenas a troca de miséria."[15]

12 Não é de admirar! O vício não está nas coisas, está na própria alma. O mesmo defeito que nos faz achar insuportável a pobreza faz com que achemos a riqueza insuportável! Podes deitar um enfermo num leito de madeira ou num leito de ouro, não há alteração, pois para onde quer que o leves ele levará consigo a sua enfermidade; do mesmo modo nada se altera se uma alma doente viver na riqueza ou na pobreza: o seu vício segui-la-á sempre.

---

[15] Epicuro, fr. 479 Usener.

18

Estamos em Dezembro: a cidade está coberta de suor! **1** A ostentação desregrada invadiu toda a vida colectiva. Fazem-se estrepitosamente enormes preparativos, como se existisse alguma diferença entre o período das Saturnais e os dias úteis. O facto é que não há qualquer diferença, e por isso mesmo acho que tem toda a razão quem afirma que se Dezembro em tempos foi um mês, agora é um ano inteiro![16]

Se estivesses aqui ao pé, de boa vontade trocaria **2** impressões contigo sobre qual te parece a atitude a adoptar: ou não alterar em nada os nossos hábitos quotidianos, ou então, para nos não julgarem contrários aos costumes da maioria, darmos algo de animação ao jantar e abstermo-nos de usar a toga. Na realidade, enquanto antigamente "mudávamos de roupa" em situações de grande agitação e de calamidades públicas, agora fazêmo-lo em atenção aos prazeres e aos dias de festa![17] Se bem te **3** conheço, no caso de teres de actuar como árbitro, não

---

[16] As Saturnais (v. livro I nota 29) comportavam elementos que em parte correspondem às nossas festas de Natal (a troca de presentes) e em parte (a licenciosidade) se aproximam do Carnaval. Na *Apocol.*, Séneca diz que Cláudio "qual príncipe de Carnaval, celebrava o mês de Saturno durante o ano inteiro" (8.2), e mais adiante comenta a tristeza dos adeptos do imperador falecido dizendo: "eu bem vos dizia que o Carnaval não havia de durar sempre!" (12.2).

[17] Antigamente, trocava-se a toga pelo trajo militar em períodos de guerra ("agitação"), ou por roupa de luto ("calamidades"); agora, só se usa roupa de festa, em especial adequada para os banquetes! Cf. Marcial, V, 79: *"Durante um só banquete, ó Zoilo, levantaste-te onze vezes, para onze vezes ires trocar a túnica festiva, não fosse a tua veste ficar húmida de suor ou uma corrente de ar fazer mal à tua cútis! Por que é que eu janto contigo, ó Zoilo, e não fico a suar? Porque a minha única veste dá-me frescura que baste!"*

consentirias que fôssemos nem totalmente semelhantes nem totalmente diferentes da multidão de barrete frígio.[18] A menos que consideremos dever ser sobretudo exigentes com a nossa alma em dias festivos, e sermos os únicos a renunciar aos prazeres numa ocasião em que toda a gente se lhes entrega. Será de facto uma prova segura de firmeza de ânimo não acompanhar, não se deixar guiar por
4 um ambiente aliciador de concessões à volúpia. Se é indício de maior constância mantermo-nos inteiramente sóbrios em meio de uma multidão ébria a ponto de vomitar, será mais moderada a nossa atitude se nos não situarmos à margem, não nos tornando notados nem nos deixando absorver na turba, isto é, se fizermos a mesma coisa mas com uma diferente disposição de espírito. Afinal de contas, é possível participar numa festa sem cair no deboche!

5 Tenho, aliás, tanta vontade de pôr à prova a tua firmeza de alma que, com base nos preceitos de filósofos ilustres, forjaria este outro preceito destinado à tua pessoa: fixa alguns dias intercalados nos quais mates a fome com alimentos exíguos e vulgares, e te vistas com roupa o mais possível grosseira, de modo a comentares para ti
6 próprio: *"era então disto que eu tinha medo?"* A alma deve preparar-se para as dificuldades durante os períodos de tranquilidade, deve-se fortalecer contra as injúrias da fortuna nos períodos em que ela nos sorri. Os soldados fazem manobras em tempos de paz, constroem paliçadas mesmo sem haver inimigos, treinam-se através de esfor-

---

[18] O barrete frígio *(pilleus)* era usado especialmente nos dias de festa (nomeadamente nas Saturnais); aos escravos libertos dava-se usualmente um destes barretes, como sinal da sua nova condição de homens livres, e é a este hábito que Séneca aqui faz alusão.

ços supérfluos para serem capazes de afrontar as necessidades reais. Se não queres que um homem entre em pânico perante uma situação concreta, treina-o antes que tal situação ocorra. Este princípio foi posto em prática por aqueles que todos os meses imitavam uma situação de pobreza a tal ponto que atingiram quase a miséria extrema, na intenção de nunca terem de recear o que de uma vez por todas aprendessem a suportar. Não penses que me **7** estou referindo aos jantares à moda de Tímon, aos cubículos miseráveis e a tudo o mais que os ricos, entediados da própria riqueza, fazem gala em aceitar. Não, eu quero autenticidade na tua enxerga, no teu saio grosseiro, no teu pão duro e intragável! Leva esta vida uns três ou quatro dias, ocasionalmente mesmo por períodos mais longos, a título, não de capricho, mas de experiência. Então, Lucílio, podes crer que terás a satisfação de ver como matas a fome com dois asses[19], de compreender que, para viver em segurança, não precisamos da fortuna para nada! Mesmo quando hostil, a fortuna não nos nega o que é estritamente necessário. Procedendo assim, de resto, não **8** há razão para pensares que fazes uma grande coisa (fazes apenas o mesmo que muitos milhares de escravos, que muitos milhares de pobres): apenas te dá direito a gabares-te o facto de o não fazeres por coacção, o facto de te ser fácil suportar para sempre aquilo que experimentaste ocasionalmente. Treinemo-nos esgrimindo contra o poste: para a fortuna nos não encontrar impreparados, façamos com que a pobreza se nos torne familiar. Seremos ricos com

---

[19] É, naturalmente, impossível tentar uma equivalência entre as moedas romanas e valores actuais. De qualquer modo "dois asses" é uma importância ridícula, tal como nós poderíamos dizer "dois tostões".

muito maior tranquilidade se soubermos que não custa
9 nada ser pobre! O grande mestre do prazer que foi Epicuro tinha alguns dias fixos em que nunca comia à sua vontade, para observar se algum detrimento daí resultava ao completo e consumado prazer, até que ponto tal detrimento se fazia sentir, e também para ver se merecia grandemente a pena eliminá-lo. Pelo menos é o que ele diz na carta que escreveu a Polieno datada do arcontado de Carino[20]; gaba-se mesmo que pode alimentar-se por menos de um asse, enquanto Metrodoro, ainda num estado
10 não tão avançado, necessita de um asse inteiro. Julgas que este tipo de alimentação produz só saciedade? Produz também prazer, não um prazer ligeiro e fugaz que continuamente se tem de espevitar, mas antes um prazer constante e fixo. Não que seja agradável viver de água, de polenta, de uma migalha de pão de centeio; mas é um prazer supremo conseguir sentir prazer em tais alimentos e atingir assim um estado ao abrigo de toda e qualquer
11 injustiça da fortuna. Na prisão é mais abundante a comida; o carrasco alimenta com menos parcimónia os condenados à pena capital. Vê então quanta grandeza de alma há em sujeitar-se voluntariamente a uma alimentação tão parca que mesmo os condenados à morte não estão a ela reduzidos! Tal atitude equivale a despojar a fortuna das suas
12 armas! Começa, pois, amigo Lucílio, a imitar os hábitos destes filósofos, e fixa alguns dias em que renuncies aos teus bens e te habitues a viver com o mínimo indispensável. Começa a manter relações com a pobreza:

> *não te esquives, meu hóspede, a desprezar a riqueza,*
> *mostra-te digno de um deus!*[21]

---

[20] Epicuro, fr. 158 Usener.
[21] Vergílio, *Aen.*, VIII, 364-5.

Nenhum outro homem é digno de um deus senão aquele que desprezou a riqueza. Não que eu te proíba a sua posse, o que pretendo é que a possuas sem ansiedade; e isto apenas o conseguirás se te convenceres que podes viver feliz sem ela, se a olhares como coisa que a todo o momento pode desaparecer! **13**

Mas já é tempo de começar a dobrar esta carta. *"Primeiro"* — dizes tu — *"paga o que deves"*. Vou remeter-te para Epicuro, e ele que te faça o pagamento! *"Uma cólera desmesurada gera a loucura"*[22]. É importante darmo-nos conta até que ponto isto é verdade: todos temos escravos, todos temos inimigos. Todas as pessoas são susceptíveis de arder ao fogo desta paixão, que tanto pode nascer do amor como do ódio, e que não menos ocorre em situações sérias do que entre jogos e brincadeiras. Não interessa sequer a importância do motivo que a gera, mas sim em que tipo de carácter ela se produz. Do mesmo modo não importa se um fogo é grande, mas sim em que matéria ele pega. Construções extremamente sólidas podem permanecer incólumes, enquanto matérias secas e inflamáveis fazem uma faísca transformar-se em incêndio. É assim mesmo, caro Lucílio: o resultado duma cólera extrema é a insânia, e por isso há que evitar a cólera, não tanto por obediência à moderação, como para conservar a sanidade mental! **14** **15**

19

Fico sempre muito alegre quando recebo cartas tuas. Elas enchem-me de esperança e mais do que promessas já **1**

---

[22] Epicuro, fr. 484 Usener.

me trazem certezas a teu respeito. Continua assim, é o que te peço com toda a insistência! E que coisa melhor eu poderia pedir para um amigo senão aquilo que lhe peço para seu próprio benefício? Se isso te for possível vai-te subtraindo a essas tuas ocupações; se não, corta com elas de vez! Já perdemos tempo demasiado; comecemos, atin-
2 gida a velhice, a preparar a nossa bagagem! Em que pode isso atrair-nos a hostilidade? Vivemos no meio das vagas, morramos ao menos no porto. Eu não te aconselharia a fazeres um título de glória do teu ócio:[23] não deverás vangloriar-te dele, nem igualmente mantê-lo oculto. Por isso também te não obrigo, à força de condenar as loucuras da humanidade, a desejar que vivas na mais total obscuridade. Faz de modo a que o teu ócio, sem atrair as
3 atenções, não passe totalmente despercebido. Deixa que os outros, aqueles que ainda não tomaram uma decisão a esse respeito, determinem se desejam passar ou não a sua vida na obscuridade. Tu já não tens essa liberdade: a força do teu talento, a elegância dos teus escritos, as tuas relações de amizade com a melhor nobreza colocaram-te sob o olhar do público. És uma personalidade conhecida. Ainda que te retirasses e te escondesses no mais remoto luga-
4 rejo, o teu passado impor-te-ia à notoriedade! Não poderás viver no meio das trevas: muito do teu esplendor antigo te seguirá para onde quer que fujas! Poderás, contudo, reivindicar uma vida retirada sem concitares o ódio de ninguém e sem que a tua alma sinta saudades ou remorsos. Afinal, o que abandonarás tu de que possas

---

[23] O "ócio" em sentido romano significa o abandono das ocupações públicas, especialmente da participação na vida política, e não deve em caso algum confundir-se com "ociosidade". Cf. livro I, nota 13.

lembrar-te com desgosto? Os clientes? Nenhum te procurava a ti mas a algo que tu possuías! Os clientes de outro tempo buscavam a amizade, hoje só buscam o proveito! Basta que o velho patrono, sentindo-se iludido, altere o testamento, e a saudação matinal irá ser feita a outra porta. Uma coisa valiosa não pode comprar-se por pouco: considera, portanto, se preferes desistir de ti mesmo ou apenas de parte do que tu eras! Era bom que pudesses **5** envelhecer dentro dos limites modestos do teu nascimento, era bom que a fortuna não te tivesse elevado a tal ponto! Uma rápida e bem sucedida carreira apartou-te para longe das perspectivas de uma vida salutar: uma província a administrar, um cargo de procurador, as novas missões que logicamente seriam de esperar! Cargos ainda mais importantes estarão à tua espera, e depois outros ainda. Até quando? Porquê esperar até não haver mais postos que desejes ocupar? Tal momento nunca chegará! Segundo **6** a nossa escola, o destino tece-se a partir dum nexo infindo de causas; idêntico é o nexo das ambições: cada uma gera sempre mais outra! Estás metido numa vida que, por si mesma, nunca porá um termo à miséria da tua servidão. Retira de sob o jugo o teu pescoço magoado: é preferível que to cortem de uma vez a que to sobrecarreguem sempre! Se te retirares para a vida privada, terás tudo em **7** escala reduzida, mas o que tiveres chegará para te cumular; presentemente, todos os bens e honras que se acumularem sobre ti não bastam para te saciar. O que preferes tu: uma indigência que te sacia ou uma abundância que te deixa esfomeado? O sucesso é, não só ambicioso, como também exposto às ambições alheias; enquanto nada for bastante para ti, também tu não bastarás para satisfazer os outros! Perguntar-me-ás qual o modo de saires dessa vida?! Seja de que modo for! Pensa nos perigos em que **8**

incorreste por dinheiro, nos esforços que te custaram os teus cargos!... Para obteres o teu ócio também tens de arriscar-te, a menos que prefiras envelhecer entre as ansiedades das procuradorias primeiro, dos cargos urbanos em seguida, no meio da agitação e das sucessivas tempestades de problemas que, embora levando uma vida severa e tranquila, nunca conseguirás evitar! Que importam, de facto, as tuas pretensões a uma vida tranquila se o teu próprio sucesso ta não permite? E o que te sucederá se consentires que esse sucesso ainda aumente mais? Quanto mais aumentar o teu êxito, mais aumentarão os teus receios!

9 Gostaria de citar-te aqui uma frase de Mecenas, uma verdade que ele disse no auge do seu prestígio:

é a própria altitude que fulmina os cumes![24]

Para o caso de me perguntares em que livro escreveu estas palavras, digo-te já: foi no *Prometeu*[25]. Ele pretendia dizer *"que faz os cumes serem fulminados"*. Pois bem, haveria algum poder neste mundo que te tornasse capaz de usar tão tola linguagem? Mecenas foi um homem de talento, que poderia ter sido um notável expoente da eloquência romana se o seu próprio sucesso não tivesse feito dele um homem sem vigor, um castrado! Aqui tens o que te espera se não começares desde já a colher as velas e a aproximar-te da costa! Mecenas só o fez tarde demais...

10 Eu bem podia dar por saldada a minha conta com esta citação de Mecenas, mas, se bem te conheço, tu irias descompor-me: só aceitas que te pague em moeda nova e bem cunhada! Sendo assim, há que pagar a dívida com

---

[24] Mecenas, fr. 10 Lunderstedt.

[25] Não se sabe a que tipo de obra corresponderia este título. Talvez uma tragédia?

um dito de Epicuro. Aqui vai: *"Pensa primeiro em companhia de quem comes e bebes, e não naquilo que vais comer e beber; refeição sem amigos, é vida de leão ou de lobo!"*[26] Esta situação só será a tua se te retirares da vida pública; se o não fizeres, terás muitos companheiros de mesa, cujos nomes o escravo escolherá da lista dos clientes que te vão saudar; é um erro, porém, procurar os amigos no átrio e pô-los à prova na sala dos banquetes! Pior mal não sucede ao homem público e obcecado pelos seus negócios do que tomar como amigos aqueles que o não olham como amigo! Um tal homem pensa que as suas prodigalidades conseguem granjear-lhe simpatias, quando, na realidade, os outros quanto mais lhe devem, mais o odeiam: quem pouco deve é devedor, quem deve muito é inimigo! **11**

"Pois quê? Então os nossos benefícios não nos conquistam amizades?" Conquistam, sim, mas quando há possibilidade de escolher os beneficiários, quando os benefícios são bem aplicados, e não espalhados ao acaso. Por conseguinte, enquanto ainda estás começando a ser dono de ti mesmo, obedece a este conselho dos sábios: considera que nesta matéria é muito mais importante a pessoa do beneficiário do que o montante do benefício! **12**

20

1 Se estás bem de saúde, se te consideras digno de seres um dia senhor de ti mesmo, fico contente. Será minha a glória, se porventura te subtrair a esse mar de incertezas onde erras, sem esperança, à deriva. Há, porém, uma

---

26 Epicuro, fr. 542 Usener.

coisa que te peço, meu caro Lucílio, com todo o empenho: interioriza a filosofia no mais íntimo de ti mesmo e fundamenta a avaliação do teu progresso não em palavras que digas ou escrevas, mas sim na tua firmeza de ânimo e na diminuição dos teus desejos; comprova as palavras

2 com os actos! Diferente é o propósito dos declamadores que pretendem ganhar o aplauso da assistência, diferente é também o dos conferencistas que atraem a atenção dos jovens e dos ociosos pela variedade dos temas ou pela elegância da exposição; a filosofia, essa, ensina a agir, não a falar, exige de cada qual que viva segundo as suas leis, de modo que a vida não contradiga as palavras, nem sequer se contradiga a si mesma; importa que todas as nossas acções sejam do mesmo teor. O maior dever — e também o melhor sintoma — da sabedoria é a concordância entre as palavras e os actos, o sábio será em todas as circunstâncias plenamente igual a si próprio. "*Mas quem será capaz de atingir um tal nível?*" Poucos, decerto, mas mesmo assim, alguns! Não escondo que a empresa é difícil; nem te digo que o sábio avançará sempre ao mesmo

3 ritmo, embora o rumo sempre seja o mesmo. Auto-analisa-te, portanto, e verifica se há discordância entre a tua roupa e a tua casa, se és pródigo para contigo mas mesquinho para com os teus, se é frugal a tua ceia mas luxuosa a tua habitação. Adopta de uma vez por todas uma regra de conduta na vida e faz com que toda a tua vida se conforme com essa regra. Há pessoas que se retraem em casa e que se expandem sem inibições fora dela; semelhante variedade de atitudes é viciosa, é indício de um espírito hesitante que ainda não achou o seu ritmo

4 próprio. Posso explicar-te, aliás, donde provém esta inconstância, esta divergência entre os propósitos e as acções. A causa é que ninguém fixa nitidamente aquilo que quer

nem, se o fez, permanece fiel ao seu propósito, antes pretende ir mais além; e não se trata apenas de mudar de objectivo, acaba-se por voltar atrás e de novo cair na situação anteriormente rejeitada e condenada. Em suma, **5** deixando as antigas definições de sabedoria e abarcando numa fórmula todo o ciclo da vida humana, acho que seria bastante dizer isto: a sabedoria consiste em querer, e em não querer, sempre a mesma coisa. Não é necessário acrescentar, como condição, que devemos querer o que é justo, porque só é possível querer sempre a mesma coisa se essa coisa for justa. Ora sucede que as pessoas ignoram **6** o que querem excepto no próprio momento do querer; ninguém determina de uma vez por todas o que deve querer ou não querer; todos os dias se muda de opinião, mudança por vezes diametralmente oposta; para muitos, em suma, a vida não passa de um jogo! Quanto a ti, mantém-te fiel ao propósito que adoptaste, e assim conseguirás talvez atingir o ponto máximo, ou pelo menos um ponto tal que apenas tu compreenderás não ser ainda o máximo.

"O que será então feito de toda esta gente que forma **7** *a minha casa quando essa casa deixar de existir?"* Quando toda essa gente deixar de se alimentar à tua custa, passará a fazê-lo à sua própria; e tu, aquilo que nunca conseguirás saber através das tuas benesses, sabê-lo-ás graças à tua pobreza: esta manterá junto de ti os amigos verdadeiros, enquanto os que te procuravam não por ti mas pelos teus bens se irão embora. Não é exacto que basta isto para nos fazer amar a pobreza — o mostrar-nos quem de facto nos ama? Quando virá o dia em que ninguém te mentirá para te ser agradável?! Dirige, pois, as tuas medi- **8** tações, os teus esforços, as tuas opções para este objectivo — — viveres contente contigo próprio e com os bens que de

ti provêm, — e deixa a cargo da divindade todos os teus outros votos. Poderá haver uma felicidade mais ao nosso alcance? Reduz-te a uma posição humilde de que te não seja possível decair. Para te ajudar a fazer isto mais animosamente servirá o tributo desta carta, que prontamente te vou oferecer.

9 Podes olhar-me de revés à vontade: ainda desta vez será Epicuro o encarregado de saldar a minha dívida! Diz ele: *"Acredita no que te digo, as tuas palavras ganharão maior força se dormires numa enxerga e te vestires de andrajos, pois deste modo atestarás na prática que as tuas palavras não são apenas palavras!"*[27] Eu sou forçado a dar outra atenção ao que diz o nosso Demétrio porque o vi seminu, deitado numa coisa a que seria exagero chamar enxerga: um tal homem não ensina a verdade, dá testemunho dela!

10 *"Pois quê?"* — dirás tu. — *"Não é possível sentir desprezo pelas riquezas que temos na nossa posse?"* Claro que é possível. Um homem que as veja à sua volta, que longamente se admire como elas chegaram até si, que se ria delas e as tenha como suas, não porque as sinta como tais, mas por "ouvir dizer" — tal homem é um espírito superior. É altamente importante não nos deixarmos corromper pela vizinhança da riqueza; viver como pobre no meio da riqueza é indício de grandeza de alma.

11 *"Não sei"* — objectarás — *"como tal homem poderia suportar a pobreza se nela caísse de repente."* Também eu não sei, Epicuro, como o teu pobre fanfarrão desprezaria a riqueza se nela caísse de repente! Por isso mesmo, num caso e noutro, importa averiguar a verdadeira intenção, e

---

[27] Epicuro, fr. 206 Usener.

verificar se este no fundo não gosta da pobreza e se aquele no fundo não gosta mesmo de ser rico. A enxerga e os andrajos não são indício seguro de uma mentalidade superior senão quando é evidente que eles são motivados por uma opção, e não suportados por necessidade. Mais **12** ainda, um carácter nobre não procura apressadamente a miséria por ser uma situação preferível; prepara-se, porém, para ela com uma situação fácil de aguentar. E é efectivamente fácil, Lucílio, e mesmo agradável, quando acedemos a ela depois de uma meditação já vinda de longe. Há na pobreza uma coisa indispensável para termos alegria: a segurança. Julgo, por conseguinte, ser necessário fazer o **13** que, conforme já te disse noutra carta,[28] alguns grandes homens fizeram várias vezes: reservar alguns dias para, vivendo numa pobreza imaginária, nos prepararmos para a verdadeira. Coisa tanto mais necessária quanto nós, amolecidos pela vida fácil, consideramos tudo como duro e penoso. Há que despertar do sono a nossa alma, há que espicaçá-la, há que mostrar-lhe como é exíguo o que a natureza nos concedeu. Ninguém nasce rico; no momento de vir à luz temos de contentar-nos com uma fralda e um pouco de leite: e é a partir de tais começos que chegamos a pensar que um reino é estreito para nós!...

21

1 Pensas que te dão problemas essas pessoas de que falas na tua carta? O maior problema vem de ti mesmo, tu é que te prejudicas a ti próprio. Não estás certo do que

---

[28] V. supra carta 18, 5 ss.

pretendes, tens mais facilidade em louvar do que em praticar a virtude, e embora saibas onde reside a felicidade não ousas aproximar-te dela. O que te retém, afinal? Vou dizer-to, já que tu pareces não ter do caso uma noção clara. Tu atribuis uma certa grandeza ao tipo de vida que deverás abandonar; embora tenhas uma antevisão da vida sábia e tranquila a que irás aceder, o brilho aparente da vida mundana continua a atrair-te, como se o facto de abandonares a sociedade equivalesse a caíres numa vida de **2** obscuridade completa. Estás enganado, Lucílio: passar da vida mundana à vida da sabedoria é uma ascensão! A luz distingue-se do reflexo por ter a sua origem em si mesma, enquanto o reflexo brilha com luz alheia; a mesma diferença separa os dois tipos de vida: a vida mundana tira o seu brilho de circunstâncias exteriores, e o mínimo obstáculo imediatamente a torna sombria; a vida do sábio, essa brilha com a sua própria luminosidade! Os teus estudos **3** farão de ti um homem ilustre e famoso. Posso citar-te como exemplo um caso passado com Epicuro. Numa carta a Idomeneu, que então era ministro do poder real e encarregado de importantes responsabilidades, Epicuro, para o afastar dessa vida de ilusória grandeza e o aliciar para a glória certa e firme da sabedoria, disse-lhe: *"Se estás interessado na glória, as minhas cartas dar-te-ão renome superior a esses cargos que tu procuras — e que tornam a tua* **4** *pessoa tão procurada!"*[29] Será que Epicuro se enganou? Quem conheceria hoje Idomeneu se o filósofo o não citasse na sua correspondência? Todos os grandes da corte, todos os sátrapas, o próprio rei que concedeu o cargo a Idomeneu, jazem no mais profundo esquecimento. São as cartas

---

[29] Epicuro, fr. 132 Usener.

de Cícero que não deixam esquecer o nome de Ático. De nada lhe serviria ter tido como genro Agripa, como "genro-neto"[30] Tibério, como bisneto Druso César; no meio de tão ilustres nomes, o nome de Ático permaneceria esquecido se Cícero o não tivesse ligado para sempre ao seu. Um dia passará sobre nós toda a profundidade do tempo; apenas uns quantos génios se elevarão de entre a massa e, antes de algum dia mergulharem também no mesmo silêncio, resistirão ao esquecimento e manterão vivo o seu nome! O mesmo que Epicuro prometeu ao seu amigo, eu to prometo a ti, Lucílio: a posteridade há-de recordar-se de mim, hei-de fazer com que alguns nomes perdurem por estarem ligados ao meu. O grande Vergílio prometeu a imortalidade a dois dos seus heróis, e cumpriu a promessa: **5**

> *Feliz par de heróis! Se algum poder tiverem os meus versos, nunca a posteridade esquecerá o vosso nome, enquanto a casa de Eneias se erguer sobre o rochedo firme do Capitólio, e o senado de Roma conservar o seu império!*[31]

6 Todos aqueles que a fortuna pôs em evidência, que se distinguiram como agentes e partícipes de um poder alheio, somente gozaram de reputação e viram as suas casas cheias de visitantes enquanto em posição de destaque: assim que desapareceram, rapidamente foram esquecidos. Em con-

---

[30] Talvez este termo seja uma monstruosidade linguística, mas exprime a relação de parentesco a que Séneca alude: Tibério foi casado com uma neta de Ático, logo era seu "genro-neto". Aliás, a formação do nome em latim é absolutamente lógica: *progener* (genro-neto) está para *gener* (genro) tal como *pronepos* (bisneto) está para *nepos* (neto). E, de resto, em português também há expressões como *sobrinho-neto*! Por que não também *genro-neto?*

[31] Vergílio, *Aen.*, IX, 446-9.

trapartida, o apreço que se dá aos homens de génio cresce sempre; e não são apenas eles que recebem homenagens, mas tudo quanto está ligado à sua memória.

7 Não será em vão que a minha carta mencionou o nome de Idomeneu: será ele o encarregado de pagar o meu tributo. Foi em carta a Idomeneu que Epicuro escreveu aquela nobilíssima máxima em que o aconselhava a não seguir a via comum e ilusória para enriquecer Pítocles: "*Se quiseres* — disse Epicuro — *enriquecer Pítocles, não aumentes o seu património, diminui antes os seus*
8 *desejos.*"[32] Esta sentença é demasiado clara para necessitar de comentários e demasiado eloquente para carecer de adornos. Apenas te faço notar que não deves entendê-la somente em referência à riqueza: a sua verdade mantém-se se a aplicares a outras circunstâncias. Se quiseres fazer de Pítocles um homem respeitável, não deves acrescentar as suas honras, mas diminuir os seus desejos; se quiseres que Pítocles envelheça tendo uma vida sempre cheia, não deves acrescentar-lhe anos de vida, mas sim diminuir os
9 seus desejos. Não julgues que estas sentenças são propriedade de Epicuro: elas pertencem a todos! Em matéria de filosofia entendo que se pode proceder como no senado: se alguém faz uma proposta que me agrada apenas em parte, mando-o dividir a proposta em alíneas, e dou o meu voto à alínea que aprovo!

Eu cito de tanto melhor vontade os ditos notáveis de Epicuro para fazer entender àqueles que seguem a sua doutrina na esperança perversa de encontrarem nela um manto que lhes proteja os vícios, como em todo o lado é
10 necessário levar uma vida honesta. Ao chegar ao pequeno

[32] Epicuro, fr. 135 Usener.

jardim de Epicuro, ao ler a inscrição da entrada: *"Visitante, terás aqui uma agradável estadia, pois aqui o bem supremo é o prazer!"* —, encontrarás à tua disposição o guardião dessa morada, um homem acolhedor, amável, que te apresentará uma malga de polenta e te servirá água à discrição, inquirindo sempre se te agrada a recepção. E dir-te-á: *"Este humilde jardim não desperta apetites, antes os sacia; não aumenta a sede à força de bebidas excessivas, antes a acalma de um modo natural e salutar. São estes os prazeres que me fizeram chegar a velho!"* Estou-me **11** referindo a desejos que se não contentam de consolações verbais, que necessitam, portanto, de algo concreto para se satisfazerem. Quanto aos desejos incontrolados mas que é possível adiar, e mesmo refrear e reprimir, faço-te notar um ponto que é válido para todos eles: o prazer que originam pode ser natural, mas não é necessário. É um prazer a que tu só darás satisfação se quiseres. O estômago não se contenta com sentenças: reclama, e exige ser satisfeito. Não é, todavia, um credor muito exigente: ir-se-á embora com pouco desde que lhe dês apenas o que deves, e não tudo quanto podes.

LIVRO III

(Cartas 22-29)

22

Já percebeste que deves subtrair-te a essas tuas ocupações ilusórias e nocivas, mas ignoras ainda o modo de o conseguir. Ora há coisas que só estando presente te posso indicar! O médico também não pode determinar por carta a hora adequada para a alimentação ou para o banho: tem de tomar o pulso ao doente. Diz um antigo provérbio que o gladiador só forma o seu plano na arena a partir da observação do rosto do adversário, do modo como move os braços, da própria postura do corpo. **1** Observações sobre os costumes, sobre os deveres, é possível fazê-las de um modo geral e por escrito; são conselhos que se podem dar não só a ausentes, como até à posteridade.[1] Mas a maneira e a ocasião de tomar uma decisão concreta, isso ninguém pode aconselhá-lo à distância, é forçoso deliberar em face das próprias circunstâncias. **2** Para captar a oportunidade no momento justo é preciso não só estar presente, como estar atento. Põe-te, por conseguinte na expectativa, e assim que surpreenderes a oportunidade agarra-a com toda a **3**

---

[1] Deste facto podem servir de exemplo as obras de Cícero "Sobre os Deveres" (*De officiis*) ou de Séneca "Sobre os Benefícios" (*De beneficiis*).

rapidez, com toda a energia, e liberta-te definitivamente desses teus falaciosos deveres! Repara bem no conselho que te dou: em meu entender tens de libertar-te desse tipo de vida, ou de deixar a vida, sem mais. Mas penso também que deves proceder gradualmente, que é preferível desatar do que cortar os laços em que, para teu mal, te enredaste, na condição, porém, de estares disposto a cortá-los se não houver maneira alguma de os desatar. Ninguém é tão medroso que prefira estar sempre em

4 desequilíbrio a cair de uma vez por todas. Entretanto, e para começar, não te metas em mais trabalhos; contenta-te com as ocupações a que te comprometeste, ou, como pareces preferir dizer, a que as circunstâncias te comprometeram. Não deves abalançar-te a novas tarefas, ou então não terás mais pretextos para acusar as circunstâncias! Dizeres, como é habitual: "*Não podia fazer de outro modo, embora o não quisesse, a necessidade a isso me obrigava!*", não passa de falsas desculpas. Ninguém é obrigado a procurar a felicidade a passo de corrida; já é qualquer coisa que, embora não lutemos contra ela, pelo menos paremos e não nos deixemos levar pela fortuna!

5 Não vais ofender-te se eu, não me limitando a aconselhar-te, invocar em meu auxílio a autoridade de outros, mais experimentados do que eu, a cuja opinião me arrimo sempre que me vejo forçado a tomar uma decisão?! Vais ler uma carta de Epicuro dedicada precisamente a este problema, a carta a Idomeneu. Epicuro exorta o amigo a despojar-se de todo o seu poder tão rápido quanto possível, antes que intervenha alguma força maior e o prive da

6 liberdade de retirar-se.[2] Acrescenta, no entanto, que não

---

[2] Epicuro, fr. 133 Usener.

devemos tomar qualquer atitude senão quando encontrarmos o momento certo para o fazer; mas quando ocorrer esse momento tão longamente desejado, há que saltar logo a agarrá-lo! Se nos preparamos para a fuga, diz ele, não poderemos deitar-nos a dormir; e mesmo para as situações mais difíceis haverá sempre esperança de salvação se nem nos precipitarmos antes de tempo, nem hesitarmos quando chegar a hora. Imagino que desejarás agora conhecer a posição dos estóicos. Ninguém terá autoridade para **7** lançar-lhes a acusação de temeridade: os estóicos são mais prudentes ainda do que corajosos.

Possivelmente esperarias que te dissessem: *"É uma vergonha ceder ao peso das responsabilidades; cumpre com os deveres de que foste incumbido. Um homem forte e valoroso não foge ao seu dever, antes pelo contrário, as próprias dificuldades aumentam a sua força de ânimo!"* Sim, estas serão as palavras dos estóicos enquanto valer a **8** pena mantermo-nos firmes no nosso posto, enquanto não formos constrangidos a fazer ou a suportar nada que seja indigno de um homem de bem. Se não for este o caso, o estóico não se arruinará num esforço indigno e ultrajante, não se manterá activo apenas para se manter activo! Não fará sequer aquilo que esperarias vê-lo fazer, ou seja, aguentar permanentemente o embate das grandes manobras políticas. Quando o estóico se der conta de que está envolvido numa situação opressiva, dúbia, ambígua deve recuar; não voltar as costas, mas sim retirar-se gradualmente para lugar seguro. Não é difícil, caro Lucílio, fugir **9** às ocupações quando se não atribui qualquer valor aos benefícios dessas ocupações. Quem se deixa enlear e reter por elas fá-lo em virtude deste raciocínio: *"Ai de mim! Então hei-de renunciar a tão belas promessas? Hei-de retirar-me antes de fazer a colheita? Hei-de ver-me abando-*

nado pelos meus clientes, sem escolta para a minha liteira, sem visitantes no meu vestíbulo?" Aqui tens aquilo de que os homens se recusam a prescindir: ainda que abominem as misérias da vida pública, adoram as suas recom-
10 pensas! Queixam-se da própria ambição como quem se queixa de uma amante: se analisarmos o que lhes vai na alma, o que encontramos não é ódio, mas apenas um passageiro ressentimento! Penetra no íntimo destes homens que deploram a carreira por eles próprios escolhida, que falam em retirar-se de uma situação sem a qual não podem passar e verificarás que, no fundo, eles se mantêm voluntariamente numa actividade que, ao ouvi-los, pareceria só
11 lhes trazer amarguras e contrariedades! Acredita-me, Lucílio: poucos são os homens dominados pela servidão, mas muitos os que deliberadamente se submetem a ela. Quanto a ti, se a tua intenção é libertar-te dos entraves, se estás sinceramente disposto a abraçar a liberdade, se adias o corte com a vida pública apenas para te precaveres contra qualquer preocupação futura, então poderás contar com o aplauso de todos os seguidores do estoicismo. Todos os Zenões e Crisipos te aconselharão a modéstia, a honesti-
12 dade, o culto do teu próprio bem. Se, porém, as tuas hesitações se devem à preocupação de calcular os bens a preservar e o montante de dinheiro com que prover ao teu ócio, então, nunca conseguirás escapar: ninguém se salva de um naufrágio com a bagagem às costas! Eleva-te a uma forma de vida superior graças ao favor dos deuses, mas não daquele favor que eles fazem quando, de rosto sereno e afável, concedem aos homens benesses esplendorosas mas maléficas, com a única desculpa de que tais favores — fontes de angústia e de tortura — são dados para satisfazer os votos dos fiéis!

Já tinha gravado o meu sinete nesta carta; tenho agora de a reabrir, para que ela chegue às tuas mãos com a pequena dádiva habitual, isto é, levando consigo alguma esplêndida sentença. E veio-me à ideia uma máxima em que não sei se é mais de admirar a veracidade ou a eloquência. De quem? De Epicuro: como vês, continuo a explorar a casa alheia. Aqui vai ela: *"Não há ninguém que não abandone esta vida como se tivesse acabado de entrar nela!"*[3] Observa quem tu quiseres, jovem, velho, homem de meia idade: em todos encontrarás por igual o medo perante a morte e a ignorância perante a vida. Ninguém dá por acabado o que quer que seja, todos adiam os seus interesses para o futuro. Nada me quadra tanto nesta máxima como a acusação de infantilismo feita aos velhos. Epicuro diz que todos estamos ao abandonar a vida no mesmo ponto em que estávamos ao nascer. Não é exacto: somos piores ao morrer do que ao nascer. E nisto o defeito é nosso, não da natureza. Esta teria direito a queixar-se de nós: *"Que é isto? Eu gerei-vos sem ambições, sem medos, sem superstições, sem maldade, sem qualquer outro vício do mesmo jaez. Saí, portanto, tal como entrastes!"* Um homem que esteja tão seguro no momento de morrer como estava ao nascer, esse homem alcançou a sabedoria! Mas o que se passa é que, quando o perigo se aproxima, trememos de medo, o nosso ânimo perturba-se, altera-se-nos a cor do rosto, tombam-nos dos olhos lágrimas perfeitamente inúteis. Que vergonha, deixarmo-nos tomar pela angústia ao atingirmos o limiar da segurança eterna! A razão é que, vazios por completo dos verdadeiros bens, lamentamos então o desperdício da vida!

13 **14** **15** **16** **17**

---

[3] Epicuro, fr. 495 Usener.

Nenhuma parte dela permanece nas nossas mãos: a vida passou por nós, escoou-se! Ninguém se preocupa em viver bem, mas sim em durar muito, quando afinal viver bem está ao alcance de todos, ao passo que durar muito não está ao de ninguém.

23

1 Não penses que te escrevo para dizer como o inverno, que, aliás, foi curto e pouco rigoroso, se portou bem connosco, ou como a primavera está desagradável, ou como o frio chegou fora de tempo! Isso são frioleiras próprias de quem fala por falar. Eu só escrevo aquilo que sinto ter utilidade, quer para ti, quer para mim. Que outra coisa posso, portanto, fazer além de incitar-te à conquista da sabedoria? Queres saber qual o fundamento da sabedoria? Não tirar satisfação de coisas vãs. Falei em fundamento:
2 na realidade é o ponto culminante. Só atinge o ponto supremo quem sabe em que consiste a verdadeira satisfação, quem não deixa a sua felicidade ao arbítrio dos outros. Fica sempre angustiado e inseguro de si o homem que se deixa solicitar por toda e qualquer esperança, ainda que ao seu alcance, ainda que fácil de realizar, ainda que nunca
3 esse homem tenha sido iludido nas suas expectativas. O que tens a fazer antes de mais, caro Lucílio, é aprender a ser alegre. Estás a pensar que eu te quero privar de muitos prazeres ao afastar de ti os bens fortuitos, ao entender que devemos subtrair-nos ao doce canto das sereias que é a esperança? Pelo contrário, o meu desejo é que nunca te falte a alegria. O meu desejo é que a alegria habite sempre em tua casa; e fá-lo-á, se começar a habitar dentro de ti. Os outros tipos de alegria não satisfazem a alma; desa-

nuviam o rosto, mas são superficiais. A menos que entendas que estar alegre é estar a rir! Não, a alma deve estar desperta, confiante, acima das contingências. Acredita-me, **4** a verdadeira alegria é uma coisa muito séria. Julgas tu que se pode pensar em desprezar a morte, em abrir as portas à pobreza, em refrear os prazeres, em exercitar a capacidade de suportar a dor — e tudo isto sem franzir a testa, sempre com o rosto, como diriam os nossos jovens pretensiosos, descontraído? Quem interioriza estes pensamentos alcança uma grande alegria, mas de ar pouco sorridente! O meu desejo é que tu possuas uma alegria deste tipo. Quando algum dia souberes de que fonte emana essa alegria, nunca mais ela deixará de te acompanhar. Os **5** filões dos metais ligeiros encontram-se à superfície, mas os metais mais preciosos são aqueles cujos veios se encontram mais fundo e que, por isso mesmo, compensam muito mais quem os explora. Os prazeres com que o vulgo se deleita são ligeiros e superficiais, toda a alegria de importação carece de fundamento. A alegria de que estou falando e à qual me esforço por fazer-te aceder, essa é de natureza constante, e tanto mais dilatada, quanto mais íntima. Peço-te, Lucílio amigo, age da única maneira **6** possível para obteres a felicidade: repele e despreza aqueles bens que só brilham por fora, que dependem das promessas de fulano ou das benesses de cicrano. Faz do verdadeiro bem o teu alvo, busca a alegria dentro de ti. Que significa "dentro de ti"? Significa que a felicidade se origina em ti mesmo, na melhor parte de ti mesmo. Este nosso corpo, embora sem ele nada possamos fazer, considera-o como um utensílio, indispensável, sim, mas não valioso. O corpo alicia-nos para prazeres ilusórios, de curta duração, prazeres que nos repugnam mal terminam e que, se não forem doseados com extrema moderação, acabam

por se tornar no seu contrário. Assim mesmo: o prazer está à beira de um precipício, e transforma-se em dor se não for gozado segundo a justa medida. Por outro lado, é difícil guardar a justa medida daquilo que se nos afigura um bem. Ora o desejo do verdadeiro bem está ao abrigo

7 deste risco. Se queres saber em que consiste e donde provém o verdadeiro bem, vou dizer-to: consiste na boa consciência, nos propósitos honestos, nas acções justas, no desprezo pelos bens fortuitos, no ritmo tranquilo e constante de uma vida que trilha um único caminho. Aqueles que estão continuamente a mudar de intenções e não apenas a mudar, mas a deixarem-se arrastar ao sabor do acaso, como poderão apoiar-se em alguma certeza perma-

8 nente se eles próprios são hesitantes e instáveis? Raros são os homens que conseguem ordenar reflectidamente a sua vida. Os outros, à maneira de destroços arrastados por um rio, em vez de caminharem deixam-se levar à deriva. Se a corrente é fraca ficam parados na água quase estagnada, se é forte, são arrastados com violência; a uns, deixa-os a corrente em seco ao abrandar junto à margem, a outros, um fluxo impetuoso acaba por lançá-los no mar. Por isso mesmo é que nós devemos fixar de uma vez por todas o que queremos e manter-nos firmes nesse propósito.

9 É chegado o momento de pagar a minha dívida. Poderei fazê-lo citando um dito do teu caro Epicuro com o qual darei por desobrigada esta carta: "*É lamentável estar-se perpetuamente no começo da vida*."[4] Talvez a mesma ideia se possa exprimir com mais clareza desta outra forma: "Vivem mal os homens que estão sempre começando a

10 viver". Não entendes porquê? De facto esta frase exige

---

[4] Epicuro, fr. 493 Usener.

uma explicação. O que se passa é que tais homens têm permanentemente uma vida incompleta, pois quando se está ainda no início da vida não se pode estar já preparado para a morte. Devemos agir de modo a que em qualquer altura já tenhamos vivido o bastante, coisa fora do alcance de quem está sempre procurando um rumo para a sua vida. E não penses que são poucos os homens **11** nestas circunstâncias: são praticamente todos! Há mesmo quem comece a viver na hora em que devia morrer. Parece-te estranho? Pois vou dizer-te uma coisa aparentemente ainda mais estranha: há homens que deixaram de viver antes mesmo de terem começado!

24

Dizes-me que te preocupa qual será o resultado de um **1** processo intentado contra ti por um inimigo furibundo e julgas que eu poderei persuadir-te a teres melhores pensamentos e a te deixares embalar por esperanças lisonjeiras. Mas para quê estares a sofrer antecipadamente com os teus males, que aliás se farão sentir bem depressa, e a estragares o presente com o medo do futuro? É pura estupidez, lá pelo facto de um dia teres de ser infeliz, começares a ser infeliz desde já. Mas vou procurar incutir- **2** -te calma por outra via. Se queres libertar-te de toda e qualquer angústia, imagina que sucede mesmo aquilo que receias venha a suceder, e, seja qual for esse mal, avalia bem a sua extensão e toma simultaneamente o peso aos teus receios. Depressa perceberás que o objecto do teu medo ou é de pouca monta, ou de curta duração. Se para **3** ganhares coragem necessitas de exemplos, não custa muito arranjá-los: em qualquer época os há com abundância.

Em qualquer período da história, seja romana seja de outras nações, depararás com homens dotados de serenidade filosófica, ou ao menos capazes de corajosos arrebatamentos. Supõe que és condenado: o mais grave que te pode suceder é seres exilado ou preso. Há algo de mais terrível do que ser torturado pelo fogo, ou sofrer uma morte violenta? Passa em revista todas as possíveis situações, evoca a imagem de todos os que já por elas passaram sem tremer. O problema não é descobrir exemplos,
4 mas sim escolhê-los. Rutílio suportou a sua condenação fazendo notar que o que lamentava no processo não era o resultado, mas a injustiça. Metelo sujeitou-se ao exílio com coragem, Rutílio até com alegria! O primeiro concedeu à República o favor de regressar a Roma, o segundo transmitiu a sua recusa de regressar a Sula, o ditador a quem então ninguém ousava recusar o que quer que fosse. Sócrates discutia filosofia na prisão e embora alguns amigos quisessem libertá-lo ele negou-se a sair; ficou no cárcere para exemplo de que não devemos recear essas duas coisas
5 que tanto assustam os homens: a morte e a prisão. Múcio colocou a própria mão sobre as brasas. Suportar o fogo é doloroso, e mais doloroso ainda se impomos esse tormento a nós próprios. E no entanto Múcio, um homem inculto, desprovido de quaisquer preceitos filosóficos que o defendessem contra a dor e a morte, dotado somente da sua energia de militar, puniu-se a si mesmo pelo fracasso da sua empresa. Ficou observando a pé firme a mão consumir-se no braseiro inimigo; e nem sequer foi ele quem a retirou, já queimada até aos ossos, foi o próprio inimigo quem afastou dele o braseiro. Na sua expedição ao acampamento etrusco Múcio podia ter sido mais afortunado, mais valente, nunca. Vê, pois, como a autêntica coragem é mais expedita a afrontar os perigos do que a crueldade o

é a suscitá-los. Teve mais facilidade Porsena em perdoar a Múcio a tentativa de assassínio, do que Múcio em desculpar a si próprio o fracasso.

6 Sei o que vais dizer: "*Essas histórias são repisadas em todas as escolas; quando daqui a pouco tratarmos o problema do desprezo pela morte, já sei que me virás com a história de Catão!*" E porque não hei-de contar-te o que foi a sua última noite, passada a ler um texto de Platão com a espada à cabeceira do leito? Para a sua hora suprema Catão precavera-se com estes dois instrumentos: o primeiro garantia-lhe a vontade, o segundo a possibilidade de morrer. Tomadas todas as providências, aquelas que poderiam ser tomadas numa situação sem saída possível, Catão arranjou-se de modo a que a ninguém coubesse o direito de matá-lo ou a possibilidade de salvá-lo.

7 Desembainhando a espada, que até esse momento guardara pura de sangue humano, exclamou: "*Foram infrutíferas, Fortuna, as tuas tentativas de obstar aos meus propósitos. Não combati até hoje pela minha própria liberdade, mas pela da pátria; todo o meu esforço tendeu, não a viver livre, mas a viver entre homens livres. E agora que já não há esperança para o género humano, Catão irá acolher-se a lugar seguro.*"

8 Desferiu depois em si mesmo um golpe mortal; os médicos ligaram-lhe a ferida, mas Catão, perdendo sangue, perdendo as forças mas guardando a mesma energia de ânimo, mais irado já consigo do que com César, levou à ferida as mãos nuas e, mais do que abrir-lhe caminho, expulsou de si a sua alma nobilíssima, que tanto desprezo sentia por toda e qualquer forma de poder!

9 Não estou a coligir exemplos apenas para aguçar o engenho, mas para que te sirvam de exortação contra aquele que imaginamos ser o mais terrível dos males. As

minhas exortações tornar-se-ão mais fáceis se te demonstrar que não são apenas os heróis a desprezar o momento de exalar o último suspiro, mas que até mesmo homens pusilânimes são capazes em certas situações de se elevar ao nível dos mais valorosos no momento decisivo. Foi este o caso de Cipião, sogro de Gneu Pompeio. Arrastado para a costa de África por ventos contrários, ao ver o seu navio ocupado pelos inimigos, trespassou-se com a espada, e, quando aqueles lhe perguntaram o que era feito do

10 general, respondeu: *"O general está são e salvo!"* Estas palavras fizeram dele o émulo dos seus maiores e permitiram a perpetuação da glória dada pelo destino aos Cipiões nas terras de África. Se foi glorioso derrotar Cartago, mais ainda o foi derrotar a morte. *"O general está são e salvo"*: que forma de morrer haveria mais digna de um general, e

11 de um general das tropas de Catão? Não vou remeter-te para os livros de história, não vou enumerar todos os homens, e muitos são, que através dos tempos têm demonstrado desprezo pela morte. Considera apenas a nossa época, de cuja moleza e volúpia amargamente nos queixamos. Em todas as ordens sociais, em todos os graus de fortuna, em todos os níveis etários te saltarão à vista muitos homens que puseram fim aos seus males com a morte. Acredita no que te digo, Lucílio: não só não devemos recear a morte, como a ela devemos o termo dos nossos

12 receios! Ouve, pois, com calma as ameaças desse teu inimigo! E embora a consciência te diga que deves estar confiante, como no processo intervêm muitos factores de ordem externa, ainda que esperes te seja feita justiça, prepara-te para a hipótese de vires a ser vítima da maior injustiça! Acima de tudo nunca te esqueças disto: não dês a menor importância ao aparato exterior, analisa com cuidado todos os factores em jogo, e verás que, na tua situa-

ção, a única coisa temível é o teu próprio temor. **13** Connosco passa-se o mesmo fenómeno habitual nas crianças (o que bem comprova que nós não passamos de crianças grandes): elas assustam-se quando vêem mascaradas as pessoas a quem amam, a quem estão habituadas, com quem brincam. Pois o que nós temos a fazer é tirar a máscara, não só às pessoas, como às coisas, e restituir a cada uma o seu rosto próprio! **14** Para quê essa exibição de gládios e fogueiras, essa multidão de carrascos que se agita à tua volta? Despoja-te desse aparato sob o qual te ocultas para assustar os insensatos: tu és apenas a morte, aquela morte que ainda há pouco o meu escravo, a minha escrava afrontaram sem temor! Para quê essa outra exibição, em grande estilo, de chibatas e mesas de tortura? Para quê todo esse cortejo de instrumentos especializados cada um em esquartejar a sua parte do corpo, todas essas máquinas destinadas a reduzir um homem a pedaços? Afasta todo esse aparato visual que nos deixa mudos de medo, põe termo aos gemidos e aos ais, aos agudos gritos de dor suscitados pelo tormento: tu és apenas a dor, aquela mesma dor que o gotoso aguenta sem gritar, que o doente do estômago suporta enquanto come os mais delicados manjares, que a jovem parturiente sofre enquanto dá à luz! Se te posso suportar, és uma dor ligeira, se não posso, serás uma dor breve!

15 Medita continuamente nestas máximas, que aliás tens ouvido com frequência, e que tu próprio muitas vezes tens repetido. Deves, porém, comprovar pela experiência a veracidade do que tens ouvido e do que tu mesmo tens dito. A pior crítica que nos podem fazer é a acusação de repetirmos as sentenças da filosofia sem pormos em prática os seus ensinamentos. Não vais dizer-me que só agora reparaste que és um ser sujeito à morte, ao exílio ou à dor?!

Estamos sujeitos a tudo isso desde o nascimento: pensemos, portanto, que nos vai mesmo suceder tudo quanto é
16 susceptível de nos suceder. Estou certo de que já tens seguido este meu conselho. Não quero é deixar de exortar-te agora a que não deixes a tua angústia presente tomar-te conta do espírito, pois de contrário este acobardar-se-á e mostrar-se-á pouco vigoroso na altura decisiva. Desvia a atenção desse problema individual para os problemas comuns a todos. Repete a ti próprio que tens um corpo mortal e frágil, exposto a mil e uma dores, que não apenas as ocasionadas por agressões ou prepotências dos poderosos: os próprios prazeres degeneram em sofrimentos, os banquetes são causa de indigestões, a embriaguês provoca o entorpecimento e o descontrolo dos nervos, a sensualidade é origem de deformações nos pés, nas mãos, em
17 todas as articulações. Vou empobrecer: serão mais numerosos os meus semelhantes. Vou ser exilado: imaginar-me-ei nascido no local do meu exílio. Vou ser amarrado: e então, será que agora tenho os movimentos livres, eu, que a natureza criou amarrado a este peso que é o meu próprio corpo? Vou morrer: quer dizer, vou deixar de poder estar doente, de poder ser amarrado, vou deixar de estar sujeito à morte!

18 Não sou tão tolo que me vá pôr a repetir o refrão dos epicuristas[5]: que é infundado o medo dos infernos, que não há roda alguma sobre a qual Ixíon seja arrastado, que não há qualquer monte por onde Sísifo empurre com os ombros o rochedo, que não há ninguém cujas vísceras possam diariamente renascer e ser comidas! Ninguém é infantil ao ponto de ter medo de Cérbero, das trevas, ou

---

[5] Epicuro, fr. 341 Usener.

de fantasmas com túnicas cobrindo esqueletos descarnados. A morte, ou nos consome totalmente, ou nos despoja de alguma coisa. Na segunda hipótese, privados do peso do corpo, resta-nos a melhor parte de nós mesmos. Se somos totalmente consumidos, então não resta mais nada, tanto a parte boa quanto a parte má são-nos retiradas igualmente. Dá-me licença que cite neste ponto um verso teu, **19** mas sem deixar primeiro de lembrar-te que deves pensar que o escreveste tanto para uso dos outros como para uso próprio. É indecente dizer uma coisa e pensar outra; muito mais indecente será escrever uma coisa em que se não acredita! Lembro-me que um dia tu desenvolveste esta ideia, que nós, homens, não caímos na morte de repente, antes avançamos gradualmente para ela. Morremos dia- **20** riamente, já que diariamente ficamos privados de uma parte da vida; por isso mesmo, à medida que nós crescemos a nossa vida vai decrescendo. Começamos por perder a infância, depois a adolescência, depois a juventude. Todo o tempo que decorreu até ontem é tempo irrecuperável; o próprio dia em que estamos hoje, compartilhamo-lo com a morte. Não é a última gota que esvazia a clepsidra, mas toda a água que anteriormente foi escorrendo; do mesmo modo não é a hora final em que deixamos de existir a única que constitui a morte, mas sim a única que a consuma. Atingimos a morte nessa hora, mas já de há muito caminhávamos para ela. Ao descreveres esta situação com a tua eloquência **21** habitual, sempre notável, mas nunca tão sublime como quando pões a palavra ao serviço da verdade, escreveste este verso:

> *"a morte vem gradualmente, a que nos leva é a morte última!"*[6]

---

[6] Lucílio júnior, Fr. 3 Morel.

Acho melhor que leias as tuas palavras do que esta minha carta. Verificarás como aquela morte que nos enche de medo é apenas a última, mas não a única!

22 Estou a ver o que procuras: queres saber qual a valorosa máxima, qual o útil preceito filosófico que eu escolhi para inserir nesta carta. Vou enviar-te uma coisa decorrente da própria matéria que tenho estado a tratar. Epicuro não censura com menos vigor os homens ansiosos pela morte do que os que dela se mostram receosos. Diz ele: *"É ridículo correr para a morte por aborrecimento à vida, quando é o tipo de vida assumido que provoca a* 23 *vontade de correr para a morte."*[7] E num outro passo escreve: *"Que coisa mais ridícula é o desejo da morte, quando é o medo da morte que enche a vida de inquietação!"*[8] Podes juntar a estas, outra situação não menos ridícula:[9] é tão grande a insensatez, direi mesmo a loucura dos homens, que alguns há até que se suicidam... por 24 medo de morrer!... Se meditares em algum destes tópicos ganharás força de ânimo para suportar quer a morte quer a vida. Em ambos os sentidos devemos receber incitamento e firmeza, para que nem amemos demasiado a vida nem a odiemos em excesso. Mesmo quando a razão aconselhar a pôr termo à própria vida, nunca uma tal 25 decisão deve ser tomada impensada e impulsivamente. Um homem corajoso e sábio não deverá fugir da vida, mas sim sair dela; acima de tudo importa evitar uma paixão que tem assaltado muita gente: a paixão pela morte. Como em relação a outros assuntos, também em relação ao

---

[7] Epicuro, fr. 496 Usener.
[8] Epicuro, fr. 498 Usener.
[9] Epicuro, fr. 497 Usener.

fenómeno da morte existe uma inconsiderada tendência de espírito capaz de dominar frequentemente quer homens animosos e de carácter firme, quer gente sem força e sem coragem; só que enquanto os primeiros sentem desprezo pela vida, os outros não lhe suportam o peso. **26** Muitas pessoas fartam-se de fazer e ver sempre a mesma coisa e são assim levadas a sentir, não ódio, mas náusea pela vida. Aliás, até a própria filosofia nos pode conduzir a essa náusea quando nos diz: *"Até quando aguentaremos sempre o mesmo? Nunca faremos outra coisa senão acordar e adormecer, comer e sentir fome, ter frio e calor?! Coisa alguma tem um termo, está tudo urdido em círculo, tudo se sucede alternadamente sem parar: a noite põe termo ao dia, e o dia à noite, o verão vai findar no outono, ao outono segue-se o inverno, que por seu turno é destronado pela primavera; tudo passa para regressar novamente. Não realizamos nada de novo, não vemos nada de novo: e aqui reside por vezes a causa da náusea!"* Muitos são os que pensam que a vida, não sendo dura, é supérflua.

25

1 O tratamento adequado aos nossos dois amigos tem de usar métodos completamente diferentes. De facto, enquanto os vícios de um deles carecem de correcção, os do outro exigem ser travados à força. Dir-te-ei com toda a franqueza: só serei na realidade seu amigo se for violento com ele! *"Ora essa!"* — dirás tu. — *"Pensas que podes manter sob o teu controlo um discípulo de quarenta anos? Repara que já atingiu uma idade dura e intratável, insusceptível de correcção. Só é possível moldar almas ainda jovens."* **2** Pois bem, eu ignoro se vou ser bem sucedido,

mas prefiro não obter êxito a faltar ao meu dever. De resto não devemos perder a esperança de sarar uma doença mesmo prolongada, se nos mostrarmos firmes ante os desmandos dos doentes, se os forçarmos a fazer e a aguentar muita coisa contra a própria vontade. Mesmo em relação ao nosso outro amigo eu não tenho demasiadas esperanças, a não ser o facto de ele ainda corar quando comete alguma falta. Há que cultivar esse sentimento de vergonha, o qual, enquanto permanecer na sua alma, nos dará bons motivos para ter esperança. Quanto ao nosso "veterano", tenho de tratá-lo com mais parcimónia, não vá

3 ele desesperar de si mesmo. Nenhuma ocasião foi mais propícia para me encarregar dele do que agora que os seus vícios estão em descanso, e ele se assemelha a um homem reconvertido. A outros, este divórcio dos seus vícios pode parecer definitivo, mas eu não me convenço com palavras: sei que os vícios, de momento adormecidos mas não dominados, hão-de regressar, e com juros elevados! Vou aplicar o meu tempo a tentar dominá-los, mas só depois de experimentar saberei se pode ou não conseguir-se algum sucesso.

4 Quanto a ti, continua, como até agora, a mostrar-te animoso e a diminuir as tuas bagagens![10] Nada do que possuímos nos é estritamente necessário. Regressemos à lei da natureza, e teremos riquezas em abundância. Aquilo de que carecemos, ou é gratuito ou de baixo preço: a natureza contenta-se com pão e água! Ora ninguém é tão pobre que não possa obter estes dois bens; e quem a eles limitar os seus apetites poderá rivalizar em felicidade com o próprio Júpiter, conforme diz Epicuro. Será deste filó-

[10] Epicuro, fr. 602 Usener.

sofo a frase que vou inserir na presente carta. Ei-la: *"Procede em tudo como se Epicuro te estivesse observando!"*[11] É útil, sem dúvida, termos acima de nós um mestre, alguém cuja aprovação procuremos, alguém que, por assim dizer, participe dos nossos pensamentos. De longe mais importante será viver como se estivéssemos sempre perante o olhar de algum homem de bem; eu já me darei por satisfeito se tu agires sempre como se estivesses a ser observado, uma vez que a solidão é conselheira de todos os vícios. **5**

Quando tiveres progredido a ponto de teres o maior respeito por ti próprio, então poderás dispensar o pedagogo. Por enquanto, acolhe-te à protecção de alguma autoridade: pode ser o grande Catão, ou Cipião, ou Lélio, ou outro qualquer, daqueles em cuja presença mesmo os homens mais depravados reprimiam os seus vícios. Isto enquanto estás fazendo de ti um homem em cuja presença não ouses prevaricar. Quanto tiveres atingido este nível, quando começares a sentir respeito por ti mesmo, então eu começarei a permitir que faças aquilo que Epicuro igualmente aconselha: *"Refugia-te dentro de ti próprio, em especial quando fores forçado a estar no meio da multidão."*[12] **6**

É bom que te tornes diferente da maioria, desde que possas refugiar-te com segurança dentro de ti mesmo. Repara no comum das pessoas: todas teriam mais proveito na companhia de alguém que não fossem elas próprias! *"Refugia-te dentro de ti próprio, em especial quando fores forçado a estar no meio da multidão!"* — mas só se tu fores um homem de bem, tranquilo, moderado. Doutra maneira deves procurar refúgio na multidão **7**

---

[11] Epicuro, fr. 211 Usener.

[12] Epicuro, fr. 209 Usener.

e fugir de ti mesmo, escapando assim à presença íntima de um homem sem carácter.

26

1 Dizia-te eu, não há muito, que já estava à vista da velhice; agora creio bem já ter deixado a velhice lá para trás de mim! À minha idade, ou pelo menos ao meu corpo, já será adequada outra designação, pois "velhice" é o nome que se dá ao período da vida em que o homem está, embora cansado, ainda não gasto de todo. Inclui-me, portanto, no número dos decrépitos já prestes a atingir o
2 fim. Há, porém, uma coisa que te peço tomes em consideração: é que não sinto na alma as injúrias da idade, conquanto as sinta no corpo. Somente envelheceram os meus vícios, tal como o corpo auxiliar desses vícios. O meu espírito conserva-se vigoroso e mostra-se contente de já pouco ter de se ocupar com o corpo, isto é, já alijou uma grande parte do seu fardo. Mostra-se exultante, e discute comigo o problema da velhice, a qual diz ser para
3 ele "a flor da idade"! Acreditemos nele, deixemo-lo gozar os seus bens específicos. Agora ordena-me que medite, que saiba discernir, neste meu actual estilo de vida tranquilo e modesto, a parte que cabe à filosofia e aquela que cabe à idade, que observe com atenção tudo quanto já não posso e tudo quanto já não quero fazer, considerando como indesejável aquilo que já me não é possível fazer. De facto, qual o motivo de queixa, qual o prejuízo que vem de se ter acabado aquilo que, um dia ou outro, teria
4 mesmo de acabar? Sei qual a tua objecção: *"É um prejuízo enorme sentirmo-nos diminuídos, depauperados, desfeitos, para empregar o termo exacto. A velhice, é um facto, não*

nos abala e derruba de um só golpe, vai-nos corroendo, vai, cada dia que passa, roubando um pouco às nossas forças." Então haverá melhor forma de morrer do que irmo--nos desfazendo, natural e gradualmente, até chegarmos ao fim? Não quero dizer que um golpe súbito e uma morte repentina sejam qualquer coisa de mal; somente afirmo que ir perecendo a pouco e pouco é um modo mais suave de morrer. Eu, pelo menos, como se já estivesse próximo o momento decisivo, esse dia supremo que há-de pronunciar o juízo definitivo sobre toda a minha vida, vou-me observando e dizendo a mim mesmo estas palavras: "Tudo **5** o que até agora fiz ou disse, de nada vale; não passam de fracos e falaciosos garantes da minha alma, disfarçados entre inúmeros adornos. O que eu tiver feito de útil, ficarei a devê-lo à morte. Por conseguinte, preparo-me sem receios para aquele dia em que, sem artifícios ou disfarces, hei-de ajuizar sobre mim mesmo, se apenas digo grandes frases ou se as sinto, se todas as palavras corajosas que proferi contra a Fortuna foram ou não algo mais do que fingimento ou mascarada! Não interessa a apreciação dos **6** outros: é sempre incerta, há sempre divisão de opiniões. Não interessam os estudos realizados durante a vida: somente a morte pronunciará sobre nós o juízo definitivo. Esta é a minha opinião: as disputas filosóficas, os colóquios literários, as máximas recolhidas nos textos dos sábios, as conversas eruditas — nada disto revela a verdadeira força da alma! Até os mais medrosos são capazes de valentes discursos... O que de facto foi conseguido só se notará no momento de exalar a alma. Por mim, aceito as condições, e não temo o juízo decisivo." Aqui tens as **7** palavras que digo a mim mesmo, mas toma-as como se também fossem dirigidas a ti. És mais novo do que eu, mas isso não importa: o que conta não são os anos. Não

se sabe quando e onde a morte te espera; espera tu, portanto, a qualquer momento por ela!

8 Já estava a terminar, já a minha mão se aprontava para a fórmula final; devo, no entanto, contar as moedas e dar a esta carta o seu viático! Mesmo que eu te não diga a quem vou pedir o dinheiro emprestado, tu já calculas a que cofre vou bater... Mas espera por mim mais um pouco e eu passarei a pagar-te do meu bolso! Entretanto o banqueiro será Epicuro, o qual nos aconselha a *"meditar na morte"*[13], ou a *"atribuir a maior importância à aprendizagem da morte"*, se porventura a mesma ideia se nos

9 torna mais clara usando esta última fórmula. Talvez tu julgues supérfluo aprender uma coisa que só utilizamos uma vez! Mas por isso mesmo é que devemos meditar nela: temos sempre que estudar uma coisa que não pode-

10 mos testar se já sabemos! *"Medita na morte!"*: com estas palavras Epicuro manda-nos meditar na liberdade. Um homem que aprendeu a morrer esquece o que seja a servidão: está acima, melhor dizendo, está fora do alcance de todo e qualquer poder! Que lhe importam o cárcere, os guardas, as cadeias, se tem diante de si uma porta sempre aberta? Uma única cadeia nos tem manietados: o amor pela vida. Não o abafemos de todo, mas diminuamo-lo de modo a que, se as circunstâncias o exigirem, nada nos detenha ou impeça de estarmos preparados para fazer imediatamente o que, mais tarde ou mais cedo, teremos mesmo de fazer.

27

1 *"Quem és tu para me dar conselhos? Acaso já te aconselhaste a ti próprio, já corrigiste o teu carácter, para*

---

[13] Epicuro, fr. 205 Usener.

te poderes armar em director da consciência alheia?" Objecção justa, a tua; eu, contudo, não sou tão descarado que, doente eu próprio, me aplique a dar remédio aos outros! É como companheiro de sanatório que eu falo contigo da nossa comum enfermidade e te dou parte dos medicamentos que uso. Escuta, portanto, as minhas palavras como se me estivesses ouvindo a falar com os meus botões; é como se eu te permitisse o acesso aos meus segredos e discutisse comigo mesmo na tua presença. Aqui tens o **2** que eu repito sem cessar a mim próprio:

"Pensa na idade que tens, Séneca, e sentirás vergonha por teres as mesmas vontades e objectivos que tinhas em jovem. Já que está próximo o dia da tua morte, vê se consegues ao menos que os teus vícios morram antes de ti. Desfaz-te desses prazeres desordenados de que só a muito custo te verás livre: tais prazeres não são mais nocivos antes do que depois de satisfeitos. Podemos não ser surpreendidos na altura de cometer um crime, mas nem por isso a angústia nos abandona. Com os prazeres ilícitos é o mesmo: depois de os satisfazermos, ficamos com o remorso. Não são prazeres constantes e duradouros; mesmo que não sejam nocivos, são pelo menos efémeros. Procura antes **3** um bem que seja de facto duradouro, e o único nestas condições é aquele que a alma consegue extrair de si própria. Unicamente a virtude nos proporciona uma alegria perene e inabalável. Algum obstáculo que intervenha tem tanta consistência como as nuvens que se movem abaixo do sol sem nunca poderem ocultar por completo a sua luz!"

Quando nos será dado aceder a uma tal alegria? Se **4** bem que não tenhamos estado parados, é hora de apressarmos o passo. Ainda resta muito trabalho a fazer. Se desejas atingir este objectivo, careces de muita atenção da

minha parte, mas também de bastante esforço da tua. A
5 virtude não se conquista por procuração. A mera erudição pode servir-se de auxiliares. Lembro-me ainda de um ricaço, Calvísio Sabino, de sua graça! Este homem tinha os bens de fortuna e a inteligência próprias de um liberto. Nunca vi ninguém tão exageradamente favorecido pela sorte. A sua memória era tão má que de vez em quando até esquecia os nomes de Ulisses, de Aquiles ou de Príamo, embora todos conheçam os seus nomes tão bem como nós conhecemos os nomes dos nossos pedagogos. Nenhum nomenclador[14] senil, daqueles que já não sabem o nome às pessoas e dizem o que lhes vem à cabeça, citaria tão erradamente os apelidos de família como Sabino fazia aos
6 Troianos e aos Aqueus! Apesar disto ele queria fazer-se passar por erudito. E aqui tens o método que congeminou: comprou a peso de ouro uma série de escravos, um que sabia Homero de cor, outro, Hesíodo, e mais nove a quem encarregou de decorar os poetas líricos.[15] Que tais escravos lhe tivessem custado uma fortuna não é de admirar: não os encontrou assim tal qual, teve de os mandar treinar expressamente. Mal conseguiu dar por pronta esta tropa toda, desatou a massacrar os seus convidados. Os escravos sentavam-se-lhe aos pés; quando queria citar alguns versos, ele pedia que lhos soprassem... mas continuamente falhava-lhe a memória a meio de uma palavra!
7 Então Satélio Quadrado, parasita habitual de ricaços estú-

---

[14] O nomenclador (*lat. nomenclator*) era um escravo especialmente encarregado de lembrar ao senhor os nomes dos clientes que lhe vinham apresentar os cumprimentos matinais (e receber a respectiva espórtula!). As suas funções, vemo-las pitorescamente descritas em Juvenal, I, 97 ss.

[15] Os nove poetas líricos gregos do cânone alexandrino: Álcman, Estesícoro, Íbico, Alceu, Safo, Anacreonte, Simónides, Píndaro e Baquílides.

pidos, e, consequentemente, seu adulador (seu crítico também, pois este atributo é sempre concomitante dos dois primeiros), aconselhou-o a comprar novos escravos para acabarem a frase que ele deixava em meio! Sabino replicou que cada escravo lhe ficava por milhares e milhares de sestércios; diz-lhe o outro: "Terias gasto menos dinheiro se tivesses comprado uma biblioteca!" O nosso homem, porém, continuou convencido de que ter em casa alguém erudito era o mesmo que ser erudito ele próprio!...

8 Satélio tentou também convencer Sabino a praticar luta livre, embora ele fosse um homem doente, pálido, enfezado. "Mas como é isso possível, se eu mal me aguento nas pernas?" — dizia Sabino. "Não me venhas com essa, por favor!" — replicou o outro. "Então para que servem todos estes robustos escravos que tu tens?"

Um espírito virtuoso não é coisa que se peça emprestada ou se possa comprar! E mesmo que existisse à venda, receio bem que não encontrasse comprador... O vício, esse todos os dias tem quem o adquira.

9 Mas já é tempo de pagar-te o que devo e despedir-me. *"A verdadeira riqueza consiste na pobreza capaz de prover à satisfação do que por lei da natureza necessitamos."*[16] Epicuro repetiu incansavelmente esta máxima, mas nunca é demais repetir uma coisa que nunca se aprende devidamente. A certos doentes basta que se lhes indique os remédios; outros têm de ser obrigados a tomá-los!

---

[16] Epicuro, fr. 477 Usener. Cf. supra a carta 4.10 em que a mesma máxima é citada com ligeira variação textual.

28

1 Pensas que só a ti isso sucedeu; admiras-te, como se fosse um caso raro, de após uma tão grande viagem e uma tão grande variedade de locais visitados não teres conseguido dissipar essa tristeza que te pesa na alma!? Deves é mudar de alma, não de clima. Ainda que atravesses a vastidão do mar, ainda que, como diz o nosso Vergílio,

as costas, as cidades desapareçam no horizonte,[17]

2 os teus vícios seguir-te-ão onde quer que tu vás. Do mesmo se queixou um dia alguém a Sócrates: *"Porquê admirar-te da inutilidade das tuas viagens,"* — foi a resposta, — *"se para todo o lado levas a mesma disposição? A causa que te aflige é exactamente a mesma que te leva a partir!"* De facto, em que pode ajudar a mudança de local, ou o conhecimento de novas paisagens e cidades? Toda essa agitação carece de sentido. Andares de um lado para o outro não te ajuda em nada, porque andas sempre na tua própria companhia. Tens de alijar o peso que tens na alma; antes

3 disso não há terra alguma que te possa dar prazer! Pensa que a tua actual disposição de espírito é idêntica à da Sibila descrita pelo nosso Vergílio, excitada, fora de si, possuída de uma força anímica vinda do exterior:

a Sibila corre impetuosamente, tenta expulsar do peito
a força divina que o enche![18]

Andas daqui para ali tentando expulsar essa angústia interior, que o teu incessante deambular apenas consegue agravar. É como num navio: se a carga está imóvel pouco se faz sentir, mas se anda a rebolar de um lado para o outro ao acaso faz tombar o barco para o lado onde

---

[17] Vergílio, *Aen., III,* 72.
[18] *Vergílio, Aen., VI, 78-9.*

exerce mais pressão. O que quer que faças redunda em teu prejuízo, esse teu contínuo movimento só te faz mal; é como fazeres andar um doente às voltas! Agora quando **4** te tiveres libertado da angústia, nessa altura, qualquer mudança de local te será agradável: podes ir parar aos confins da terra, podes ir dar a um canto perdido na barbárie, que essa terra, seja qual for, se te mostrará hospitaleira! Interessa é a disposição de espírito com que partes, e não o local a que chegas. Por isso mesmo não devemos afeiçoar-nos demasiado a nenhuma terra em especial. Temos de viver com esta convicção: não nascemos destinados a nenhum lugar particular, a nossa pátria é o mundo inteiro! Quando te tiveres convencido desta verdade, dei- **5** xará de espantar-te a inutilidade de andares de terra em terra, levando para cada uma o tédio que tinhas à partida. Se te persuadires de que toda a terra te pertence, o primeiro ponto em que parares agradar-te-á de imediato. O que tu fazes agora não é viajar, mas sim andar à deriva, a saltar de um lado para o outro, quando na realidade o que tu pretendes — viver segundo a virtude — podes consegui-lo em qualquer sítio. Conheces algum local mais cheio **6** de agitação do que o foro? Pois, se for necessário, mesmo aí se pode viver com tranquilidade. Claro que, havendo possibilidade de escolha, eu preferiria ir para longe da vista, quanto mais da vizinhança do foro! Certos climas muito rudes põem em perigo a saúde mais robusta; do mesmo modo certos locais são pouco próprios para um espírito, virtuoso sim, mas ainda pouco firme, ainda em vias de aperfeiçoamento. Não concordo com aqueles que **7** se atiram para o meio das vagas e que, levando uma vida de agitação, lutam diariamente, com a maior coragem, contra as dificuldades da situação. Tal tipo de vida, o sábio pode suportá-lo, mas não escolhê-lo; preferirá viver em

paz, e não em conflito. É que pouco adianta ter alijado os **8** próprios vícios para andar a combater os alheios. Poderá objectar-se que à volta de Sócrates se juntaram trinta tiranos e não conseguiram vergar-lhe o ânimo. Mas que importa o número dos senhores? A escravidão é só uma. E quem a tem em desprezo será sempre um homem livre, por muito grande que seja a multidão dos poderosos!

9 É tempo de terminar esta carta, mas primeiro tenho de pagar a portagem! *"O começo da cura é a autoconsciência do erro"*[19]. Creio que Epicuro tem toda a razão ao dizer isto. De facto, quem não tem consciência de errar, não pode querer emendar-se. Antes da correcção deve sur- **10** gir a noção do erro. Certos indivíduos há que se gabam dos seus vícios: como imaginar que pode pensar em curar-se gente que toma os próprios defeitos como virtudes? Por isso mesmo, tanto quanto possas, acusa-te, move processos a ti mesmo. Começa por fazeres ante ti próprio o papel de acusador, depois o de juiz, só depois o de advogado de defesa; e uma vez por outra aplica uma pena a ti mesmo!

29

1 Perguntas-me como vai e o que faz o nosso amigo Marcelino. Ele vem pouco a minha casa, pela pura e simples razão de que tem medo de ouvir a verdade. Desse perigo, aliás, está ele livre, pois eu acho que se não deve dizê-la senão a quem está disposto a ouvi-la. Por essa razão se tem posto em causa se Diógenes, bem como os outros cínicos, que falavam sem peias e admoestavam

---

[19] Epicuro, fr. 522 Usener.

indiferentemente todos os passantes, tinham o direito de proceder assim. Qual o resultado de arengar a surdos ou a mudos, de nascença, ou por doença? *"Para quê"* — objectarás tu — *"poupar as palavras? São de graça! Eu não posso saber se vou ser útil àquele a quem dou os meus conselhos, mas serei de certeza útil a alguém se prodigalizar conselhos a muitos. Sejamos liberais a socorrer os outros: à força de tentar, é impossível que uma vez por outra não tenhamos sucesso!"* **2**

Meu caro Lucílio, aí está uma coisa que, em meu entender, um homem de valor não deve fazer! A proceder assim a sua autoridade como que se dilui e perde peso em face daqueles que, sendo menos desperdiçada, poderia ajudar a corrigir-se. Um bom arqueiro não é o que acerta algumas vezes, mas sim o que só ocasionalmente falha; uma arte não é válida quando atinge o seu objectivo por acaso. Ora a sabedoria é uma arte: deve atingir um alvo seguro, escolher discípulos capazes de aperfeiçoamento e afastar-se dos casos desesperados, embora não de chofre e sem tentar um último remédio, mesmo sem nenhuma esperança. **3**

Eu ainda não desesperei do nosso Marcelino. É um homem que ainda pode salvar-se, desde que lhe deitemos a mão urgentemente. O perigo é ele arrastar consigo quem lhe deitar a mão! Marcelino tem um espírito muito vigoroso, embora com tendência para o mal. De qualquer modo vou arriscar-me a esse perigo e atrever-me a apontar-lhe os seus defeitos. Ele procederá como de costume, recorrendo às suas pilhérias capazes de fazerem rir mesmo quem está de luto, troçará de si próprio primeiro, da nossa escola em seguida, e atalhará de imediato tudo quanto eu lhe disser. Passará em revista as escolas filosóficas e imputará aos filósofos os subornos que recebem, as aman- **4** **5**

6 tes, o prazer da mesa; indicar-me-á um que comete adultério, outro que frequenta a taberna, outro, a corte; apontar-me-á Aríston, o alegre filósofo que dá as suas lições de liteira, a altura melhor que escolheu para cumprir as suas obrigações... Tanto que quando alguém perguntou a que escola pertencia, Escauro respondeu: *"Peripatético é que não é, de certeza!"*[20] Também a esse homem notável que é Júlio Grecino perguntaram o que pensava de Aríston. *"Não posso dizer, não sei do que ele é capaz quando anda a pé!"*, respondeu, como se o interrogassem sobre um essedário.[21]

7 Em suma, lançar-me-á em cara esses charlatães que mais honestos seriam abandonando a filosofia do que tentando vendê-la. Decidi, contudo, sujeitar-me às suas graçolas: ele far-me-á talvez rir, mas pode ser que eu o faça chorar, e se ele teimar no riso, então eu, tanto quanto é possível quando as coisas vão mal, alegrar-me-ei por ao menos lhe ter cabido em sorte um tipo de loucura bem disposta! Esta hilariedade, porém, não dura muito: repara e verás que em breve espaço de tempo as mesmas pessoas 8 riem e entram em fúria com igual intensidade. Estou decidido a abordar Marcelino e a mostrar-lhe como ele valia tanto mais quanto menos caía no agrado de muitos. Se não conseguir eliminar-lhe os vícios, pelo menos refreá-los-ei; não cessarão, mas tornar-se-ão menos frequentes; ou até talvez cessem se criarem o hábito de ser menos frequentes. Mesmo este resultado não seria despiciendo,

---

[20] Os peripatéticos receberam este nome devido ao hábito de Aristóteles, o fundador da Escola, discutir com os seus discípulos caminhando de um lado para o outro (em grego περιπατεῖν). Aríston nunca poderia, por isso ser peripatético!

[21] Essedário: gladiador que combatia em carro de guerra *(esseda)*.

pois em casos de doença grave um bom período de acalmia é quase equivalente à saúde.

Enquanto eu me preparo para cuidar do nosso amigo, tu, que tens capacidade e sabes de que base partiste, e por isso compreendes qual o alvo a atingir, vai corrigindo o teu modo de ser, vai ganhando coragem, vai-te robustecendo contra os teus receios; não passes em revista todos quantos podem inspirar-te medo. Não seria estupidez ter medo da multidão num local onde só se pode passar um a um? Pois também não são muitos os que têm possibilidade de assassinar-te, ainda que muitos de tal te ameaçassem. A natureza dispôs as coisas de maneira que só uma pessoa nos poderá matar, tal como só uma nos deu a vida. **9**

Se não fosses muito rigoroso, bem poderias isentar-me do último pagamento; mas eu não vou ser mesquinho agora que a dívida está no fim! Aí tens o que te devo. "*Nunca pretendi agradar ao vulgo; daquilo que eu sei o vulgo não gosta, daquilo que o vulgo gosta não quero eu saber.*"[22] Quem é o autor? Pareces pensar que eu ignoro que pessoa é o meu discípulo!... É Epicuro; mas o mesmo te dirão os mestres de todas as outras escolas, peripatéticos, académicos, estóicos, cínicos. Como pode de facto agradar ao vulgo alguém a quem só a virtude agrada? Não se conquista o favor popular por processos limpos. Terás de igualar-te primeiro ao vulgo, que só te aprovará quando te considerar um dos seus. Ora para a tua formação a opinião que tenhas sobre ti mesmo importa muito mais do que a dos outros. A amizade de pessoas dúbias só se concilia por processos dúbios. Em que te ajudará nisto **10** **11** **12**

[22] Epicuro, fr. 187 Usener.

a filosofia, essa arte excelsa que a tudo sobreleva? Precisamente em levar-te a querer agradar mais a ti do que ao vulgo, a avaliar a qualidade, e não o número, das pessoas que emitem juízos sobre ti, a viver sem temor dos deuses ou dos homens, a poder vencer a adversidade ou a pôr-lhe cobro. Por outro lado, se eu te vir andar famoso nas bocas do mundo, se à tua entrada, como à de histriões no palco, ressoarem vivas e palmas, se por toda a cidade mulheres e crianças te tecerem louvores, como não hei-de eu lamentar-te, sabendo como sei qual a via para se obter tal favor?!

LIVRO IV

(Cartas 30-41)

30

Fui há pouco visitar Aufídio Basso: encontrei esse excelente homem alquebrado, lutando contra a idade. O peso dos anos, porém, já é excessivo para a sua parca energia: a velhice carrega sobre ele com todas as forças. Tu sabes que ele foi sempre um homem de compleição enfermiça e débil; durante algum tempo lá foi aguentando, melhor diria, escorando o seu corpo; agora, subitamente, desistiu. **1**

Tal como num navio que mete água se pode calafetar uma ou outra fenda mas, quando a madeira começa a deslocar-se e a ceder em muitos pontos, é impossível impedir que o casco se desfaça, também é possível durante algum tempo aguentar e amparar a fraqueza de um corpo senil. Quando, porém, como num edifício em ruína, todas as juntas se desagregam, e enquanto umas são reparadas há outras que se desconjuntam, a única coisa a fazer é arranjar modo de sair. **2**

O nosso Basso, contudo, é homem de ânimo forte: a filosofia dá-lhe a possibilidade de manter a alegria com a morte diante dos olhos, de estar forte e contente seja qual for o estado físico, de não perder a força da alma quando se esvai a do corpo. Um bom piloto navega mesmo com a vela rasgada e, se os mastros forem derrubados, ainda assim escora os restos do barco **3**

até ao fim da viagem. O mesmo faz o nosso amigo Basso: aguarda o fim com um ânimo, com um aspecto que, caso aguardasse a morte de outra pessoa, julgaríamos

4 excesso de insensibilidade. É da maior importância, Lucílio, e deve ser aprendida com tempo, a capacidade de morrer com coragem quando chegar a nossa hora inevitável. Outros modos de morrer conservam em si algo de esperança: uma doença cura-se, um incêndio apaga-se, um desabamento que parecia ir esmagar-nos deixa-nos em pé; o mar lança para terra incólumes aqueles mesmos que, com igual força, havia engolido; o soldado refreia o gládio no momento em que já está prestes a degolar a vítima. Mas o homem a quem a velhice conduziu às portas da morte, esse não tem qualquer esperança, em seu favor ninguém poderá interceder. Não há nenhuma outra maneira de

5 morrer, nem também tão prolongada. O nosso Basso dava-me a ideia de acompanhar o seu próprio funeral, de fazer o seu enterro, de viver como sobrevivente de si mesmo, de suportar o seu próprio luto com sabedoria. De facto, ele discorre muito sobre a morte, e fá-lo expressamente para nos persuadir de que, se neste capítulo algo há que cause transtorno ou receio, tal será culpa do moribundo, não da morte em si; nem nela, nem depois dela,

6 algo existe que nos cause sofrimento. Consequentemente, tão insensato é quem receia o que nunca sofrerá, como o que receia o que nunca há-de sentir. Haverá alguém que admita que havemos de sentir uma coisa que precisamente consiste em deixarmos de sentir? *"A morte"* — diz ele — *"está a tal ponto para lá de ser um mal que até está para*

7 *lá de todo o receio dos males."* Sei que estas verdades já muitas vezes foram ditas, e muitas serão reditas, mas nunca me pareceram tão úteis quando as lia nos textos ou as ouvia dizer a homens que negavam dever recear-se o

que eles próprios ainda estavam longe de olhar sem receio. Basso, contudo, merece-me o maior crédito, já que se trata de um homem que fala da sua morte próxima. Dir-te-ei a **8** minha opinião: considero que o próprio momento da morte dá ao homem mais coragem do que a simples vizinhança da morte. A presença imediata da morte, de facto, até mesmo aos tímidos dá a coragem de não evitar o inevitável. Assim é que um gladiador, mesmo muito pouco valoroso durante todo o combate, oferece a garganta ao adversário e ajuda-o a mergulhar o gládio hesitante. Mas aquela morte, inevitável sim, mas que ainda se vem aproximando, exige uma firmeza de ânimo constante, mais rara, e apenas ao alcance do sábio. Por isso mesmo era com o maior **9** agrado que ouvia Basso pronunciar uma opinião como que decisiva sobre a morte, e explicar a sua natureza como alguém que a observou muito de perto. Acreditarias melhor, imagino, com mais convicção, em alguém que tivesse ressuscitado e que, por experiência própria, te dissesse que na morte nada existe de mal; quanto à perturbação causada pela aproximação da morte, isso ninguém to poderá descrever melhor do que aqueles a quem ela saiu ao caminho, que a viram aproximar-se e se dispuseram a acolhê-la. Entre estes poderás incluir Basso, o qual nos **10** não deixa laborar em erro. Diz ele que tão grande estultícia é temer a morte como temer a velhice, pois assim como a velhice se sucede à idade madura, assim se sucede a morte à velhice. Não querer morrer é o mesmo que ter querido não viver: a vida foi-nos dada com a morte como termo para o qual caminhamos. Como não é então insensato temê-la? O que é certo, aguarda-se; só o que é dúbio se teme. A morte tem um carácter de inexorabilidade **11** igual para todos, inflexível: quem poderá queixar-se de existir em condições que são idênticas para todos? O pri-

meiro elemento da equidade é a igualdade. É supérfluo defender neste momento a causa da natureza, a qual pretendeu que a nossa lei geral fosse igual à sua própria: tudo quanto a natureza formou, ela o decompõe, tudo
12 quanto decompôs, de novo o volta a formar. E se a alguém cabe em sorte ser lentamente mandado embora pela velhice, isto é, não ser privado da vida repentinamente mas sim excluído dela a pouco e pouco, oh!, como esse alguém deve dar graças a todos os deuses por ter atingido saciado o repouso necessário a todo o homem, mas grato sobretudo a quem vem cansado! Podes ver alguns homens que desejam a morte, e mesmo com maior calor do que aquele com que habitualmente desejamos a vida. Nem sei bem quais considere de maior estímulo para nós, se aqueles que anseiam pela morte, se aqueles que a aguardam com rosto alegre e sereno; na realidade, o desejo dos primeiros nasce por vezes dum movimento repentino de cólera e indignação, ao passo que a tranquilidade dos segundos provém de uma reflexão bem pensada. Pode chegar-se ao momento de morrer por um movimento de ira; mas acolher com alegria a aproximação da morte só o pode fazer quem de há muito se preparou para ela.

13 Confesso-te que vários motivos concorreram para tornar mais frequentes as minhas visitas a este meu amigo: saber se o encontraria constantemente com a mesma coragem, ou se porventura o seu vigor de ânimo diminuiria concomitantemente com a robustez física. O facto é que o seu ânimo revigorava, à maneira dos condutores de carros cuja alegria se torna mais manifesta quando, após a sétima
14 volta, estão prestes a atingir a meta. Fiel aos princípios de Epicuro, dizia ele que, para começar, esperava que o último

suspiro não fosse de forma alguma doloroso;[1] se acaso o fosse, um pouco de alívio encontraria na sua própria brevidade, pois nenhuma dor de facto grande pode ser muito prolongada. De resto, mesmo no momento da separação da alma e do corpo, ainda que muito dolorosa, haveria de lembrar-se que depois dessa dor nunca mais sentiria dor alguma. Estava igualmente convencido de que a alma de um velho já se encontrava junto à boca, pelo que pouca força bastaria para a separar do corpo. "*O fogo, quando encontra pasto favorável, só se extingue com água, ou quando tudo tomba em ruínas, mas se carece de alimento apaga-se espontaneamente.*" Tais palavras, meu caro Lucílio, satisfaz-me imenso ouvi-las, não porque sejam para mim novidade, mas porque me são confiadas num momento decisivo. Quer isto dizer que eu nunca vi ninguém no momento de cortar o fio dos seus dias? Vi, é um facto, mas considero mais significativa a atitude de quem atinge a morte sem ódio pela vida, de quem acolhe a morte em vez de a solicitar. **15**

Dizia ele também que a angústia perante a morte é fruto de nós mesmos, por nos deixarmos invadir pelo terror quando já a julgamos próxima.[2] Mas de quem não está ela próxima, pronta como está a atingir-nos em qualquer lugar, a qualquer momento? "*Reparemos*" — acrescentava Basso — "*como, no instante em que alguma causa de morte parece atingir-nos, muitas outras causas há ainda mais próximas das quais não sentimos receio.*" **16**

Há uma guerra, a presença do inimigo é ameaça de morte breve; surge uma congestão, e a morte é antecipada. Se quisermos estabelecer uma distinção entre **17**

---

[1] Epicuro, fr. 503 Usener.

[2] Epicuro, *ibidem*.

os motivos do nosso medo, veremos que uns são reais, outros aparentes. O que tememos não é a morte, mas sim o pensar na morte; dela própria separa-nos sempre uma pequena distância. Por isso, se devemos temer a morte, então devemos temê-la sempre, porque em qualquer idade estamos sujeitos a ela.

18 Mas devo precaver-me, não vás tu odiar tanto como a própria morte uma carta assim tão grande. Vou terminar, portanto. Quanto a ti, vai sempre pensando na morte, para a não receares nunca![3]

31

1 Estou reconhecendo o meu Lucílio: já começa a mostrar-se tal como prometia vir a ser. Prossegue com essa disposição de espírito que te permite desprezar todos os bens vulgares e tender apenas para o sumo bem: não pretendo sequer que te tornes maior ou melhor do que te esforçavas por ser. A tua preparação de base era bastante ambiciosa: procura, portanto, atingir somente o alvo que te tinhas proposto e põe em prática os princípios que já

2 interiorizaste. Em suma, para seres sábio, bastar-te-á manteres os ouvidos fechados; só que não será suficiente usar cera: necessitarás de uma matéria mais densa do que a

---

[3] Ao contrário do que sucedia nas cartas precedentes, Séneca deixa a partir de agora de encerrar as suas epístolas com a citação de uma máxima de Epicuro. Fê-lo, a princípio, na convicção de que lhe seria mais fácil converter Lucílio ao estoicismo se começasse por alimentar a meditação com pensamentos epicuristas, embora interpretados em sentido estóico. De aqui em diante, contudo, Séneca toma a conversão do amigo como um dado adquirido, pelo que se considera desobrigado de recorrer à seara alheia!

usada por Ulisses nos seus companheiros.[4] A voz temida pelos marinheiros, embora sedutora, não era a voz de todo o mundo; aquela de que nós devemos precaver-nos não provém de um recife, mas ressoa nos quatro cantos da terra. Passa, por conseguinte, ao largo não apenas de um local tornado suspeito pela sua traiçoeira sedução, mas de todas as cidades. Mostra-te surdo aos conselhos dos que mais te querem bem: com boas intenções, apenas te desejam mal. Se quiseres ser feliz, pede aos deuses que nada do que para ti desejam se realize. Esses bens que gostariam de ver acumulados sobre a tua pessoa não são bens reais; existe somente um bem, causa e fundamento da felicidade: a autoconfiança. Para a obteres só tens um caminho: negar qualquer importância ao trabalho, ou seja, considerá-lo como incluído no número daquelas coisas que em si não são boas nem más.[5] De facto, é impossível suceder que uma mesma coisa seja alternadamente boa e má, fácil de suportar e assustadora. O trabalho não é um bem. O que é então um bem? O desprezo pelo trabalho em si mesmo. Por isso eu censuro toda a actividade vazia de sentido. Mas quando o esforço visa a obtenção da virtude, nesse caso, quanto maior for a energia dispendida, quanto menores o cansaço e as concessões ao repouso, tanto maior será a minha admiração e o meu grito de incitamento: "Assim mesmo, coragem! Ânimo, tenta atin-

3

4

[4] Alusão ao famoso episódio das Sereias (*Odiss.*, XII, 142 ss.).

[5] Não será inútil sublinhar que não estamos perante nenhum incitamento à ociosidade! Trata-se, sim, de negar que o trabalho, qualquer actividade *em si* não é um bem se não visar a obtenção da virtude, e menos ainda serão um bem os frutos materiais do trabalho. Toda a acção que não tenha em vista o bem supremo não é em si boa nem má, pertencendo por isso ao vasto número dos "indiferentes".

5 gir o cume de um só fôlego!" O trabalho serve de estímulo às almas nobres. Não deves, todavia, limitar as tuas ambições aos votos que os teus pais faziam para ti em pequeno; de resto seria ridículo um homem como tu, que atingiu na sua carreira os postos mais altos, continuar a incomodar os deuses! Para que precisas tu de lhes pedir seja o que for? Constrói a tua própria felicidade, o que facilmente farás desde que entendas isto: é bom tudo o que implica a virtude, é mal tudo o que incluir a presença do vício. Nada é susceptível de brilhar se não estiver banhado de luz, nada é sombrio se não estiver envolto em trevas ou situado à sombra de qualquer objecto escuro; para haver calor é preciso recorrer ao fogo, para haver frio é preciso expor as coisas ao ar; da mesma maneira, o que faz as coisas virtuosas ou condenáveis é apenas a pre-

6 sença da virtude ou do vício, respectivamente. Em que consiste o bem? Na ciência.[6] Em que consiste o mal? Na ignorância. O sábio, esse superior artista da filosofia, saberá rejeitar ou escolher o que for oportuno, mas sem sentir temor pelo que rejeita, nem admiração pelo que escolhe; para tanto basta que ele possua uma alma nobre e firme. Proíbo que te deixes abater ou deprimir! Não basta sequer que não rejeites o trabalho: tens de exigi-lo!

7 *"Que dizes?"* — objectarás. — *"Não é de rejeitar um trabalho fútil, supérfluo, suscitado por motivos pouco elevados?"*

Não é, como também o não é um trabalho aplicado a objectos cheios de beleza. O que interessa é a capacidade de resistência da alma, e esta deve procurar com entusi-

---

[6] Entenda-se "ciência" no sentido que Séneca (como o estoicismo em geral) dá ao termo: "ciência das coisas divinas e humanas", "sabedoria", "sageza".

asmo tarefas duras e difíceis, deve dizer a si própria: *"Porque páras? Não é digno de um homem recear o suor."*

Resta-me acrescentar que, para a virtude ser perfeita, é preciso que a nossa vida, em todas as circunstâncias, mantenha uma linha de rumo constante e em inteira coerência consigo mesma, o que apenas poderemos conseguir através da ciência, do conhecimento das coisas humanas e divinas. Aqui reside o supremo bem; se atingires este ponto deixarás de ser um suplicante, para te tornares amigo íntimo dos deuses! **8**

"Mas como se chega a esse ponto?" Não é preciso atravessares os Alpes Peninos ou Graios nem os desertos da Candávia; não terás de cruzar as Sirtes, nem Cila ou Caríbdis — por onde aliás passaste por causa dessa tua insignificante procuradoria. Desta vez o caminho é seguro, é ameno, e a natureza deu-te qualidades para o empreenderes, qualidades que, se não desistires a meio, te farão chegar à meta como homem igual a um deus. O que te fará igual a um deus não é o dinheiro, porque um deus nada possui. A toga pretexta também não, porque Deus é nu. Nem a fama, nem a ostentação da tua pessoa, ou a propaganda do teu nome espalhada entre os povos: Deus, ninguém o conhece, muitos pensam mal dele, e impunemente. Não será a multidão de escravos que transporta a tua liteira pelas ruas da cidade ou pelas estradas: Deus, esse ente superior e potentíssimo, põe, ele próprio, todo o universo em movimento. Não serão sequer a beleza ou a força que te tornarão feliz: com a velhice ambas desaparecem. Devemos procurar algo que se não deteriore com o tempo, nem conheça o menor obstáculo. Somente a alma está nestas condições, desde que virtuosa, boa, elevada. Um deus morando num corpo humano — aqui está a **9** **10** **11**

designação justa para essa alma. Uma alma assim tanto pode encontrar-se num cavaleiro romano, como num liberto, como num escravo! O que são, na realidade, um "cavaleiro romano", um "liberto", um "escravo"? Apenas nomes, derivados da ambição e da injustiça humanas. Para subir ao céu pode partir-se de qualquer canto. Ergue-te, pois,

mostra-te tu também digno de um deus.[7]

Para o conseguires, de nada serve o ouro ou a prata: com estes materiais é impossível modelar a imagem da divindade. Pensa que os deuses, no tempo em que nos escutavam, eram representados em figuras de barro!

32

1 A toda a gente que vem lá das tuas bandas eu pergunto por ti, procuro saber como vais, onde e com quem costumas dar-te. Não podes enganar-me: estou na tua companhia. Vive como se todos os teus actos me fossem relatados, ou melhor, como se eu próprio assistisse a eles. Daquilo que oiço dizer de ti sabes o que me dá mais satisfação? É não ouvir dizer nada, uma vez que a maior parte daqueles que eu interrogo ignora o que tu andas a
2 fazer. Aí está uma coisa salutar, não te relacionares com pessoas de índole e objectivos distintos dos teus. Tenho a convicção de que essas pessoas não poderiam desviar-te e de que tu manterias os teus propósitos ainda que uma multidão te rodeasse e procurasse dissuadir-te de o fazeres. Quero eu dizer: não receio que te façam mudar de direc-

---

[7] Vergílio , *Aen.*, VIII, 364-5 (cf. supra carta 18, 12).

ção, mas temo que te estorvem a marcha. Dificultarem--nos o avanço é um prejuízo de monta: é como se, apesar da tremenda brevidade desta vida que a nossa inconstância ainda torna mais breve, estivéssemos de momento a momento a dar os primeiros passos. Reduzimos a vida a migalhas, fazêmo-la em bocadinhos... Avança, portanto, meu **3** caro Lucílio, pensa quanto maior seria a tua velocidade se algum inimigo corresse atrás de ti, se suspeitasses que um esquadrão de cavalaria se aproximava seguindo a pista dos fugitivos. É isto mesmo o que sucede: estás a ser perseguido. Anda mais rápido, foge, põe-te em segurança; pensa ainda como será admirável consumarmos a vida antes de morrer, e podermos depois aguardar em segurança o que nos restar para viver, sem nada mais desejarmos já para nós mesmos, gozando a plena posse de uma vida feliz, uma vida que, embora se prolongue, não poderá ser mais feliz do que já é. Quando virá o tempo em que tu perce- **4** bas como o tempo já te não diz respeito, em que atinjas a mais completa tranquilidade, indiferente ao dia de amanhã, perfeitamente satisfeito da vida que já tiveste! Sabes o que torna os homens ávidos do futuro? O facto de nenhum conseguir realizar-se! Os teus progenitores desejaram para ti certos bens; eu, pelo contrário, o que te desejo é a capacidade de sentir desprezo por tudo aquilo que os outros te desejaram em abundância! Os desejos dos teus familiares amontoavam pilhas de moedas, para fazerem de ti um homem rico, esquecidos de que, para te darem a ti, teriam de tirar a outros. O que eu te desejo é **5** o domínio sobre ti mesmo, é que o teu espírito, atormentado por pensamentos inconstantes, acabe por se afirmar e ganhar convicções sólidas, e se sinta contente de si mesmo; é, em suma, que, uma vez compreendida a natureza do verdadeiro bem (e compreendê-la é possuí-la!), o

teu espírito não careça de prolongar a sua existência. O homem que consegue realizar a sua vida está, de uma vez por todas, acima de todas as contingências, está desmobilizado, é um homem livre!

33

1 Desejas que nesta série de cartas eu vá inserindo também, como nas anteriores, algumas máximas dos nossos mestres. Eles não perderam tempo com floreados: toda a sua obra em conjunto está cheia de vigor. Fica sabendo que uma obra da qual emergem frases notáveis é de valor desigual: não nos quedamos de admiração ante uma árvore

2 quando toda a floresta cresceu até à mesma altura. Máximas do mesmo tipo — quer a poesia quer a história estão cheias delas! Por isso eu não quero que tu as consideres como sendo de Epicuro: elas são do domínio público, e são sobretudo do nosso domínio; tornam-se, contudo, mais notadas na obra de Epicuro porque ocorrem muito raramente, porque são inesperadas, porque é curioso encontrar uma máxima enérgica num homem que costumava pregar a indolência. Muitos, de facto, pensam assim: nas minhas mãos Epicuro surge cheio de energia, mau grado as mangas da túnica; coragem, capacidade, espírito pronto ao combate, tanto podem encontrar-se entre os Persas

3 como nos povos de túnica curta[8]. Não vale a pena, portanto, pedires-me máximas e citações: nos nossos autores

---

[8] As largas mangas da túnica de Epicuro ou as amplas vestes dos Persas e de outros povos orientais são olhadas pelo romano Séneca, homem de "túnica curta" como todos os seus concidadãos, indícios de personalidade efeminada e voluptuosa.

é contínua a matéria de que, em outros, se fazem as citações. Entre nós não há artifícios de publicidade, não enganamos o cliente, fazendo-o entrar para que ele nada encontre de valor senão o que estava exposto na montra: deixamos que cada um tome o modelo que lhe aprouver.

4 Imagina que nós pretendemos separar do conjunto máximas isoladas. A quem as vamos atribuir? A Zenão, a Cleantes, a Crisipo, a Panécio, a Posidónio? Nós não vivemos em monarquia: cada um conserva a sua autonomia. Entre os epicuristas, os ditos de Hermarco, os ditos de Metrodoro, são todos reconduzíveis ao mestre. Toda e qualquer máxima alguma vez proferida nessa escola filosófica foi inspirada e motivada por um só homem.

Ainda que o tentemos, repito, não é possível de uma tal massa de textos, todos do mesmo nível, extrair qualquer dito:

só o pobre é que conta as suas ovelhas[9].

Onde quer que lances os olhos encontrarás frases dignas de chamarem a atenção, não fora o caso de o texto estar todo à mesma altura.

5 Perde, por conseguinte, a esperança de poderes saborear em excertos o talento dos nossos maiores mestres: terás de estudar, e voltar a estudar, as obras inteiras. A teoria vai-se desenvolvendo continuamente, a obra de génio vai-se construindo a partir dos seus elementos, de modo que nenhum se pode retirar sem que o conjunto se desfaça. Não te impeço de examinar os pormenores, desde que seja na mesma pessoa; pensa, porém, que não é bela a mulher de quem se gabam as pernas ou os braços, mas sim aquela que, pela beleza do conjunto, impede que se dê

---

[9] Ovídio, *Met.*, XIII, 824.

6 atenção aos pormenores isolados. Mas se quiseres fazer excertos, não vou armar contigo em agiota — colhe a mãos ambas! A quantidade de máximas que poderás encontrar em qualquer página é enorme: apanha-as a eito, não precisas de rebuscar. Os pensamentos não saltam um a um, espraiam-se gradualmente; formam um todo contínuo e interligado. Não duvido que os excertos possam ser úteis a pessoas ainda inexperientes e abordando o texto, por assim dizer, do exterior: é mais fácil reter uma frase 7 isolada, concisa, cunhada em forma quase poética. É por isso que damos a estudar às crianças máximas, entre as quais as do tipo que os Gregos chamam "crias[10]", pois o espírito infantil, incapaz ainda de abarcar matéria mais vasta, pode entendê-las perfeitamente. Mas que um homem de formação já avançada se ponha a colher "florzinhas", a apoiar-se na lembrança de meia-dúzia de citações das mais divulgadas, isso é uma vergonha: já é altura de confiar nas próprias forças. Diga as suas sentenças, não memorize as alheias. É uma vergonha que um homem já velho, ou próximo da velhice, tenha uma sabedoria de compêndio!

"Zenão diz assim." — E tu, que dizes? *"Cleantes afirma..."* E tu, que afirmas? Até quando andarás sob as ordens de outro? Dá tu as ordens, diz algo digno de 8 memória, afirma alguma coisa por tua conta! Por isso penso que todos quantos, recolhidos à sombra alheia, permanecem intérpretes e nunca se afirmam como autores, não possuem um carácter elevado, pois nunca ousam fazer nada do que longamente andaram estudando. Fazem exercícios de memória com textos alheios. Mas "ter na memória" e "saber" são duas coisas diferentes. "Ter na

---

[10] *Cria* (termo retórico) = *χρεία* "sentença, máxima, dito de espírito".

memória" é reter o que alguma vez se memorizou; "saber", pelo contrário, é fazer nosso o que aprendemos, sem estar dependentes de um modelo nem olhar constantemente para o mestre. — *"Este pensamento é de Zenão, este outro de Cleantes."* Deixa que algo se interponha entre ti e o livro. Até quando permanecerás estudante? É altura de ensinares também. **9**

Porque razão hei-de eu ir ouvir aquilo que posso ler? Há quem diga: *"É muito melhor uma lição de viva voz."* Sim, mas não a de uma voz que se limita a reproduzir palavras alheias, fazendo como que ofício de estenógrafo.

10 Junta a isto o facto de estes que nunca assumem a tutela de si próprios, por um lado reproduzirem os seus antecessores em questões em que cada um sempre se afastou do seu próprio antecessor, e por outro reproduzirem-nos em pontos que ainda estão a ser investigados. Ora nunca faremos novas descobertas se nos contentarmos com o que já foi descoberto. Além disso, quem segue um autor nunca descobre nada, nem sequer tal pretende. **11** Quer isto dizer que eu me recuso a percorrer vias já trilhadas? Não, eu irei pela estrada antiga, mas se descobrir outra mais curta e melhor, aplaná-la-ei. Os autores que nos precederam nesta via filosófica não são nossos donos, são nossos guias. A verdade está à disposição de todos, ninguém tem o exclusivo dela. Grande parte da verdade caberá aos pósteros descobri-la.

34

1 Sinto-me pleno de exaltação, sinto que a velhice perde peso e ganha forças sempre que vejo, em quanto fazes e escreves, até que ponto tu (que já te retiraras do vulgo) fazes progressos sobre ti próprio. Se o prazer que o agri-

cultor sente pela árvore, culmina quando ela dá fruto, se a alegria do pastor lhe vem das crias do seu rebanho, se qualquer homem sente no filho que criou como que a própria adolescência, nós, educadores espirituais, que pensas tu que sentiremos ao ver subitamente adultos os espí-
2 ritos de que tomámos conta ainda débeis? Tu estás ligado a mim, és obra minha. Quando eu vi a natureza do teu carácter, deitei-te a mão, aconselhei-te, estimulei-te, e não te deixei avançar com lentidão, fiz-te de imediato ir para
3 a frente. "*E então?* — dirás. *Tem sido essa a minha vontade!*" Sim, isso já significa muito, e não apenas no sentido em que se diz que o começo é só por si metade da obra. Esta questão está dependente da vontade, e por isso uma grande parte de bondade consiste em querermos ser bons. Sabes o que eu chamo ser bom: ser de uma bondade perfeita, absoluta, tal que nenhuma violência ou
4 imposição nos possa forçar a ser maus. Prevejo que tu serás assim, se perseverares, se te aplicares, se agires de forma a que os teus actos estejam em total coerência com as tuas palavras e que uns e outros sejam moldados na mesma forma. Não segue o caminho da verdade aquele cujos actos discordam do que afirma.

35

1 Ao incitar-te insistentemente ao estudo da filosofia estou trabalhando em meu proveito: é que eu pretendo ter um amigo, e não poderei consegui-lo se tu não continuares a cultivar-te como tens feito. Neste momento tens estima por mim, mas ainda não és meu amigo. "*Que dizes? Então uma coisa não implica a outra?*" Não, são mesmo coisas muito diferentes, porque, se a amizade é sempre proveitosa, o amor pode por vezes ser nocivo. Se

outra razão não houver, continua a progredir pelo menos para aprenderes a amar. Apressa-te, pois, enquanto podes **2** ser-me proveitoso, não vá a tua aprendizagem redundar em benefício de outro qualquer!... Eu já estou antevendo o resultado, já imagino como nós dois havemos de ter uma só alma, e sei que o que a minha idade já perdeu em vigor poderá recebê-lo da tua, embora não muito distante. Mas eu quero ter a alegria de ver, só por si, o teu aperfeiçoamento. Aqueles a quem amamos, mesmo quando **3** ausentes são uma fonte de alegria para nós, se bem que ligeira e evanescente. A vista, a presença, a conversa de viva voz têm algo de prazer, sobretudo se não vemos apenas *quem* queremos, mas ainda *como* o queremos. Associa-te a mim, portanto, suprema recompensa do meu esforço; pensa, o que poderá revigorar-te o propósito, que tu és mortal, e que eu sou um velho. Vem depressa até **4** mim, mas chega primeiro até ti mesmo! Progride, sempre com este máximo objectivo: obteres uma perfeita constância. Quando quiseres verificar se fizeste algum progresso, indaga se a tua vontade de hoje é idêntica à de ontem: uma mudança de vontade é indício de que a alma anda à deriva, aparecendo aqui ou ali conforme a levar o vento! O que está fixo e bem agarrado ao chão não erra ao acaso: o mesmo sucede ao sábio consumado, e, por vezes, mesmo àquele que ainda se encontra em fase de aperfeiçoamento. A diferença entre ambos reside em que o segundo, embora sem mudar de posição, oscila na sua base, enquanto o primeiro nem sequer oscila.

36

Incita esse teu amigo a animosamente não ligar impor- **1** tância a quem o censura por se acolher à obscuridade da

vida privada, por desistir das suas grandezas, por ter preferido a tranquilidade a tudo o mais, apesar de poder ainda avançar na sua carreira. Mostra a essa gente que ele trata diariamente dos próprios interesses da forma mais útil. Aqueles que pela sua posição elevada suscitam a inveja geral nunca vivem em terreno firme: uns são derrubados, outros caem por si. Esse tipo de felicidade nunca conhece a calma, antes se excita sempre a si mesma. Desperta em cada um ideias de vários tipos, move os homens cada qual em sua direcção, lança uns numa vida de excessos, outros numa vida de luxúria, a uns enche-os de orgulho, a outros

2 de moleza, mas a todos igualmente destrói. Dirás tu: *"Há, todavia, quem aguente bem uma felicidade desse género"*. Pois há, assim como há quem aguente bem o vinho. Por isso não existe o mínimo fundamento para te deixares persuadir que alguém é feliz pelo facto de viver rodeado de clientes; os clientes não buscam nele senão o mesmo que buscam num lago: beber até fartar e deixar a água suja! *"O vulgo julgá-lo-á um homem sem valor, sem actividade!"* Bem, mas tu sabes como há pessoas que usam incorrectamente a linguagem e dizem tudo ao contrário. Anteriormente diziam-no um homem feliz. Pois bem, será que ele era mesmo feliz? Pode haver quem o julgue um homem de carácter demasiado duro e sombrio, isso não me preocupa minimamente. Dizia Aríston que preferia um jovem taciturno aos jovens risonhos e bem acolhidos na sociedade. Também um vinho que a princípio parece espesso e áspero acaba por tornar-se excelente, enquanto aquele que na pipa nos parece agradável não suporta o envelhecimento. Não te importes, portanto, que lhe chamem taciturno, que o digam desinteressado em progredir na vida: com o passar do tempo essa taciturnidade dará bons frutos, desde que ele continue a praticar a virtude, a

embeber-se nos estudos liberais, não aqueles estudos de que um conhecimento superficial nos basta[11], mas aqueles outros com os quais devemos mesmo impregnar a nossa alma. É esta a altura própria para aprender. *"Que dizes? Há então, alguma hora em que não devamos aprender?"* Não há; somente, se em qualquer idade é correcto nós estudarmos, já nem em todas é próprio aprender as primeiras letras. Um velho na escola primária é vergonhoso e ridículo: devemos é adquirir em jovens os conhecimentos a utilizar na velhice! Em suma, será uma tarefa da maior utilidade para ti aperfeiçoares tanto quanto possível o carácter do teu amigo; costuma dizer-se destes benefícios que tanto devem solicitar-se como prestar-se; é indubitável que são benefícios de primeira grandeza, tão úteis quando se prestam como quando se aceitam. De resto, o teu amigo já não é livre de recuar: ele comprometeu-se. E é menos escandaloso declarar falência ante um credor do que ante as boas esperanças prometidas... Para pagar uma dívida em dinheiro o comerciante depende de que o mar permita terminar com sucesso a expedição, o agricultor está dependente da fertilidade da terra cultivada e dos caprichos do clima; para pagar a sua, o teu amigo somente pode recorrer à própria vontade. A fortuna não tem poder sobre o carácter. Ele que forme o carácter de modo a que a sua alma atinja na maior tranquilidade aquele estado de perfeição no qual já nada lhe pode causar nem detrimento nem proveito, antes se conserva inalterável, aconteça o que acontecer: se lhe forem proporcionados alguns bens próprios do vulgo, ele elevar-se-á acima dos seus pertences, se o acaso o privar de alguns destes, ou mesmo de todos, não ficará diminuído por isso.

4 **5** **6**

---

[11] Sobre a posição de Séneca acerca dos estudos liberais v. a carta 88.

7 Se o nosso homem fosse natural da Pártia, logo em garoto teria começado a retesar o arco; se nascesse na Germânia, ainda criança começaria a lançar o dardo ligeiro; se tivesse nascido no tempo dos nossos avós teria aprendido a montar e a lutar com o inimigo corpo a corpo. Cada povo tem o seu método específico, que recomenda, e 8 mesmo impõe, aos seus jovens. Qual o tema de meditação adequado para o nosso homem? Que o melhor remédio contra todas as armas, contra todos os tipos de inimigo, consiste no desprezo pela morte! Ninguém duvida de que a morte tenha em si algo de assustador e contrário ao nosso sentimento natural, que nos conduz a amar a vida. De facto não seria necessário prepararmo-nos insistentemente para uma situação em direcção à qual caminhássemos por um instinto natural, semelhante ao instinto de 9 conservação que todos possuimos. Ninguém necessita de aprender a, se for necessário, deitar-se de boa vontade num leito de rosas! Pelo contrário, é preciso um treino rigoroso para que alguém se mantenha firme sob a tortura, para que, em caso de necessidade, fique em pé mesmo ferido, de sentinela ao acampamento, sem encostar-se sequer à lança, pois numa situação destas o mais frágil ponto de apoio torna-se propício ao sono. A morte não tem em si nada de nocivo, porquanto uma coisa, para ser 10 nociva, deve primeiro existir! Se tens assim um tão grande desejo de uma vida mais longa, pensa então que nada daquilo que se escapa aos nossos olhos para mergulhar na natureza (da qual tudo proveio e à qual tudo em breve há-de regressar) se destrói por completo; as coisas cessam, mas não se perdem; a morte — que nos enche de terror, que nós nos recusamos a aceitar — interrompe a vida, mas não lhe põe termo; virá um dia em que novamente veremos a luz, num regresso à vida que muitos recusariam

sem o prévio esquecimento da vida passada! Noutra oportunidade explicar-te-ei mais detidamente de que modo tudo aquilo que nos parece ser destruído apenas se transforma[12]. Deve resignar-se a partir de bom grado todo aquele que está certo de um dia regressar. Observa o ciclo dos fenómenos que continuamente se repetem: verás que neste mundo nada se extingue de todo, antes alternadamente tudo se esconde e ressurge. O verão termina, mas o próximo ano trará um novo verão; o inverno finda, mas os seus meses próprios trá-lo-ão de volta; a noite oculta o sol, mas em breve o dia expulsará a noite. No seu curso os astros voltam a percorrer o espaço por que já passaram; continuamente uma parte do céu está em movimento ascendente e a outra em movimento descendente. **11**

Vou terminar acrescentando apenas esta reflexão: as crianças de colo e os idiotas não têm medo da morte; não seria uma vergonha que a razão nos não proporcionasse a mesma imperturbabilidade a que chegam aqueles por carência de razão?

37

1 O laço mais forte a prender-te à prática da virtude é este: comprometeste-te a ser um homem de bem, confirmaste-o por um juramento. Se te disserem que se trata de uma militância ligeira e fácil estão troçando de ti. Não pretendo enganar-te. Quer na mais nobre quer na mais vil das carreiras[13] a fórmula de compromisso é idêntica:

---

[12] Não existe entre as cartas conservadas nenhuma em que Séneca retome e exponha sistematicamente esta questão.

[13] A mais nobre: a prática da filosofia; a mais vil: a de gladiador.

jurar submeter-se "ao fogo, às cadeias, à morte pelas
2 armas". No caso dos homens que alugam os seus braços à arena do circo, comendo e bebendo do que lhes rende essa sangrenta brutalidade, pretende conseguir-se que eles se submetam à violência mesmo contra vontade; no teu caso, que tu te submetas a ela voluntária e alegremente. Os gladiadores podem jogar fora as armas e apelar para a clemência do público; tu não poderás lançar fora as tuas nem implorar que te concedam a vida: terás de morrer sem te curvares, sem te deixares vencer. De que te valerá, aliás, a concessão de uns quantos dias, de uns quantos anos a mais? Nós, estóicos, não podemos ser desmobiliza-
3 dos! *"De que modo então"* — perguntas tu — *"conseguirei libertar-me?"* Tu não podes escapar ao inevitável, mas podes vencê-lo!

Abre-se caminho à força[14],

e esse caminho será a filosofia a indicar-to. Dedica-te a ela, se de facto queres salvar-te, se queres viver seguro e feliz, se queres, enfim, e isso é o fundamental, ser livre.
4 Não há outro modo de conseguires tudo isto. A ignorância[15] é uma coisa vil, abjecta, indigna, servil, sujeita a inúmeras e violentíssimas paixões. Destes insuportáveis tiranos que são as paixões — e que ora nos governam alternadamente, ora em conjunto — te libertará a sabedoria, a única liberdade autêntica. Para chegar à sabedoria, um só caminho e em linha recta; não há que errar; avança em passo firme e constante. Se queres que tudo te

---

[14] Vergílio, *Aen.*. II, 494.

[15] Recorde-se que por "ignorância" não deve entender-se meramente a ausência de conhecimentos, mas antes o estado de quem voluntária ou involuntariamente vive à margem dos princípios morais estabelecidos pela filosofia. O "ignorante", ou "insensato", é a antítese do ideal do "sábio" estóico.

esteja sujeito, sujeita-te tu à razão; dirigirás muitos outros, se a ti te dirigir a razão. Ela te dirá o que deves empreender, e de que maneira; assim não serás surpreendido pelos acontecimentos. 5 Tu não podes apontar-me alguém que saiba de que modo começou a querer aquilo que quer. E porquê? Porque o comum das pessoas não é levada pela reflexão, mas arrastada por impulsos. A fortuna cai sobre nós não menos vezes do que nós caímos sobre ela. A indignidade não está em "irmos", mas em "sermos levados", em perguntarmos de súbito, surpreendidos, no meio de um turbilhão de acontecimentos: "Mas como é que eu vim parar aqui?"

38

1 Tens toda a razão em exigir que tornemos mais frequente esta nossa troca de cartas. A conversação é sobremaneira útil, porquanto se grava no espírito a pouco e pouco; os discursos preparados e pronunciados perante um auditório, se se revestem de mais aparato, carecem de familiariedade. Digamos que a filosofia é um bom conselho: ora ninguém dá conselhos em público! Uma vez por outra pode ser necessário usar um estilo, digamos assim, oratório, quando se trata de obrigar a decidir-se alguém que está hesitante; mas quando pretendemos não incutir em alguém a vontade de aprender, mas sim transmitir ensinamentos, então é preferível recorrer a palavras mais despretensiosas, que penetram e se gravam na ideia com mais facilidade. De facto, o que é necessário não é a abundância, mas sim a eficácia das palavras. 2 Devemos distribuí-las como se fossem sementes; ora uma semente, ainda que minúscula, se cai em terra favorável, multiplica as suas energias e alcança, de exígua que era, dimensões

assaz consideráveis. O mesmo sucede com a razão. À primeira vista não parece ter grande raio de acção; mas à medida que vai agindo ganha força. As nossas palavras são breves, mas se o nosso espírito as acolher favoravelmente, elas enrijarão e florescerão. É como te digo, a condição das nossas sentenças é semelhante à das sementes: os frutos são numerosos, as dimensões muito reduzidas! Basta apenas, como já disse, que um espírito propício as entenda e as interiorize; se assim for, em breve esse espírito estará por sua vez a produzir muitas outras, mais numerosas mesmo do que as recebidas.

39

1 Descansa que hei-de escrever um tratado de filosofia, bem sistematizado e sintetizado, conforme tu me pedes. Em todo o caso vê se não te será mais útil continuar com o nosso método habitual em vez de empregar estes volumes a que agora se chama vulgarmente "manuais" e a que antigamente, quando ainda se falava latim, se dava o nome de "compêndios". O primeiro método é sobretudo indispensável a quem está em fase de aprendizagem, o segundo, a quem já conhece a matéria, porquanto aquele dá os ensinamentos, este apenas fornece os tópicos. De qualquer modo encher-te-ei de textos segundo ambos os métodos. E tu não me reclames este ou aquele ponto:
2 quem recorre a um perito é porque não é perito! Em suma, eu escreverei tudo o que pretendes, mas cá à minha maneira; entretanto tens à tua disposição muitos autores, cujos escritos, aliás, não sei até que ponto estão bem sistematizados. Pega no catálogo dos filósofos: não será preciso mais para te entusiasmar, vendo quantos homens andaram a trabalhar em teu proveito. Desejarás certamente

ocupar um lugar tu próprio nessa lista, pois o que há de melhor numa alma nobre é deixar-se tentar por uma actividade virtuosa. Nenhum homem de espírito elevado sente atracção por ocupações vis e abjectas; em contrapartida, a contemplação da verdadeira grandeza atrai e eleva até si. A chama ergue-se na vertical, incapaz de manter-se rasteira, de deixar-se abaixar, tanto como é incapaz de estar parada; do mesmo modo o nosso espírito está sempre em movimento, e é mesmo tanto mais ágil e ardente quanto mais nobre for. Feliz daquele que orientou esse movimento natural no sentido da virtude: com isso pôs-se definitivamente a salvo dos ataques da fortuna e obteve o meio de moderar a prosperidade, aliviar a adversidade e menosprezar aquilo que o comum dos mortais admira. Uma grande alma distingue-se por desprezar a grandeza, e por preferir a justa medida aos excessos, já que a primeira se limita ao que é útil e indispensável à vida, enquanto os últimos se tornam nocivos pelo próprio facto de serem supérfluos. É assim que a fertilidade excessiva prejudica as searas, os colmos partem-se com o peso e a demasiada abundância de grão não chega a amadurecer. O mesmo ocorre com as almas corroídas por um bem estar desmesurado, do qual usam em prejuízo não só dos outros como de si próprias. Nenhum inimigo inflingiu a alguém golpes tão duros como aqueles que certas pessoas sofrem ocasionados pelos próprios prazeres. Só uma coisa pode desculpar a imoderação, a louca voluptuosidade de tal gente: é que sofrem a consequência dos seus actos. Não é sem razão, aliás, que uma tal loucura se apodera delas: o desejo de ultrapassar os limites naturais descamba necessariamente na desmesura. A necessidade natural tem o seu termo próprio, enquanto as necessidades artificiais derivadas do prazer nunca conhecem limitações. A utilidade serve de medida ao que é

3

4

5

6

indispensável; mas por que padrão aferir o que é supérfluo? Por conseguinte, muitos afundam-se em prazeres sem os quais, uma vez transformados em hábito, já não podem passar; são estes os mais deploráveis de todos, pois se deixaram chegar a um ponto tal em que se lhes tornou indispensável uma coisa que começou por ser apenas supérflua. Em vez de os desfrutar, tornam-se escravos do prazer; e, para cúmulo da desgraça, acabam por amar aquilo mesmo que os torna desgraçados. Atinge-se assim o cume da infelicidade: a degradação torna-se, de prazer, em condição natural; quando os vícios se transformam em hábito deixa de ser possível a aplicação de qualquer remédio.

40

1 Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é esse o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como consolação ainda que ilusória e fugaz, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente? A mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença — aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro directo.

2 Dizes na tua carta que foste ouvir as conferências do filósofo Serapião aquando da sua passagem pela Sicília. *"As palavras saem-lhe em catadupa, a sua dicção não é uniforme, os vocábulos como que se empurram e atropelam; são palavras a mais para que uma só garganta lhes possa dar vazante!"* Não posso aprovar isso num filósofo,

cuja dicção, tal como a própria vida, deve ser metodicamente ordenada; e não pode haver ordem quando se fazem as coisas com precipitação. Por isso mesmo é que Homero atribuiu ao seu orador jovem uma eloquência cerrada, sem pausas, que lhe vinha aos lábios como se de flocos de neve se tratasse; ao orador ancião, porém, a palavra fluía calma e mais doce do que o mel[16]. Fica sabendo: esse **3** modo de falar atabalhoado e impetuoso está muito bem para um charlatão, mas não para um homem que pretende tratar — e ensinar! — um assunto importante e sério. Um filósofo, penso eu, nem deve falar a conta-gotas nem a correr; não deve obrigar-nos a apurar os ouvidos, tal como não deverá atordoá-los. Um modo de falar indolente e sem vigor diminui a atenção dos ouvintes, enfastiados pela lentidão, pelas interrupções constantes; no entanto, uma palavra que se faz esperar retém-se mais facilmente do que uma que voa e mal se ouve. Por outro lado, os filósofos devem transmitir preceitos aos discípulos; ora não é verdadeiramente transmitido um preceito dado a fugir. Acrescenta ainda que um estilo orientado **4** para a verdade não deve ocupar-se de ornatos e de figuras. A eloquência vulgar, essa não se orienta minimamente para a verdade. O seu propósito é agitar a multidão, atrair auditores pouco cultivados graças a impetuosas tiradas; não se presta a uma análise cuidada, é feita de arrebatamentos. Como pode então servir para governar os espíritos uma eloquência incapaz de governar-se a si própria? Mais ainda: um estilo oratório que visa a transformação das mentalidades deve descer até ao mais fundo de nós mesmos, pois

---

[16] *Ilíada*, III, 222 (sobre a eloquência de Ulisses, o "orador jovem") I, 249. (sobre Nestor, o "orador ancião").

os remédios só são profícuos quando a sua acção se pro-
5 longa. O estilo comum é feito de vazio inútil, faz barulho mas carece de vigor. Ora o que eu necessito é de apaziguar os meus receios, de dominar as paixões que se excitam, de eliminar os meus erros, de reprimir a minha luxúria, de aniquilar a minha avareza: qual destas tarefas pode ser feita de repelão? Qual é o médico que trata os seus doentes de passagem? E nem ao menos se pode sentir prazer perante uma tal verborreia estrepitosa e desor-
6 denada! Há muitos truques que julgaríamos impossíveis antes de os ter visto realizar; com estes prestidigitadores de palavras, basta ouvi-los uma vez para ficarmos a conhecê-los. O que há neles que se possa querer aprender ou imitar? Que juízo se pode fazer sobre o espírito de homens cujo estilo não passa de palavreado sem ordem e
7 sem freio? Quando corremos por uma ladeira abaixo não conseguimos deter-nos onde queríamos, mas, levados involuntariamente pela força da velocidade adquirida, vamos parar mais longe do que desejávamos; do mesmo modo a elocução apressada não só é incapaz de dominar-se a si mesma, como está aquém da dignidade da filosofia, a qual deve ir "colocando", e não "atirando", o seu discurso, numa
8 marcha calma e segura. *"Que dizes? Então a filosofia não pode ocasionalmente usar um estilo mais arrebatado?"* Claro que pode, mas sem prejuízo da sua dignidade moral, que é comprometida precisamente por uma eloquência violenta e demasiado brutal. O estilo filosófico deve ter força, mas sem perder a moderação; deve ser um rio a fluir, e não uma torrente! Mesmo num orador me custaria a aceitar uma tal velocidade de elocução, incapaz de retomar o curso das ideias, espraiando-se sem qualquer retenção. Como poderia, aliás, um juiz seguir a linha da argumentação, sobretudo se fosse um homem pouco dotado e ainda

inexperiente? Quando o desejo de se exibir ou a paixão irrefreável do orador o levarem a falar com agitação, mesmo assim a sua velocidade de dicção não deve ser tanta que impeça o auditório de acompanhá-lo. **9** Só farás bem, portanto, se evitares escutar esses "filósofos" a quem interessa mais a quantidade do que a qualidade do que dizem. Se tal for necessário, andarás bem falando como P. Vinício. *"E como falava ele?"*[17] Quando perguntaram a Asélio como achava a dicção de Vinício a resposta foi: *"Arrastada!"* Gémino Valério, por seu lado, comentou: *"Não percebo como chamam eloquente a este homem! Não é capaz de dizer três palavras de seguida!..."* Mas tu, **10** porque não haverias de preferir falar como Vinício? Por medo de que te aparecesse algum brincalhão, como aquele que, vendo Vinício a arrancar as palavras uma a uma como se, em vez de falar, estivesse a ditar, comentou: *"Diz qualquer coisa! Quando te decides a dizer alguma coisa?"*[17] Quanto ao estilo "em passo de corrida" de Q. Hatério, o mais célebre orador da sua época, gostaria que qualquer homem sensato o evitasse o mais possível. Hatério não tinha hesitações, não fazia pausas: começava a falar e acabava, tudo de um fôlego!

11 De resto, entendo que certos estilos podem ser mais ou menos convenientes conforme os povos. Entre os Gregos, por exemplo, já este estilo seria admissível, ao passo que nós temos o hábito de fazer pausas mesmo ao escrever. Até mesmo o nosso Cícero, o homem que elevou ao cume a eloquência romana, andava a passo. O estilo romano é mais circunspecto; sabe avaliar o seu valor, e submete-se à avaliação dos outros. **12** Fabiano, homem notável tanto

---

[17] Todo o texto, entre estes dois pontos, é pouco seguro!

pela integridade da sua vida como pelos seus conhecimentos, e também pela eloquência (mas esta qualidade só após as outras se deve considerar), sabia discutir com à-vontade, mais do que com entusiasmo; da sua linguagem poderia dizer-se que era fácil, não que era veloz. Tal facilidade, eu aceito-a, mas não a exijo, da parte de um sábio. Desde que o seu discurso se desenvolva sem entraves, prefiro que decorra com calma e não com excessiva abun-
13 dância. Tenho tanta mais razão para afastar-te deste vício da oratória quanto mais vejo que não poderás atingir a eloquência sem perda do respeito que deves a ti mesmo: terás de assumir um ar natural, não prestar atenção ao que dizes pois fugindo à tua vigilância, o teu ímpeto oratório levar-te-á a dizer muita coisa que gostarias de poder
14 não ter dito. Repito que nunca alcançarás a eloquência sem menosprezo da tua dignidade. Além do mais é uma arte que exige treino diário, ou seja, em vez de te ocupares de coisas, passarias a ocupar-te de palavras! E ainda que as palavras te não faltassem e te ocorressem ao espírito sem o menor esforço da tua parte, mesmo assim haveria que tomar as rédeas ao discurso, pois a um sábio tanto convém uma apresentação bastante modesta como uma linguagem concisa e sem audácias. Para terminar, a súmula dos meus conselhos é esta: sê lento a falar!

41

1 É uma empresa excelente e salutar a tua, se de facto, conforme me escreves, continuas a avançar rumo à sabedoria, a essa sabedoria que, por estar ao teu alcance obtê-la, seria estupidez ir suplicar aos templos. Não é preciso elevar as mãos ao céu nem pedir ao ministro do culto que nos deixe formular votos ao ouvido da estátua do deus,

como se assim nos fosse mais fácil sermos atendidos: a divindade está perto de ti, está contigo, está dentro de ti! É verdade, Lucílio, dentro de nós reside um espírito divino que observa e rege os nossos actos, bons e maus; e conforme for por nós tratado assim ele próprio nos trata. Sem a divindade ninguém pode ser um homem de bem; ou será que alguém pode elevar-se acima da fortuna sem auxílio divino? As decisões grandiosas e justas, é a divindade que as inspira. Em todo o homem de bem, **2**

qual seja o deus, ignora-se, mas existe um deus![18]

Se penetrares num bosque cheio de velhas árvores, de altura fora do comum e tais que a densidade dos ramos entrelaçados uns nos outros oculta a vista do céu, a própria grandeza do arvoredo, a solidão do lugar, a visão magnífica dessa sombra tão densa e contínua no meio da planura, tudo te fará sentir a presença divina. Se vires uma montanha como que suspensa sobre uma caverna escavada na rocha, não pela mão do homem, mas roída por causas naturais até formar um enorme espaço, a tua alma será atingida por uma certa aura de religioso mistério. Nós rodeamos de veneração as nascentes dos grandes rios; a irrupção súbita de um grande caudal brotando das entranhas da terra é assinalada por altares; são objecto de culto as fontes de água termal; a opacidade ou a profundidade imensa de certos lagos deram-lhes carácter sagrado. **3**

Se vires um homem intrépido no meio do perigo, insensível aos desejos vulgares, feliz no meio da adversidade, tranquilo em plena procela, contemplando os outros homens do alto, olhando os deuses de igual para igual — acaso não sentirás por um tal homem uma onda de vene- **4**

---

[18] Vergílio, *Aen.*, VIII, 352.

ração? Não dirás: *"Há aqui algo de superior, de demasiado elevado para poder considerar-se equivalente ao miserável* 5 *corpo em que está encerrado!"*? Sobre esse homem desceu uma força divina; a sua alma sublime, com perfeito domínio sobre si, que passa pelas coisas sem descer ao seu nível, que se ri dos temores e dos desejos vulgares, é uma alma movida por uma energia celeste. Uma alma desta natureza não pode perdurar sem auxílio divino; e por isso mesmo pertence, pela sua parte mais sublime, ao lugar donde proveio. Os raios do sol atingem, é certo, a terra, mas estão no lugar donde emanam; do mesmo modo essa alma excelsa e divina, descida até nós para nos fazer conhecer de mais perto a divindade, embora estando na nossa companhia, mantém-se ligada às suas origens. Emanação celeste, é para o céu que olha e se dirige, e está 6 entre nós sabendo que na realidade paira acima de nós. O que caracteriza então esta alma? O facto de não brilhar senão graças aos seus bens próprios. Que há de mais estulto do que admirar num homem aquilo que lhe é exterior? Onde há maior loucura do que na admiração por coisas que, de um momento para o outro, podem mudar de proprietário? Um cavalo não é melhor por ter um freio de ouro. Não é similar a atitude do leão que entra na arena de juba dourada, já cansado pelos tratos que levou até submeter-se à imposição de ornamentos, e a do leão sem ornatos, mas conservando intacto o seu vigor. Este surge cheio de impetuosa violência, tal qual como a natureza o quis, belo na sua bravura, sem outro ornamento para além do terror que inspira, bem superior ao 7 outro leão, amolecido e coberto de folhas douradas! Ninguém deve vangloriar-se senão do que lhe pertence. O que gostamos na videira é de ver-lhe os sarmentos carregados de fruto, é vê-la fazer tombar as estacas em que se

enrola sob o peso dos cachos; ou será que alguém apreciaria mais uma videira de que pendessem uvas de ouro e folhas de ouro? A virtude própria da videira é a fecundidade; similarmente, no homem o que devemos admirar é aquilo que lhe é peculiar. Alguém possui um belo grupo de escravos, uma casa magnífica, vastas terras de cultura, abundante capital a render: nada disto está nele próprio, mas apenas à sua volta. No homem, enalteçamos só aquilo **8** que se lhe não pode tirar, nem dar, aquilo que é específico do homem. Queres saber o que é? É a alma, e, na alma, uma razão perfeita[19]. O homem é, de facto, um animal possuidor de razão; por conseguinte, se um homem consegue a realização do fim para que nasceu, o seu bem específico atinge a consumação. A razão não exige do homem mais do que esta coisa facílima: viver segundo a sua própria natureza! O que torna este objectivo difícil de atingir é a loucura generalizada que nos leva a empurrarmo-nos uns aos outros na direcção do vício. E como reconduzir ao caminho da salvação homens a quem ninguém consegue deter, e a quem o vulgo ainda mais acicata?...

[19] *Ratio perfecta*: a razão levada ao máximo das suas potencialidades, identificando-se com a "virtude".

LIVRO V

(Cartas 42-52)

42

Então esse cavalheiro conseguiu convencer-te de que era um homem de bem?! Olha que um homem de bem não é coisa que surja e se reconheça por tal assim tão depressa! E sabes o que eu entendo aqui por "homem de bem"? Apenas o de segunda categoria, porque o de primeira é como a fénix, que só aparece uma em quinhentos anos. Não é de espantar que as coisas de facto grandes, surjam com tão grandes intervalos: as mesquinhas, as que se destinam ao vulgo, essas fá-las a fortuna nascer continuamente, as verdadeiramente admiráveis, pelo contrário, notabilizam-se pela sua própria raridade. Esse indivíduo **1** ainda está muito distante de ser o que apregoa. Se ele soubesse o que é um homem de bem não se julgaria já como tal, e talvez até perdesse a esperança de vir a sê-lo. *"Mas ele tem má opinião sobre as pessoas más"*. O mesmo fazem as pessoas más: nenhum castigo maior atinge os perversos do que o desagrado que inspiram a si mesmos. *"Ele odeia aqueles que usam imoderadamente de* **3** *uma súbita situação de grande poderio"*. Ele fará o mesmo quando tiver um poderio idêntico. Muitos há que, por fraqueza, parecem não ter vícios; mas se ganharem confiança nas próprias forças, os seus vícios não serão menos ousa-

dos do que os dos outros, já postos em evidência por circunstâncias favoráveis. Ainda carecem de meios para dar
4 largas à perversidade. Semelhantemente, uma serpente, mesmo venenosa, pode ser agarrada enquanto entorpecida pelo frio: não que ela careça de veneno, mas porque está em letargia. A muitos, para que a crueldade, a ambição, a luxúria atinja o nível dos piores, apenas falta o favor da fortuna. Verás que outra coisa eles não desejam se lhes
5 deres o poder de fazer quanto querem. Lembras-te daquele outro indivíduo que tu garantias ser-te inteiramente dedicado? Eu disse-te que ele não era de confiança, que era instável, que tu o seguravas, não pelo pé, mas por uma asa; enganei-me, apenas o seguravas por uma pena, e ele deixou-ta na mão e fugiu. Estás lembrado das partidas que te fez em seguida, de tudo o que tentou contra ti e acabou por cair sobre ele próprio. Não entendia que, colocando os outros em perigo, ficava ele próprio em perigo. Não pensava como eram dificultosas as suas pretensões, mesmo que não fossem supérfluas.

6 Por isso mesmo devemos verificar como naquelas pretensões que com enorme esforço pretendemos realizar, ou não existe vantagem alguma ou há sobretudo desvantagens: umas são supérfluas, outras não merecem tanto esforço. Nós, porém, não olhamos até ao fundo e por isso nos parece de graça o que na realidade custa um altíssimo
7 preço. Por aqui se vê bem a nossa estupidez: apenas julgamos comprar aquilo que nos custa dinheiro, enquanto consideramos gratuito o que pagamos com a nossa própria pessoa. Coisas que não quereríamos comprar se em troca devêssemos dar a nossa casa, ou uma quinta de recreio, ou de rendimento, estamos inteiramente dispostos a obtê-las a troco de ansiedades e de perigos, para tal sacrificando a honra, a liberdade, o tempo. A tal ponto é

verdade que a nada damos menos valor do que a nós próprios! Façamos, portanto, em todas as nossas decisões e actos, o mesmo que fazemos ao abordar qualquer vendedor: perguntemos o preço da mercadoria que desejamos. Frequentemente pagamos ao mais alto preço algo por que nada deveríamos dar. Posso indicar-te muitos bens cuja aquisição, mesmo por oferta, nos custa a liberdade: seríamos donos de nós próprios se não fôssemos possuidores de tais bens. Deves meditar no que te digo, quer se trate de lucros quer de despesas. *"Este objecto vai estragar-se."* Ora, é uma coisa exterior; tão facilmente passarás sem ela como passaste antes de a ter. Se tiveste esse objecto bastante tempo, perde-lo depois de saciado; se pouco tempo, perde-lo antes de te habituares a ele. *"Ganharás menos dinheiro."* E menos preocupações, também. *"Será menor o teu crédito."* Igualmente será menor a inveja. Atenta em todos esses pretensos bens que nos dão a volta ao juízo e cuja perda nos ocasiona imensas lágrimas: verás que não somos afectados por nenhum prejuízo autêntico, mas apenas pela ideia de um prejuízo. É uma perda que não sentimos, apenas imaginamos. Quem é dono de si próprio não pode perder nada. Mas quantos são os que sabem ser donos de si próprios?! **8** **9** **10**

43

Estás desejoso de saber como tive conhecimento do caso, quem me contou essa ideia tua que tu nunca contaste a ninguém? Foi aquele ser que quase tudo sabe: o boato. *"O quê?"* — dizes tu — *"Eu sou assim tão importante para dar azo a boatos?"* Não deves medir-te em relação à distância que te separa de Roma, mas sim em relação ao lugar onde resides. Qualquer objecto que sobres- **1** **2**

saia entre os objectos vizinhos só é grande no local onde sobressai. A grandeza não tem medida certa, é a comparação que a torna maior ou menor. Um barco que parece enorme no rio é minúsculo em pleno mar; um leme pode ser grande para uma embarcação e pequeno para outra.
3 Na província onde estás, por muito pouco que estimes o teu valor, és uma personalidade. Todos procuram saber como vives, como jantas, como dormes, e por isso mesmo tens de dar mais atenção ao teu estilo de vida. Considera-te um homem feliz quando puderes viver sob olhos do público, quando as paredes da tua casa te protegerem sem te ocultar, paredes essas que a maioria imagina existirem não para que vivamos mais protegidos, mas para que
4 prevariquemos mais às escondidas. Vou dizer-te uma coisa pela qual poderás avaliar o nosso estilo de vida: raro será aquele que é capaz de viver com as portas abertas. Os porteiros foram inventados pela má consciência, não pela vaidade; a nossa vida é tal que verem-nos de surpresa equivale a colherem-nos em flagrante delito. De que vale então fecharmo-nos em casa, ao abrigo dos olhos e dos
5 ouvidos alheios? A boa consciência exige o testemunho dos outros, a má vive em contínua ansiedade mesmo na solidão. Se os teus actos são honestos, deixa que todos os conheçam; se são vergonhosos, para que serve ocultá-los dos outros quando tu próprio os conheces? Desgraçado serás tu se desprezares o teu próprio testemunho!

44

Aí estás de novo a portar-te como um garoto, a queixar-
1 -te de seres pouco dotado pela natureza, a princípio, pela fortuna em seguida, quando afinal está na tua mão distinguires-te do vulgar e ergueres-te ao máximo de felicidade

possível ao homem. Se outras vantagens, além de si mesma, a filosofia possui, entre elas se contará a indiferença pelas árvores genealógicas: se buscarmos as mais remotas origens, veremos que todo o homem descende dos deuses. Tu és um cavaleiro romano, e foi graças à tua actividade **2** que chegaste a essa ordem. Muitos há, todavia, a quem as catorze filas[1] permanecem inacessíveis, nem todos têm entrada no Senado, até os quartéis escolhem com minúcia aqueles que são admitidos a participar nos duros perigos da milícia: a sabedoria, pelo contrário, está ao alcance de todos, para ela todos somos de nascimento nobre. A filosofia não rejeita nem elege ninguém: a sua luz brilha para todos. Sócrates nunca foi patrício; Cleantes andou acarre- **3** tando água, contratado para regar um jardim; Platão não chegou à filosofia por ser nobre, ela é que o enobreceu. Por que razão perderás tu a esperança de vir a ter uma sorte idêntica? Todos estes homens serão os teus antepassados, desde que o teu comportamento seja digno deles. E sê-lo-á, se começares por te convencer de que ninguém te excederá em nobreza. Qualquer de nós possui o mesmo **4** número de avós, ninguém há cuja origem se não perca na memória dos tempos. Diz Platão que todo o rei descende de escravos, que todo o escravo é descendente de reis[2]. As diferentes condições sociais foram confundidas por longa série de perturbações, todas a fortuna elevou ou abateu. Qual é o homem de natureza nobre? Aquele que pela **5** natureza foi dotado para a virtude. Apenas este ponto importa ter em consideração. Quanto ao resto, se fores

---

[1] A *lex Roscia theatralis*, do ano 68, reservava as primeiras catorze filas do teatro a seguir à orquestra para os membros da ordem equestre.

[2] Cf. Platão, *Teeteto*, 174 d, e ss.

invocar a antiguidade, não há família que não tenha antes de si o vazio. Desde a primeira origem do mundo até aos nossos dias a humanidade percorreu uma série alternada de grandeza e decadência. Um átrio cheio de bustos enegrecidos pelo fumo não faz de ninguém um nobre. Nenhum homem viveu para nos dar glória, nada do que nos precedeu no tempo nos pertence. A alma é que nos dá a nobreza, uma nobreza a que qualquer um pode aceder,
6 independentemente da sua condição social. Imagina que não és um cavaleiro romano mas sim um liberto: está na tua mão conseguir que entre gente de origem livre o único homem livre sejas tu. *"Mas como?"* — peguntarás. Basta que não avalies os bens e os males segundo o critério do vulgo: deves verificar, não donde eles provêm, mas sim para que fim tendem. Tudo o que possa contribuir para a obtenção de uma vida feliz será um bem de pleno direito, já que não pode degradar-se até tornar-se um mal.
7 Toda a gente, contudo, ambiciona ter uma vida feliz; porque sucede então que quase todos falham o alvo? Pelo facto de se tornar por felicidade o que não passa de um meio para atingir; por isso, quanto mais a buscam, mais dela se afastam. O cúmulo da felicidade consiste numa perfeita segurança, numa inabalável confiança no seu valor; ora o que as pessoas fazem é arranjar motivos de preocupação, é percorrer a traiçoeira estrada da vida ajoujadas de pesados fardos. Deste modo vão-se sempre distanciando cada vez mais da meta que procuram alcançar, e quanto mais se esforçam por atingi-la mais se embaraçam e retrocedem. Sucede-lhes como a alguém que corra num labirinto: a própria velocidade faz perder o norte.

45

1 Queixas-te de teres aí falta de livros. Não interessa a quantidade, mas sim a qualidade: a leitura é proveitosa se

for metódica, se apenas for variada torna-se um mero divertimento. Quem deseja chegar à meta que se propôs deve seguir um só caminho, e não vaguear por vários: de outro modo não viaja, deixa-se ir ao acaso. **2** Vais responder-me que me não pedes conselhos, mas sim que te mande livros. Eu estou disposto a enviar-te todos quantos possuo, disposto mesmo a esvaziar todo o meu armazém! Eu mesmo, se pudesse, iria até aí, e, se não fosse a firme esperança de que em breve te libertarás do teu cargo, empreenderia, apesar de velho, essa viagem, sem que dela me pudessem impedir Caríbdis, Cila e as suas fabulosas águas. Faria a travessia, fá-la-ia até a nado, desde que me fosse possível abraçar-te e ir avaliar pessoalmente os teus progressos espirituais.

3 Adiante! Pelo facto de me pedires que te envie as minhas obras não vou imaginar-me um talento literário, como não iria imaginar-me uma beleza se porventura pedisses que te enviasse o meu retrato. Sei que disseste isso por boa vontade, não por madura reflexão e se, acaso, resulta de uma reflexão foi porque a boa vontade ta ditou. **4** Seja qual for o valor dos meus escritos, lê-os como obra de um homem em busca da verdade, não detentor dela, mas em busca contínua e tenaz. Não alienei os meus direitos a favor de ninguém, não tenho gravado o nome de nenhum proprietário. Confio, e muito, no pensamento dos grandes homens, mas reivindico o meu direito próprio de pensar. De resto eles não nos legaram verdades acabadas, mas sim sujeitas à investigação; e porventura teriam descoberto o essencial se não tivessem investigado **5** também temas supérfluos. Mas gastaram tempo imenso em jogos de palavras, em discussões capciosas que aguçam inutilmente o engenho. Construimos argumentos tortuosos,

empregamos termos de significação ambígua, finalmente desatamos toda a trama![1] Temos assim tanto tempo livre? Já sabemos como encarar a vida e a morte? O que devemos procurar, com todas as forças, é o modo de nos não deixarmos enganar pelas coisas, e não pelas palavras.

6 Para quê analisar as diferenças entre palavras sinónimas, que não causam dificuldade a ninguém a não ser em discussões de escola? As coisas enganam-nos: aprendamos a observá-las. Tomamos por bens coisas que o não são, desejamos hoje o contrário do que desejámos ontem, os nossos anseios contradizem-se; contradizem-se as nossas

7 decisões. Como a adulação se assemelha à amizade! E não apenas a imita, como ainda a supera e ultrapassa; aceitamo-la de ouvidos receptivos e gratos, e ela aí vem penetrar-nos até ao íntimo, seduzindo-nos por aquilo mesmo que a torna nociva. Pois bem, aprendamos a distinguir a amizade da sua imitação. Um amável inimigo aproxima-se de mim dando-se como amigo; os vícios vêm-nos ao encontro sob o nome de virtudes: chama-se à temeridade coragem, à cobardia dá-se o nome de moderação, o medroso faz figura de homem cauteloso. É em casos destes que corremos risco de cair em erro: é a casos destes que

8 devemos atribuir as designações exactas. Se perguntarmos a alguém se tem cornos, ninguém será tão estúpido que vá levar a mão à testa; nem, por outro lado, tão imbecil ou obtuso que precise de uma subtil argumentação para se convencer se os tem ou não. Tais subtilezas enganam-nos, mas inocentemente, como as tigelas e as pedrinhas dos

---

[1] Sobre a pouca conta em que Séneca tinha certas investigações lógicas, até dos próprios estóicos, cf. por exemplo as cartas 48, 49, 83, parágrafo 9 e seguintes.

ilusionistas: toda a graça está no próprio truque. Explique-se como ele se faz, e todo o interesse se vai. O mesmo direi destas "artimanhas" (pois que melhor nome haverá para os sofismas?): não nos prejudica ignorá-las, nada nos adianta conhecê-las.

9 De resto, se estiveres interessado em analisar ambiguidades vocabulares, verifica antes que "homem feliz" não é aquele que o vulgo entende por tal, ou seja, um homem de grandes recursos monetários; é, sim, aquele para quem todo o bem reside na própria alma, é o homem sereno, magnânimo, que pisa aos pés os interesses vulgares, que só admira no homem aquilo que faz a sua qualidade de homem, que segue as lições da natureza, se conforma com as suas leis, e vive segundo o que ela prescreve; é o homem a quem força alguma despojará dos seus bens próprios, o homem capaz de fazer do próprio mal um bem, seguro do seu pensamemto, inabalável, intrépido; é o homem a quem a força pode abalar, mas nunca desviar da sua rota; a quem a fortuna, apontando contra ele as mais duras armas com a maior violência, pode arranhar, mas nunca ferir, e mesmo assim raramente, porquanto os dardos da sorte, que afligem em geral a humanidade, fazem ricochete contra ele à maneira do granizo que, batendo no tecto, salta e se derrete sem causar qualquer dano ao ocupante da casa.

10 Para que me fazes perder tempo com o argumento a que chamas "o mentiroso", sobre o qual já tanto se tem escrito?[1] Toda a vida, em meu entender, é uma mentira:

---

[1] O problema do "mentiroso" é enunciado por Cícero conforme segue: "Se afirmas que és mentiroso e dizes a verdade, estás a mentir. De facto, tu dizes que mentes, e dizes a verdade: logo estás a mentir" (Cícero, *Acad. Pr., II 96*) Logo a seguir, comenta Cícero: "Estes problemas foram levantados por Crisipo, sem que nem ele próprio os tenha podido solucionar" (*v. S.V.F., II, 282*).

já que és tão engenhoso, critica-a e recondu-la ao caminho da verdade. Ela considera como necessárias coisas que em grande parte não passam de supérfluas; e mesmo as que não são supérfluas não contribuem em nada para nos dar bem estar e felicidade. Pelo facto de ser necessária, uma coisa não é, desde logo, um bem; ou então degradamos o conceito de "bem", dando este nome ao pão, à polenta e a
11 tudo o mais imprescindível à vida. Tudo que é bem, é, por isso mesmo, necessário, mas o que é necessário não é forçosamente um bem: há muita coisa necessária e, simultaneamente, de baixo nível. Ninguém é tão ignorante da dignidade do bem que degrade o conceito ao nível dos
12 objectos de uso diário. Pois bem, não seria melhor que te aplicasses antes a mostrar todo o tempo que se perde na busca de superfluidades, a apontar como tanta gente desperdiça a vida na busca do que não passa de meios auxiliares? Observa os indivíduos, considera a sociedade: todos
13 vivem em função do amanhã! Não sabes que mal há nisto? O maior possível. Essa gente não vive, espera viver, e vai adiando tudo. Ainda que lhe déssemos toda a atenção a vida ultrapassar-nos-ia; se andarmos assim à deriva, ela passa por nós como uma estranha; termina com o nosso último dia, mas vai-se quotidianamente perdendo.

Mas para não exceder a dimensão normal de uma carta, que não deve encher a mão esquerda do leitor, adiarei para outra altura esta discussão com os dialécticos, gente em excesso subtil, e cuja única preocupação é esta, e apenas esta!

46

1 Chegou-me às mãos aquele teu livro que me havias prometido. Na intenção de o ler com mais vagar, limitei-me a abri-lo, como que para prová-lo. Ele mesmo, porém,

me tentou a prolongar a leitura. E podes compreender como me foi grata a sua linguagem se te disser que é de leitura fácil, muito embora exceda as dimensões habituais das minhas obras e das tuas, parecendo à primeira vista um volume de Tito Lívio ou de Epicuro[5]. O certo é que o agrado da leitura tomou por completo conta de mim, e li-o até ao fim sem mais delongas. O sol atraía-me, a fome dava sinal de si, as nuvens ameaçavam-me: nada me impediu de concluir uma leitura, que me encheu não só de prazer como de alegria. "Que talento, que força de alma tem este homem! Diria até "que rasgos de entusiasmo" se, acaso, ora escrevesse com mais calma, ora com mais calor". Mas não, não eram rasgos de entusiasmo, era uma inspiração contínua. O teu estilo de composição é cheio de virilidade, de propriedade, o que não exclui, ocasionalmente, e no momento exacto, uma expressão mais branda. Tens um estilo elevado, directo; mantém-no, conserva-o assim. É certo que o assunto também ajudou; por isso mesmo há que escolher um tema abundante, que atraia e desperte a imaginação. **2**

Dir-te-ei mais sobre o teu livro quando o tiver relido. Por agora a minha opinião não é ainda firme; é como se tivesse ouvido, não lido. Permite que o analise com cuidado. Não tens que recear: apenas te direi a verdade. Considera-te um homem feliz, pois mesmo de tão longe não há razão para que te mintam, como tantas vezes se faz: mesmo sem motivo, mente-se por hábito![6] **4**

---

[5] Qualquer deste autores se distinguia não apenas pelo número das suas obras, mas também pelo volume das mesmas.

[6] Infelizmente, nem se conservou o volume de Lucílio, cujo conteúdo se ignora, nem qualquer carta de Séneca em que a promessa de discutir minuciosamente a obra fosse cumprida.

47

1 Foi com prazer que ouvi dizer a pessoas vindas de junto de ti que vives com os teus escravos como se fossem teus familiares. Isso só atesta que és um espírito bem formado e culto. "*São escravos.*" Não, são homens. "*São escravos.*" Não, são camaradas. "*São escravos.*" Não, são amigos mais humildes. "*São escravos.*" Não, são companheiros de servidão, se pensares que todos estamos sujei-
2 tos aos mesmos golpes da fortuna. Por isso me parece ridículo achar desonroso jantar na companhia de um escravo. Pois não é apenas fruto de extrema vaidade o hábito de os senhores jantarem rodeados de uma multidão de escravos em pé? O senhor come mais do que tem necessidade, com gula desmedida sobrecarrega um estômago dilatado e já tão desabituado das suas funções de estômago que deita tudo fora com mais trabalho ainda do que teve
3 a ingerir. Entretanto, os infelizes escravos nem sequer podem mover os lábios para falar: o mínimo murmúrio é punido à chibatada, e nem ruídos casuais — tosse, espirro ou soluço — estão ao abrigo do chicote; qualquer barulho que interrompa o silêncio do senhor é duramente punido;
4 passam toda a noite em pé, sem comer, sem falar. O resultado é que esses escravos a quem se proíbe falar em frente do senhor, falam depois mal dele pelas costas. Antigamente, quando os escravos conversavam, não só na presença, mas com o senhor, quando não se lhes cosia a boca, eles estavam prontos a arriscar a vida pelo senhor, a desviar sobre si próprios qualquer perigo que o ameaçasse; conversavam às refeições, mas calavam-se quando torturados. Surgiu depois aquele ditado, sinal da mesma arrogân-
5 cia: tantos são os inimigos quantos os escravos. Não, eles não o são, nós é que fazemos deles nossos inimigos. E já

não falo dos tratamentos cruéis, desumanos que lhes são inflingidos, como se eles não fossem homens, mas bestas de carga. Quando jantamos estendidos no leito há um escravo para limpar os escarros, outro para, de gatas, andar apanhando o vomitado dos convivas ébrios. Outro **6** destina-se a trinchar aves de alto preço; e com a sua mão hábil, por cortes exactos desde o peito até à mitra, vai fazendo a ave em bocados. Desgraçado, cuja vida não tem outro fim que não seja trinchar aves! Só que talvez ainda seja mais miserável o senhor que nisso o adextrou para servir o seu prazer, do que o escravo forçado a adextrar--se. Outro caso é o do escanção: vestido e pintado como **7** uma mulher, luta contra a própria idade. Não o deixam crescer, forçam-no a manter-se criança, e, apesar do seu físico de soldado, todo depilado a unguento ou à pinça, passa a noite em claro ao serviço da embriaguês e da lubricidade do senhor: serve-lhe de homem no quarto, de garoto na sala de jantar! Outro, o do encarregado de ins- **8** peccionar os convivas, um infeliz que passa o tempo a notar quais os que, pela capacidade de adulação ou pela intemperança de apetite, ou de linguagem, voltarão a ser convidados no dia seguinte. Outro ainda o dos chefes da cozinha, a quem incumbe conhecer em pormenor o paladar do senhor, quais os alimentos que lhe excitam a voracidade, quais os pratos de cujo aspecto ele gosta, quais aqueles que, pela novidade, poderão despertar a sua gula entorpecida, quais os de que já está farto, quais os que lhe apetece comer em cada dia. Mas jantar com eles, isso o senhor não admite; consideraria uma ofensa aos seus pergaminhos sentar-se com um escravo à mesma mesa. Justiça divina! Quantos senhores não provêm da classe servil! Eu vi parado à porta de Calisto o seu antigo dono, vi o **9** mesmo homem que lhe pusera o escrito ao pescoço, que

o mandara ser vendido entre os escravos de refugo, ser retido à entrada enquanto outros passavam. O antigo escravo, enviado por ele à primeira decúria, aquela em que os pregoeiros ainda estão treinando a voz, pagava-lhe agora na mesma moeda: mandou-o por sua vez embora, não o julgando digno de ser recebido. O senhor vendera Calisto, mas quantos favores não teve o mesmo senhor de comprar a Calisto!

10 Pensa bem como esse homem que chamas teu escravo nasceu da mesma semente que tu, goza do mesmo céu, respira, vive e morre tal como tu. Tanto direito tens tu a olhá-lo como homem livre como ele a olhar-te como escravo. Aquando do desastre de Varo, muitos homens de ilustre ascendência, que aspiravam a entrar no senado mediante a carreira das armas, foram vítimas da fortuna: um veio a ser pastor, outro guardador de choupanas. Vê se deves então desprezar uma condição social em que tu mesmo podes tombar no próprio momento em que a cobres de desprezo!

11 Não pretendo meter-me por um terreno muito vasto e compor uma dissertação sobre o tratamento a dar aos escravos, com quem em geral nos mostramos soberbos, cruéis e injuriosos no mais alto grau. Muito concisamente, o meu preceito é este: vive com o teu inferior como gostarias que o teu superior vivesse contigo. Sempre que te vier à cabeça todo o poder de que gozas em relação a um escravo, recorda-te que outro tanto poder tem o teu senhor **12** sobre ti. "*Mas eu não pertenço a nenhum senhor!*" — dirás. Ainda não é tarde, talvez ainda venhas a pertencer. Ignoras com que idade Hécuba, Creso, a mãe de Dario, **13** Platão, Diógenes se viram reduzidos à escravidão? Usa de clemência para com o teu escravo, de afabilidade mesmo, admite-o nas tuas conversas, nas tuas deliberações, nas tuas refeições.

Neste ponto toda a gente da alta irá protestar contra mim: *"Isso seria o cúmulo da baixeza, da vergonha!"* Mas essa mesma gente vou eu encontrá-la a beijar a mão aos escravos dos outros! Não vedes o que faziam os nossos **14** maiores para colocar os senhores ao abrigo do ódio e os escravos ao abrigo da injúria? Ao senhor chamavam "pai de família" e aos escravos, uso que aliás ainda perdura nos mimos[7], "pessoas de família". Além disso instituiram um dia feriado no qual era, não só lícito, como obrigatório que escravos e senhores tomassem as refeições em conjunto[8]; atribuiram-lhes ainda cargos honoríficos na administração da casa ou na distribuição da justiça, fazendo assim da casa uma república em ponto pequeno. *"Queres* **15** *dizer que devo pôr todos os meus escravos à mesa comigo?"* Não, tal como não pões todos os homens livres. Mas não penses que eu excluo este ou aquele por exercerem tarefas mais grosseiras, por exemplo, este por tratar das mulas, aquele por tratar dos bois. Eu não julgo os escravos pelas suas tarefas, mas pela sua conduta moral: a conduta é cada um que a determina, as tarefas, essas, distribui-as o acaso. Alguns deverão jantar contigo porque são dignos de ti, outros para que o sejam; algo de servil que persista neles devido às suas relações com gente baixa, a convivência com pessoas de bem acabará por o eliminar. Não há razão, caro Lucílio, para só buscares amigos no **16** foro ou no senado: se olhares com atenção encontrá-los-ás em tua casa. Muitas vezes um bom material permanece

---

[7] O mimo era uma representação teatral, comportando dança, pantomina e acompanhamento musical que no séc. I a.C. se transformou numa espécie de farsa (ou revista) com certa crítica política e social. Entre os autores de mimos distinguiu-se Publílio Siro, citado frequentemente por Séneca.

[8] O festival das Saturnais.

inutilizado por falta de quem o trabalhe. Tenta, pois, e vê o resultado. Tal como é estupidez comprar um cavalo inspeccionando, não o animal, mas sim a sela e o freio, assim é o cúmulo da estupidez julgar um homem pela roupa ou pela condição social, que, de resto, é tão exterior
17 a nós como a roupa. "*É um escravo.*" Mas pode ter alma de homem livre. "*É um escravo.*" Mas em que é que isso o diminui? Aponta-me alguém que o não seja: este é escravo da sensualidade, aquele da avareza, aquele outro da ambição, todos são escravos da esperança, todos o são do medo. Posso mostrar-te um antigo cônsul sujeito ao mando de uma velhota, um ricalhaço submetido a uma criadita, posso apontar-te jovens filhos de nobilíssimas famílias que se fazem escravos de bailarinos: nenhuma servidão é mais degradante do que a voluntariamente assumida. Aí tens a razão por que não deves deixar que os nossos tolos te impeçam de seres agradável para com os teus escravos, em vez de os tratares com altiva superioridade. É preferível inspirar respeito do que medo.

18 Haverá neste momento quem diga que eu pretendo dar aos escravos o barrete de libertos[9] e fazer descer os senhores do seu pedestal pelo facto de ter afirmado "ser preferível para o senhor inspirar respeito do que medo". "*Pois quê?*" — dirão. — "*Que nos respeitem como se fossem nossos clientes, nossos protegidos?*" Quem assim fala não se lembra que não é pouco para os senhores aquilo que basta à divindade. Quem é respeitado é também amado, ao passo que o amor nunca pode ir de par
19 com o medo. Entendo, portanto, que fazes muitíssimo bem em não querer inspirar medo aos teus escravos, em

---

[9] Cf. livro II, nota 18.

apenas os castigares verbalmente: só os irracionais é que são ensinados a chicote. Nem tudo quanto nos atinge nos fere; é a nossa vida de luxo que nos torna propensos à ira, a ponto de a mínima contrariedade gerar uma explosão de cólera. Criamos em nós próprios uma soberba de **20** reis. E os reis, por seu lado, esquecendo-se do próprio poder e da fraqueza dos outros, enfurecem-se e lançam-se como feras, como se tivessem recebido alguma ofensa, quando a grandeza da própria fortuna os mantém ao abrigo total das ofensas. Eles bem sabem que é assim, só que buscam todas as oportunidades para fazer mal. Sentir-se lesados é para eles um meio de poderem lesar os outros.

Não quero demorar-te mais tempo; tu não careces já **21** das minhas exortações. Entre outras, a moralidade tem ainda esta vantagem: satisfaz-se de si mesma, permanece sempre idêntica. A maldade, essa, é instável, está constantemente a mudar, a tornar-se, não menos gravosa, mas apenas diferente.

48

À carta que me enviaste durante a tua viagem, tão **1** longa como a própria viagem, responderei mais tarde: tenho de me concentrar e analisar com cuidado os conselhos a dar-te. Tu mesmo, ao fazeres essa consulta, deliberaste longamente se me havias de consultar. Outro tanto devo eu fazer, e com mais razão, já que é preciso mais tempo para resolver um problema do que para apresentá-lo. Tanto mais ainda quanto uma coisa são os teus interesses, outra os meus. Mas não estou eu outra vez a falar **2** como um epicurista? Os meus interesses coincidem com

os teus; de outra forma não seria teu amigo, se não considerasse como meu tudo o que a ti diz respeito. A amizade estabelece entre nós uma comunhão total de interesses; nem a felicidade nem a adversidade são fenómenos individuais: vivemos para a comunidade. Não é mesmo possível alguém viver feliz se apenas se preocupar consigo, se reduzir tudo às suas próprias conveniências: tem de viver para os outros quem quiser viver para si mesmo.
3 A convivência, — observada com nobre e contínuo empenho, — que nos insere como homens entre outros homens e admite a existência de algo comum a todo o género humano, é da maior importância para o desenvolvimento daquela convivência mais íntima — a amizade — de que eu há pouco falava. Quem tiver muito de comum com os outros homens, terá tudo em comum com o seu amigo.

4 Aqui está, Lucílio, homem bom entre os bons, o que eu prefiro que me expliquem os nossos doutos mestres, ou seja, quais os deveres que eu tenho para com um amigo ou para com qualquer homem, em vez de me ensinarem todos os matizes da palavra "amigo" ou todos os significados da palavra "homem". A sabedoria e a estultícia seguem por caminhos opostos. Que caminho será o meu? Que direcção devo seguir? Para um, todo o homem é um amigo, para outro o amigo deixa de contar como homem; este procura conseguir um amigo, aquele fazer-se amigo de outrem: e assim se torturam as palavras e se
5 desfiam as sílabas! Quase parece que, se não construir raciocínios cheios de subtileza e rematar com uma conclusão falsa um erro assente em premissas verdadeiras, nunca poderei distinguir o que devo evitar e o que devo fazer. Que vergonha! Já velhos, pormo-nos a brincar com um assunto tão sério!

Rato é um dissílabo; ora o rato rói o queijo; logo um dissílabo rói o queijo[10]. Imagina que eu sou incapaz de resolver esta questão: que perigo me sobrevém desta minha incapacidade? Que prejuízo? Se calhar tenho de acautelar-me, não vá dar com a ratoeira cheia de sílabas, ou não vá algum livro, se eu me descuidar, comer-me o queijo todo! Talvez ainda seja mais engenhoso este outro silogismo: *Rato é um dissílabo; um dissílabo não rói o queijo; logo o rato não rói o queijo.* Oh! que infantilidades! É para chegar a este estado que franzimos os sobrolhos e deixamos crescer a barba? É isto que, de rosto severo e pálido, nós vamos ensinar? Se queres saber o que a filosofia traz de útil à humanidade, dir-te-ei: os seus preceitos. Há homens que estão às portas da morte, outros a quem a miséria atormenta, outros a quem tortura a riqueza, própria ou alheia; uns afligem-se com a má sorte, outros desejariam escapar aos excessos de bem estar; uns são detestados pelos homens, outros pelos deuses. Para quê fazer frioleiras daquelas? Não é altura de brincar: importa é ajudar os desgraçados. Prometeste prestar auxílio aos náufragos, aos cativos, aos doentes, aos miseráveis, aos condenados sobre cujo pescoço já impende o machado: porque te distrais? Que vais fazer? Este homem está cheio de medo: em vez de brincar ajuda-o a libertar-se dos seus temores[11]. De todo o lado, todos erguem para ti as mãos, pedem qualquer auxílio para a sua vida sem rumo e sem futuro, toda a sua esperança de socorro está em ti; pedem-te que os libertes do turbilhão que os consome, que mostres a clara luz da verdade a quem anda perdido à deriva.

6 7 8

---

[10] Em latim "rato" diz-se *mus*, pelo que no original o queijo é roído por uma sílaba apenas, e não por um dissílabo!

[11] Tradução conjectural, dada a corruptela do texto.

9 Diz-lhes o que para a natureza é necessário e o que é supérfluo, como é fácil obedecer às suas leis, como é agradável e sem problemas a vida daqueles que as seguem, e como, pelo contrário, é dura e complicada a vida dos que confiam mais na opinião do que na natureza... * * *[12] ...desde que primeiro lhes ensines que fracção dos seus males elas (*sc.* as disputas dialécticas) podem aliviar. Em que é que estes estudos nos livram dos desejos ou os moderam? Já seria bom que esses sofistas se limitassem a não servir; mas o facto é que são mesmo nocivos. Quando quiseres poderei demonstrar-te à evidência que um carácter bem dotado que se entregue a estas subtilezas fica

10 atrofiado, debilitado. Até me causa vergonha dizer que armas ou que treinos estes mestres dão aos discípulos que desejam aprender a lutar contra a fortuna!...[13] É por esta via que se atinge o supremo bem? É pela via destes "dado isto, ou dado aquilo" filosóficos, subtilezas vergonhosas e inúteis mesmo para os causídicos versados nos éditos do pretor?[14] Quando interrogais alguém de modo a, conscientemente, fazê-lo cair em erro, o que é que na realidade fazeis senão dar a entender que ele perdeu o processo? Mas o que a uns faz o pretor, a outros faz a filoso-

11 fia: restitui à posse dos seus direitos. Porque vos afastais das vossas grandes promessas, das vossas solenes palavras,

---

[12] O texto apresenta aqui uma lacuna, sem que nenhuma das várias tentativas propostas para a colmatar se imponha decisivamente.

[13] A vida do filósofo é equiparada por Séneca a uma verdadeira militância, donde a abundância de imagens e símiles tirados da linguagem castrense para descrever o aprendizado e a prática da sabedoria.

[14] As expressões condicionais do tipo "dado X, então Y", habituais no raciocínio silogístico, ocorrem também com frequência na linguagem jurídica (daí a referência aos "editos do pretor", ou seja, do magistrado encarregado da aplicação da justiça).

com que garantíeis que os meus olhos deixariam de impressionar-se com o brilho do ouro ou das armas, e que eu seria capaz de calcar aos pés, com inabalável firmeza, tudo quanto os outros desejam ou receiam? Porque desceis agora a essas minúcias de gramático? Que dizeis?

Assim se sobe aos astros?[15]

Aquilo que a filosofia me prometeu foi tornar-me igual à divindade. Foi esse o convite que recebi. Por isso vim. Respeite-se, portanto, a palavra dada.

Meu caro Lucílio, subtrai-te quanto possível a essas subtilezas, a essas argúcias dos filósofos. À boa formação do espírito convém a clareza e a simplicidade. Ainda que nos restasse muito tempo de vida, haveria que poupá-lo com cuidado, de modo a bastar ao indispensável. Grande estultícia seria aprender inutilidades apesar de uma tão grande escassez de tempo! **12**

49

Lembrarmo-nos de um amigo só porque a contemplação de um determinado local no-lo traz à memória significa, meu caro Lucílio, uma certa indolência e indiferença do espírito. É, no entanto, verdade, que a vista de um sítio familiar desperta, por vezes, saudades bem enraizadas na nossa alma; não é uma recordação apagada que ressuscita, é uma lembrança ténue que se aviva. O caso assemelha-se ao das pessoas que perderam alguém querido: a dor vai-se mitigando com o tempo, mas a presença do escravo favorito do falecido, a vista da sua roupa ou da sua casa **1**

---

[15] Vergílio, *Aen.*, IX, 641.

reavivam-na. A minha recente passagem pela Campânia, em especial por Nápoles e pela tua querida Pompeios[16], despertaram em mim incríveis saudades tuas: os meus olhos enchem-se com a tua imagem. Em momentos destes é que eu sinto a tua partida: revejo-te embebido em lágrimas, tentando a custo refrear uma emoção que se expandia no próprio momento em que tentavas sufocá-la.

2 Parece-me ter perdido a tua companhia ainda há pouco. Mas se nos pusermos a recordar, o que é que não sucedeu "ainda há pouco"? Ainda há pouco era eu um adolescente que assistia às aulas de Socião, o filósofo; foi ainda há pouco que comecei a minha carreira de advogado; foi ainda há pouco que perdi, primeiro a vontade, depois a possibilidade de prossegui-la. A velocidade do tempo é infinita, e só quando olhamos para o passado, é que temos consciência disso. O tempo ilude quem se aplica ao momento presente, de tal modo é insensível a passagem do

3 seu curso vertiginoso. Queres saber porquê? Porque todo o tempo passado se acumula num mesmo lugar; todo o passado é contemplado em bloco, forma uma totalidade; todo ele se precipita no mesmo abismo. De resto, não é possível delimitar grandes intervalos nesta nossa vida tão breve. A existência humana é um ponto, é menos que um ponto. Só por troça é que a natureza deu a tão diminuta existência a aparência de uma grande duração, dividindo-a em infância, em adolescência, em juventude, em período de transição da juventude à velhice, finalmente em velhice.

4 Tantos períodos num tão exíguo espaço de tempo! Ainda há pouco me despedi de ti quando partiste. Este "há

---

[16] *Pompeios*, (do latim *Pompeii*), forma correcta em português do nome da cidade vulgarmente (mas indevidamente) conhecida por *Pompeia*.

pouco", contudo, representa uma boa parte da nossa curta existência, da qual, não o esqueçamos, em breve nos veremos privados. Habitualmente não me parecia tão veloz a passagem do tempo; agora, porém, parece-me incrivelmente rápida, talvez porque sinto aproximar-se o fim, talvez porque passei a dar-lhe atenção e a avaliar o desgaste que em mim provoca.

5 Por isso mesmo me causa indignação ver como as pessoas gastam em futilidades a maior parte de uma vida que, mesmo dispendida com a maior parcimónia, não seria bastante para as coisas essenciais. Dizia Cícero que nunca teria tempo para ler os poetas líricos ainda que a sua vida duplicasse; o mesmo direi eu dos dialécticos, cuja insensatez ainda é mais confrangedora, pois se aqueles são fúteis deliberadamente, estes estão convencidos de que fazem obra útil. **6** Não nego que se deva dar uma olhadela ao estudo da dialéctica, mas uma olhadela apenas, uma saudação, por assim dizer, feita cá de longe e com este único propósito: o de não tomarmos o que não passa de palavreado como se fosse a expressão de algum grande e profundo pensamento. Para quê deixares-te torturar por um problema que é mais correcto ignorar do que tentar resolver? Quem faz uma viagem tranquila e sem pressas pode ir coleccionando lembranças, mas quando o inimigo ataca, quando o soldado tem ordem de marcha, a urgência da situação obriga a deitar fora tudo o que se coleccionara nos tempos de lazer. **7** Não tenho vagar para exercitar a minha sagacidade na análise de expressões de significado ambíguo.

> *Vê todos os povos aliados, vê as fortalezas que, de portas encerradas, aguçam as espadas.*[17]

---

[17] Vergílio, *Aen.*, VIII, 385-6.

É meu dever escutar corajosamente todo este estrépito
8 guerreiro que me rodeia. Todos me considerariam louco, e com razão, se, enquanto velhos e mulheres acarretam pedras para reforço das muralhas, enquanto os homens armados aguardam ou reclamam diante das portas ordem de sortida, enquanto os dardos inimigos se cravam, vibrando, nos batentes, enquanto o próprio solo estremece com as escavações dos sabotadores, eu me deixasse ficar sentado e quieto, meditando em silogismos do tipo: *"Tu possuis aquilo que não perdeste; ora tu não perdeste os cornos; logo tu tens cornos"!*[18], ou outras subtilezas cons-
9 truídas segundo este delirante modelo. Também tu me deverias considerar demente se me visses ocupado com problemas destes: é que eu também estou sustentando um cerco! Só que, num cerco real, o perigo seria proveniente do exterior, haveria uma muralha a separar-me do inimigo. No cerco de que falo, todavia, as armas mortais estão dentro de mim. Por isso não tenho vagar para bagatelas, estou ocupado com tarefa mais importante. Como
10 hei-de agir? A morte persegue-me, a vida escapa-se-me. Aconselha-me o que fazer nesta situação, indica-me como conseguir que nem eu fuja da morte, nem a vida fuja de mim. Dá-me coragem para encarar as dificuldades, para afrontar o inevitável; torna-me menos angustiante a falta de tempo. Diz-me que o que a vida tem de bom não é a sua duração, mas sim o modo como a empregamos; diz-me que é possível (e é mesmo o que sucede às mais das vezes) viver-se longamente e, mesmo assim, viver-se

---

[18] Sobre o argumento "do cornudo" veja-se Diógenes Laércio, 2, 108 e 7, 187. Séneca traduz literalmente o texto original grego que D.L. reproduz no segundo dos passos citados.

pouco. Quando for a adormecer diz-me: "Olha que podes não acordar!"; quando acordar diz-me: "Olha que podes não voltar a dormir!" Diz-me, ao sair de casa, que poderei não regressar; diz-me ao regressar que poderei não voltar a sair. Estás enganado se pensas que apenas numa viagem por mar é mínima a distância entre a vida e a morte; em qualquer lugar o espaço que as separa é igualmente diminuto. Nem em todas as situações a vizinhança da morte é tão visível, mas em todas é igualmente próxima. Ilumina as minhas trevas, e mais facilmente me transmitirás um ensinamento para o qual estou preparado. A natureza dotou-nos com aptidão para aprender, deu-nos uma razão, imperfeita, mas capaz de aperfeiçoamento. Discute comigo sobre a justiça, a piedade, a austeridade, os dois tipos de castidade, aquela que não atenta contra o pudor alheio e aquela que respeita o pudor próprio[19]. Se aceitares não me conduzir por atalhos, mais facilmente atingirei o alvo que pretendo. Como diz o poeta trágico, **11** **12**

"é simples o discurso da verdade"[20];

por isso mesmo não devemos complicá-lo. Nada será mais prejudicial a quem tem propósitos elevados do que a falaciosa subtileza da dialéctica.

50

Recebi a tua carta muitos meses depois de ma teres enviado. Julguei, por isso, que seria inútil perguntar ao mensageiro como ia a tua vida. Era preciso que ele tivesse **1**

---

[19] Sobre os dois tipos de castidade veja-se a carta 94, 15 (o pudor alheio) e 94, 26 (o pudor próprio).

[20] Eurípides, *Fenícias*, 469.

uma memória de ferro para se recordar. De resto, espero que tu já vivas de modo tal que, onde quer que estejas, eu possa sempre saber como vai a tua vida. Em que consiste, de facto, a tua vida senão em te aperfeiçoares um pouco cada dia, em te libertares de um ou outro erro, em entenderes bem como os vícios que imputas às coisas estão afinal dentro de ti? Certos vícios, temos o hábito de atribuí-los aos condicionalismos do lugar e do tempo, mas o certo é que, para onde quer que vamos, esses vícios nos
2 acompanham. Sabes que Harpaste, a boba da minha primeira mulher, continua em minha casa, pois o testamento obrigava-me a assumir esse encargo. Pessoalmente não sinto o menor interesse por estas pobres criaturas; se precisar de um bobo para me divertir não preciso de ir buscá-lo muito longe: troço de mim mesmo! Ora a boba perdeu subitamente a vista. Podes não acreditar, mas a verdade é que a infeliz não percebe que está cega. De vez em quando pede ao escravo que a trata que a leve para
3 outra sala, porque a casa está toda às escuras!. Nesta mulher faz-nos rir uma coisa que, espero que o entendas, sucede com a generalidade das pessoas: ninguém se dá conta da própria avareza, da própria ambição. Os cegos, ao menos, ainda pedem a alguém que os guie; nós andamos aos tropeções, não queremos quem nos guie, e vamos repetindo: "Não sou eu que sou ambicioso, o que sucede é que é impossível ter outro estilo de vida em Roma; eu não sou amante do luxo, a cidade é que me obriga a toda esta despesa; não é por culpa minha que me deixo encolerizar facilmente, que ainda não acertei com um rumo certo na vida: isso é apenas o fruto da juventude"!

4 Para quê iludirmo-nos? O nosso mal não vem do exterior, está dentro de nós, enraizado nas nossas vísceras, e, como ignoramos o mal de que sofremos, só com difi-

culdade recuperamos a saúde. E mesmo que já tenhamos iniciado o tratamento, quando nos será possível levar de vencida a enorme virulência de tão numerosas enfermidades? Nem sequer solicitamos a presença do médico, quando afinal é mais fácil tratar uma doença ainda no início. Almas ainda frescas e inexperientes obedecem sem tardar a quem lhes indique o justo caminho. Só é difícil reconduzir à via da natureza quem deliberadamente dela se apartou. Parece que temos vergonha de aprender a sabedoria! Pelos deuses, se acharmos que é vergonhoso buscar um mestre, então podemos perder a esperança de obter as vantagens da sabedoria por obra do acaso. A sabedoria só se obtém pelo esforço. Para dizer a verdade, nem sequer é necessário grande esforço se, como disse, começarmos a formar e a corrigir a nossa alma antes que as más tendências cristalizem. Mas mesmo já empedernidas, nem assim eu desespero: com esforço persistente, com cuidados aturados e intensos, todas as más tendências serão vencidas. Podemos aprumar toros de madeira, por muito tortos que estejam; por meio de calor é possível endireitar pranchas curvas e adaptar a sua forma natural às nossas conveniências. Com muito mais facilidade se pode dar forma à alma, essa entidade flexível, mais maleável que qualquer líquido. De facto o que é a alma senão uma espécie de sopro dotado de certa consistência? Ora tu podes observar como o ar é mais elástico que as outras espécies de matéria precisamente por ser a mais subtil. Não há, pois, Lucílio, motivo para desesperares de nós pelo facto de a maldade nos dominar, nos possuir mesmo há tanto tempo: ninguém atingiu a sabedoria sem primeiro passar pela insensatez! Todos temos o inimigo dentro de casa: aprender as virtudes equivale a desaprender os vícios. Com tanto maior vontade nos devemos aplicar a emendar-nos:

5 6 7 8

uma vez aprendidos, os bens da sabedoria permanecem para sempre na nossa posse. A virtude nunca se esquece. As plantas crescem com dificuldade num solo inadequado, e por isso será fácil arrancá-las, eliminá-las; mas colocadas num terreno apropriado ganham raízes firmes. A virtude está de acordo com a natureza; os vícios, esses, são como
9 plantas daninhas e nocivas. As virtudes adquiridas não podem ser extirpadas, é com facilidade que as podemos conservar; adquiri-las, contudo, é tarefa árdua, portanto é próprio de um espírito fraco e doente recear experiências desconhecidas. Obriguemos, portanto, esse espírito a dar os primeiros passos. Passada esta fase o tratamento deixa de amargar e torna-se mesmo, enquanto se processa a cura, uma fonte de prazer. Com os remédios do corpo o prazer só chega depois da cura; a filosofia, pelo contrário, é salutar e saborosa simultaneamente.

51

1 Cada um faz como pode, Lucílio amigo! Tu estás aí ao pé do Etna, a famosíssima montanha da Sicília, à qual Messala, ou Válgio (encontrei o adjectivo em ambos) apelidou de "única", nunca percebi porquê. Há muitas regiões vulcânicas, não só montanhosas, que é o caso mais frequente talvez devido à tendência que o fogo tem para subir, mas mesmo regiões de planície. Eu por mim, à falta de melhor, contentei-me com Báias, onde aliás cheguei num dia para partir no seguinte. Báias é uma terra a evitar, pois apesar dos seus dons naturais, transformou-se num lugar onde reina a vida de prazer.

2 *"Que dizes? Então há locais que nos devem inspirar repugnância?"* Não é isso. O que eu quero dizer é que há certos tipos de vestuário mais adequados ao sábio, ao

homem honesto, do que outros; não porque sinta repugnância por uma ou outra cor, mas porque acha esta ou aquela pouco própria para quem fez voto de austeridade. Com as terras sucede o mesmo: o sábio, ou mesmo o homem que tende para a sabedoria[21], recusará estabelecer-se naquelas que considera impróprias para os bons costumes. Alguém que queira levar uma vida retirada não irá escolher Canopo, embora nenhuma lei nos impeça de ser austeros em Canopo, ou mesmo em Báias, que está transformada num autêntico antro de vícios. Aqui a vida de prazer não conhece restrições, é perfeitamente desbragada, como se a própria cidade exigisse uma taxa de imoralidade! Para morar devemos escolher um lugar saudável tanto para o corpo como para o carácter. Eu não gostaria de viver rodeado de carrascos ou de tabernas! Que necessidade tenho eu de ver bêbados caminhando à beira-mar aos baldões, as orgias de barco ou de lagos ecoando com cantos e orquestras, de ver, enfim, todo o desregramento que a vida de prazer faz gala em cometer e ostentar? Devemos evitar o mais possível tudo o que possa excitar os nossos vícios. Devemos endurecer a alma, mantendo-a afastada de todas as seduções de prazer. Um quartel de inverno bastou para amolecer Aníbal; este homem que atravessara indómito as neves dos Alpes sucumbiu às molezas da Campânia: vencedor na guerra, foi vencido pelos vícios[22]. A nossa vida é também um combate, é uma expedição guerreira em que nunca nos podemos entregar

3

4

5

6

---

[21] Note-se a gradação: o "sábio", o "homem de bem" de primeira categoria, "é como a fénix, que só aparece uma em quinhentos anos" (carta 42,1); é um modelo ideal de que procura aproximar-se "o homem que tende para a sabedoria", que é, afinal, o caso de Lucílio, e do próprio Séneca.

[22] Sobre Aníbal e a *dolce vita* de Cápua v. Tito Lívio, XXIII, 18,10 ss.

ao repouso e ao lazer. Primeiro que tudo devemos derrotar os prazeres que, como vês, são capazes de dominar mesmo os ânimos mais duros. Quem tiver a noção do esforço exigido pela vida da sabedoria compreenderá que esta luta não se vence através da sensualidade e da moleza[23]. Que me interessam esses banhos quentes, essas estufas em que se concentra um ar seco que faz destilar o

7 corpo? Todo o suor deve provir do trabalho. Se agíssemos segundo o exemplo de Aníbal, se interrompêssemos o curso das operações bélicas para ir aquecer o corpo no banho, toda a gente nos censuraria com razão essa inoportuna preguiça, perigosa para um vencedor, quanto mais para quem ainda anda atrás da vitória! A nossa expedição é mais dura que a dos soldados cartagineses: recuemos, e será maior o perigo, avancemos, e será maior o esforço!

8 A fortuna declarou-me guerra. Eu não obedeço às suas ordens, não aceito o seu jugo, mais, pretendo mantê-la à distância, o que implica ainda maior coragem. Não posso deixar que a alma amoleça; se fizer concessões ao prazer, terei de fazê-las à dor, ao cansaço, à pobreza; a ambição e a ira quererão tomar conta de mim; ver-me-ei dilacerado,

9 despedaçado entre inúmeras paixões. A liberdade é a nossa meta, é o prémio das nossas canseiras. Sabes em que consiste a liberdade? Em não ser escravo de nada, de nenhuma necessidade, de nenhum acaso; em lutar de igual para igual com a fortuna. Se algum dia eu sentir que ela tem mais força do que eu, mesmo assim essa força será inútil. Nunca me deixarei vencer: a morte será o meu recurso.

---

[23] Cf. *Katha-Upanishad*, I, 3,14: *"The sharp edge of a razor is difficult to pass over; thus the wise say the path (to the Self) is hard"* (trad. F. Max Müller, in *The Sacred Books of the East*, vol. XV — *The Upanishads*, part II).

Quem atender a estas reflexões deve forçosamente escolher para residir locais sérios e austeros. Um clima excessivamente doce efemina os ânimos; as características geográficas contribuem indiscutivelmente para, em certa medida, diminuir a robustez. As azémolas que endureceram os cascos em pisos ásperos são capazes de percorrer qualquer caminho; os animais criados em pastagens de terra mole e húmida depressa se vão abaixo. O melhor soldado é o oriundo das regiões montanhosas; o homem da cidade, o escravo nascido em casa[24], esses são uns fracos. A mão que passou do arado para as armas aguenta qualquer trabalho; o atleta que se treina com o corpo coberto de óleo sucumbe ao primeiro embate. **10** Um ambiente geográfico mais duro dá firmeza ao ânimo e torna-o apto a grandes empresas. **11** Seria preferível para Cipião passar o exílio em Liturno do que em Báias: à queda de um tal homem não é justo dar tão voluptuoso retiro! Os primeiros homens em cujas mãos a fortuna do povo romano colocou o seu destino — C. Mário, Cn. Pompeio, César — edificaram, é certo, as suas vilas na região de Báias, mas foram construí-las no alto dos montes: pareciam assim mais dignas de homens de armas, colocadas em sítios donde completamente dominavam a planície vizinha. Observa a posição que eles escolheram, vê os locais em que elevaram as suas casas e considera o seu aspecto: mais te parecerão fortalezas do que vivendas. **12** Julgas que alguma vez M. Catão iria viver nessa cidade para contar quantas mundanas lhe passavam diante dos olhos de barquinho, para contemplar todas as embarcações pintadas de

---

[24] O escravo nascido na casa do senhor (*uerna*), por oposição ao escravo prisioneiro de guerra.

diversas cores, para ver todo o lago coberto de pétalas de rosa e ouvir durante a noite o barulho das serenatas? Não é verdade que Catão preferiria deitar-se numa trincheira cavada por suas mãos para passar uma única noite? E quem, se for homem a sério, não preferirá ser despertado do sono por um clarim guerreiro do que por uma canção?

13 Mas já chega de diatribe contra Báias; contra os vícios, porém, nunca ela será excessiva. Contra estes, Lucílio, peço-te que movas uma guerra sem quartel. Os vícios também não teriam mercê contigo. Repele todas as paixões que te dilaceram o coração; se outra maneira não houver de as arrancar, melhor te seria que, juntamente com elas, arrancasses também o coração! Combate sobretudo os prazeres, trata-os como os teus piores inimigos. Tal como os ladrões a quem os egípcios chamam φιλήτας[25], eles só nos abraçam para melhor nos estrangularem.

52

1 Que tendência é esta, Lucílio, que nos desvia do rumo pretendido, que nos empurra para o ponto donde pretendemos sair? Que debate se desenrola na nossa alma e nos impede de manter uma vontade firme? Andamos à deriva entre resoluções contrárias; não conseguimos ser fiéis a

2 uma vontade livre, absoluta, constante. Dirás tu que é prova de insensatez não ter um propósito contínuo, um interesse permanente. Mas dessa insensatez como e quando nos conseguiremos libertar? Por si só, ninguém conseguirá

---

[25] No original φιλήτας (*philetas*), segundo uma conjectura de Muret que pressupõe um jogo de palavras entre φηλητής "ladrão" e φιλητής "amante", facilitado pela pronúncia tardia do *η* como *i*.

sair do remoinho; é necessário alguém que estenda a mão e ajude a pisar terra firme. Diz Epicuro que certos homens **3** conseguiram atingir a verdade sem qualquer auxílio, desbravando eles mesmos o seu caminho[26]; para esses, que se elevaram a si próprios espontaneamente, vão os seus maiores louvores. Outros há, contudo, que necessitam de apoio externo: são incapazes de marchar se não tiverem um guia, mas, tendo-o, avançarão animosamente. Entre os homens deste tipo Epicuro inclui Metrodoro. São espíritos apreciáveis, embora, por assim dizer, de segunda escolha. Nós não pertencemos aos espíritos de primeira escolha, e devemos dar-nos por felizes se formos aceites entre os de segunda. De resto não se deve menosprezar alguém que se salva graças à ajuda dos outros, pois querer ser salvo não é questão de somenos importância. Além dos men- **4** cionados, poderás encontrar ainda um tipo de homens que igualmente não deve ser tomado em pouca conta: trata-se daqueles que, por coacção, podem ser compelidos a seguir o caminho do bem, que necessitam, não já apenas de um guia, mas sim de alguém que os ampare e mesmo, passe a palavra, que os force. Estes serão os de terceira escolha. Se quiseres um exemplo deste tipo, Epicuro indicar-te-á Hermarco[27]. Se os do tipo anterior mereciam as felicitações de Epicuro, os deste suscitavam antes a sua admiração; de facto, embora uns e outros atingissem idêntico objectivo, os últimos são mais de louvar por se defrontarem com matéria mais difícil. Imagina por exemplo que **5** se constroem dois edifícios iguais, ambos altos e soberbos. Um dos arquitectos tem à sua disposição um terreno de

---

[26] Epicuro, fr. 192 Usener.
[27] Epicuro, *ibidem*.

qualidade onde a obra pode avançar sem problemas. O outro vê-se a braços com um solo mole e friável e só à custa de imenso esforço consegue atingir uma base sólida onde assentar as fundações do edifício. Para o observador, a obra do primeiro******[28]; quanto ao segundo, a parte mais importante e difícil do seu trabalho fica oculta.

6 Semelhantemente, enquanto certos espíritos são abertos e receptivos, outros precisam, como soe dizer-se, de ser modelados à mão, de gastarem nas fundações o melhor do seu esforço. Por essa razão eu considero mais afortunado o homem que não teve problemas com o seu carácter, mas acho mais digno de apreço o que teve de vencer os seus defeitos naturais para alcançar a sabedoria, ou melhor, para se elevar até ela à força de pulso.

7 Fica sabendo que o nosso espírito é deste último tipo: duro e trabalhoso. Caminhamos através de obstáculos. Lutemos, portanto, sem temer pedir o auxílio alheio. Perguntarás: *"Mas a quem, a quem hei-de pedir auxílio?"* Se queres um conselho, dirige-te aos antigos, que estão disponíveis: para nos auxiliar tanto podemos recorrer aos **8** vivos como aos mortos. De entre os vivos, devemos escolher não aqueles que têm o verbo fácil e corrente, que repisam lugares comuns e se exibem em círculos restritos, mas sim os que comprovam as suas palavras com os próprios actos e ensinam o que devemos evitar sem nunca serem apanhados a fazer o que condenam. Em suma, escolhe para teu mestre alguém que te mereça admiração **9** pelas acções e não pelas palavras. Isto não quer dizer que eu te proíba de escutar aqueles filósofos que têm o hábito de dissertar em público, desde que no contacto com a

---

[28] Lacuna.

multidão, eles tenham por objectivo conseguir o aperfeiçoamento tanto do auditório como de si próprios, e não sejam movidos por propósitos interesseiros. Não há nada mais vil do que um filósofo em busca de aplausos! Será que algum doente dá palmas ao cirurgião que o opera? Guardai um silêncio respeitoso, recebei de bom grado a **10** cura que a filosofia vos dá. Se soltardes exclamações, interpretá-las-ei como um gemido provocado por sentirdes o dedo na ferida dos vossos vícios. A vossa intenção é mostrar-vos atentos e abalados pela grandeza do assunto? Muito bem: mas se a vossa ideia é exprimir um juízo de valor sobre quem vale mais do que vós, como posso eu permitir-vos os aplausos? Os discípulos de Pitágoras eram obrigados ao silêncio durante cinco anos: julgas que, passado o prazo, eles tinham logo licença para falar e aplaudir?

Que perfeita loucura a do homem que termina a sua **11** conferência sorrindo satisfeito entre os aplausos dos ignorantes! Que satisfação te podem dar os aplausos de gente que tu não tens motivo para aplaudir? Fabiano costumava dissertar em público, mas era escutado com respeito. Se por vezes se fazia ouvir o aplauso da assistência, tal aplauso era provocado pela elevação da matéria, e não pela composição brilhante e harmoniosa do discurso. Tem de haver **12** uma diferença entre os aplausos no teatro e na escola: mesmo a aplaudir há que guardar a justa medida. Se bem observarmos, os mais pequenos pormenores podem ser elucidativos, em qualquer situação. Por exemplo, o mínimo gesto pode servir de indício da moralidade das pessoas. Assim, o homem depravado denuncia-se pelo modo de andar, pelos gestos, por um aparte ocasional, pelo levar do dedo à testa, pelo revirar dos olhos; o aldrabão trai-se pelo modo de rir, o louco, pelo rosto e pelas atitudes. Todos estes defeitos se notam por certas marcas percepti-

veis: se quiseres conhecer o carácter de um homem observa
13 como ele distribui ou provoca os aplausos. Em todo o auditório estalam as palmas ao filósofo, o seu vulto perde-se entre a multidão de admiradores entusiastas: pois bem, mais do que admiradores, são autênticas carpideiras quem o está aplaudindo. Deixemos esses clamores para aquelas artes que têm por finalidade agradar às massas: a filosofia
14 tem de ser adorada em silêncio. Uma vez por outra pode permitir-se aos jovens que cedam ao impulso, por serem incapazes de ficar em silêncio. Este tipo de aplauso pode servir de incitamento à própria assistência e de estímulo ao espírito dos jovens. Mas importa que eles se entusiasmem com a matéria, não com o estilo do discurso; de outro modo a eloquência, suscitando o interesse não pelo assunto mas por ela própria, só poderá ser-lhes nociva.

15 Por agora, ponto final nesta questão. O modo de falar da filosofia em público, aquilo que o filósofo se pode permitir em público e ao público, é assunto que necessita de uma explanação completa e longa. Que a filosofia se degradou ao entregar-se às massas, disso não há qualquer dúvida. Poderá, todavia, revelar-se no seu santuário próprio desde que para tanto se confie aos sacerdotes e não aos vendilhões!

LIVRO VI

(Cartas 53-62)

O que não deixarei eu convencer-me a fazer depois de me ter deixado persuadir a uma viagem por mar? Quando parti estava o mar calmo; o céu estava, em boa verdade, coberto de nuvens escuras, daquelas que quase sempre resultam em vento ou em chuva, mas pensei que podia abreviar aquelas poucas milhas que vão da tua Parténope até Putéolos, mesmo com o céu dúbio e ameaçador. Assim, para andar mais depressa, fiz o caminho pelo alto, rumo a Nésida, disposto a evitar todas as baías. Quando já tinha chegado a um ponto em que se tornara indiferente avançar ou voltar para trás, aquela tranquila superfície que me seduzira alterou-se; sem ser ainda tempestade, o mar começou a ondular, e, gradualmente, as vagas aumentaram de frequência. Pus-me a pedir ao piloto que me desembarcasse em qualquer ponto da costa; respondeu-me que o litoral era escarpado, inabordável, e que, numa tempestade, ele nada temia mais do que a terra firme. Aliás eu estava a ficar aflito demais para me dar conta do perigo; atormentava-me uma náusea mole, sem solução, daquelas que excitam a bílis sem a expelir. Insisti com o piloto e forcei-o, com vontade ou sem ela, a aproximar-se da costa. Quando

1 2 3

nos avizinhámos dela, sem esperar alguma daquelas manobras descritas por Vergílio —

ao mar alto inclinam as proas[1]

ou

tomba da proa a âncora,[2]

lembrando-me da minha habilidade como velho praticante de banhos frios, atiro-me ao mar, com equipamento de "nadador de águas frias"[3] isto é, com uma camisola de lã.

4 Não imaginas o que eu passei ao trepar pelos baixios, procurando, e por fim encontrando, um caminho. Fiquei a perceber que os marinheiros têm razão em recear a terra! Foi incrível o que eu aguentei, eu, que nem a mim mesmo já me aguentava. Fica sabendo que não foi tanto pelo ódio do deus do mar que Ulisses naufragou em todo o lado: o que ele tinha eram náuseas! Quanto a mim, onde quer que tenha de ir por mar, levarei como ele vinte anos a chegar!...

5 Quando recompus o estômago — e tu sabes que não basta sair da água para passar a náusea! —, quando retemperei o corpo com uma fricção, comecei a pensar na tendência que temos para esquecer as nossas debilidades, mesmo as físicas, que continuamente dão sinal de si, quanto mais as outras, que são tanto mais graves quanto mais **6** ocultas. Um ligeiro arrepio pode iludir qualquer um; mas quando aumenta e começa a arder como autêntica febre, mesmo o mais resistente e apto a suportar acaba por confessar-se doente. Temos dores nos pés, sentimos pequenas picadas nas articulações: a princípio disfarçamos, dize-

---

[1] Vergílio, *Aen.*, VI, 3.
[2] Vergílio, *Aen.*, III, 277.
[3] Sobre o hábito de Séneca tomar banhos frios v. carta 83,5.

mos que torcemos um tornozelo, que demos um mau jeito qualquer. Enquanto a doença ainda está indecisa, no início, não lhe damos nome, mas quando faz inchar os tornozelos e deixa ambos os pés disformes, somos forçados a admitir que estamos atacados de gota.

7 Sucede o contrário às doenças que afectam o espírito: quanto piores nós estamos menos damos por elas! Não há razão para te espantares, meu caro Lucílio: quem tem o sono leve, mesmo quando descansa tem a visão das coisas e, por vezes, enquanto dorme, tem a consciência de estar dormindo; um sono muito profundo, porém, elimina até os sonhos, entorpece tão profundamente o espírito que o faz perder o conhecimento de si próprio! **8** Porque é que ninguém confessa os seus vícios? Porque ainda está dominado por eles: contar um sonho implica que se esteja acordado, confessar os vícios significa que se está curado deles. Despertemos, pois, para podermos criticar os nossos erros. Somente a filosofia poderá acordar-nos, só ela poderá sacudir-nos de um sono pesado: dedica-te inteiramente a ela! Tu és digno dela, como ela é digna de ti: uni-vos num recíproco abraço. Recusa entregar-te a tudo o mais, com coragem, com decisão; ser filósofo a meias, isso é que nunca! **9** Se estivesses doente deixarias por um tempo de cuidar do teu património, abandonarias os teus afazeres no foro e não julgarias ninguém suficientemente importante para lhe ires prestar assistência durante a tua convalescença; o que farias, de toda a tua alma, era procurares libertar-te quanto antes da doença. Pois bem, porque não adoptar agora a mesma atitude? Liberta-te de todos os entraves, dedica-te totalmente à aquisição de um espírito recto, coisa que ninguém obtém se tiver outras ocupações. A filosofia exerce o seu domínio; ela é que pode conceder, mas nunca contentar-se, com as horas vagas; não é uma

actividade subsidiária, mas sim fundamental, ela é senhora,
10 sempre presente e dominadora. Quando uma certa cidade prometeu a Alexandre uma parte dos seus campos e a metade de todos os seus bens, ele retorquiu: "Eu não ando a percorrer a Ásia na intenção de aceitar o que vós estiverdes dispostos a dar-me, vós é que só tereis aquilo que eu vos deixar". O mesmo se passa com a filosofia em relação às demais ocupações: "eu não estou disposta a aceitar o tempo que vos sobejar, vós é que tereis apenas
11 aquele de que eu não necessite". Dirige todo o teu espírito para a filosofia, acompanha-a sempre, pratica-a sempre: uma enorme distância te separará dos demais homens; ficarás muito à frente do resto da humanidade e os deuses pouco se distanciarão de ti. E se me perguntas qual a diferença que te separará dos deuses, a resposta é: eles durarão mais tempo. Encerrar em tão exíguo espaço a totalidade, é obra de grande artista, essa a verdade! O espaço da sua existência tem para o sábio tão poucos segredos como a eternidade os tem para a divindade: esta está liberta do medo graças à sua natureza, o sábio, graças
12 a si mesmo. Aí tens esta admirável situação: possuir a um tempo a fragilidade do homem e a segurança do deus! Para repelir todas as violências do acaso a filosofia possui um incrível poder. Nenhum dardo pode penetrar no seu corpo, tão bem defendida e resistente ela é; alguns ataques, furta-os e deixa-os inertes, como setas ligeiras que se perdem nas pregas da sua roupagem; outros, repele-os com tal energia que eles se abatem sobre quem os tinha desferido.

54

1 A falta de saúde tinha-me permitido gozar uma prolongada licença, mas de repente abateu-se de novo sobre

mim. Vais perguntar-me qual foi desta vez a doença, e tens razão em fazê-lo, pois não há maleita que eu não tenha experimentado. Há uma, porém, à qual desde sempre tenho sido fiel; e a essa doença não vejo razão para designá-la com o seu nome grego de "asma", pois a palavra latina *suspirium* transmite perfeitamente o mesmo significado. Cada ataque ocorre por períodos muito breves, à maneira de uma borrasca: no espaço de uma hora está praticamente passado. De facto é impossível alguém expirar por largo espaço de tempo. Tenho sofrido toda a **2** espécie de moléstias, toda a casta de enfermidades já me pôs à beira da morte, mas não há doença que me atormente mais do que esta. E como não, se em todos os outros casos apenas "estou doente", e neste é como se "exalasse a alma"? Por isso os médicos chamam à asma a "preparação para a morte", pois um belo dia o nosso "sopro vital" há-de acabar por conseguir o que tantas vezes tentou! Pensas que te escrevo estas palavras cheio de alegria por ainda ter escapado desta? Tão ridículo seria **3** da minha parte alegrar-me como se o fim desta crise significasse o recobrar da saúde, como ridículo seria imaginar que o adiamento da citação em tribunal implica o ganho da causa!

No meio das minhas sufocações nunca deixei de recorrer ao pensamento para, com tranquilidade e coragem, tentar aliviar a crise. Dizia a mim próprio: "Que se passa? **4** Para que precisa a morte de pôr-me à prova tantas vezes? Actue à vontade! Como se eu não tivesse já feito longamente a experiência do que é a morte!" Se me perguntares quando isto foi, dir-te-ei: antes de nascer. A morte é o não ser; e este estado conheço-o eu perfeitamente: o "depois de mim" será idêntico ao "antes de mim". Se "não ser" implica sofrimento, então necessariamente nós

sofremos antes de virmos a este mundo; ora, na realidade,
5 não há dor alguma antes do nascimento. Diz-me uma coisa: não seria o cúmulo da estupidez pensar que uma candeia apagada está em pior situação do que antes de ter sido acesa? Connosco passa-se o mesmo: somos apagados, tal qual como somos acesos! Durante o período intermédio podemos conhecer algum sofrimento, mas para lá dos dois pontos limite gozamos de profunda tranquilidade. Se estou a ver bem a questão, meu caro Lucílio, o nosso erro consiste em pensar que só há morte a seguir a nós, quando a "morte" tanto é o período de tempo que nos precedeu como aquele que se nos seguirá. A morte é todo o tempo que decorreu antes de nós; que diferença faz, portanto, que não iniciemos ou que abandonemos a existência, se em ambos os casos o resultado é o mesmo, isto é, o "não ser"?

6 Foi com estes pensamentos, ou outros similares, que continuamente fui insuflando em mim mesmo coragem (em silêncio, claro, pois a situação não se prestava a declarações!); a pouco e pouco a sufocação começou a passar a mera respiração ofegante e tornou-se gradualmente cada vez mais espaçada. Por fim terminou; mas mesmo agora que passou ainda não estou respirando normalmente;
7 sinto ainda uma certa dificuldade em respirar. Enfim, por mim, só pretendo não sentir sufocações na alma. E há uma coisa que te posso garantir: não tremerei na hora da morte, já me sinto preparado para ela, nunca faço projectos para o dia inteiro... Aplaude e imita o homem que não hesite em morrer, embora a vida lhe agrade! Sair porque se é expulso, que coragem há nisso? No meu caso, porém, existe um pouco de coragem: eu sou de facto expulso da vida, mas faço como se saísse dela por livre vontade. Quanto ao sábio, esse nunca é expulso, porque só

é expulso o homem que é forçado a abandonar um lugar contra vontade. Ora o sábio nunca faz nada contra vontade: ele escapa à lei da necessidade precisamente por *querer* aquilo a que a necessidade o constrangerá.

55

Acabei de chegar de um passeio em liteira, tão cansado como viria se tivesse feito a pé todo o trajecto. Afinal também cansa andar às costas dos outros, e talvez ainda canse mesmo mais por ser antinatural: a natureza não nos deu os pés para andarmos, assim como nos deu os olhos para vermos por nós próprios? A vida de luxo roubou-nos as forças, e o que antes não fazíamos por falta de vontade, hoje não o fazemos por carência de energia! No meu caso, porém, sentia necessidade de dar algum movimento ao corpo, ou para expulsar a expectoração que porventura tivesse na garganta, ou, se por qualquer outro motivo a respiração me era difícil, para tentar aliviá-la com as sacudidelas da liteira, que sinto ter-me feito bem. E por isso mesmo fui prolongando um passeio que a própria paisagem tornava convidativo: entre Cumas e a vila de Servílio Vátia a costa faz uma curva e forma uma estreita passagem, como que um istmo limitado a um lado pelo mar e do outro pelo lago. Uma tempestade recente tinha tornado o terreno mais sólido; como sabes, a ondulação constante e forte endurece a passagem, ao passo que uma calmaria prolongada, com o desaparecimento da humidade, torna a areia mais seca e menos consistente ao andar. **1** **2**

Segundo o meu hábito ia procurando ao redor alguma coisa que suscitasse qualquer meditação proveitosa. Acabei por dar com os olhos na vila que em tempos foi propriedade de Vátia. Antigo pretor, podre de rico, Vátia aqui se **3**

instalou até uma extrema velhice — e tanto bastou para ser considerado um homem feliz. Muita gente caiu em desgraça por ter relações de amizade com Asínio Galo, por manifestar primeiro hostilidade e mais tarde simpatia por Sejano (de facto, não menos perigosa era a inimizade do que a amizade por este homem!); quando tal sucedia, todos exclamavam: "*Ó Vátia, só tu é que sabes viver!*"
4 Não, Vátia sabia esconder-se, isso sim, mas não viver; há uma enorme diferença entre viver no lazer ou viver na indolência! Quando Vátia ainda era vivo, nunca passei junto à sua vila que não dissesse: "Aqui jaz Vátia!..." A filosofia, caro Lucílio, tem no entanto uma conotação tão venerável e sagrada que mesmo uma imitação de vida filosófica suscita a admiração geral. Um homem que viva retirado passa aos olhos do vulgo por viver no ócio, tranquilo e contente de si, por viver apenas a sua vida, quando, de facto, um tal tipo de vida somente está ao alcance do sábio. Apenas o sábio sabe o que é viver para si mesmo, pela simples razão de que apenas o sábio sabe o que é
5 viver! Um homem que evita a vida pública e a vida social, que se vê afastado devido ao fracasso das suas ambições, que se sente incapaz de ver outros bem sucedidos onde ele falhou, que se oculta aterrorizado como um animal medroso e frágil — um tal homem não está vivendo para si próprio, está sim, o que é muitíssimo pior, vivendo para o estômago, para a indolência, para a libertinagem. Deixar de viver para os outros não significa automaticamente que vivamos para nós mesmos! A constância e a firmeza de propósitos, todavia, são algo de tão importante que mesmo uma inactividade persistente consegue forçar à admiração!

6 Da vila propriamente dita nada te posso descrever de concreto, pois apenas conheço a fachada e aquelas outras

partes visíveis a quem passa na rua. Possui duas grutas artificiais de consideráveis proporções, qualquer delas tão vasta como um largo átrio; numa delas nunca entra o sol, na outra há sempre sol, do nascer ao ocaso. Um curso de água, ligado por um lado ao mar e pelo outro ao lago de Aquerúsia, divide ao meio, como um canal, um bosque de plátanos; é um canal que, mesmo utilizado continuamente, daria à vontade para a criação de peixes. E, de facto, se há calmaria não é utilizado, mas quando o mau tempo força os pescadores à inacção, utilizam-se as suas reservas piscícolas. A maior vantagem da vila é que fica paredes meias com Báias, o que permite evitar os transtornos da cidade sem a privação dos seus prazeres. Tais são as comodidades da vila que eu pude apreciar pessoalmente. Creio que ela será agradável em qualquer estação, já que está exposta aos ventos do oeste, de tal maneira mesmo que lhes barra a passagem até Báias. Não foi nada estúpido, Vátia, ao escolher este local para gozar o seu lazer... consagrado à indolência e à velhice! **7**

No entanto, no que concerne à tranquilidade do espírito é de pouca monta a escolha do local: a alma é que confere a cada coisa o seu valor respectivo. Já conheci gente triste que vivia em vilas risonhas e aprazíveis; já encontrei pessoas que, vivendo em completo isolamento, pareciam sempre atarefadíssimas. Não há, portanto, qualquer razão para pensares que o facto de não viveres na Campânia te impede de gozar uma serena vida interior. E não vives na Campânia porquê? Bastará vires até cá em pensamento. Poderás conviver com os teus amigos sempre que queiras, todo o tempo que queiras! Este supremo prazer da amizade, nunca o podemos gozar tanto como quando estamos ausentes. Quando nos vemos habitualmente tornamo-nos embotados. Falamos, passeamos, sentamo-nos **8** **9**

juntos com frequência de modo que, recolhido cada um a sua casa, deixamos de pensar nos amigos com quem acabámos de estar. **10** Devemos suportar mesmo a ausência dos amigos com tanto mais paciência quanto é certo que, ainda quando não ausentes, passamos a maior parte do tempo longe deles. Primeiro porque cada um vai passar a noite em sua casa; depois, porque cada qual tem as suas ocupações distintas, tem os seus estudos particulares, tem as suas estadias na respectiva casa de campo. Já vês que, afinal, uma estadia numa província distante não nos priva assim tanto um do outro. **11** É dentro da alma que temos os amigos, e a alma nunca se separa de nós; dentro da alma está sempre presente quem ela queira e quando o queira! Podes, assim, estudar, comer, passear na minha companhia... Muito estreita seria a nossa existência se houvesse alguma barreira a opor-se ao pensamento. Estou a ver-te diante de mim, Lucílio amigo, estou mesmo a ouvir a tua voz; estou de tal modo perto de ti que já não sei bem se te vou escrever uma carta, ou apenas um recado para enviar a tua casa!

56

1 Eu morra se o silêncio é tão necessário como parece a quem se entrega ao estudo! Aqui estou eu agora, rodeado de barulho por todos os lados, pois estou vivendo por cima de um balneário. Imagina toda a casta de ruídos capazes de porem os ouvidos no desespero: se são os fortalhaços a treinar-se erguendo nas mãos pesados halteres de chumbo, quando não conseguem ou fingem não conseguir levantá-los, só oiço gemidos; se sustêm a respiração e depois voltam a respirar, então são assobios, é um arfar ofegante; se me calha apanhar algum fracalhote que não

deseja mais do que uma vulgar massagem, então chega--me aos ouvidos o som das mãos a bater nos ombros — um som que varia conforme a mão assenta plana ou côncava. Mas se surge um jogador de bola que se ponha a contar os pontos marcados, então é o fim! Junta a tudo **2** isto o barulho dos arruaceiros, dos ladrões apanhados em flagrante, dos que gostam de se ouvir a cantar no banho, dos que saltam para a piscina com um chapão de todo o tamanho! E para além destes tipos, que, pelo menos, têm uma voz normal, imagina agora o depilador fazendo ouvir de vez em quando, para atrair as atenções, uma voz efeminada e guinchenta e só se calando quando encontra axilas para depilar, altura em que quem grita é o paciente. E toca a consumir ainda todo o tipo de pregões: o vendedor de bebidas, o salsicheiro, o pasteleiro, e todos os negociantes de comes e bebes apregoando a sua mercadoria cada um com uma entoação própria!

"Tens de ser de ferro" — dirás tu — *"para manteres o* **3** *cérebro a funcionar no meio de ruídos tão diversos e contrastantes. O nosso amigo Crisipo sentia-se quase morrer se encontrava muita gente a quem cumprimentar!"* Pois eu, juro-te, não me preocupa mais esta barulhaça do que o rumor das ondas ou das cascatas, embora saiba que houve um povo que mudou a localização da sua cidade só por não conseguir suportar o ruído das cataratas do Nilo![4] Em **4** meu entender perturba mais ouvir palavras com nexo do que um rumor indistinto, pois aquelas atraem a nossa

---

[4] Cf. Séneca, *Naturales Quaestiones*, IV, 2, 5: "Houve um povo aí [= junto às cataratas do Nilo] estabelecido pelos Persas que ficou com os ouvidos atordoados pelo contínuo ruído, e por isso decidiu mudar-se para outro local mais tranquilo."

atenção, enquanto este apenas nos enche e agride os ouvidos. Entre os tipos de ruído que me podem rodear sem causar perturbação incluo ainda os carros a passar, o operário que trabalha no meu imóvel, o marceneiro da casa ao lado, o vendedor de instrumentos que experimenta junto à fonte do repuxo[5] as trombetas e as flautas, não

5 propriamente tocando, mas apenas soprando! De resto incomoda-me mais um ruído intermitente do que um ruído contínuo. Sinto-me mesmo já tão endurecido contra o ruído que até seria capaz de suportar a voz sobremaneira irritante do comitre marcando o ritmo aos remadores. É que eu obrigo o meu espírito a conservar-se atento a si mesmo sem se deixar aliciar pelo exterior. Pode haver lá fora todo o ruído que se queira, contando que dentro do meu espírito não haja conflitos, não haja luta entre a ambição e o temor, não haja discussão entre a avareza e a dissipação, com uma delas a procurar impor-se à outra! Que interessa, afinal, que à nossa volta reine o silêncio se dentro de nós se agitarem as paixões?

6 *"Tudo repousava em paz na quietude da noite."*[6]

É falso: nenhuma quietude é pacífica senão quando assenta na razão. A noite realça a doença, não a destrói, limita-se a substituir as nossas preocupações. Na hora do descanso, a insónia é tão agitada quanto agitado foi o dia; somente a consciência moral proporciona uma verdadeira tranquilidade.

7 Observa aquele homem que procura adormecer no silêncio da sua vasta casa: para que som algum lhe fira os ouvidos

[5] A "fonte do repuxo", *Meta sudans*, ficava em Roma, perto da Via Sacra; parece ter-se tratado de uma fonte ornada com um cone de pedra (*meta*: as colunas cónicas que, no circo, marcavam os limites para as corridas de carros) donde brotava água (*sudans*).

[6] Varrão Atacino, *carm.*, fr. 8 Morel.

todos os escravos se conservam calados, ninguém se aproxima dele senão em bicos de pés. Mesmo assim ele revolve-se no leito para um lado e para outro, mal conseguindo conciliar o sono no meio dos seus cuidados. Até se queixa de ouvir ruídos que nunca ouviu. Qual julgas tu que é o motivo disto? Foi o seu espírito que o atordoou! É o espírito que carece de ser acalmado, é a sua perturbação que exige ser dominada. O espírito não estará sossegado só por o corpo estar em repouso; o próprio descanso é frequentemente cheio de inquietude. Até mesmo nós nos temos de entusiasmar com os actos a praticar, nos temos de entreter com a meditação nas actividades justas sempre que o repouso se mostra incapaz de nos conservar quietos. Os grandes generais, quando vêem o soldado renitente em obedecer, forçam a sua impaciência impondo-lhe qualquer trabalho, mantendo-o sempre em estado de alerta: controlados com severidade, os soldados não podem permitir-se quaisquer brincadeiras; não há, de facto, melhor remédio contra os vícios da inactividade do que mantê-los activos. Muitas vezes damos a impressão de querermos retirar-nos por tédio da política ou por saturação de algum cargo difícil ou ingrato; mas no remanso em que o temor ou a fadiga nos lançou não tarda que a ambição de uma carreira pública recrudesça. É que a ambição não foi cortada pela raiz, apenas se cansou, ou se irritou por as coisas não correrem tão bem quanto queria. E o mesmo é válido no que concerne ao luxo: de vez em quando parece ser posto de lado, mas logo começa a aliciar os pretensos adeptos da frugalidade que, em plena prática da temperança, buscam os prazeres (não condenados de vez, mas apenas momentaneamente abandonados) e com tanto mais ardor quanto o fazem disfarçadamente. Os vícios, é um facto, são menos graves quando claramente admitidos, tal como

8 **9** **10**

as doenças, as quais estão mais perto de serem curadas quando passam do estado de incubação à plena manifestação da sua força. Fica sabendo que a avareza, a ambição e todos os demais males que afligem o espírito humano são tanto mais molestos quanto mais fingem ocultar-se atrás

11 de uma cura simulada. Nós parecemos retirados da política sem o estarmos de facto. Quando estamos de boa-fé, quando tocamos de facto a retirar, quando desprezamos deveras tudo quanto é ilusório, então, conforme acima disse, nada nos poderá tentar, não há clamor algum — de homens ou de pássaros — que possa interromper os nossos pensamentos justos, firmes, perfeitamente seguros.

12 Quando uma simples palavra, um concurso de circunstâncias nos alicia — isso só prova que possuímos um carácter instável, incapaz de ser senhor de si mesmo; mantemos no nosso íntimo alguma preocupação, algum medo irreal que nos torna permanentemente inquietos, como Eneias neste passo de Vergílio:

> *E a mim, ainda há pouco imperturbável entre*
> *os dardos que me lançavam, entre os gregos que me cercavam*
> *— agora o mais leve sopro me assusta, qualquer som me perturba,*
> *inquieto, receoso quer pelo filho a meu lado quer pelo pai que levo aos ombros!*[7]

13 Na primeira situação o herói comporta-se como um sábio, a quem não assustam o arremesso dos dardos, o choque das armas de um denso corpo de exército, o fragor de uma cidade caindo em ruínas; no segundo caso mostra-se um homem vulgar, receoso pela sua sorte e tremendo ao

---

[7] Vergílio, *Aen.*, II, 726-9.

menor ruído, um homem a quem a mínima voz, tomando as proporções de enorme barulho, assusta, a quem o mais leve movimento faz perder a coragem. Os fardos que tem a seu cargo fazem dele um cobarde! Os afortunados aos **14** olhos do vulgo, que levam consigo aos ombros imensos bens — qualquer deles tu verás "receoso por quem tem ao lado, por quem transporta aos ombros"! Só poderás considerar-te como senhor de ti mesmo quando nenhum clamor te afectar, nenhuma voz, sedutora ou ameaçadora, te perturbar, nenhuma ilusão te rodear de ruídos sem sentido. *"Como é isso? Então não é muito melhor, pelo* **15** *menos de vez em quando, estar completamente ao abrigo do ruído?"* Claro que é, e por isso mesmo não tarda que eu me vá embora daqui. Apenas pretendi experimentar-me, treinar-me; mas não vale a pena submeter-me a esta tortura mais tempo, quando sabemos como Ulisses congeminou para os seus homens um antídoto tão eficaz... até contra as Sereias!

57

Quando saí de Báias para regressar a Nápoles deixei- **1** -me convencer sem dificuldade de que o tempo estava mau, o que me evitaria uma segunda viagem por mar. Só que a estrada estava de tal modo coberta de lama que mesmo assim quase me pareceu ter andado de barco... Passei nesse dia por todas as torturas que os atletas sofrem: primeiro foi o banho de óleo, ao chegar à gruta napolitana[*] veio a chuva de poeira! E a gruta? Um cárcere **2**

[*] Sobre a gruta napolitana v. Estrabão 246 b c.

interminável, uns archotes que, em vez de nos permitirem ver *na* escuridão, antes nos mostram a própria escuridão! De resto, mesmo que o local fosse iluminado, a luz não atravessaria a poeira — e se o pó já é altamente incomodativo ao ar livre, o que não será erguendo-se em turbilhão num espaço fechado, sem qualquer saída de ar, abatendo-se sobre os passantes que o levantam!? Dois flagelos diametralmente opostos nos afligiram em simultâneo: na mesma estrada, e no mesmo dia, primeiro o suplício da lama, depois o da poeira!

3 Apesar de tudo, até a obscuridade do túnel me ofereceu tema de meditação: senti na alma um abalo, uma perturbação provocada, não pelo medo, mas pelo insólito e repulsivo deste espectáculo inédito. Nem sequer está em causa a minha pessoa — tão distante ela está de um grau de virtude aceitável, para já não dizer perfeito! —, mas mesmo um daqueles homens acima dos ataques da fortuna sentiria na alma um estremeção e mudaria a cor do 4 rosto. Há certas sensações, meu amigo, a que nem mesmo a maior coragem consegue escapar: parece que é a natureza a recordar-nos a nossa condição de mortais! Por isso há quem se sinta arrepiado vendo uma cena de desolação, há quem sinta turvar-se-lhe a vista se, em pé na beira de um precipício, olhar lá para o fundo. Não se trata de medo, mas de uma impressão, inteiramente natural, sobre 5 a qual a razão não tem poder. Por isso mesmo há homens valentes, dispostos sem hesitar a derramar o próprio sangue, que não suportam a vista de sangue alheio; alguns perdem as forças e desmaiam ao ver abrir e tratar uma ferida recente, outros, uma ferida já antiga e cheia de pus; outros há ainda que tremem ao ver uma espada mas 6 aguentam bem os seus golpes. Mas, como estava dizendo, eu senti, não direi uma aflição, mas pelo menos uma certa

perturbação; e quando novamente pude ver a luz do dia invadiu-me uma irreflectida e incontrolável alegria. Comecei então a dizer a mim mesmo como é estulto recear mais certas coisas do que outras quando quer umas quer outras produzem o mesmo resultado. Que diferença faz, por exemplo, que nos desabe em cima um torreão ou uma montanha? Nenhuma, e no entanto a muita gente mete mais medo o desabamento da montanha, embora em qualquer dos casos o efeito seja igualmente a morte. Quer dizer, o medo deriva não do resultado em si, mas das circunstâncias que geram esse resultado.

7 Imaginas que faço minhas as palavras daqueles estóicos para quem a alma de um homem esmagado sob uma massa de grande peso não poderia permanecer una, mas sim, privada de sair livremente do corpo, imediatamente ficaria reduzida a fragmentos[9]? Não, não faço, porque me parece laborar em erro quem faz uma afirmação destas. **8** Tal como uma chama não pode ser comprimida (pois se escapa, e rodeia o objecto que tenta pressioná-la); tal como o ar não é afectado por golpes ou estocadas, não se deixa sequer cortar, antes imediatamente rodeia o objecto que tenta repeli-lo; assim também a alma, que é feita de matéria extremamente ténue, não pode ser coagida nem esmagada dentro do corpo: graças à sua subtileza, consegue escapar-se através da massa que a comprime. O raio, mesmo que reluza com violência por um largo espaço, acaba por escapar-se através de uma minúscula abertura; a alma, ainda mais ténue do que o fogo, consegue escapulir-se

---

[9] Séneca não atribui nominalmente esta teoria a nenhum estóico em particular; o passo é inserido entre os fragmentos de Crisipo por v. Arnim (*S. V. F.*, II 820).

9 seja através de que corpo for. Resta agora é saber se a alma pode ser imortal[10]. Por agora fica-te com esta certeza: se ela sobrevive ao corpo, então não há modo algum de destruí-la, pois nem a imortalidade admite reserva, nem àquilo que é eterno se pode fazer o mínimo mal.

58

1 Até que ponto é grande a nossa pobreza, direi mesmo a nossa indigência vocabular, nunca o tinha compreendido tão bem como hoje. Estávamos casualmente falando de Platão: mil noções se nos depararam carentes, mas desprovidas, de um vocábulo apropriado; em contrapartida há muitas outras que tiveram nome, caído em desuso devido ao nosso gosto requintado. Ora ter gostos requintados no
2 meio da indigência é insuportável! Àquele insecto que atormenta os rebanhos e os faz dispersar por todo o vale, chamado em grego οἶστρος ("moscardo"), dava-se antigamente o nome de *asilus*. Do facto há o testemunho de Vergílio:

> *Junto ao bosque do Sílaro, às azinheiras que cobrem de verde o Alburno, esvoaça em número ingente o insecto cujo nome romano era* asilus, *e agora se chama em grego* oestrus, - *bicho antipático, de agudo zumbido, que pelos bosques atormenta e põe em fuga o gado.*[11]

---

[10] Cleantes admite a imortalidade de todas as almas (*S. V. F.*, II, 811), Crisipo apenas das dos sábios (*ibid.*, 810, 811). Tal imortalidade, porém, apenas dura até à ocorrência da conflagração (ἐκπύρωσις) universal. — Sobre a posição do estoicismo perante o problema da imortalidade da alma v. René Hoven, *Stoicisme et stoiciens face au problème de l'au-delà*, Paris 1971 (pp. 107 ss.: a posição de Séneca).

[11] Vergílio, Geor., III, 146-50.

Creio dever entender-se que se trata de um vocábulo já passado de moda. Para te não fazer perder muito tempo, dir-te-ei que eram usuais algumas palavras simples, como na expressão "decidir (*cernere*) uma contenda pelas armas". O mesmo Vergílio te comprovará o caso: **3**

> *Poderosos, oriundos dos quatro cantos da terra, os heróis se afrontavam, para decidir* (cernere) *a sorte das armas.*[12]

Actualmente empregamos para a mesma noção o verbo *decernere*; ou seja, caiu em desuso o emprego do verbo simples. Os antigos também diziam *si iusso* ("se eu o ordenar") em vez de *si iussero* ("id."). Não te fies na minha palavra, mas na abonação de Vergílio: **4**

> *que o resto do exército avance junto a mim para onde eu o ordenar* (iusso)[13].

Não te falo disto com tanta minúcia para que fiques a saber quanto tempo eu perdi na escola do gramático, mas sim para que te dês conta da quantidade de vocábulos, usados por Énio e Ácio, que se tornaram obsoletos; pois se mesmo na obra de Vergílio, que sempre tem continuado a ser lida, já alguns termos há que passaram de moda! **5**

"O que significa todo este preâmbulo?" — perguntarás tu. — *"Qual a sua finalidade?"* Não to esconderei: o que pretendo é, se possível, empregar a palavra *essência* (*essentia*) sem chocar os teus ouvidos; se os chocar, aliás, empregá-la-ei na mesma! Como garante deste vocábulo tenho Cícero, que me parece autoridade de peso[14]; entre os autores mais recentes tenho Fabiano, escritor eloquente, **6**

---

[12] Vergílio, *Aen.*, XII, 708-9.

[13] Vergílio, *Aen.*, XI, 467.

[14] Cícero, frg. inc. K 10 p. 412 Mueller.

elegante e de estilo claro, mesmo para o nosso gosto sofisticado. Pois que havia eu de fazer, Lucílio amigo? De que outro modo traduzir o grego *οὐσία*, essa noção imprescindível que, por natureza, constitui o fundamento de tudo o mais? Peço-te, portanto, que me consintas o uso daquele vocábulo. De resto farei o possível para usar com parcimónia a vénia que me irás conceder; talvez mesmo me

7 contente com o simples facto de ma dares. Que me adiantará, aliás, a tua benevolência se tenho já aqui algo impossível de dizer em latim, facto que originou a minha ira contra a nossa língua? Maior será a tua condenação da pobreza vocabular romana quando souberes que é uma única sílaba aquilo que eu não consigo traduzir. Queres saber qual é? Tò ὄν ("o ser"). Posso parecer-te homem de fraco engenho: há um recurso imediato, posso verter esse conceito pela expressão *quod est* ("aquilo que é"). Mas é evidente a diferença entre as duas: sou obrigado a usar um verbo em vez de um nome. A necessidade obriga, porém, a dizer "*aquilo que é*"!

8 Um amigo nosso, homem de grande cultura, dizia hoje que a expressão *o ser* era usada por Platão em seis sentidos distintos. Poderei indicar-tos todos se primeiro te explicar que existe uma coisa que é o *género* e outra que é a *espécie*. O que vamos procurar em primeiro lugar é aquele género primeiro do qual derivam todas as espécies, do qual se origina toda a divisão, no qual tudo está compreendido. Encontrá-lo-emos se tomarmos cada coisa com generalização crescente; assim acabaremos por chegar ao género primeiro.

9 O "homem" é uma espécie, diz Aristóteles; o "cavalo" é uma espécie; o "cão" é uma espécie. Temos agora de procurar qual é o elemento comum a todas estas espécies, o elemento que as compreenda a todas e do qual elas

dependam. Esse elemento é o género *animal*. Obtemos assim o género comum às três espécies indicadas — "homem", "cavalo", "cão" — ou seja, o género "animal". Mas há seres que têm vida sem serem animais; dizemos **10** que têm vida as plantas, as árvores, e por isso dizemos que elas vivem e morrem. Consequentemente um género superior será o género *animado*, no qual serão compreendidos os animais e as plantas. Mas há ainda seres que não possuem vida, como as pedras; deverá, portanto, haver um género mais primitivo que o "animado": será o *corpo*. O género "corpo" poderá ser subdividido se dissermos que todos os *corpos* ou são *animados* ou *inanimados*. Há ainda, **11** contudo, um género superior ao "corpo", uma vez que nós dizemos que algumas coisas são corpóreas e outras são incorpóreas. Qual será então esse género de que estas espécies derivam? Precisamente aquele ao qual atrás designámos de uma forma tão pouco adequada: "aquilo que é" (= "o ser"). A este poderemos dividi-lo em duas espécies: "o ser" ou é corpóreo, ou incorpóreo. Temos aqui, portanto, **12** o género primeiro, o mais primitivo, o género, por assim dizer, *geral*; os restantes géneros são, digamos, "especiais". Por exemplo, "homem" é um género, mas contém em si, como espécies, os povos (Gregos, Romanos, Partos), as cores (brancos, negros, amarelos), os indivíduos (Catão, Cícero, Lucrécio). Na medida em que contém muitos elementos, é género; na medida em que está dependente de outro, é espécie. Quanto ao género "ser", esse é geral, não tem nenhum outro acima de si, está na origem de tudo e tudo deriva dele. Os estóicos pretendem subordiná-lo **13** ainda a um género mais primitivo, do qual te falarei daqui a pouco[15]; por agora pretendo mostrar-te que o

[15] V. infra § 15.

género de que estou a falar ("o ser") deve ser considerado como de facto o primeiro, uma vez que basta para abarcar tudo o mais.

14 Eu divido o ser em duas espécies: a das coisas "corpóreas" e a das coisas "incorpóreas"; não há terceira possibilidade. O género "corpo", por sua vez, divido-o nas espécies "animada" e "inanimada". Quanto aos seres animados dividi-los-ei em "seres que têm alma" e "seres que apenas possuem princípio vital"[16]; ou então, em seres que têm movimento próprio, que marcham e se deslocam, e seres que se alimentam e crescem fixos ao solo por raízes. Quanto aos "animais", em quantas espécies dividi-los? Em "mortais" e "imortais".

15 Alguns estóicos são de opinião que o género primeiro seja o *algo* (*quid*), pelo motivo que passo a dizer-te[17]. *"Na natureza"* — afirmam eles — *"há coisas que existem e coisas que não existem; ora mesmo estas estão compreendidas na natureza. É o caso dos produtos da imaginação, tal como os Centauros e os Gigantes, e tudo o mais que, originado por falsos conceitos, acaba por obter uma certa imagem, embora desprovida de substância."*[18]

16 Mas voltemos à questão proposta, ou seja, de que modo Platão concebe as seis gradações do ser. Em primeiro lugar o "ser" não pode ser captado pela vista, pelo tacto, ou por qualquer outro sentido; é somente pensável. Todo o ser em geral, como por exemplo o homem em geral, escapa à alçada da vista; o que nós vemos é o ser

---

[16] Alma = *animus*; princípio vital = *anima*.

[17] Cf. *S. V. F.*, II, 329, 333.

[18] Este passo figura em *S. V. F.*, II, com o número 332.

especial, como Cícero ou Catão. O "animal" não é objecto da vista, mas do pensamento. Podem ser vistas, porém, as suas espécies: um cavalo, um cão.

Em segundo lugar na escala do ser, considera Platão aquele que sobreleva e supera todos os demais; ou seja, o que ele chama o "ser por excelência". Assim, "poeta" é uma designação genérica, um nome que se dá a todos quantos fazem versos, mas na Grécia tornou-se a designação de um só homem: quando se diz "o Poeta" entende-se que nos referimos a Homero. Qual é então o "ser por excelência"? É *deus*, o ser maior e mais poderoso de todos. **17**

O terceiro género é o dos seres que possuem existência própria, os quais são uma infinidade, mas colocados para lá da nossa observação. Queres saber que seres são esses? Trata-se de matéria característica de Platão: são aqueles seres a que ele chama "as ideias", a partir das quais se originam as coisas que vemos e com as quais tudo se conforma. As "ideias" são imortais, imutáveis, invioláveis. Entende bem o que seja uma "ideia", ou melhor, o que é que Platão entende por tal: *"a ideia é o modelo eterno de tudo quanto existe na natureza"*. À definição vou acrescentar um exemplo, para que o pensamento te seja mais claro. Imagina que eu quero pintar o teu retrato. O modelo para a minha pintura és tu, de cuja observação o meu espírito extrai uma determinada configuração a impor ao quadro; essa configuração, a qual me guia e determina, e da qual se gera a minha imitação, é a "ideia". Ora bem, a natureza possui modelos semelhantes, em número infinito, da espécie dos homens, da dos peixes, da das árvores; segundo esses modelos conforma-se tudo quanto é susceptível de vir a existir. **18** **19**

20 Em quarto lugar temos o *eidos* (*εἶδος*).[19] Atenta com cuidado o que seja o *eidos*, e, se a coisa te parecer difícil de entender, zanga-te com Platão e não comigo. De resto, qualquer pensamento abstrato tem sempre a sua dificuldade. Utilizei há pouco o exemplo do pintor. Se este quisesse representar Vergílio numa pintura, olharia para o próprio Vergílio. A "ideia" era o rosto de Vergílio, o modelo do futuro quadro; a forma que dela o artista extrai e impõe ao seu trabalho será o *eidos*. Não entendes **21** qual é a diferença? A ideia é o modelo, o *eidos* é a forma deduzida do modelo e imposta ao quadro; a ideia é aquilo que o artista imita, o *eidos*, aquilo que ele faz. Uma escultura tem uma determinada forma: é o seu *eidos*. O próprio modelo que o artista, olhando-o, imprime à estátua, tem também uma determinada forma: é a sua *ideia*. Se preferes uma outra explanação, dir-te-ei que o *eidos* está na própria obra, enquanto a *ideia* é exterior à obra, e não apenas exterior, mas ainda pré-existente à obra.

22 O quinto género é o das coisas que existem genericamente. Aqui já nos começamos a situar no nosso mundo: trata-se de todos os seres existentes, homens, animais, objectos.

O sexto género compreende aquilo que apenas tem um simulacro de existência, por exemplo o vazio, ou o tempo.[20]

Às coisas que podemos ver ou tocar Platão recusa-se a incluí-las entre os seres que ele considera dotados de exis-

---

[19] Literalmente εἶδος é o "aspecto exterior de uma coisa", a sua "forma" (cf. F. E. Peters, Termos filosóficos gregos, Lisboa, F. C. Gulbenkian, pp. 62 ss.).

[20] O *vazio* (*inane*, *κενόν*) e o *tempo* (*tempus*, *χρόνος*) constituíam para os estóicos, juntamente com o *espaço* (*locus*, *τόπος*) e o *dito* (*dictum*, *λεκτόν*), as quatro espécies de seres incorpóreos, cf. *S. V. F.*, II, 331.

tência própria, já que estão num contínuo devir, sofrendo permanentemente acréscimos ou mutilações. Nenhum de nós é na velhice idêntico ao que foi na juventude; nenhum de nós é pela manhã idêntico ao que foi no dia anterior. Os nossos corpos fluem rapidamente como a corrente dos rios. Tudo quanto vês acompanha o veloz fluir do tempo; nada do que vemos permanece idêntico; eu mesmo, enquanto falo na mudança das coisas, já mudei.

23 É este o sentido da frase de Heraclito: *"podemos e não podemos mergulhar duas vezes no mesmo rio"*.[21] O nome do rio permanece o mesmo, a água, essa já passou adiante. Num rio o fenómeno é mais sensível aos olhos do que num homem, mas não é menos rápido o curso do tempo em nós; por isso me espanta a loucura que nos leva a tanto amarmos essa coisa fugidia que é o corpo, e a temer morrermos um dia quando cada momento é a morte do estado imediatamente anterior. Dispõe-te, portanto, a não recear que ocorra um dia aquilo que continuamente está ocorrendo. **24** Falei do homem, matéria fluida, caduca, exposta a todos os imprevistos: o próprio mundo, que é eterno e indestrutível, muda também, não permanece idêntico. Embora continue, de facto a conter em si tudo quanto desde sempre conteve, contém-no de uma maneira diferente do que antes, ou seja, alterou a ordem respectiva.

25 *"Para que me servem"* — dirás — *"todas essas subtilezas?"* Se mo perguntas, dir-te-ei: para nada! Mas tal como o gravador dá aos seus olhos, fatigados de longo trabalho, uma pausa, um descanso, ou, como soe dizer-se,

---

[21] Heraclito, fr. 49 a Diels-Kranz (cf G. S. Kirk-J. E. Raven, Os filósofos pré-socráticos, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 2.ª ed., pp. 198 ss).

um retemperamento, também nós, uma vez por outra, devemos distender o espírito e refazê-lo com alguma distracção. Importa, porém, que a distracção seja profícua; ora, se reparares bem, mesmo destas especulações poderás

26 tirar matéria útil à tua formação. Caro Lucílio, é este o método que eu uso: de qualquer conhecimento, por muito afastado que seja da filosofia moral, faço sempre o possível por extrair algum elemento que ofereça utilidade. O que pode haver de mais alheio ao aperfeiçoamento do carácter do que estas especulações de que estivemos tratando? Em que podem as "ideias" de Platão fazer de mim um homem melhor? Que posso eu tirar delas que me ajude a reprimir os desejos? Quanto mais não seja esta noção: que tudo quanto existe para serviço dos sentidos, que nos aguça e excita a vontade, não pertence, segundo Platão, ao número das coisas que têm existência verda-

27 deira. São, por conseguinte, coisas imaginárias, que mudam de aspecto com o tempo, que nada possuem de estável e permanente. Havemos nós de desejá-las como se elas devessem existir para sempre, ou nós as houvéssemos de permanentemente possuir?! Seres fracos e efémeros, nós, homens, vivemos entre coisas vãs: ergamos antes o espírito para aquilo que é eterno. Admiremos as formas ideais das coisas que pairam nas alturas e a divindade que entre elas se move providenciando o modo de conseguir defender da morte estas criaturas que não pôde criar imortais por impedimento da própria matéria, fazendo com que

28 pela razão superem as deficiências do corpo. Todo o universo permanece, não porque seja eterno, mas porque está sob a guarda de um ser que o rege; se fosse imortal não careceria de protector. É o obreiro do universo que o conserva, dominando pelo seu poder a fragilidade da matéria. Desprezemos, pois, todas as coisas que tão pouco precio-

sas são a ponto de a sua própria existência ser duvidosa. Meditemos igualmente em que, se o universo, tão mortal como nós, é defendido dos perigos pela sua providência própria, é possível que, até certo ponto, a nossa própria providência consiga prolongar um pouco a duração deste miserável corpo, desde que consigamos dominar e reprimir as paixões que consomem a sua maior parte. O próprio Platão, graças aos seus hábitos comedidos, conseguiu atingir a velhice. É certo que era dotado de um corpo forte e vigoroso, tanto que o nome lhe foi dado devido ao seu largo tórax;[22] as perigosas viagens marítimas, porém, tinham-lhe roubado muito do seu vigor. Todavia, a sua austeridade, a sua moderação em relação a tudo quanto excita a avidez, o rigoroso cuidado consigo próprio fizeram com que chegasse a velho a despeito das condições adversas. Sabes, creio, que Platão ficou a dever aos seus rigorosos cuidados com a saúde o facto de ter morrido no dia do seu aniversário, pelo que completou rigorosamente oitenta e um anos de vida. Essa a razão por que alguns astrólogos, de passagem por Atenas, fizeram sacrifícios ao filósofo falecido na convicção de que ele excedera o destino normal do homem, porquanto a sua idade atingira o mais perfeito dos números, obtido pela elevação de nove ao quadrado. Não duvido de que tu possas reduzir alguns dias a este total, e passar sem qualquer sacrifício! A sobriedade pode prolongar a vida até à velhice, o que, se por mim não o considero desejável, de modo algum acho de

29

30

31

32

[22] O nome Platão (em grego Πλάτων) provém do adj. πλατύς (platýs) "largo, corpulento".

rejeitar. De facto será agradável convivermos connosco o mais possível, desde que nos tenhamos tornado dignos de proporcionar uma companhia aprazível.

Pronunciemo-nos, enfim, sobre esta questão: devemos nós minimizar a última fase da velhice e, em vez de aguardar o nosso fim, apressá-lo com as próprias mãos? Esperar passivamente pela morte é atitude quase cobarde, tal como é amigo em excesso do vinho quem quer que, depois de esvaziar a ânfora, vai ainda sorver as borras. 33 Resta agora é saber se são borras os últimos anos de vida, ou se, pelo contrário, são a fase mais transparente e mais pura. Entenda-se: desde que a inteligência não sofra diminuição, que os sentidos sirvam o espírito intactos e que o corpo não esteja diminuído e já meio morto, porquanto é da maior importância saber se o que se prolonga é a vida 34 ou é a morte. Se o corpo já não está à altura das suas tarefas, porque não havemos de libertar a alma dos seus entraves? Possivelmente até o deveríamos fazer antes de ser necessário, não fosse dar-se o caso de o não podermos fazer quando necessário for. E como é maior o perigo de viver mal do que o de morrer antes do tempo, estúpido seria aquele que, com um exíguo sacrifício de tempo, se não libertasse de tantas contingências aleatórias. Poucos têm sido os homens que, após longa velhice, atingiram a morte sem diminuição de capacidades, mas muitos aqueles que uma vida prolongada deixou inutilizados: como não julgar então que mais duro do que perder uns dias de 35 vida é perder o direito a pôr-lhe termo? Não me escutes contrariado, como se estas reflexões se aplicassem desde já à tua pessoa, e pensa bem no que eu pretendo dizer: eu não porei termo à velhice se ela me deixar o uso das minhas faculdades, daquelas que formam a melhor parte de mim mesmo. Se, todavia, começar a afectar-me a inte-

ligência, a destruir alguma das suas capacidades, se, tirando-me a vida, me deixar só a existência, então eu escapar-me-ei desse edifício podre e arruinado. Não evitarei pela **36** morte uma doença desde que tratável e não gravosa para o espírito. Nunca erguerei a mão contra mim para evitar o sofrimento: morrer assim é confessar-se derrotado. Mas se souber que tal doença nunca mais me deixará, então sairei eu desta vida, não devido à doença em si, mas porque ela me será um entrave em relação a tudo por que merece a pena vivermos. Morrer para evitar a dor é uma atitude de fraqueza e cobardia; viver só para suportar a dor, é pura estupidez.

Já me estou alargando demais. De resto, a matéria **37** daria azo a que aumentasse as horas do dia. Como há-de saber pôr fim à própria vida um homem que não sabe terminar uma carta?! Boa saúde, então! Gostarás mais de ouvir esta saudação do que de ler contínuas elocubrações sobre a morte!

59

A tua carta deu-me um enorme prazer. Consente que **1** eu use o vocabulário de toda a gente, sem entenderes as minhas palavras em sentido estóico. É crença nossa que todo o prazer é um vício. Seja; nem por isso deixamos de empregar o termo "prazer" para denotar uma alegria interior. Sei muito bem, repito, que, de acordo com os nossos **2** dogmas, o "prazer" é uma coisa indigna e que apenas o sábio conhece a verdadeira alegria, essa exaltação da alma na plena posse dos seus bens autênticos[23]. Em linguagem

---

[23] Sobre a oposição entre os conceitos de "alegria" e de "prazer" cf. u. g. *S. V. F.*, III, 431. Crisipo escreveu um tratado para demonstrar que o prazer não constitui um *fim* (τέλος) para o homem, e outro em que demonstra que o prazer não é um *bem* (cf. *S. V. F.*, II, 18).

corrente, porém, dizemos que nos deu "grande prazer" saber de alguém que foi nomeado cônsul, ou se casou, ou a sua mulher teve uma criança, tudo isto circunstâncias que não só não são causa de alegria como frequentemente são o prelúdio de futuros infortúnios; ora a alegria nem conhece termo nem pode transformar-se no seu oposto.
3 Por isso mesmo, quando o nosso Vergílio refere

do espírito as perversas
alegrias[24]

usa uma frase bonita, mas inadequada, dado que a alegria nunca pode ser perversa. Com o termo "alegrias" ele pretendia referir-se aos "prazeres"; de resto, é evidente que o poeta está aludindo àquelas pessoas que se comprazem no
4 seu próprio mal. Por minha parte, não será infundado dizer que a tua carta me deu um "enorme prazer". No caso de um não-sábio, — e por legítimo que seja a causa da alegria —, trata-se de um impulso incontrolável, susceptível de num momento passar ao extremo oposto, ocasionado pela imaginação de um falso bem, imoderado, irreflectido — e por isso mesmo, em vez de "alegria", chamo-lhe antes "prazer"!

Mas voltemos ao assunto. O que me agradou na tua carta foi ver que dominas as palavras e que a preocupação
5 do estilo não te leva a divagações extemporâneas. Há muita gente que se põe a escrever coisas que não tinha planeado movida pela sugestão de algum vocábulo bem soante. Contigo tal não sucede: as tuas frases são concisas e adequadas ao assunto; dizes apenas o que queres, e sugeres ainda mais do que dizes. O teu estilo é sintoma de algo muito mais importante: de que a tua alma se não

---

[24] Vergílio, Aen., VI, 278-9.

interessa pelo supérfluo, pelo bombástico. Encontro em ti, contudo, algumas metáforas que, sem serem audaciosas, são de certo modo atrevidas; encontro símiles — mas proibirem-nos o uso destas figuras a pretexto de que só nos poetas elas são legítimas, significa que se não leram os autores antigos, de uma época ainda não deformada pela obsessão da eloquência. Tais autores, embora falando com simplicidade e com a única preocupação de se fazerem entender, têm um estilo repleto de comparações, que, aliás, reputo necessárias aos filósofos, não pela mesma razão que aos poetas, mas como meio de superar as limitações da linguagem e de permitir, quer ao orador quer ao auditório, a apreensão directa da matéria em causa. **6**

Neste momento ando interessado em ler Sêxtio, um autor penetrante que, conquanto escreva em grego, professa uma filosofia adequada ao carácter romano. Chamou-me a atenção um símile usado por ele: quando se presume que o inimigo pode irromper inesperadamente sem se saber donde, o exército deve avançar formado em quadrado sempre pronto para o combate. "*A mesma coisa*" — diz ele — "*deve fazer o sábio: todas as suas virtudes devem estar uniformemente alerta, de modo a que, mal deparem com o mínimo obstáculo, imediatamente se lhe oponham, respondendo sem precipitações à vontade da alma que as comanda!*" Nos exércitos, os grandes chefes ordenam as tropas de maneira que a ordem do general seja simultaneamente ouvida em todas as linhas, dispostas de tal forma que a infantaria e a cavalaria dêem pelo sinal emanado do posto de comando; procedimento idêntico ao verificado nas tropas diz-nos Sêxtio que muito mais necessário é ainda para cada um de nós. **7** Frequentemente dá-se o caso de um exército temer o inimigo sem motivo e de o itinerário que lhe parecera mais perigoso ser afinal o **8**

mais seguro. A ignorância, essa, está sempre em sobressalto; os perigos assaltam-na quer de cima quer de baixo; à direita e à esquerda há razões de pânico; os perigos quer a atacam pelas costas quer se lhe levantam na frente; qualquer situação a enche de medo, a encontra impreparada, a tal ponto que o próprio socorro a apavora! O sábio, porém, sempre alerta, sempre pronto a responder a qualquer assalto, não recuará um passo mesmo que sobre ele caiam a pobreza, a desgraça, a ignomínia ou a dor; impertérrito, o sábio afrontará estes males, passará pelo

9 meio deles. A nós, múltiplas causas nos deixam manietados e enfraquecidos. Longa tem sido a nossa permanência entre estes vícios, pelo que não será fácil a libertação. Na realidade, não estamos apenas manchados por eles, estamos mesmo impregnados totalmente!

Não vale a pena introduzir aqui novas comparações! Analisemos antes um problema que muitas vezes debato comigo mesmo: por que causa a ignorância nos mantém agarrados com tanta força? Primeiro, porque não a repelimos com suficiente energia nem usamos todas as nossas forças para nos libertarmos dela; depois, porque não confiamos o bastante nas lições dos sábios nem as interiorizamos como devíamos, antes tratamos uma tão magna

10 questão de forma leviana. Como pode alguém, aliás, aprender suficientemente a lutar contra os vícios se apenas dedica a esse estudo o tempo que os vícios lhe deixam livre?... Nenhum de nós aprofunda bastante esta matéria; abordamos o assunto pela rama e, como gente extremamente ocupada, achamos que dedicar umas horas

11 à filosofia é mais do que suficiente. E o que mais nos prejudica é a facilidade com que o nosso amor próprio se satisfaz. Se encontramos alguém que nos ache homens de bem, homens esclarecidos e irrepreensíveis, logo nos mos-

tramos de acordo! Nem sequer nos contentamos com louvores comedidos: tudo quanto a adulação despudoradamente nos atribui, nós o assumimos como de pleno direito. Se alguém nos declara os melhores e mais sábios do mundo, nós assentimos, mesmo quando sabemos que esse alguém é useiro e vezeiro na mentira! A nossa autocomplacência vai mesmo tão longe que pretendemos ser louvados em nome de princípios que as nossas acções frontalmente desmentem: um, que se compraz a torturar os outros, gosta de ser gabado como modelo de clemência; outro, que rouba descaradamente, como a liberalidade em pessoa; outro ainda, que se entrega à embriaguez e à libertinagem, pretende passar pela fina flor da moderação! A consequência é que ninguém mostra vontade de corrigir o seu carácter, pois cada um se considera a melhor pessoa deste mundo... Alexandre percorria a Índia levando a guerra e a destruição a povos cuja existência até os seus vizinhos mal conheciam. Durante o cerco a uma cidade, ao circundar as muralhas na busca do ponto mais vulnerável das fortificações, foi ferido por uma flecha. Durante algum tempo continuou montado, sem interromper o combate. Por fim, ao coagular o sangue na ferida, a dor começou a aumentar; a perna, pendurada da sela, foi ficando entorpecida e Alexandre viu-se obrigado a desmontar. Disse então: "*Toda a gente jura que eu sou filho de Júpiter, mas esta ferida grita bem alto que eu não passo de um homem!*" Façamos nós como Alexandre. Se a adulação estultifica as pessoas, cada uma por sua parte, cabe-nos a nós responder: "Considerais-me um homem esclarecido, mas eu sei bem quantas coisas inúteis desejo obter, quantos votos formulo que, a serem atendidos, só redundariam em meu prejuízo. Nem sequer sei ainda uma coisa que a própria saciedade

12 **13**

ensina instintivamente aos animais: a justa medida na comida e na bebida. Ainda ignoro qual a quantidade que devo consumir!"

14 Vou ensinar-te agora o modo de entenderes que não és ainda um sábio. O sábio autêntico vive em plena alegria, contente, tranquilo, imperturbável; vive em pé de igualdade com os deuses. Analisa-te então a ti próprio: se nunca te sentes triste, se nenhuma esperança te aflige o ânimo na expectativa do futuro, se dia e noite a tua alma se mantém igual a si mesma, isto é, plena de elevação e contente de si própria, então conseguiste atingir o máximo bem possível ao homem! Mas se, em toda a parte e sob todas as formas, não buscas senão o prazer, fica sabendo que tão longe estás da sabedoria como da alegria verdadeira. Pretendes obter a alegria, mas falharás o alvo se pensas vir a alcançá-la por meio da riqueza ou das honras, pois isso será o mesmo que tentar encontrar a alegria no meio da angústia; riquezas e honras, que buscas como se fossem fontes de satisfação e prazer, são apenas motivos

15 para futuras dores. Toda a gente, repito, tende para um objectivo: a alegria, mas ignora o meio de conseguir uma alegria duradoura e profunda. Uns procuram-na nos banquetes, na libertinagem; outros, na satisfação das ambições, na multidão assídua dos clientes; outros, na posse de uma amante; outros, enfim, na inútil vanglória dos estudos liberais e de um culto improfícuo das letras. Toda esta gente se deixa iludir pelo que não passa de falacioso e breve contentamento, tal como a embriaguez, que paga pela louca satisfação de um momento o tédio de horas infindáveis, tal como os aplausos de uma multidão entusiasmada — aplausos que se ganham e se pagam à custa

16 de enormes angústias! Pensa bem, portanto, no que te digo: o resultado da sabedoria é a obtenção de uma alegria

inalterável. A alma do sábio é semelhante à do mundo supralunar: uma perpétua serenidade.[25] Aqui tens mais um motivo para desejares a sabedoria: alcançar um estado a que nunca falta a alegria. Uma alegria assim só pode provir da consciência das próprias virtudes: apenas o homem forte, o homem justo, o homem moderado pode ter alegria. *"Que dizes?"* — objectas tu. — *"então os ignorantes e perversos nunca estão alegres?"* Não mais do que um leão quando deita as garras à presa! Aqueles que se deixam prostrar pelo vinho e pela luxúria, que passam a noite inteira entregues ao vício, que acumulam num corpo exíguo os prazeres até ultrapassarem o ponto de saturação — esses, infelizes, acabarão por exclamar o verso famoso de Vergílio: **17**

> *sabes bem como entre falsas alegrias nós passámos*
> *a última noite* (de Tróia).[26]

Os libertinos passam a noite inteira entre falsas alegrias, passam-na como se ela fosse de facto a última noite! A alegria própria dos deuses, e daqueles que são idênticos aos deuses, porém, não conhece interrupção nem limite. Teria limite, isso sim, se proviesse de algum factor externo. Como, porém, não depende das benesses de ninguém, também não está sujeita ao arbítrio de ninguém: a fortuna não pode roubar aquilo que não deu![27] **18**

---

[25] Cf. Cícero, *Rep.*, Livro VI ("o Sonho de Cipião") XVII, in fine: "Por baixo (da esfera lunar) nada há que não seja mortal e efémero, excepto as almas concedidas pelos deuses à espécie humana; (mas) acima da Lua tudo é eterno".

[26] Vergílio, Aen., VI, 513-4.

[27] Cf. o verso de Lucílio (já citado por Séneca na carta 8, 10) fr. 2 Morel: "bem que se pode dar pode também tirar-se!".

60

1 Estou triste, estou zangado, estou furioso contigo! Então tu continuas a formular para ti os mesmos votos que a tua ama, o teu pedagogo ou a tua mãe?! Ainda não percebeste todo o mal que eles te desejaram? Oh, como são contrários ao nosso bem os votos dos nossos familiares, e tanto mais contrários quanto mais bem sucedidos se verificaram na realidade! Já não me espanta que os nossos defeitos nos acompanhem desde a primeira infância: pois se crescemos entre as maldições dos próprios pais! ... Possam os deuses, de quando em quando, ouvir-nos falar sobre 2 nós sem nada reclamarmos deles! Até quando andaremos sempre a pedir qualquer coisa aos deuses? Parece que ainda não somos capazes de alimentar-nos sozinhos! Quanto tempo ainda encheremos de plantações áreas tão grandes como cidades? Quanto tempo ainda andará todo o povo a ceifar para nós? Quanto tempo ainda para serviço de uma única mesa, andarão a pescar em vários mares tantos barcos? O touro fica saciado com uma pastagem de meia-dúzia de geiras; uma única floresta é bastante para inúmeros elefantes; o homem, para se alimentar, precisa 3 da terra toda e de todo o mar! Pois quê? A natureza, que nos dotou de um corpo tão exíguo, deu-nos um ventre assim tão insaciável que supera a avidez dos mais corpulentos e vorazes animais? De modo algum! Como é insignificante o que basta para satisfazer a natureza!... Ela contenta-se com pouco. Não é a fome, mas a ostentação, 4 que nos força a tais despesas com o estômago. Pois bem, incluamos esses homens a quem Salústio chama "os escravos do estômago"[28] no rol dos animais, e não no número

---

[28] No *De con. Catilinae*, 1, 1 Salústio compara os homens que passam a vida na obscuridade a animais "escravos do estômago".

de seres humanos, e alguns, até, nem sequer no rol dos animais, mas no dos mortos! Estar vivo é ser útil aos outros, estar vivo é saber tirar partido de si próprio. Esses homens que levam uma vida obscura e de moleza, fazem da sua casa um sepulcro... À entrada seria justo que gravássemos o seu nome numa lápide:[29] são homens que se anteciparam à sua própria morte!

61

Deixemos de desejar aquilo que já algum dia quisemos. Eu, por minha parte, faço o possível por não ter em velho os desejos que tinha em garoto. Os meus dias e as minhas noites, os meus esforços e pensamentos têm como objectivo pôr termo aos meus antigos defeitos. Procedo de modo a que cada dia seja o equivalente de uma vida inteira; mas, Hércules me valha!, não me apresso a gozá-lo como se fosse o último, apenas o encaro como se pudesse ser de facto o meu último dia! Escrevo-te esta carta com a disposição de espírito de alguém a quem a morte vai surpreender no momento em que escreve. Estou preparado para partir, e assim gozo tanto mais a vida quanto menos me preocupa saber quanto tempo o futuro ainda me reserva. Antes de atingir a velhice tive a preocupação de viver bem, agora que sou velho preocupo-me em morrer bem; e morrer bem significa ser capaz de aceitar a morte. Toma bem atenção a nunca fazeres nada contrariado: a mesma coisa que, para quem tenta opor-se-lhe, é uma necessidade imperiosa, deixará de o ser para quem voluntariamente a aceita. É o que te digo: quem

1 2 3

[29] Cf. a observação de Séneca em 55, 4 a propósito de Servílio Vátia.

cumpre de boa vontade uma ordem evita o mais amargo aspecto da servidão, que é fazer alguma coisa contra vontade. Ninguém é infeliz quando faz algo porque o mandam, mas sim quando o faz de má vontade. Preparemos, portanto, a nossa alma para fazer voluntariamente o que as circunstâncias de nós exigirem, e, para começar,
4 pensemos sem amargura no nosso próprio fim. A preparação para a morte tem prioridade sobre a preparação para a vida. Esta dispõe de recursos suficientes, nós é que nos precipitamos com demasiada avidez sobre esses recursos: por isso mesmo nos parece, e sempre parecerá, que alguma coisa nos falta!

Para que a vida seja suficiente, o que conta não são os anos nem os dias, mas a qualidade da alma. Eu já vivi o suficiente, meu caro Lucílio. Posso aguardar a morte plenamente saciado.

62

1 São puros mentirosos todos os que pretendem fazer crer que, se não se entregam ao estudo, é por causa dos seus inúmeros afazeres. Na realidade tais afazeres são um pretexto, são afazeres empolados por gente que se quer fingir ocupada! Eu sou um homem livre, Lucílio, inteiramente livre, e, onde quer que esteja, tenho todo o tempo à minha disposição. Não me entrego aos afazeres, presto-me a eles, quando muito, e não me ponho à procura de ocasiões para perder tempo. Onde quer que me encontre passo em revista os meus pensamentos e medito em
2 qualquer coisa que me seja profícua. Quando me consagro aos amigos, nem por isso deixo de ocupar-me de mim mesmo, e não me detenho na companhia daqueles a que me juntou alguma circunstância momentânea ou alguma

razão derivada de deveres sociais. Os meus companheiros são todos o que há de melhor: seja qual for o local ou o tempo em que eles viveram, é para junto deles que vai o meu espírito. Para todo o lado levo agora comigo esse excelente homem que é Demétrio, prescindo de juntar-me à "gente de púrpura"[30], para conversar com este quase indigente a quem consagro toda a admiração. E como não admirá-lo, quando verifico que de nada ele sente a falta? Desprezar tudo, há quem o possa fazer; possuir tudo é coisa que ninguém consegue. O caminho mais curto para a riqueza passa pelo desprezo da riqueza. O nosso amigo Demétrio, porém, vive, não como alguém que é capaz de desprezar tudo, mas como quem permitiu a posse de tudo aos outros! **3**

---

[30] Ou seja, os nobres romanos, cujas túnicas eram adornadas de uma banda de púrpura, larga para os senadores e estreita para os cavaleiros.

LIVRO VII

(Cartas 63-69)

Lamento profundamente o falecimento do teu amigo Flaco, no entanto entendo que a tua dor não deve ultrapassar os limites do razoável. Não ousaria exigir de ti que não sentisses o mínimo abalo perante o facto, embora isso fosse o ideal. Uma tal firmeza de ânimo, contudo, apenas está ao alcance de quem já se alçou muito acima das contingências da fortuna. E mesmo um homem assim não deixaria de sentir na alma uma beliscadura, se bem que somente uma beliscadura! A homens como nós pode perdoar-se que deixemos correr as lágrimas, desde que não em excesso, e desde que nós mesmos as saibamos estancar. Importa que, perante o desaparecimento de um amigo, os nossos olhos nem fiquem secos nem inundados. Chorar, sim, desfazermo-nos em pranto, isso não! Achas que eu pareço impor-te uma lei severa, quando até o maior poeta da Grécia concedeu às lágrimas tão somente o espaço de um dia, ou nos diz que até Níobe não descurou os cuidados com a alimentação?[1] Queres tu saber qual **1** **2**

[1] Homero, *Ilíada*, XIX, 228-9: "É preciso enterrar sem mais hesitações o morto, depois de o chorar por um dia apenas." — Id., *ibid.*, XXIV, 602-4: "Mesmo Níobe de belos cabelos não descurou a alimentação, ela que viu morrer na sua casa doze filhos, seis raparigas e seis rapazes na flor da idade."

a causa da superabundância de lamentações e de prantos? É o uso das lágrimas como prova de desgosto; por outras palavras, o pranto não decorre da dor, mas do desejo de mostrar aos outros que sofremos! Ninguém prodigaliza manifestações de tristeza quando está sozinho... Ó desgraçada estultícia a nossa, que até da própria dor faz uma arma de propaganda!

3 *"Como dizes? Então eu hei-de esquecer o meu amigo?!"* Curta recordação tu terás dele se a fizeres coincidir com as manifestações de pesar: qualquer sucesso fortuito dentro em pouco te fará abrir o rosto num sorriso! Nem sequer prevejo que passe muito tempo para que toda essa saudade se dilua, pois mesmo as aflições mais acesas cessam com o tempo. Basta que comeces a observar o teu próprio comportamento, e todos os sinais exteriores do teu desgosto cessarão. De momento estás cultivando a tua dor; mas, por mais que a cultives, ela passará, e tanto mais
4 depressa quanto mais intensa se mostra agora. Procedamos antes de modo a que a recordação dos desaparecidos seja para nós um momento de doçura. Ninguém rememora voluntariamente uma coisa em que se não pode pensar sem aflição. Não é naturalmente possível que o nome de algum ente querido já falecido nos venha à memória sem um certo aperto na alma, mas esse aperto de alma nunca ocorrerá sem ser acompanhado de algum
5 prazer. O nosso amigo Átalo costumava dizer *"que a memória dos amigos falecidos nos é agradável tal como certos frutos nos agradam apesar de ácidos, ou tal como no vinho excessivamente velho nos dá prazer o próprio travo; ao fim de algum tempo extingue-se em nós a parte da angústia e sentimos na recordação meramente a parte*
6 *do prazer."* A crer no que ele diz, *"pensar nos amigos vivos e sãos é como saborear mel e bolos; a rememoração*

dos já falecidos, essa é um prazer com um certo sabor a amargo. Quem negará, porém, que os condimentos ácidos e picantes são bons estimulantes do apetite?" Eu não partilho esta opinião: para mim, pensar nos amigos já desaparecidos é algo que nos proporciona uma doce satisfação; quando os tinha comigo sabia que os havia de perder, agora que os perdi é como se os tivesse sempre comigo! **7**

Age com equidade, caro Lucílio, e não interpretes mal os benefícios que a fortuna te concedeu: ela roubou-te um amigo, mas fora ela quem to tinha dado. Gozemos intensamente a companhia dos nossos amigos, até porque não podemos saber por quanto tempo o faremos. Pensemos também quantas vezes os deixámos para partir em longas viagens, quantas vezes estivemos sem os ver embora morando na mesma terra: compreenderemos deste modo que, mesmo estando eles vivos, não aproveitámos a sua companhia a maior parte do tempo. E que dizes tu daqueles que não ligam importância aos amigos vivos, e os pranteiam exageradamente quando morrem? Parece que só têm amizade pelos defuntos! Por isso mesmo os deploram veementemente, com medo que a sua amizade por eles possa ser posta em dúvida, e daí esses sinais de afecto já fora de horas. Se nós temos ainda outros amigos, julgá-los compensação insuficiente pela perda de um só, equivale a desmerecer e desconsiderar a sua amizade; se não os temos, então nós mesmos é que, mais do que a fortuna, fomos cruéis para connosco, pois se a fortuna nos privou de um amigo, nós fomos incapazes de fazer mais amizades. De resto, quem não foi capaz de fazer mais do que um amigo, pouca amizade tinha certamente para oferecer! Um homem a quem roubaram a sua única túnica e se põe a autolamentar-se em vez de procurar os meios de se defender do frio, tentando encontrar algo com que se **8** **9** **10** **11**

cubra — não te parece que atingiu o auge da insanidade? Tinhas um só amigo, acompanhaste o seu funeral; pois procura outro a quem dês a tua amizade. Encontrar um novo amigo é mais importante do que chorar o desaparecido.

12 O que vou dizer-te agora é uma verdade mais do que rebatida, mas nem por andar em todas as bocas eu deixarei de a repetir: quando deliberadamente não pomos nós um termo à nossa dor, o tempo o fará por nós. E nada há mais inconveniente para um homem avisado do que deixar o cansaço servir de remédio à dor. Prefiro que sejas tu a afastar de ti a dor do que seja ela a afastar-se de ti. Cessa quanto antes de te entregar a manifestações de tristeza que, de um modo ou de outro, nunca poderás **13** prolongar indefinidamente. Os antigos romanos instituíram para as mulheres um período de luto de um ano, não para que levassem um ano a chorar, mas para não chorarem ainda mais tempo.[2] Para os homens não há prazo marcado pela lei, porque nenhum prazo conviria à sua dignidade. De todas essas pobres mulheres que só a custo se consegue afastar da pira fúnebre, arrancar de junto ao corpo do ente querido — indica-me uma só cujas lágrimas tenham durado um mês inteiro! Coisa alguma se torna aborrecida mais depressa do que a dor; uma dor recente suscita quem a console e provoca a simpatia dos outros, enquanto uma dor demasiado prolongada incorre no ridículo, e com razão, porquanto ou é fingida ou é idiota!

---

[2] V. Ovídio, *Fast.*, I, 35-6: "Durante idêntico espaço de tempo (= 10 meses) deve a viúva manter na sua casa os sinais de luto após o funeral do marido"; cf. Id., *ibid.*, III, 134.

Sou eu que te escrevo estas palavras, eu, que tão imoderadamente chorei o meu grande amigo Aneu Sereno, eu, que com grande vergonha minha me vejo forçado a incluir-me no número daqueles que se deixaram vencer pela dor! Hoje, no entanto, condeno a minha atitude passada, e compreendo que a principal causa do meu excessivo pranto foi o nunca me ter passado pela ideia que ele pudesse morrer antes de mim. Ocorria-me apenas que ele era mais novo, muito mais novo do que eu — como se o destino se preocupasse em respeitar a ordem de idades! Mais uma razão para continuamente meditarmos na nossa condição de mortais, nossa e daqueles a quem amamos. O que eu deveria ter feito era dizer: "Sereno é mais novo do que eu, mas isso que tem? Deverá morrer depois de mim, mas também pode morrer antes." Não o fiz, e assim o súbito golpe da fortuna encontrou-me desprevenido! Neste momento medito em que tudo é mortal e que a mortalidade não obedece a qualquer lei; o que é possível, tanto é possível hoje como em outro dia qualquer. Pensemos, caro Lucílio, que em breve também nós iremos para onde foi agora, para tristeza nossa, esse nosso amigo; até pode suceder que tenham razão os sábios e haja um lugar onde todos iremos residir após a morte: se assim for, esse amigo que julgamos ter morrido, limitou-se a partir para lá à nossa frente! **14** **15** **16**

64

Ontem estiveste na nossa companhia. *"Apenas ontem?"* Não te queixes: repara que eu escrevi "na *nossa* companhia", o que significa que na *minha* estás tu sempre! Vieram visitar-me alguns amigos, e aumentou a fumaça na minha chaminé: não daquelas fumaradas que se evolam da **1**

cozinha dos ricaços para grande susto dos bombeiros, mas uma fumaça modesta apenas para dizer que havia convi-
2 dados em casa. A conversa foi variada, como é habitual quando há amigos a jantar, passando de assunto para assunto sem tratar exaustivamente nenhuma questão. A terminar leu-se um livro de Quinto Sêxtio, o pai — grande
3 homem, podes crer, e estóico, embora ele o negue. Grandes deuses, que energia, que força de ânimo este homem tem! O mesmo não poderás dizer de todos os filósofos: alguns há, e de nomeada, cujos escritos não têm qualquer vigor. Propõem teses, discutem, envolvem-se em sofismas, mas não transmitem energia porque eles próprios a não têm. Mas ao ler Sêxtio dá vontade de dizer: "Que vida, que vigor, que liberdade! Este homem está para além da condição humana; ao terminar a leitura vou cheio de
4 intensa confiança em mim mesmo!" Aqui tens o estado de espírito com que fico ao lê-lo, apetece-me desafiar todas as eventualidades, apetece-me gritar: "Porque esperas, fortuna? Avança, estou pronto para o combate!" O meu ânimo fica idêntico ao do homem que pretende pôr-se à prova, que busca demonstrar a sua coragem

> *e anseia por que entre a caça inofensiva surja, escumante,*
> *um javali, ou que um fulvo leão desça da montanha.*[1]

5 Apetece-me encontrar um obstáculo a vencer, uma dificuldade a superar valorosamente. Sêxtio, efectivamente, tem uma qualidade extraordinária: ser capaz de mostrar toda a grandeza que há na felicidade mas não tirar toda a esperança de alcançá-la. Lendo-o, saberás que a felicidade autêntica se situa a um nível elevadíssimo, mas a que

---

[1] Vergílio, *Aen.*, IV, 158-9.

podemos aceder pelo exercício da vontade. A própria virtude ser-te-á do maior auxílio, revelando-se a ti como objecto tanto de contemplação como de esperança. Eu por mim costumo dedicar bastante tempo à contemplação da sabedoria; olho-a com os mesmos olhos de embevecimento com que contemplo de vez em quando o universo, isto é, sempre como se fosse a primeira vez. **7** Venero por igual as descobertas da filosofia e os seus descobridores; abeiro-me delas feliz como de uma herança de muitas gerações. Foi para mim que tais descobertas foram feitas, para mim que elas foram elaboradas. Façamos, pois, como o bom chefe de família, e aumentemos o património que nos foi transmitido! Possa a herança que vou transmitir aos vindouros ser maior do que a que recebi. Há muito trabalho ainda a fazer, haverá sempre muito; nem mesmo a alguém que nasça daqui a mil séculos faltará ocasião para acrescentar ainda esse património. **8** Mas, admitindo que os antigos já descobriram tudo, no uso, no conhecimento, na organização dessas descobertas haverá ainda assim uma parte de novidade. Imagina, por exemplo, que nos foi transmitida a receita para a cura das doenças dos olhos: não será necessário procurar novas fórmulas, mas haverá que adequar os medicamentos conhecidos à doença e à situação concreta. Este remédio trata a vista inflamada; aquele faz diminuir o inchaço das pálpebras; este outro evita que os olhos purguem subitamente; aquele além aumenta a acuidade da visão: será necessário preparar os ingredientes, escolher o momento oportuno para a aplicação, determinar a posologia em função de cada caso. Ora os antigos inventaram os remédios adequados aos males da alma, mas cabe-nos a nós averiguar o modo e a ocasião em que eles devem ser aplicados. **9** Os nossos predecessores fizeram muito, mas não fizeram tudo. Devemos dar-

-lhes a nossa admiração, prestar-lhes culto como se fossem deuses! Porque não hei-de eu ter em minha casa os bustos desses grandes homens como formas de estimular a alma? Porque não celebrar os seus aniversários? Porque não evocá-los continuamente, como prova do respeito que lhes dedico? A mesma veneração que devo aos meus mestres devo também a esses grandes mestres do género humano,
10 qual fonte donde brotou a iniciação ao supremo bem! Se eu deparar com um cônsul ou um pretor prestar-lhes-ei as mostras de respeito que é usual prestar aos magistrados: saltarei do cavalo, descobrirei a cabeça, ceder-lhes-ei a passagem. E quanto aos dois Catões, a Lélio-o-Sábio, a Sócrates, e também a Platão, a Zenão, a Cleantes — ser-me-á possível pensar neles sem as maiores provas de respeito e admiração? A todos estes homens eu venero, e sinto-me pleno de entusiasmo sempre que penso em tão grandiosos nomes!

65

1 O meu dia de ontem foi repartido entre mim e a falta de saúde: a parte da manhã coube-lhe a ela, de tarde pude dispor de mim próprio. Para começar experimentei as minhas forças através da leitura; vendo que aguentavam, atrevi-me a exigir mais delas, ou melhor, a deixá-las à vontade. Escrevi alguma coisa, com mais cuidado mesmo do que é meu costume, quando luto com um assunto difícil em que não quero dar-me por vencido, até que apareceram uns amigos que me queriam obrigar a, doente como estava, não abusar de mim mesmo.

2 A escrita cedeu lugar à conversa, e é precisamente do problema ainda em litígio que eu te vou dar parte. Elege-

mos-te para nosso árbitro; vais encontrar mais trabalho do que esperas, pois a matéria em discussão apresenta-se sob três formas[4].

Como sabes, os nossos estóicos afirmam que na natureza há dois princípios dos quais tudo o mais deriva: a causa e a matéria[5]. A matéria jaz inerte, apta a tomar todas as formas, mas imóvel para sempre se ninguém a trabalhar; a causa, porém, que é como quem diz, a razão, dá forma à matéria, transforma-a naquilo que quer, realiza a partir dela vários tipos de produtos.

3 É, portanto, necessário que haja um princípio do qual tudo deriva, um outro, que a cada coisa dê forma: este é a causa, aquele a matéria. Toda a arte é imitação da natureza, pelo que se pode aplicar o que eu disse em sentido genérico às actividades próprias do homem. Uma estátua implica que haja uma matéria posta à disposição do artista, mas exige também um artista que dê forma a essa matéria. Numa estátua, portanto, a matéria é o bronze, a causa é o escultor. Todas as outras coisas são regidas pela mesma condição, todas exigem algo capaz de tomar uma forma e alguém capaz de produzir essa forma.

4 Os estóicos são de opinião que a causa é apenas uma: o agente. Aristóteles entende que a causa se pode considerar de três pontos de vista. Diz ele: "*A primeira causa é a própria matéria, sem a qual nada pode ser produzido; a segunda é o artífice; a terceira é a forma imposta a cada objecto, por exemplo, a uma estátua.*" A esta última chama

---

[4] Isto é, são sucessivamente discutidas as teses do estoicismo (§§ 2-3), de Aristóteles (§§ 4-6) e de Platão (§§ 7-10) sobre o problema das causas.

[5] V. *S. V. F.*, I, 85 (= II, 300), II, 310.

Aristóteles εἶδος — *"Mas a estas"* — continua ele — *"há que acrescentar uma quarta, que é a finalidade da obra acabada."*[6]

5 Já te vou explicar o que isto significa. O bronze é a primeira causa da estátua, pois esta nunca poderia ter sido feita se não existisse algo capaz de ser fundido e moldado. A segunda causa é o artista, porquanto o bronze nunca tomaria a forma de estátua sem ser trabalhado por mãos hábeis. A terceira causa é a forma já que uma estátua não poderia ser rotulada de *"doryphoros"* ou de *"diadumenos"*[7] se não apresentasse expressamente as respectivas características. A quarta causa é a finalidade com que a estátua foi feita; se não houvesse uma finalidade não haveria está-
6 tua. E o que se entende por finalidade? É o propósito que moveu o artista, o fim que procurou atingir: pode ser o dinheiro, se fez a estátua para a vender, a glória, se trabalhou para obter fama, o sentimento religioso, se a fez para a doar a um templo. Entre as causas de uma obra deve, portanto, figurar aquilo que a motivou, a menos que se entenda que não é causa da obra aquele elemento sem o qual ela nunca teria sido feita.

7 A estas causas Platão acrescenta uma quinta, o modelo, a que ele dá o nome de *"ideia"* (ἰδέα)[8]. O modelo é aquela forma que o artista procurou reproduzir quando levou a cabo o seu projecto. É irrelevante se ele tem fora de si um modelo para o qual olhar, ou se apenas tem na mente um modelo por ele concebido. Os modelos de todas

---

[6] Aristóteles, *Metafísica*, IV, 1013 a 24-35. — Sobre o εἶδος (eîdos) cf. supra carta 58, 20 ss.

[7] Representações plásticas de um homem segurando uma lança (δορύφορος), ou com a cabeça cingida por uma fita ou diadema (διαδούμενος).

[8] Cf. supra carta 58, 19.

as coisas tem-nos a divindade dentro de si mesma, e igualmente abarca na sua mente quer a quantidade quer a modalidade de cada futuro objecto; a divindade está repleta daquelas figuras — imortais, imutáveis, infatigáveis a que Platão chama "as ideias". Assim, por exemplo, os homens vão morrendo, mas a humanidade em si, o modelo segundo o qual o homem é formado, permanece inalterável por entre o sofrimento e a morte dos homens.

8 Segundo Platão, são, portanto, cinco as causas: matéria, agente, forma, modelo, finalidade; delas resulta o produto acabado. Assim numa estátua (já que usei este exemplo logo de início) a matéria é o bronze, o agente é o artista, a forma é o que o artista pretende representar, o modelo é a ideia geral que ele deseja imitar, a finalidade é o propósito que teve em vista; o produto resultante destas causas é a própria estátua.

9 Segundo Platão o universo igualmente deriva destas causas. Há um agente — a divindade; uma matéria-prima — a matéria propriamente dita; uma forma, que é a disposição ordenada do mundo tal como o contemplamos; um modelo que é a grandiosidade e beleza do universo tal como a divindade a concebeu e realizou; uma finalidade — o propósito da criação. **10** Se queres saber qual o propósito da divindade, dir-te-ei: a bondade, pois é com inteira razão que Platão afirma: *"O motivo por que a divindade criou o mundo foi a sua bondade; dada a sua bondade, tudo o que é bom é digno do seu apreço; por isso criou o mundo tão bom quanto lhe foi possível."*[9]

---

[9] Cf. Platão, *Timeu*, 29 d-e.

Diz agora de tua justiça qual a opinião que te parece a mais verosímil, não a mais verdadeira, pois esta questão está tão acima de nós como a própria verdade.

11 Esta multidão de causas postulada por Aristóteles e Platão ou é demasiado vasta, ou é demasiado restrita. De facto, se eles apontam como causa tudo o que, uma vez retirado, torna impossível a obra, a sua enumeração é restrita. Haverá que pôr entre as causas o tempo, pois nada se pode fazer senão no tempo. Haverá que pôr o espaço, pois se não houver um lugar onde qualquer coisa surja, nada surgirá. Haverá que pôr o movimento, uma vez que sem este nada nasce e nada morre; não há arte alguma, não há transformação alguma sem movimento[10].

12 O que nós procuramos, porém, é a causa primeira, a causa em geral. Esta causa deve ser simples pois a matéria também é simples.[11]. A causa que procuramos apenas pode ser esta: a razão criadora, que o mesmo é dizer, a divindade. Todas essas outras que foram enumeradas não são causas múltiplas e individuais: estão dependentes de

13 uma única, a causa eficiente[12]. Diz-se que a forma é uma causa! Mas ela é dada à obra pelo artista: é uma parte da causa, não a causa. Também o modelo (ideia) não é causa, mas sim um instrumento necessário à causa. O modelo é tão necessário ao artista como o cinzel ou como a lima: o artista precisa deles para trabalhar, mas nem por isso eles são partes da sua arte, nem, portanto, da causa.

14 Outros dirão: *"A finalidade do artista, aquilo que o motivou a realizar a obra, essa é que é a causa."* Admito

---

[10] *S. V. F.*, II, 338.

[11] Cf. *S. V. F.*, II 323.

[12] V. *S. V. F.*, I, 85; II, 347, 348.

que seja causa, mas não causa eficiente, e sim, apenas, interveniente. E causas deste tipo são incontáveis; nós procuramos, porém, a causa em geral. Quando os dois pensadores afirmam que o universo, enquanto obra total e consumada, é uma causa, não demonstraram a sua habitual perspicácia; na realidade, a obra e a causa da obra estão longe de ser a mesma coisa.

15 Expõe a tua opinião ou então, o que será mais fácil para ti neste tipo de matérias, diz que não és capaz e manda-me prosseguir a mim. Dirás tu: *"Mas que prazer é o teu em perder tempo com tais questiúnculas que te não libertam de nenhuma paixão nem de nenhum desejo?"*
A verdade é que eu me ocupo de temas mais válidos[13], que trato daquilo que me tranquiliza o ânimo, que me observo a mim mesmo antes de observar o universo. **16** Mas mesmo nestas "questiúnculas" eu não perco tempo, como tu julgas. Se nós não as dividirmos até ao infinito, ao ponto de tombar numa inútil subtileza, elas elevam e sublimam o espírito, o qual, como que oprimido por um pesado fardo, deseja libertar-se e regressar aos elementos de que já fez parte. De facto este nosso corpo é para o espírito uma carga e um tormento; sob o seu peso o espírito tortura-se, está aprisionado, a menos que dele se aproxime a filosofia para o incitar a alçar-se à contemplação da natureza, a trocar o mundo terreno pelo mundo divino. Esta a liberdade do espírito, estes os seus voos: subtrair-se ocasionalmente à prisão e ir refazer as forças no firmamento!

---

[13] Passo corrupto, objecto de variadas propostas de saneamento. A tradução correspoode à conjectura *potiora* de Hense (em vez do absurdo *peiora* dos mss.).

17 Tal qual como os operários especializados num trabalho minucioso e fatigante para os olhos, quer pela atenção requerida, quer pela luz deficiente e fraca em que laboram, vêm de vez em quando à rua e, passeando por qualquer lugar adequado ao lazer, deleitam os olhos com a luz do dia, assim também o espírito, encerrado nesta morada obscura e triste, procura, sempre que pode, o ar livre e repousa através da contemplação da natureza.

18 Quer o filósofo, quer o candidato a filósofo, estão colados ao seu corpo, mas a melhor parte de si mesmo está liberta e dirige as suas meditações para as alturas. Tal como um soldado arregimentado, considera a própria vida como um serviço a cumprir; o seu carácter é tal que não sente pela vida nem amor nem ódio, e sofre a sua condição de mortal embora sabendo que existe uma existência superior.

19 Pretendes proibir-me a contemplação da natureza e afastar-me do todo para me limitares a uma parte? Então eu não hei-de querer saber como começou todo o universo, quem deu forma a cada coisa, quem separou todos os seres antes misturados indistintamente no meio da matéria inerte? Não hei-de querer saber quem foi o artífice deste mundo, qual o processo por que tamanha magnitude chegou a ser regulada pelas leis do cosmos? Quem reuniu o que estava disperso e distinguiu o que estava amalgamado, quem deu rosto à matéria que jazia informe?

20 Donde vem toda esta luz? É fogo, ou algo mais luminoso do que o fogo? Eu não hei-de investigar estas questões? Hei-de ignorar donde provim, se o mundo apenas uma vez o vejo ou se nascerei mais vezes? E para onde irei depois? Qual o lugar que acolherá a minha alma liberta

das leis da humana servidão? Queres proibir-me o acesso ao firmamento, por outras palavras, pretendes que eu viva com os olhos no chão?[14]

21 Eu sou algo mais, eu nasci para algo mais do que para ser escravo do meu corpo, a quem não tenho em maior conta do que a uma cadeia em torno à minha liberdade. Este corpo, oponho-o como barreira aos golpes da fortuna, e não consinto que através dele algum golpe chegue até mim. Se algo em mim pode sofrer ataques é o corpo; mas neste desconfortável domicílio habita um espírito livre. 22 Nunca esta carne me compelirá ao medo, ou a alguma hipocrisia indigna de um homem de bem; nunca serei levado a mentir por atenção a este frágil corpo. Quando chegar a altura romperei a minha ligação com ele. E mesmo agora, enquanto estamos colados um ao outro, não somos companheiros com direitos iguais: o espírito arroga para si todos os direitos. O desprezo pelo próprio corpo é a certeza da liberdade.

23 Voltemos, porém, ao assunto. À nossa liberdade importa imenso investigar as questões acima referidas, porquanto tudo no mundo consta de matéria e de espírito divino. A divindade é que regula tudo, e tudo a rodeia e segue como a um guia ou um chefe. O agente, ou seja, a divindade, é mais poderoso e válido do que a matéria submetida à acção da divindade. 24 Ora lugar idêntico ao que a divindade ocupa no universo, ocupa no homem o espírito; o que no universo é a matéria, é em nós o corpo. Sirva, portanto, o inferior ao superior; sejamos fortes diante do acaso; não receemos as injúrias, as feridas, as cadeias, a miséria. O

---

[14] Sobre a importância que esta classe de problemas revestia para Séneca veja-se o prefácio ao livro I das *Naturales Quaestiones*.

que é a morte? Ou é termo, ou é passagem[15]. Não receio chegar ao termo, pois ficarei no mesmo estado de quem nunca nasceu;[16] também não receio a passagem, pois em lugar algum estarei tão limitado como aqui!

66

1 Depois de tantos anos sem o ver reencontrei o meu antigo condiscípulo Clarano. Não esperas, julgo, que acrescente: "Está um velho!" O facto é que o homem conserva o espírito vivo e alerta, em contraste com a sua debilidade física. A natureza mostrou-se injusta ao colocar um tal ânimo em corpo tão débil; a menos que a sua intenção fosse precisamente mostrar-nos como a presença de um ânimo vigoroso e feliz se acomoda bem em qualquer corpo. Clarano triunfou de todas as suas deficiências e, começando por não dar importância a si próprio, acabou por

2 ser capaz de não dar importância a coisa alguma. Parece-me, portanto, que se enganou o poeta ao dizer que

> *mais grata é a virtude quando habita um corpo formoso*[17].

---

[15] Não deverá ver-se aqui uma indecisão de Séneca ou um mal entendido eclectismo, mas apenas a obediência a um princípio da pedagogia estóica que, desde Crisipo, aconselhava a não contrariar frontalmente as convicções prévias dos discípulos, mas antes a, partindo destas, e reinterpretando-as, levá-los gradualmente às posições da Escola (v. I. Hadot, *Seneca und die griechisch-römische Tradition der Seelenleitung*, Berlin, 1965, p. 83).

[16] A mesma ideia quase pelas mesmas palavras nas *Troianas*, 407-8: "Queres saber onde ficarás depois da morte? Lá onde está o que ainda não nasceu!"

[17] Vergílio, *Aen.*, V, 334, onde, aliás, a palavra *uirtus* não tem o sentido de *virtude* (que escrevemos na tradução do verso por ser assim que Séneca a interpreta), mas sim o de *valor, coragem física*.

A virtude, de facto, passa bem sem ornamentos, antes tem em si mesma a sua beleza, além de dar formosura ao corpo em que reside. O certo é que comecei a ver com outros olhos o meu amigo Clarano: até me pareceu belo, e tão escorreito de corpo como de alma. De uma choupana pode sair um grande homem, num pobre corpo disforme e franzino pode morar uma alma grande e bela. Creio mesmo que a natureza se compraz em produzir homens assim como prova de que a virtude pode nascer em qualquer lugar. E se pudesse criar almas puras desprovidas de corpo, decerto o faria; agora faz muito mais do que isso: cria homens fisicamente deficientes mas nem por isso menos capazes de vencer todos os obstáculos. Creio bem que Clarano nasceu como exemplo, para que todos pudéssemos ver que a alma não sofre da deformidade do corpo, antes é este que se adorna com a beleza da alma! **3** **4**

Foram bem poucos os dias em que estivemos juntos mas ainda assim chegaram para termos várias conversas; de vez em quando irei recordando algumas, de cujo conteúdo te darei parte. No primeiro dia debatemos como é que podem ser iguais todos os bens sendo tríplice a respectiva natureza[18]. Na opinião da nossa escola alguns bens são de primeira classe, tais como a alegria, a paz, a preservação da pátria; outros, decorrentes de uma situação ingrata, são de segunda classe, tais como a resistência à tortura ou a firmeza de ânimo durante uma doença grave. Os primeiros bens que referi serão de imediato desejados por nós; os outros, somente se a tal formos forçados. Há ainda os bens de terceira classe, tais como a modéstia das **5**

[18] Cf. *S. V. F.*, III, 96, 97, 97 a, 106, 107, 108.

atitudes, a serenidade e a honestidade do rosto, os gestos
6 adequados a uma pessoa de bom senso. Como é então possível a igualdade entre estes tipos de bens, quando alguns são objecto de aspiração enquanto outros nos despertam repulsa?

Se pretendermos estabelecer uma hierarquia entre os bens, comecemos por considerar o sumo bem e indagar em que consiste ele. Uma alma que contempla a verdade, que atribui valor às coisas de acordo com a natureza e não com a opinião comum, que se insere na totalidade do universo e observa contemplativamente todos os seus movimentos, que dá igual atenção ao pensamento e à acção, uma alma grande e enérgica, invicta por igual na desventura e na felicidade e em caso algum se submetendo à fortuna, uma alma situada acima de todas as contingências e eventualidades, uma alma bela e equilibrada em doçura e energia, uma alma sã, íntegra, imperturbável, intrépida, uma alma que força alguma pode vergar, que circunstância alguma pode envaidecer ou deprimir — uma tal alma é a
7 própria personificação da virtude. Este seria o aspecto da virtude se se apresentasse sob um único aspecto, se se mostrasse toda de uma só vez. Na realidade são diversas as suas aparências, conforme a variedade de situações e acções que a vida nos apresenta: mas a virtude em si, não é maior nem menor. De facto, nem o supremo bem pode sofrer decréscimo, nem a virtude pode recuar de um passo; pode, isso sim, é manifestar-se sob forma de diversas qua-
8 lidades adequadas às circunstâncias em que vai actuar. Em tudo quanto toca, porém, imprime indelevelmente a sua imagem; dá uma nova forma à nossa conduta, às nossas relações de amizade, à nossa vida familiar na qual participa como factor de harmonia. Tudo o que lhe sai das mãos se transforma em objecto digno de amor, de culto,

de admiração. A sua força e grandeza só não pode elevar-se mais alto porque o que é supremo não admite acréscimo: nada é mais recto do que a própria rectidão, nada mais verdadeiro do que a verdade, mais moderado do que a moderação.

9 Toda a virtude assenta na justa medida, e a justa medida baseia-se em proporções determinadas. A firmeza não pode sequer tentar elevar-se, e o mesmo se dirá da confiança, da verdade, da lealdade. Pode acrescentar-se alguma coisa àquilo que é perfeito? Nada, de outro modo não seria perfeito, pois algo se lhe acrescentou. Nada, por conseguinte, se pode adicionar à virtude, pois se tal fosse possível era porque algo lhe faltava. Também a honestidade não é passível de qualquer acréscimo, pois o que é a honestidade decorre do raciocínio acima exposto. E quanto ao mais, o respeito pelas normas sociais, a justiça, a legalidade, não achas que são conceitos do mesmo tipo, definidos por critérios igualmente rigorosos? Para uma coisa ser susceptível de acréscimo essa coisa tem de ser imperfeita. **10** Todo o bem obedece a esta mesma lei: o interesse privado e o interesse público são tão dissociáveis como, que sei eu?, aquilo que merece o louvor se não distingue do que merece o nosso esforço. Por conseguinte, todas as virtudes são tão iguais entre si como todas as realizações da virtude e todos os homens dotados dessas virtudes.

11 As virtudes das plantas e dos animais, como mortais que são, igualmente são frágeis, transitórias e incertas; nascem e extinguem-se, e por isso não podem ser uniformemente avaliadas. As virtudes humanas, contudo, medem-se por um único critério, e esse critério é a razão, que em si mesma é perfeita e livre de contingências. Nada é mais divino do que o divino, mais celeste do que o celeste. **12** Tudo quanto é mortal pode decrescer e ruir,

gastar-se e aumentar, esvaziar-se e encher-se; na sua tão inconstante sorte reina a desigualdade. A natureza do divino, todavia, é apenas uma. E a razão outra coisa não é senão uma parcela do espírito divino inserida no corpo do homem; se a razão é divina, e se todo o bem é inseparável da razão, então todo o bem é divino. Mais ainda: entre as coisas divinas não há qualquer distinção, logo também a não há entre os bens. Por conseguinte são bens iguais entre si a alegria, por um lado, e, por outro, a resistência forte e tenaz à tortura. Em ambos os casos se verifica a mesma grandeza de alma, embora descontraída

13 e calma no primeiro, lutadora e tenaz no segundo. Ou será que tu vês alguma diferença entre a virtude do valoroso conquistador da fortaleza inimiga e a do soldado que obstinadamente resiste ao cerco? Houve grandeza em Cipião quando pôs cerco a Numância e o apertou de tal forma que obrigou homens até então invencíveis à autodestruição; mas houve grandeza também no ânimo dos sitiados ao perceberem que não está realmente cercado quem é livre de morrer, e, por isso mesmo, morre abraçado à liberdade. Semelhantemente são iguais entre si os restantes estados de alma — tranquilidade, simplicidade, liberalidade, firmeza, equanimidade, tolerância — pois a todos eles está subjacente como factor comum a virtude, a qual proporciona à alma a rectidão e a constância de propósitos.

14 *"Que dizes? não há qualquer diferença entre a alegria e a inflexível resistência à dor?"* Não há nenhuma, no que concerne às duas formas de virtude em si; imensa, no que toca às circunstâncias em que uma e outra virtude se manifestam. É evidente que no primeiro caso estamos perante um natural abrandamento da tensão anímica e no segundo, perante uma dor antinatural. As situações que

admitem o máximo de polaridade são, em si mesmas, indiferentes; em ambos os pólos ocorre a virtude. A virtude não varia em função das circunstâncias: nem as duras e difíceis a tornam inferior, nem as agradáveis e felizes a tornam superior; conclui-se logicamente daqui que a virtude é sempre igual. Sejam quais forem as condições em que a virtude tem de agir, ela agirá com igual rectidão, igual discernimento, igual pureza de intenções; tais bens são, por conseguinte, iguais, pois denotam um estado que não admite superação, quer no modo de viver a alegria, quer no modo de enfrentar os tormentos, e quando duas coisas são impossíveis de ser superadas — é porque são iguais. De facto, se algum factor exterior à virtude fosse susceptível de a diminuir ou de a acrescentar, o único bem deixaria de consistir no bem moral. Se se admitir tal proposição, todo o conceito de bem moral cai por terra. E dir-te-ei porquê: porque não há bem moral numa acção praticada contra vontade ou sob coacção; todo o bem moral tem de ser voluntário. Imiscua-se nele uma dose de preguiça, de censura, de hesitação, de receio — e o bem moral perderá o que tem de melhor; a satisfação de si próprio. Não pode haver bem moral onde não há liberdade; medo é sinónimo de escravatura! O bem moral goza de plena segurança e tranquilidade; se se retrai, ou se queixa, se julga como um mal aquilo que vai fazer, isso significa que se encontra perturbado e se debate em profunda contradição, atraído por um lado pela aparência do bem, retraído por outro ante a suspeita do mal. Por esta razão, quem se propõe agir com honestidade nunca deve encarar os obstáculos que se lhe deparam como um mal, quando muito como um transtorno, e praticar o seu acto livre e voluntariamente. O bem moral nunca obedece a ordens e coacções, é um estado puro, não contaminado por qualquer mal.

15

16

17

18 Conheço a objecção que neste momento se me poderá fazer: "*Tu pretendes convencer-nos de que não há qualquer diferença entre viver com alegria ou jazer na mesa da tortura até o torcionário ficar cansado?!*" Eu poderia responder que, segundo o próprio Epicuro, o sábio, mesmo que o estivessem assando no touro de Fálaris, gritaria: "*Está-se bem aqui! Não sinto nada!*"[19] Porquê então essa admiração quando eu digo que são bens iguais a comparência a um festim ou a indefessa resistência à tortura se até Epicuro afirma "*que se está bem na grelha*", o que é

19 ainda mais inacreditável? Eu afirmo, no entanto, que há uma enorme diferença entre a alegria e a dor; se houver possibilidade de escolha, eu optarei pela primeira e evitarei a segunda, dado que aquela é natural, esta é antinatural. Segundo este critério a diferença entre ambas é muito considerável: quando se trata da virtude, porém, ambas se situam no mesmo plano, quer a via da alegria, quer a da

20 tristeza. Contratempos, situações dolorosas, qualquer espécie de transtorno, enfim, não têm a mínima importância, tudo a virtude derrubará. Do mesmo modo que a luz do sol eclipsa as estrelas mais pequenas, também a virtude elimina e arrasa sob a sua própria grandeza tudo quanto seja dor, sofrimento, insulto; onde brilha a virtude, tudo quanto sem ela é visível fica eclipsado, ao chocar contra a virtude todos os incómodos têm tanto significado como

21 uma nuvem vertendo chuva sobre o mar! E para te certificares de que assim é, vê como o homem de bem se afoitará sem hesitar a qualquer bela acção: ainda que diante dele se erga o carrasco, se erga o torcionário e a sua fogueira, o homem de bem avançará, atento apenas ao

---

[19] Epicuro, fr. 601 Usener.

que deve fazer, e não ao que terá de sofrer, tão confiante no seu honesto propósito como o estaria ante um outro homem de bem; a seus olhos o seu acto aparecerá como verdadeiramente útil, seguro, bem sucedido. Uma acção honesta, ainda que dolorosa e difícil, valerá tanto como um homem de bem, ainda que pobre, exilado ou doente! Compara, por exemplo, por um lado um homem de bem **22** que seja rico, por outro um que nada possua além dos seus bens interiores: ambos merecerão por igual o título de "homens de bem", embora sejam diferentes as suas condições de fortuna. Conforme já atrás disse, idêntico juízo é aplicável tanto às coisas como aos homens: a virtude tanto é louvável num corpo forte e desenvolto como num enfermiço e deficiente. Por conseguinte, não deverás **23** estimar mais a tua virtude se a fortuna te permitir pôr ao seu serviço um corpo inteiramente válido do que se tiveres alguma deficiência física: se assim não fosse, seria como se nós estivéssemos a ajuizar do senhor a partir do aspecto dos escravos! Tudo quanto cai sob o domínio do acaso — dinheiro, corpo, honras — merece tratamento de escravo, tudo são bens efémeros, transitórios, perecíveis, a sua posse é incerta; pelo contrário, as obras da virtude são livres e indestrutíveis, nem mais desejáveis se formos bem tratados pela fortuna, nem menos se sujeitos a quaisquer dificuldades materiais. Assim como procedemos na escolha **24** das nossas amizades, assim devemos agir em relação às coisas que desejamos. Tu, creio, não estimarias mais um homem de bem que fosse rico do que um que fosse pobre, nem um forte e musculoso do que outro magro e débil. Pela mesma ordem de ideias, não te sentirás de certeza mais atraído e solicitado por uma situação aprazível e tranquila do que por uma que te exija esforço e energia. Nesta última hipótese, deverias, logicamente, de entre dois **25**

homens de bem, ter mais apreço por aquele que estivesse lavado e perfumado do que pelo que estivesse coberto de poeira e de cabelo desgrenhado! E depois passarias a preferir o homem fisicamente válido e robusto ao deficiente ou ao zarolho; e gradualmente acabarias por te tornar esquisito ao ponto de entre duas pessoas igualmente justas e sensatas, escolheres aquela que tivesse uma cabeleira ampla e bem frisada!... Ora quando em ambos os casos a virtude é idêntica não há que comparar as desigualdades que em outros aspectos possa haver, pois todas as outras

26 qualidades são meramente acessórias, não essenciais. Haverá, porventura, alguém que exerça uma tão injusta discriminação entre a família a ponto de ter mais amor por um filho do que pelo outro, só porque um é são e o outro doente, porque um é alto e desempenado e o outro baixo e atarracado? Os animais não fazem distinções entre as crias e deitam-se para dar a mamada por igual a todas elas; também as aves partilham o alimento por igual entre os filhotes. Ulisses regressa aos rochedos da sua Ítaca como Agamémnon às altivas muralhas de Micenas. Ninguém ama a pátria por ser grande, mas por ser sua! A

27 que propósito vem tudo isto? Quero que fiques sabendo que a virtude encara com os mesmos olhos as suas obras, como se fossem suas crias, que tem a mesma complacência em relação a todas, embora dê mais atenção àquelas que exigem mais esforço; afinal, não é verdade que também o amor dos pais é mais desvelado pelos filhos que maiores cuidados inspiram? Não quer isto dizer que a virtude tenha mais apreço pelas obras que deparam com oposição e violência, mas sim que, à semelhança dos bons pais, as ampara e protege mais cuidadosamente.

28 Por que razão um bem não é superior a outro? Pela mesma razão por que nada é mais correcto do que a cor-

recção, nada é mais plano do que o plano. De duas coisas iguais a uma terceira tu não poderás dizer que uma delas é "mais igual" do que a outra! Por isso mesmo nada pode haver de mais moral do que a própria moralidade. Se, **29** portanto, a natureza de todas as virtudes é idêntica, os três tipos de bens situam-se em pé de igualdade. Isto é: alegrar-se com moderação e sofrer com moderação estão no mesmo plano de igualdade. O estado de alegria não é superior à firmeza de ânimo que, sob a tortura, sufoca os gemidos: o primeiro tipo de bens é desejável, o segundo provoca a nossa admiração, mas ambos em si mesmos permanecem iguais, portanto aquilo que eventualmente existe de desagradável é dominado pela força, imensamente maior, do bem. Se alguém considerar estas classes de bens **30** como distintas é porque está desviando a atenção das virtudes em si e considerando as circunstâncias exteriores. Os bens autênticos têm o mesmo peso, o mesmo volume; os falsos, pelo contrário, contêm em si muito de vazio; por isto mesmo estes se apresentam à vista como atraentes e valiosos mas, se forem devidamente sopesados, verificar-se-á como são enganosos. É esta a verdade, caro Lucílio: **31** aquilo que a justa razão nos recomenda é sólido e permanente, dá-nos firmeza ao ânimo e conserva-o para sempre elevado. Pelo contrário, aquilo que inconscientemente a opinião vulgar considera como bom só satisfaz quem se contenta com o supérfluo. Mais ainda: aquilo que as pessoas temem enche os espíritos de receios e, tal como os animais, perturba-os com uma aparência de perigo. Con- **32** sequentemente é sem motivo que ambas estas situações confundem e atormentam a alma: nem a primeira merece causar alegria, nem a segunda provocar receio. Somente a razão permanece inalterável e firme nos seus juízos, porquanto não se submete aos sentidos, antes os submete ao

seu domínio. A razão é igual à razão, tal como a rectidão é igual a si mesma; por conseguinte toda a virtude é igual à virtude, pois a virtude outra coisa não é senão a razão recta. Todas as virtudes são formas da razão; são formas da razão se forem todas rectas e se forem rectas são todas

33 iguais. Conforme for a razão, assim serão as acções; logo todas as acções são iguais, pois se todas forem idênticas à razão todas serão iguais entre si. Afirmo que todas as acções são iguais entre si na medida em que se conformam com a moral e a rectidão; quanto ao resto poderão ser muito distintas, de acordo com as circunstâncias, dado que umas terão maior e outras menor alcance, umas serão mais brilhantes e outras menos, umas far-se-ão sentir sobre muitas e outras sobre poucas pessoas. Em todas elas, porém, aquilo que têm de melhor — a sua perfeição

34 moral — é idêntico. Semelhantemente todos os homens de bem são iguais na medida em que são homens de bem, embora haja entre eles diferenças de idade — uns são velhos, outros jovens —, de constituição física — uns são belos, outros feios —, de condições de vida — uns são ricos, outros pobres, um goza de favor e poder e é conhecido em várias cidades e nações, outro vive retirado e desconhecido da grande massa. Todos, porém, são iguais na sua condição de homens de bem.

35 A mera sensibilidade não é capaz de ajuizar sobre o bem e o mal; é incapaz de destrinçar o que é útil do que é inútil. Não consegue formular uma opinião senão quando é posta perante uma situação concreta; não sabe prever o futuro, tal como é incapaz de lembrar o passado; não tem a noção da continuidade. Ora é precisamente a continuidade que permite a evolução constante e a unidade de uma vida que segue o caminho da rectidão. A razão é que é, portanto, o supremo juiz do bem e do mal; a razão

considera sem valor tudo quanto lhe é alheio e exterior, e àquelas coisas que em si mesmas não são bens nem são males julga-as como acessórios sem a mínima importância, pois para a razão todo o bem está situado na alma. Há, não obstante, certos bens que a razão considera de primeira ordem e que procura expressamente alcançar, tais como a vitória, os filhos honestos, o bem estar da pátria; outros, serão de segunda ordem — aqueles que só ocorrem em circunstâncias adversas, tal como a coragem de suportar a doença, a tortura, o exílio; outros bens ainda são de valor intermédio, aqueles dos quais se não pode dizer que sejam propriamente conformes ou antagónicos à natureza, tais como caminhar com gravidade ou estar sentado com decência. De facto, estar sentado não é menos conforme à natureza do que estar em pé ou andar. Quanto aos dois primeiros tipos de bens superiores também são distintos entre si: o primeiro é conforme com a natureza — sentir satisfação com o afecto dos filhos ou o bem estar da pátria; o segundo é contrário à natureza — suportar valorosamente os tormentos ou sofrer a sede provocada pela febre que nos devora as entranhas. *"Que estás dizendo? Então há algum bem que seja contrário à natureza?"* De modo algum! Pode sim, é dar-se que as circunstâncias das quais decorre um determinado bem sejam, elas, contrárias à natureza. Ser ferido, ser consumido numa fogueira, sofrer de uma doença grave — tudo isto é contrário à natureza; conservar nestas circunstâncias a coragem e a firmeza de ânimo isso já é agir conforme a natureza. Em suma, e para expressar com concisão a minha ideia: as condições que geram um certo bem podem por vezes ser contrárias à natureza, um bem nunca o pode ser, porque nenhum bem existe sem a razão e a razão é conforme com a natureza. *"O que é então a*

36 **37** **38** **39**

razão?" É a imitação da natureza. *"E em que consiste para o homem o supremo bem?"* Em comportar-se segundo a vontade da natureza.

40 Uma objecção possível: *"Ninguém duvida que haja mais felicidade numa paz nunca dilacerada do que na paz reconquistada à custa de muita efusão de sangue. Ninguém duvida que há mais felicidade na saúde nunca interrompida do que na saúde recuperada, à custa de muita energia e paciência, após uma grave doença, daquelas que fazem esperar o pior. Similarmente, ninguém duvidará que a alegria será um bem maior do que a valentia da alma perante torturas infligidas por feridas ou fogueiras."* Nada

41 mais falso! Tudo quanto é fortuito é passível das maiores diferenças, pois é avaliado segundo a utilidade que ocasiona aos interessados. Mas a única finalidade dos bens consiste em conformar-se com a natureza, e esta finalidade verifica-se em todos por igual. Quando nós, no senado, damos o nosso acordo a uma determinada opinião, não é possível dizer-se que este senador "deu mais acordo" do que aquele! Todos, de facto, se pronunciaram por uma mesma opinião. O mesmo afirmo eu que se passa com as virtudes: todas elas estão de acordo com a natureza. O mesmo afirmo eu que se passa com os bens: todos eles

42 estão de acordo com a natureza. Há pessoas que morrem na juventude, outras na velhice, outras mesmo na infância, sem nada mais lhes ter sido dado senão vislumbrar a vida: todas elas, contudo, eram igualmente mortais, embora a umas a morte tivesse consentido uma vida mais longa, a outras as tivesse ceifado em plena flor, e a outras as

43 tivesse cortado logo de início. Um homem morreu enquanto jantava; a outro, a morte seguiu-se ao sono sem interrupção; outro extinguiu-se enquanto fazia amor. Confronta com estes casos o daqueles que morreram trespas-

sados por uma arma, envenenados pela mordedura de uma serpente, esmagados num desabamento, paralisados a pouco e pouco por um contínuo definhamento dos nervos. Poderá dizer-se que o modo de morrer foi melhor nuns casos e pior noutros; em todos eles, porém, o resultado foi idêntico, a morte. Ou seja, o caminho seguido pode ser diverso, o ponto de chegada é só um. Não há uma morte maior e outra menor; em todos os casos as "medidas" são as mesmas, isto é, o termo da vida. Posso afirmar que com os bens se passa o mesmo: este bem ocorre entre prazeres contínuos, aquele entre circunstâncias tristes e dolorosas; este limitou-se a guiar os favores da fortuna, aquele teve de vencer as suas violências; mas um e outro são igualmente bens, embora o primeiro tivesse percorrido uma estrada plana e aprazível e o segundo uma via cheia de obstáculos. Mas o ponto a que todos visam é um e o mesmo: são bens, são dignos de apreço, fazem companhia à virtude e à razão; a virtude torna iguais todas as coisas que admite como suas. **44**

Não há motivo para, entre os princípios da nossa escola, admirares este em especial. Segundo Epicuro há duas espécies de bens, das quais resulta o bem supremo, o cúmulo da felicidade: ausência de dor no corpo, ausência de perturbação na alma.[20] Estes bens, se atingiram o ponto máximo, já não podem acrescentar-se mais, pois como é possível acrescentar-se aquilo que já atingiu o ponto máximo?! O corpo não conhece a dor: o que é que pode acrescentar-se a este estado de ausência de dor? A alma goza de estabilidade e de calma: o que é que pode acrescentar-se a este estado de tranquilidade? O céu, quando **45**

[20] Epicuro, fr. 434 Usener.

está sereno, quando está perfeitamente transparente não é susceptível de tornar-se mais claro ainda; do mesmo modo um homem que vele pelo seu corpo e pela sua alma e que faça depender de ambos o seu bem supremo, atingirá o total equilíbrio, alcançará a plenitude dos seus desejos se se encontrar ao abrigo da agitação na alma e da dor no corpo. Se a estas se adicionarem ainda outras circunstâncias favoráveis, tal não aumentará em nada o supremo bem, quando muito dar-lhe-á, por assim dizer, sabor e aprazimento. Esta concepção do bem supremo, para a natureza humana, dá-se por satisfeita com a paz quer no corpo quer no espírito.

47 Vou mostrar-te agora como Epicuro estabelece também uma distinção entre os bens, muito semelhante à que nós, estóicos, fazemos.[21] Segundo Epicuro, há alguns bens de que ele preferiria usufruir, tais como a tranquilidade de um corpo liberto de todas as afecções e a serenidade de uma alma gozando da contemplação dos seus bens próprios; existe uma outra categoria de bens, a qual, embora preferisse prescindir dela, nem por isso deixa de apreciar e aprovar: refiro-me àquilo que atrás mencionei — a capacidade de suportar a falta de saúde e as dores mais agudas, capacidade essa que Epicuro bem demonstrou possuir naquele que foi o último e o mais feliz dia da sua vida. Diz ele, de facto, que os sofrimentos causados pela bexiga e por uma úlcera no estômago eram tais que a dor já não podia ser maior, mas que mesmo assim esse dia era para ele um dia feliz.[22] Ora ninguém pode ter um dia **48** feliz se não se encontrar na posse do bem supremo. Por

---

[21] Epicuro, fr. 449 Usener.

[22] Epicuro, fr. 138 Usener.

conseguinte também Epicuro classifica como bens alguns que preferiríamos não experimentar mas que dado que as circunstâncias os provocaram, há que aceitar, aprovar e considerar idênticos aos mais elevados. Não pode deixar de considerar-se idêntico aos bens superiores este bem que pôs termo a uma vida feliz, um bem a quem Epicuro rende graças nas últimas palavras que proferiu!

49 Vais permitir-me, meu excelente Lucílio, uma declaração bastante mais audaciosa: se fosse possível alguns bens serem superiores a outros, eu preferiria até aqueles que parecem dolorosos e declará-los-ia superiores aos bens tranquilos e aprazíveis. Na realidade é mais importante vencer as dificuldades do que moderar a felicidade. **50** Bem sei que é à razão que devemos a capacidade de manter, quer o equilíbrio na felicidade quer a coragem nas atribulações. Pode ser igualmente corajosa a sentinela que dorme tranquilamente fora do muro do aquartelamento quando não há perigo de incursões inimigas, ou o soldado que, com os tendões cortados, combate de joelhos sem largar as armas. Mas só aos soldados que voltam do combate cobertos de sangue é que se grita: "Bravo, seus valentes!" Por isso mesmo eu acho mais dignos de apreço aqueles bens que resultam do esforço, da coragem, do afrontamento com a fortuna. **51** Como posso eu hesitar em prestar maior louvor à mão de Múcio, mutilada pelo fogo, do que à mão sã e salva de outro homem qualquer? Múcio manteve-se firme, desprezando os inimigos, desprezando as chamas, e olhou sem tremer a sua mão que mirrava consumida no braseiro do inimigo; e assim ficou até que Porsena, satisfeito da tortura mas invejoso da glória de Múcio, mandou, contra vontade dele, retirar o braseiro. **52** Como não hei-de eu incluir este bem entre os primeiros e considerá-lo tanto maior do que os bens tranquilos e ao abrigo da

fortuna, precisamente quanto mais raro é vencer um inimigo sacrificando a mão do que empunhando as armas? *"Pois quê"* — dirás tu. — *"Serias capaz de desejar para ti um tal bem?!"* Como não, se um tal acto apenas o poderá

53 fazer o homem que também pudesse desejá-lo? Haveria eu de preferir confiar o meu corpo a massagistas efeminados? De dar os meus dedos amolecidos a friccionar a uma qualquer prostituta, ou a um eunuco, tornado de homem em prostituta? Como não considerar mais feliz Múcio, esse homem que meteu a mão no fogo com o ar de quem se entregava aos cuidados de um manicuro? Foi assim que ele corrigiu o seu primeiro fracasso: inerme e mutilado conseguiu pôr termo à guerra e com a mão inutilizada saiu vitorioso de dois reis!

67

1 Comecemos pelas banalidades! A primavera começou a mostrar-se, mas, embora já nos aproximássemos do verão, — que é a altura própria do calor — o tempo refrescou e, portanto, não há que confiar nele; frequentemente voltamos aos dias invernosos. Queres que te diga até que ponto o tempo está incerto? Ainda não me atrevo à água fria e tenho que lhe adoçar a temperatura.[23] *"Aqui está"* — dirás tu — *"o que se chama não aguentar nem o calor nem o frio!"* É mesmo, caro Lucílio, já me basta acomodar-me ao frio próprio da idade, que não degela nem em pleno verão. E assim é que passo a maior parte do

2 tempo metido em abafos. Tenho que dar graças à velhice por me manter colado à cama. E porque não dar-lhe gra-

---

[23] Cf. a carta 53, 3.

ças por isso? Assim, estou impossibilitado de fazer aquilo mesmo que a vontade me devia impedir de fazer. As minhas conversas são quase todas com os livros. Sempre que aparece uma carta tua tenho a sensação de estar na tua companhia e isso dá-me uma tal disposição de espírito que mais me parece estar a responder-te de viva voz do que por escrito. Quanto à questão que me pões, façamos como se estivéssemos conversando e analisemo-la em conjunto.

3 Perguntas-me se todo o bem é desejável. Nas tuas palavras: *"Se suportar corajosamente a tortura, aguentar com valentia as chamas e encarar com paciência a doença é um bem, segue-se que estas três situações são desejáveis. Ora eu não vejo nelas nada que mereça o nosso desejo. E sei de certeza absoluta que nunca ninguém cumpriu uma acção de graças por ter sido chicoteado, deformado pela gota ou alongado no cavalete."* **4** Se tu, meu amigo, analisares com minúcia estes factos, verás que neles existe algo de desejável. Eu preferiria que a tortura me poupasse; mas se tiver de me submeter a ela desejarei fazê-lo com coragem, valor, e firmeza. Preferiria não me ver envolvido numa guerra, é evidente! Mas se me visse envolvido desejaria suportar animosamente as feridas, a fome e tudo o mais que as agruras da guerra implicam. Não sou tão louco que me apetecesse estar doente, mas se a doença me atacar desejarei que o meu comportamento se não torne por isso incontrolado ou efeminado. Em suma, não são as circunstâncias adversas que são desejáveis, mas sim a virtude que nos permite ultrapassar essas circunstâncias adversas.

5 Alguns dos nossos entendem que a capacidade de tolerar com coragem todas estas adversidades não é em si desejável, embora naturalmente não seja de rejeitar. E isto

porque o objecto dos nossos votos deve ser um bem puro, tranquilo e situado ao abrigo de todo o sofrimento. A minha opinião é diferente. Em primeiro lugar porque não é possível que uma coisa seja simultaneamente boa e não desejável; depois, porque se a virtude é desejável e se não há bem algum sem virtude, segue-se logicamente que todo o bem é desejável; finalmente, porque (embora a tortura não seja desejável), é desejável a corajosa resistência à tor-
6 tura! Vejamos outra questão: não é verdade que a coragem é desejável? No entanto, ela não só despreza o perigo como até o atrai! O seu aspecto mais nobre e mais digno de admiração consiste em não recuar ante as chamas, em não evitar as feridas, por vezes mesmo não apenas em não esquivar os golpes como até em recebê-los no peito. Se a coragem é desejável, igualmente é desejável suportar com valentia a tortura, já que fazê-lo faz parte da ideia de coragem. Discrimina com atenção, conforme já te disse e verás que não existem razões para te induzirem em erro. O que é desejável não é sofrer a tortura, mas sim o sofrê-la corajosamente: é neste "corajosamente" que consiste a virtude, e por isso é que eu o desejo! *"Mas quem formu-*
7 *lou jamais semelhante desejo?"* Há certos desejos que se formulam abertamente, embora respeitem a questões particulares; outros há, porém, que estão implícitos, isto é, quando um só desejo contém em si vários outros. Por exemplo, eu desejo levar uma vida segundo a moral, mas uma vida regulada pela moral compõe-se de diversas acções: nela podemos encontrar a masmorra de Régulo, a ferida aberta por Catão com as próprias mãos, o desterro de Rutílio, o cálice de veneno que elevou Sócrates do cárcere até ao céu! Por isso mesmo, ao formular o desejo de uma vida segundo a moral, eu formulei implicitamente todas aquelas características que fazem moral a vida.

Ó três, quatro vezes felizes **8**
aqueles a quem ante o olhar dos seus, sob os altos
muros de Tróia coube em sorte morrer![24]

Que diferença há entre desejar esta sorte a alguém ou confessar que ela é desejável? Décio ofereceu a sua vida à **9** República e, esporeando o cavalo, lançou-se no meio dos inimigos ao encontro da morte. Depois veio outro Décio que, rivalizando com o valor do pai, após pronunciar a fórmula ritual já tornada tradição de família, precipitou-se para o mais intenso da peleja; apenas receava que o sacrifício não fosse favoravelmente aceite pela divindade, mas não duvidava de que uma nobre morte fosse desejável. Ainda hesitas em admitir que nada é superior a uma morte digna de memória, alcançada através da acção da virtude? Quando um homem sofre corajosamente a tor- **10** tura, está pondo em acção todas as suas virtudes! Talvez uma delas esteja em acção mais directa ou seja mais evidente: a resistência. Mas numa tal situação encontramos *coragem*, nas suas variantes de resistência, capacidade de sofrer, aceitação da dor; encontramos *prudência*, virtude indispensável à tomada de qualquer decisão, a qual nos convence a aguentar com o máximo de coragem o inevitável; encontramos *firmeza*, a qual nunca bate em retirada nem se deixa desviar dos seus propósitos pela força; encontramos, em suma, todo o indivisível cortejo das virtudes. Tudo quanto fazemos segundo a moral, fazemo-lo por acção de uma virtude mas em unanimidade com todas elas; e aquilo que unanimemente todas as virtudes aprovam, ainda que aparentemente se deva a uma só, é, sem dúvida alguma, desejável.

---

[24] Vergílio, *Aen.*, I, 94-6.

11 Não irás pensar certamente que apenas é desejável aquilo que nos advem do prazer e do ócio, aquilo que acolhemos em nossa casa com as portas engalanadas?! Há certos bens cuja aparência é severa; há certos votos cuja realização se celebra não com grandes cerimónias gratulatórias, mas sim em atitude de adoração e profundo res-
12 peito. Pensas tu que Régulo não estava desejoso de chegar a Cartago? Procura sentir dentro de ti o estado de alma de um grande homem, liberta-te por algum tempo das opiniões do vulgo; aplica todo o teu esforço à compreensão total da beleza e excelência de uma virtude cuja prática exige de nós, não incenso ou grinaldas, mas sim suor
13 e sangue! Detém-te a contemplar M. Catão no acto de levar ao peito sacrossanto as suas mãos irrepreensíveis a fim de abrir mais as feridas insuficientemente profundas! O que dirias tu a Catão num tal momento? *"Tens toda a minha simpatia!"*, ou *"Lamento a tua infelicidade!"*, ou
14 antes: *"Que sorte tens em agir assim!"?*, Lembra-me neste momento o nosso Demétrio, que chama "mar morto" a uma vida passada em segurança, ao abrigo dos ataques da fortuna. Carecer de motivos de exaltação, de esforço, carecer de tudo quanto, servindo de advertência e de estímulo, ponha à prova a nossa firmeza de ânimo, e, em contrapartida, amolecer num ócio imperturbado, isso não é
15 tranquilidade, é paz podre! O estóico Átalo costumava afirmar que preferiria ter a fortuna por inimiga do que por aduladora. *"Sofro a tortura, mas com coragem: tanto melhor! Afronto a morte, mas com coragem: tanto melhor!"* E se escutasses Epicuro, ouvi-lo-ias acrescentar: *"Um autêntico prazer!"*[25] Por mim não qualificaria com

---

[25] Epicuro, fr. 601 Usener (cf. supra carta 66, 18).

tão fraco epíteto uma atitude de tal modo sublime e grave... Sou queimado, mas não vencido: não é altamente desejável uma tal situação? Não porque o fogo me queima, mas sim porque me não vence! Não há nada que suplante em valor e beleza a virtude; e tudo quanto fazemos em obediência aos seus ditames é um bem, e é, portanto, desejável! **16**

68

1 Estou de acordo com a tua decisão: abriga-te no teu ócio, mas coloca o teu ócio ao abrigo dos demais. Podes estar certo de que, procedendo assim, te conformas, se não com os preceitos, ao menos com o exemplo dos mestres estóicos.[26] Digo-te mais: agirás segundo preceitos cuja validade será evidente tanto para ti como para quem quer que seja! **2** É que nós, estóicos, não confiamos os nossos adeptos nem ao serviço de qualquer Estado, nem para sempre, nem indiscriminadamente. Mais ainda, quando nós atribuimos ao sábio o único Estado digno dele — ou seja, o Universo! —, o sábio, embora levando uma vida retirada, nem por isso passa a situar-se à margem do Estado;

---

[26] De facto, os mestres do estoicismo antigo aconselhavam aos seus discípulos a participação na vida política da cidade, v. por ex. *S. V. F.*, III, 611, 697, 698, embora nenhum deles tivesse tido qualquer acção relevante como político. No entanto, Zenão acedeu a um pedido de Antígono Gónatas e enviou à corte deste o seu discípulo Perseu (v. *S. V. F.*, I, 439). A esta relativa contradição entre os preceitos e a prática dos mestres estóicos alude Séneca em *De tranq. an.*, I, 10: "(Zenão, Cleantes, Crisipo): nenhum deles participou na vida política, mas todos incitaram os seus discípulos à participação". Em *De otio*, III, 2 Séneca resume concisamente a oposição entre epicuristas e estóicos a respeito desta questão: "Epicuro diz que o sábio não participará na vida política senão em circunstâncias excepcionais. Para Zenão, o sábio deve participar na política, a menos que a gravidade da situação disso o impeça."

o mais que sucede é que ele, deixando um lugarejo estreito, acede a espaços mais vastos e mais largos, e ao alçar-se até ao céu pode compreender até que ponto as magistraturas ou os tribunais se situam a um nível bem pouco elevado. Fica certo de que nunca a acção do sábio é mais considerável do que quando à sua contemplação se oferece tanto o divino como o humano.

3 Mas voltemos àquele ponto que estava começando a aconselhar-te: a necessidade de manteres o teu ócio desconhecido dos outros. Não te será vantajoso anunciares publicamente que vais professar a tranquilidade da vida filosófica: atribui antes aos teus propósitos uma outra motivação, por exemplo a falta de saúde, a falta de aptidões, a indolência! Fazer do próprio ócio motivo de vai-
4 dade é uma ambição sem sentido. Há animais que, para escaparem aos eventuais predadores, disfarçam o rasto que produzem perto da entrada dos seus covis: idêntica atitude deverá ser a tua, de outro modo nunca faltará quem te persiga. Casa de portas abertas passam-lhe os gatunos adiante, enquanto aquelas que estão cheias de trancas e ferrolhos são arrombadas! O que atrai os ladrões é o insólito. O que está patente à vista de todos é considerado sem valor, o larápio despreza o que não tem segredo. É este um hábito próprio do comum das pessoas, sobretudo das mais incultas: só se deseja penetrar onde há mistério.
5 Por isso mesmo te digo que o melhor é nunca deixar que o nosso ócio dê nas vistas; ora uma forma de o fazer dar nas vistas é vivermos demasiado retirados, afastando-nos por completo do convívio com os outros. Este aqui foi viver para Tarento, aquele foi encerrar-se em Nápoles, aquele outro há muitos anos já que não sai de casa: quem deste modo torna o seu ócio motivo de falatório, só consegue com isso atrair os olhares de todos.

Se tu te queres retirar da vida pública não o deves fazer para servir de conversa aos outros, mas sim para poderes conversar contigo próprio! Conversa sobre ti mesmo, evitando totalmente fazeres a ti o que o vulgar das pessoas faz em geral na vida de sociedade, e assim te habituarás a só dizer — e ouvir dizer — a verdade! Discute de preferência sobre os teus pontos fracos. Qualquer pessoa conhece as suas debilidades físicas. Consequentemente, há quem vomite para aliviar o estômago, há quem pelo contrário o robusteça com frequente ingestão de alimentos, há quem faça dieta de vez em quando para eliminar os excessos; quem sofre continuamente dos pés[27] evita a bebida ou as termas. Assim cada qual, mesmo que não cuide do resto, pelo menos procura fazer frente aos seus males crónicos. Na nossa alma há igualmente partes enfermiças às quais importa prestar a devida atenção. Para que me servirá então o ócio senão para tratar das minhas feridas? Se eu te mostrar o pé inchado, a mão coberta de manchas, a perna mirrada com os nervos esclerosados — certamente me permitirás que eu fique em repouso e tente sanar a minha doença! Pois fica sabendo que um mal ainda maior é este que te não posso mostrar: este tumor, este inchaço que reside no meu peito! Não, eu não pretendo que me cubras de louvores, ou me chames um homem admirável que se retirou por desprezar a sociedade e condenar todas as paixões que afligem os homens! Uma coisa apenas eu condenei: a mim mesmo! Não deverás aproximar-te de mim na esperança de que eu possa ser-te útil. Estás enganado se pensas que podes encontrar aqui algum auxílio: quem mora nesta casa é um doente,

6 7 8 9

[27] Isto é, os doentes de gota.

não um médico. Prefiro que, ao saíres da minha casa digas assim; *"E pensava eu que este homem atingira a felicidade e a sabedoria, aprontava-me para escutar a sua palavra! Que desilusão! Nada aqui vi ou ouvi que provocasse em mim o desejo de voltar!"* Se pensares e falares assim, a tua visita não terá sido inútil: antes quero que compreendas o meu ócio do que o invejes!..

10 *"Mas que é isso, Séneca? Tu a aconselhares-me o ócio? Tornaste-te propagandista de Epicuro?"*[28] Sim, aconselho-te o ócio — um ócio em que a tua acção será mais válida e mais digna do que no mundo em que vivias. Ter acesso às moradas soberbas dos grandes senhores, concitar os favores de velhos sem herdeiros, ter influência decisiva no foro — tudo isto são formas efémeras de poder, que atraem invejas e que, se as pesares pelo que valem, são
11 indignas! Há quem me ultrapasse de longe em influência no foro, há quem o faça graças às honras conseguidas através do serviço militar, há quem me anteceda no número de clientes. Não tenho possibilidades de igualar o favor de que eles gozam: pois que me importa a mim estar abaixo de todos os outros se conseguir erguer-me
12 acima da fortuna! Oxalá tu tivesses de há muito a intenção de seguires este propósito! Oxalá nós não pensássemos na felicidade senão quando já estamos à beira da morte! Mas agora já não há motivo para demoras! A teoria ensinava-nos o carácter efémero e adverso de muitas coisas; agora a experiência confirma esse ensinamento.
13 Façamos, portanto, como os cavaleiros que se atrasam na partida e pretendem recuperar em velocidade o tempo perdido: apertemos as esporas! A idade em que estamos é

---

[28] Cf. a nota 26.

a mais adequada aos estudos filosóficos: já perdemos o ardor, já se fatigaram os vícios que vicejavam com o primeiro fervor da adolescência, pouco falta já para que se extingam por completo. Perguntas tu: *"Mas quando, ou em quê, tirarás tu proveito de uma lição que estudas quase ao deixar esta vida?"* Pelo menos tirarei proveito nisto: em deixar a vida melhor do que quando entrei. De resto não há motivos para pensares que, para aceder à virtude, é mais apta qualquer outra fase da vida do que a nossa actual: já muito experimentados, já muito batidos por longos e contínuos embates com a vida, é com as paixões quase sufocadas que nós entramos no caminho da perfeição. Aqui está o que a nossa idade tem de bom: quem chega à sabedoria na velhice, chega com toda a experiência de muitos anos! **14**

69

1 Não me agrada que andes sempre a mudar de terra, a saltitar de lugar para lugar, primeiro porque tão frequentes mudanças denotam um ânimo instável: nunca te sentirás firme na tua vida privada se primeiro não pões fim a essas deambulações indecisas! Se queres dominar o teu espírito começa por deter as peregrinações do teu corpo. **2** Depois, porque os remédios são sobretudo eficazes se aplicados com continuidade: a tranquilidade, o esquecimento do teu tipo anterior de vida não admitem interrupções. Deixa que os teus olhos desaprendam, deixa que os teus ouvidos se acostumem a princípios mais sãos. De cada vez que te deslocares, encontrarás no trajecto muita coisa capaz de reavivar os teus desejos. **3** Quem se esforça por libertar-se de uma paixão deve evitar tudo quanto lhe lembre a pessoa amada (pois nada recrudesce tão rapidamente como

o amor); do mesmo modo fará quem deseje libertar-se dos desejos que antes o inflamavam, afastando os olhos e os ouvidos dos seus interesses passados. A paixão é fácil
4 de reacender. Onde quer que lance o olhar não terá dificuldade em descobrir alguma vantagem no tipo de ocupação em que se comprazia. Nenhum mal existe que não ofereça a sua compensação! A avareza promete a posse de riquezas, a libertinagem acena com as mais diversas espécies de prazer, a ambição alicia com a púrpura, os aplausos, o acesso ao poder e a tudo a que o poder dá lugar.
5 Os vícios tentam-te oferecendo paga em troca; na vida privada terás de prescindir de salário! Ainda que vivesses um século, a custo conseguirias refrear por completo os vícios que uma duradoura permissividade deixou desenvolver; pior ainda se a tal tarefa apenas dedicares os intervalos de uma existência já tão curta! Somente uma aturada e atenta vigilância permite que levemos à perfeição aquilo
6 que nos propomos realizar. Se tu estás mesmo disposto a escutar os meus conselhos, então medita sem descanso até te habituares a aceitar a morte, ou mesmo, se tanto for necessário, a te antecipares a ela. Que a morte venha ter connosco ou que vamos nós ao seu encontro, não tem a mínima importância. Há quem diga: *"A coisa mais bela é morrer de morte natural!"* Convence-te de que esta frase é um absurdo enunciado de um espírito o mais inepto possível. Ninguém morre senão de morte natural! Em outra coisa ainda deverás meditar: ninguém morre senão no seu próprio dia. Do teu tempo, nunca perderás um segundo, pois todo o tempo que sobra já te não pertence!

LIVRO VIII

(Cartas 70-74)

70

Ao fim de longo tempo revisitei a tua querida cidade de Pompeios. Voltei a contemplar a minha adolescência; tudo quanto por lá fizera em jovem parecia-me poder ainda fazê-lo, parecia-me tê-lo feito há um instante. Ah! Lucílio amigo, temos vindo a navegar ao longo da vida e, assim como no mar, segundo as palavras de Vergílio, 1 2

as terras e as cidades se perdem no horizonte[1],

assim também nós, nesta veloz carreira do tempo que é a vida, vemos sumir-se primeiro a infância, depois a adolescência, em seguida o espaço que medeia entre os dois marcos que são a juventude e a idade madura, depois os melhores anos do início da velhice; finalmente começa a tornar-se publicamente visível a proximidade do nosso fim como homens. Na nossa insensatez julgamos esse fim como um escolho: na realidade é um porto, a que por vezes somos forçados a abordar, mas que em caso algum 3

[1] Vergílio, *Aen.*, III, 71

deveremos recusar; e mesmo que lá aportemos na juventude, será tão insano queixarmo-nos disso como de termos navegado a grande velocidade. Como sabes, por vezes a falta de vento atormenta o navegador e não lhe permite avançar, a extrema calma rouba-lhe a paciência, enquanto outras vezes o ímpeto das correntes o impele com toda a
4 velocidade. Considera que connosco se passa o mesmo: há homens a quem a vida conduziu rapidamente ao termo a que, mesmo relutantemente, haviam um dia de chegar; para outros, contudo, a vida não passa de uma interminável maceração. Ora, como tu bem sabes, a vida não é um bem que se deve conservar a todo o custo: o que importa não é estar vivo, mas sim viver uma vida digna!

Por isso mesmo, o sábio prolongará a sua vida enquan-
5 to *dever*, e não enquanto *puder*. Considerará sempre onde deve viver, com que companhias, como deve agir, que acções deve empreender. Deve ter no pensamento a qualidade da vida, não a sua duração. Se se lhe deparam muitas situações graves, muitos obstáculos à sua tranquilidade, o sábio, retirar-se-á! E não o fará apenas como último recurso, mas, assim que a fortuna começar a mostrar-se hostil para com ele, deverá meditar seriamente se não convém pôr de imediato termo à vida. O sábio considera como indiferente se a sua morte é natural ou voluntária, se ocorre mais tarde ou mais cedo; não tem que recear qualquer grande perda: num líquido vertido a conta-gotas, quem se interessa por uma gota a mais ou a menos?
6 Morrer mais cedo, morrer mais tarde — é questão irrelevante; relevante é, sim, saber se se morre com dignidade ou sem ela, pois morrer com dignidade significa escapar ao perigo de viver sem ela! Por isso eu acho o cúmulo do efeminado a frase daquele homem de Rodes que, lançado pelo tirano na masmorra e alimentado como qualquer

besta-fera, à sugestão de se deixar morrer pela fome respondeu: *"Um homem, enquanto vive, nunca deve perder a esperança!"*[2] Talvez isto seja verdade, mas não devemos comprar a vida a qualquer preço! O destino que me aguarda pode ser grandioso, pode ser garantido, mas eu não estou disposto a assumi-lo através de uma desonrosa confissão de fraqueza. Então o que é preferível: pensar que a fortuna é toda poderosa contra um homem vivo, ou pensar que a fortuna é impotente contra quem sabe morrer? **7**

Há ocasiões, contudo, em que o sábio, mesmo tendo a morte iminente, mesmo sabendo-se condenado ao suplício capital, não fará das próprias mãos as executantes da sentença: isso seria escolher o caminho mais fácil! É insânia morrer por ter medo da morte: o carrasco há-de aparecer, esperemos por ele! Para quê anteciparmo-nos? Para quê tornarmo-nos executores da crueldade alheia? Inveja pela posição do algoz, ou desejo de poupar-lhe trabalho?... Sócrates poderia ter posto fim à vida recusando-se a tomar alimento, morrendo assim de inanição em vez de morrer pelo veneno. No entanto passou trinta dias no cárcere à espera da hora da morte, não na expectativa do que pudesse acontecer, ou porque este longo adiamento lhe permitisse muitas esperanças! —, mas sim por obediência à lei, e também para permitir aos amigos aproveitarem os últimos momentos de Sócrates. Não seria estúpido sentir indiferença pela morte e mostrar ter medo do veneno? Escribónia era uma mulher ponderada, tia paterna de Druso Libão — um jovem de tão grande nobreza como estultícia e mais ambicioso do que se podia ser no seu tempo, **8** **9** **10**

[2] Pode ver-se a história do "homem de Rodes", Telésforo de seu nome, preso e mutilado pelo "tirano" Lisímaco, um dos sucessores de Alexandre, em Séneca *De ira*, III, 17, 3-4.

ou do que ele devia ser fosse em que época fosse. Druso foi levado, enfermo, do senado sobre uma liteira entre um diminuto cortejo fúnebre (pois todos os seus amigos e familiares se afastaram sem piedade de um homem que, mais do que condenado à morte, era já um cadáver!) e pôs-se a deliberar se havia de suicidar-se ou de aguardar a execução. Escribónia disse-lhe então: *"Porque queres tu encarregar-te de uma tarefa que pertence a outro?"* Mas não o convenceu: Druso atentou contra a própria vida, e não sem alguma razão, pois um homem condenado pelo seu inimigo a morrer mais dia menos dia, ao prolongar a vida está apenas a submeter-se à vontade do adversário.[3]

11 Consequentemente, quando um factor externo faz impender sobre nós a morte, não é possível decidir, de uma forma geral, se a atitude correcta consiste em antecipar ou em aguardar essa morte: muitas são as circunstâncias que podem fazer pender para uma ou outra solução. Se, por exemplo, a alternativa for entre uma morte no meio de torturas e uma morte directa e rápida, como não escolher sem hesitação esta última? Se eu escolho o navio em que vou navegar ou a casa em que vou habitar, também, ao deixar esta vida, posso escolher a forma como morrer. **12** Além disso, se a vida não se torna melhor por ser mais longa, a morte, pelo contrário, quanto mais prolongada for, pior. Mais do que em qualquer outra situação, devemos obedecer, na atitude perante a morte, aos ditames da nossa alma. E esta que se evole com decisão segundo a forma de morte escolhida: quer se eleja o punhal, ou a corda, ou o veneno que se espalha pelas veias, há que ser firme na decisão tomada e romper de uma vez os víncu-

---

[3] V. a história de Druso Libão em Tácito, *Ann.*, II, 27-32.

los da nossa servidão. Todos devemos fazer com que a nossa vida mereça a aprovação dos outros; a nossa morte só de nós depende, a forma de morrer que mais nos apraz, essa será a melhor. É estúpido prendermo-nos com pensamentos do género: *"Alguns dirão que eu mostrei pouca coragem na morte, outros que fui excessivamente precipitado, outros que haveria formas mais enérgicas de suicídio..."* Não, tu não deves deixar em outras mãos uma decisão sobre a qual é irrelevante a opinião alheia. O teu objectivo deve ser só um: eximir-te tão rápido quanto possível aos golpes da fortuna. De um modo ou de outro, haverá sempre quem pense mal do teu acto. **13**

Encontrarás, todavia, muitos adeptos da filosofia que afirmam não ser lícito atentar contra a própria vida e consideram sacrilégio o suicídio: segundo eles, devemos aguardar o fim que a natureza nos destinou. Quem assim fala não vê como está tornando impossível a liberdade! Nada de melhor concebeu a lei eterna do que, embora apenas nos dando uma porta de entrada na vida, ter-nos proporcionado múltiplas saídas. Porque hei-de eu esperar que sobre mim se abata a crueldade das doenças ou dos homens se posso escapar-me por entre os tormentos e assim iludir a adversidade? Aqui está o único ponto em que não podemos queixar-nos da vida: ela não retém ninguém! A condição humana assenta numa base excelente: ninguém é desgraçado senão por sua própria culpa. A vida agrada-te? Então, vive! Não te agrada? És livre de regressar ao lugar donde vieste!... Para aliviares as dores de cabeça muitas vezes te submeteste à sangria; para debilitar todo o corpo basta abrir uma veia. Não é preciso rasgar todo o peito numa imensa ferida: um bisturi chega para abrir o caminho à suprema liberdade, um ponto diminuto do nosso corpo basta para nos garantir a segu- **14** **15** **16**

rança. Qual, então, o motivo que nos torna preguiçosos e cobardes? É que nenhum de nós pensa que, mais dia menos dia, havemos de abandonar esta morada, à maneira dos inquilinos antigos que as facilidades do local e o hábito

17 conservam nas suas casas meio em ruínas. Queres tu ser livre perante o teu próprio corpo? Habita-o com a disposição de quem está pronto à mudança. Mentaliza-te de que, mais tarde ou mais cedo, hás-de prescindir da sua companhia e assim sentir-te-ás mais forte quando fores obrigado a deixá-lo. Como, porém, hão-de compenetrar-se da inevitabilidade do próprio fim entes cujos desejos não conhe-

18 cem limites? Nenhuma meditação é tão imprescindível como a meditação da morte; entretanto vamo-nos prendendo com assuntos que, afinal, talvez sejam supérfluos. Temos o espírito preparado contra a pobreza porque os nossos bens permanecem intactos. Sentimo-nos bem munidos para fazer frente à dor porque a feliz condição de um corpo sólido e saudável nunca exigiu de nós a prática dessa virtude. Sentimo-nos perfeitamente capazes de suportar a saudade dos amigos desaparecidos porque afortu-

19 nadamente continuam vivos aqueles que amamos. Um dia virá, porém, que há-de pôr-nos diante o problema da morte! Não há razão para pensar que apenas os grandes homens tiveram a força necessária para romper as barreiras da servidão humana, não há motivo para pensar que um tal acto só está ao alcance de um Catão, que para exalar a alma abriu com as mãos a ferida que o punhal deixara estreita. Tem havido homens da mais baixa condição que num ímpeto de coragem alcançaram o porto seguro da morte: impedidos pelas circunstâncias de morrer tranquilamente, sem possibilidade de elegerem livremente o instrumento do suicídio, lançaram mão do que encontraram e, pela sua coragem, transformaram em armas objec-

tos por natureza inofensivos. Não há muito, um dos Germanos destinados aos combates com feras, enquanto se faziam no circo os preparativos para o espectáculo da manhã, retirou-se para satisfazer uma certa necessidade corporal — a única oportunidade que teve para estar sozinho, longe do olhar dos guardas; então agarrou num daqueles paus com uma esponja atada na ponta que se usam para limpar as imundícies e enfiou-o pela garganta abaixo, morrendo por asfixia. É o que se chama o cúmulo do desprezo pela morte. Mais, foi uma forma de suicídio nojenta, asquerosa: mas não será estupidez mostrar-se esquisito na morte?... Que atitude heróica a deste homem, bem digno de lhe ter sido facultada a escolha do seu destino! Que valor não mostraria ele se pudesse suicidar-se com um gládio, com que coragem não se precipitaria ele de uma rocha escarpada ou se lançaria às profundezas do mar! Mesmo desprovido totalmente de recursos, ainda assim encontrou uma arma que lhe abrisse as portas da morte. Por aqui podes ver como, para morrer, o único obstáculo que se nos põe é a vontade! Sobre o acto tão determinado deste homem cada um pode pensar o que quiser, desde que se assente neste ponto: é preferível o suicídio mais imundo à mais higiénica servidão!... **20** **21**

Já que comecei a citar casos de pessoas de baixa extracção vou continuar. Todos seremos mais exigentes para connosco se virmos que até os homens mais desprezíveis podem manifestar total desprezo pela morte. Pensamos habitualmente que os Catões, os Cipiões e outros que costumamos ouvir citar com admiração se ergueram a uma altura que os torna inimitáveis: pois bem, vou mostrar-te que entre os homens que combatem as feras, no circo, se encontram tantos exemplos de coragem como entre os generais da guerra civil. Recentemente deu-se o caso de **22** **23**

um homem que ia numa carroça, rodeado de guardas armados, para participar no espectáculo da manhã; fingindo-se cheio de sono, pôs-se a cambalear no assento até que conseguiu meter a cabeça entre os raios de uma roda, e conservou-se firme até que a roda ao girar lhe quebrou o pescoço: o carro que o conduzia ao suplício foi o ins-

24 trumento da sua liberdade! Quando queremos mesmo deixar esta vida não há obstáculos que nos possam impedir: a natureza deixa-nos abertas todas as portas! Quando as circunstâncias o permitem pode eleger-se uma forma de suicídio menos brutal; quando temos à mão muitos recursos com vista a esse objectivo podemos escolher entre eles e pensar qual a forma preferível de conquistar a liberdade; numa situação desesperada, contudo, há que tomar como melhor o meio que está mais ao alcance, por muito extravagante e original que seja. A quem deseja suicidar-se, desde que lhe não falte o ânimo, não lhe faltará também

25 a imaginação. Não vês tu como até os mais ínfimos escravos, quando a dor os estimula, se enchem de coragem e conseguem enganar os guardas mais vigilantes? Homem de valor é aquele que, não só exige de si o suicídio, como ainda encontra forma de o realizar. Mas eu prometi citar-te mais exemplos ocorridos nos jogos do

26 circo. Durante o segundo espectáculo de naumaquia,[4] um dos bárbaros enterrou na garganta a lança que recebera para combater os adversários. *"Porquê"* — disse ele — *"porquê não escapar desde já a todos os tormentos e humilhações? Porquê estar à espera da morte se tenho uma arma nas mãos?"* Espectáculo tanto mais admirável este, quanto mais conforme à moral é os homens apren-

---

[4] Espectáculo oferecido por Nero, v. Suetónio, *Nero*, XII.

derem a morrer em vez de matar! Pois quê? A coragem que estas almas depravadas ou mesmo criminosas manifestam, não a manifestaremos nós, a quem uma longa meditação, a quem o uso da razão, mestra universal, preparou contra todas as contingências? A razão ensina-nos que várias podem ser as vias seguidas pelo destino mas que o fim é apenas um e nada interessa o ponto de partida daquilo que é inevitável. A mesma razão te aconselhará a morrer, se possível, do modo que te agradar, se não, do modo que for viável, isto é, a aproveitar a forma de suicídio que as circunstâncias te depararem. Se é imoral viver impetuosamente,* morrer num ímpeto, pelo contrário, é admirável! **27**

71

1 De vez em quando colocas-me questões de ordem muito concreta, esquecido de que estamos separados por toda a vastidão do mar. Ora a relevância de um conselho assenta em grande parte na sua oportunidade; assim é inevitável que, em relação a certos problemas, a minha opinião chegue ao teu conhecimento quando a opinião contrária talvez fosse já a mais adequada. Os conselhos, de facto, têm de adequar-se às circunstâncias, porque a nossa vida se passa a correr, num turbilhão, e por isso mesmo um conselho tem de ser ministrado no dia exacto. E mesmo assim já pode chegar atrasado: tem de ser ministrado, como soe dizer-se, no instante exacto. Vou, no entanto, indicar-te um meio de te orientares. **2** Sempre que queiras saber qual a atitude a evitar ou a assumir, regula-te pelo bem supremo, pelo objectivo de toda a tua vida. Todas as nossas acções devem conformar-se com o bem supremo: somente é capaz de determinar as suas acções individuais

o homem que possui a noção do objectivo supremo da vida. Nenhum pintor, mesmo que tenha as tintas preparadas, consegue representar o que quer que seja se não tiver uma ideia definida do que quer pintar. Consequentemente, é um erro toda a gente deliberar sobre os episó-
3 dios da sua vida e ninguém sobre ela na sua totalidade. O arqueiro, ao disparar uma flecha, deve conhecer o alvo que pretende atingir para poder apontar e regular a força do disparo. As nossas deliberações serão vãs desde que não tenham um alvo preciso a atingir; quem não conhece o porto que demanda nunca encontrará ventos propícios! O acaso tem assim, necessariamente, muito peso na nossa
4 vida, porquanto nós vivemos ao acaso. Acontece até a muita gente pensar que não sabe coisas que sabe; sucede-nos com frequência não dar pela presença das pessoas que estão connosco, e, semelhantemente, ignorarmos que o objectivo do supremo bem está mesmo ao nosso lado! Não são precisas muitas palavras nem longos circunlóquios para tu entenderes em que consiste o bem supremo: apontar-te-ei, por assim dizer, com o dedo e do modo mais conciso possível. Aliás, que interesse tem decompor em elementos o supremo bem, quando se pode defini-lo como *"aquilo que se conforma com a moral"*, quando se pode até, para tua maior admiração, dizer que *"o único bem é aquilo que se conforma com a moral, todos os*
5 *outros bens são falsos e impuros"*. Se tu te convenceres disto, se tu adorares a virtude (pois amá-la, apenas, de pouco serve!), então tudo quanto seja tocado pela virtude terá a teus olhos nobreza e felicidade, independentemente do que os outros possam pensar. A submissão à tortura — desde que tu, a vítima, te sintas mais seguro de ti do que o carrasco —, a doença — desde que te não queixes da fortuna nem te deixes vencer pela enfermidade —,

tudo enfim que, na opinião corrente, são formas de mal, perderá a sua força e transformar-se-á em bem se tu fores capaz de dominar a situação! Uma coisa tem que ficar clara: não é um bem senão o que for moral; todas as adversidades merecerão até o nome de bens desde o momento em que a virtude lhes confira valor moral. Muita gente pensa que as nossas teorias estão acima do que a condição humana permite, e com uma certa razão, quando apenas se toma em consideração o corpo. Mas se passar a tomar-se em consideração a alma, ver-se-á como a bitola para medir o homem deve passar a ser a divindade! **6**

Eleva-te, Lucílio, meu excelente amigo, abandona essas frioleiras literárias de certos filósofos que reduzem a grandeza da filosofia à análise das sílabas e rebaixam e humilham a alma com os seus ensinamentos de pormenor! Tornar-te-ás assim igual aos descobridores destes princípios e não a esses mestres e praticantes de filosofia que fazem dela uma coisa abstrusa, em vez de um estudo sublime. Sócrates, que reduziu toda a filosofia à ética, dizia que a suprema sabedoria consistia em distinguir o bem e o mal. *"Se a minha autoridade tem para ti algum valor"* — dizia ele — *"pratica a moral para poderes ser feliz, e não te importes que fulano ou cicrano te ache estúpido. Deixa que os outros te ofendam e te injuriem; desde que possuas a virtude em nada serás lesado por isso. Se queres ser feliz, se queres ser um homem de bem e digno de confiança, não te importes que os outros te desprezem!"* Ninguém conseguirá atingir este nível se previamente não tiver negado qualquer valor a tudo o mais, se não tiver colocado todos os bens em pé de igualdade — porque não existe bem onde não há moral, e a moral é sempre a mesma em todas as circunstâncias. **7**

8 *"Que dizes? Então é indiferente que Catão seja eleito ou recusado para pretor?*[5] *É indiferente que, na batalha de Farsália, Catão seja vencido ou saia vencedor?*[6] *O bem resultante de Catão, mesmo após a derrota do seu partido, não poder ser derrotado, é equivalente ao bem que resultaria de Catão regressar à pátria como vencedor e como artífice da paz?"* Como não, se idêntica é a virtude com que se domina a má fortuna ou se usufrui da boa? A virtude não pode ser maior ou menor, tem apenas uma
9 grandeza absoluta. *"Mas Gn. Pompeio perderá o seu exército, o partido aristocrático — o mais belo adorno da república romana —, o senado em armas — a primeira linha do partido pompeiano —, será posto em fuga nessa única batalha, enquanto a queda em ruínas de um tão grande império se dividirá pelo mundo inteiro: parte desmoronar-se-á no Egipto, parte em África, parte na Hispânia.*[7] *Para cúmulo da miséria, à república romana*
10 *nem ao menos foi dado ruir de uma só vez!"* Tudo isso sucederá, e mais ainda, no seu próprio reino, de nada valerá a Juba o conhecimento do terreno nem a coragem obstinada do povo em defesa do seu rei; os uticenses, dominados pela adversidade, romperão os vínculos da lealdade, e a fortuna proibirá a Cipião em África o uso do velho cognome! Desde sempre, porém, a providência velou

---

[5] Catão não foi eleito para a pretura em -56, só o conseguindo em -54.

[6] Aparente erro histórico, já que Catão não tomou parte na batalha. Mas a frase pode entender-se sem a tomarmos à letra: Catão = o partido, a posição de que o mais importante representante foi Catão (cf. o verso famoso de Lucano, *bell. ciu., I, 128).*

[7] Os três principais teatros da guerra civil, v. os três opúsculos pseudo-cesarianos *Bellum Africum, Bellum Alexandrinum, Bellum Hispaniense.*

por que Catão em nada fosse lesado! *"Mas Catão foi vencido!"* Podes inserir este episódio entre as derrotas de Catão; mas a impossibilidade de vencer a guerra, Catão encara-a com a mesma grandeza de alma com que viu ser-lhe recusada a pretura. No dia em que perdeu as eleições entreteve-se a jogar, na noite em que decidiu suicidar-se entreteve-se a ler; situou no mesmo plano a recusa para a pretura e a partida desta vida, convencido como estava de que devemos suportar todas as contingências. **11**

De resto, porque razão não havia ele de encarar com coragem e equanimidade esta transformação da república? Há alguma coisa que esteja isenta do perigo da mudança? Não o está a terra, nem o céu, nem toda esta máquina do universo, embora se mova por acção da divindade; o mundo não conservará sempre a ordem actual, um dia virá que o há-de desviar do presente curso. Todos os seres obedecem à lei do tempo: tudo tem de nascer, crescer, extinguir-se. Os corpos celestes que tu vês girar sobre as nossa cabeças, este solo, aparentemente tão sólido, em que assentamos firmemente os pés, tudo há-de murchar e de extinguir-se; em todo o ser está contida a sua futura degenerescência![8] A natureza, embora as respectivas durações sejam diferentes, destina ao mesmo fim todos os seres: o que é, deixará de ser, não porque seja aniquilado, mas porque se transforma. Para nós, porém, a metamorfose é equivalente à aniquilação porque apenas consideramos os resultados imediatos, porque o nosso espírito embotado e agarrado a este corpo não é capaz de ver **12** **13** **14**

[8] Sobre a "mortalidade" do universo v. Zenão em *S. V. F.*, I, 106; sobre a "concentração" da alma do mundo v. *S. V. F.*, II, 604; sobre a "conflagração" v. por ex. *S. V. F.*, II, 605.

mais além. Se assim não fosse, o homem teria mais coragem para encarar o fim próprio e o dos seus, caso pensasse que, como tudo o mais, a vida e a morte se sucedem alternadamente, que cada coisa se dissolve nos seus componentes, que componentes dispersos se agregam para formar cada ser, e que nesta actividade se manifesta eternamente a acção da divindade que modera o universo[9].

15 Deste modo, percorrendo com o espírito todo o revolver dos tempos, poder-se-ia dizer como M. Catão: "*Toda a espécie humana, presente ou futura, está condenada à morte; todas as cidades florescentes que tem havido, todas as metrópoles enriquecidas por conquistas imperiais — um dia ignorar-se-á até onde ficavam, pois todas desaparecerão, levadas por várias formas de destruição: umas serão arrasadas pela guerra, a outras consumi-las-á a inacção, a paz transformada em indolência, e essa peste funesta que se sucede à abundância da riqueza: o luxo! Todas estas planícies férteis serão submersas por uma inesperada irrupção do mar ou ruirão nas entranhas da terra por súbito aluimento do solo. Porquê então indignar-me ou afligir-me se precedo um pouco o destino comum da*

16 *República?*" Uma alma grande deve submeter-se à divindade e obedecer sem hesitação à lei geral do universo: após a morte a alma, ou passa a uma forma superior de vida ascendendo, luminosa e tranquilamente, à esfera divina, ou então, caso volte a confundir-se no todo da natureza, decerto não sofrerá com isso a mínima aflição[10]. Por consequência a vida segundo a ética de M. Catão não é um bem superior à sua morte segundo a ética, uma vez que a

---

[9] Cf. *S. V. F.*, I, 98.

[10] Cf. supra, livro VII, nota 15.

virtude não pode sofrer acréscimo algum. Sócrates dizia que verdade e virtude são uma e a mesma coisa. Tal como a verdade não pode ser acrescida, também a virtude o não pode: a virtude só tem uma medida, é um valor absoluto.

17 Não há, portanto, razão para te admirares quando te digo que todos os bens são iguais, quer os que obtemos deliberadamente, quer os que as circunstâncias nos proporcionam. Se admitires desigualdade entre estas duas categorias e incluíres, por exemplo, a coragem perante os tormentos na classe dos bens inferiores, estarás, ao fazer isso, a incluí-lo na classe dos males; serás levado a dizer que Sócrates era infeliz na prisão, que Catão se sentia infeliz ao abrir a ferida com ânimo ainda maior do que mostrara ao ferir-se, que Régulo foi o mais desgraçado dos três quando se entregou à tortura para guardar a palavra dada aos inimigos! Ninguém, todavia, — a menos que seja o último dos cobardes —, ousará afirmar tal coisa: há quem negue que Régulo fosse feliz, mas ninguém afirma que fosse desgraçado! **18** Os antigos Académicos admitem que se possa ser feliz no meio da tortura, mas não de uma forma total e plena[11]. Tal posição é inaceitável: se não se for feliz, não se pode gozar do supremo bem. O supremo bem não admite qualquer grau superior a si, desde que nele se contenha a virtude, e desde que a virtude não seja diminuída pela adversidade e permaneça intacta mesmo que o corpo sofra alguma amputação: e de facto a virtude mantém-se! É que eu concebo a virtude como animosa e sublime, e tanto mais ardente quanto mais obstáculos encontra. **19** A mesma disposição de espírito que assumem

---

[11] Cf. infra, carta 85, 18.

frequentemente os jovens de índole nobre quando se deixam tocar pela beleza de qualquer acção eticamente válida a ponto de desprezarem todos os eventuais condicionalismos, essa mesma disposição incutirá e infundirá em nós a filosofia; ela nos persuadirá de que o único bem é aquilo que é conforme à moral — e de que um tal bem não admite nem diminuição nem acréscimo, assim como não admite curvatura a régua com que se traça uma linha recta. A mínima alteração nessa régua implica um defeito
20 na rectidão da linha. O mesmo, portanto, diremos da virtude: é como uma linha recta, que não admite a mínima curvatura; pode a virtude tornar-se mais rígida, mas nunca poderá tornar-se mais intensa[12]. A virtude formula juízos sobre tudo, mas nada pode formular juízos sobre ela. E se a própria virtude não pode tornar-se mais recta, também as acções que se realizam por meio da virtude não podem ser mais rectas umas do que as outras, pois todas elas têm de se conformar com a virtude; donde se conclui que todas são iguais entre si.

21 *"Que dizes? Estar reclinado num festim ou estar a ser torturado são coisas iguais entre si?"* Parece-te estranho? Pois digo-te uma coisa que ainda vais estranhar mais: estar reclinado num festim é um mal enquanto estar deitado na mesa de torturas é um bem se no primeiro caso agirmos contra a moral e no segundo, conforme a moral! Não é a matéria do acto, mas sim a virtude que distingue os actos em bons e maus; onde quer que esteja presente a virtude só pode haver uma medida, só pode haver um
22 valor. Já sei que me exponho aos ataques de quem mede pelo seu próprio o ânimo dos demais, ao afirmar que são

---

[12] Tradução conjectural, dada a corruptela do texto.

equivalentes os bens do juiz que julga segundo a ética e os do citado em juízo que se mantém dentro dos princípios da ética, ou ao declarar igualmente boa a posição do general triunfador e a do prisioneiro que marcha adiante do carro triunfal sem que a sua alma se deixe abater! Há pessoas que julgam impossível tudo quanto elas próprias são incapazes de fazer, ou seja, que opinam sobre a virtude partindo do ponto de vista das próprias debilidades. Porquê espantar-nos que possa ser vantajoso, por vezes mesmo desejável, expor-nos ao fogo, às feridas, à morte, à prisão? Para o homem esbanjador a austeridade é um castigo, para o preguiçoso o trabalho equivale a um suplício; ao efeminado toda a labuta causa dó, para o indolente qualquer esforço é uma tortura: pela mesma ordem de ideias toda a actividade de que nos sentimos incapazes se nos afigura dura e intolerável, esquecendo-nos de que para muitos é uma autêntica tortura passar sem vinho ou acordar de madrugada! Qualquer destas situações não é difícil por natureza, os homens é que são moles e efeminados! **23**

Para formar juízos de valor sobre as grandes questões há que ter uma grande alma, pois de outro modo atribuiremos às coisas um defeito que é apenas nosso, tal como objectos perfeitamente direitos nos parecem tortos e partidos ao meio quando os vemos metidos dentro de água. O que interessa não é o que vemos, mas o modo como vemos; e no geral o espírito humano mostra-se cego para a verdade! **24**

Indica-me um jovem ainda incorrupto e de espírito alerta, e ele não hesitará em julgar mais afortunado o homem capaz de suportar todo o peso da adversidade sem dobrar os ombros, o homem capaz de alçar-se acima da fortuna. Não é proeza nenhuma manter a calma quando a situação é tranquila; é admirável, pelo contrário, conservar o ânimo quando todos se deixam abater, manter- **25**

26 mo-nos em pé quando todos jazem por terra. O que há de mal na tortura e em tudo o mais a que damos o nome de "adversidade"? Apenas isto, segundo penso: o facto de nos abaixar, abater, humilhar o espírito. Ora nada disto pode suceder ao homem sábio, o qual se mantém vertical seja qual for o peso sobre os seus ombros. A um tal homem, coisa alguma deste mundo pode humilhar; um tal homem a nada do que é inevitável se recusa. O sábio não se lamenta se lhe acontecer algo daquilo a que a condição humana está sujeita. Conhece as próprias forças, sabe que 27 não vergará sob o peso. Com isto eu não estou a colocar o sábio à parte do comum dos homens nem a julgá-lo inacessível à dor como se de um penedo insensível se tratasse. Apenas recordo que o sábio é composto de duas partes:[13] uma é irracional, e sensível, portanto, às feridas, às chamas, à dor; a outra é racional, dotada de convicções inabaláveis, inacessível ao medo, indomável. É nesta parte que reside o supremo bem para o homem[14]. Enquanto o seu bem próprio ainda está por preencher, o espírito do homem pode resvalar na incerteza, mas desde o momento em que atinge a perfeição adquire para sempre a estabili-28 dade total. O homem que iniciou a marcha para o bem supremo e cultiva a virtude, mas que, embora se aproxime da meta, ainda não atingiu a plenitude, pode por vezes recuar e diminuir algum tanto a sua energia mental; é compreensível, pois ainda não ultrapassou a fronteira da incerteza, ainda escorrega na dúvida. Mas o homem que atingiu a ventura da perfeita virtude, esse tanto mais respeito tem por si mesmo quanto mais violentamente já foi

---

[13] Cf. *S. V. F.*, II, 762.
[14] Cf. *S. V. F.*, II, 879; III, 20.

posto à prova; acções que fazem recuar os outros, se forem exigidas por qualquer dever moral, tal homem fá-las-á, e com entusiasmo, preferindo de longe ouvir gabar o seu valor do que a sua felicidade!

29 Mas vamos enfim à questão que esperas ouvir-me tratar. Para que te não pareça que a virtude estóica paira para além do humanamente possível,[15] dir-te-ei que o sábio também pode estremecer, sofrer, perder a cor, pois tudo isto são sensações fisicamente naturais. Onde é que está então a desgraça, quando é que estes sintomas se tornam num mal verdadeiro? É apenas quando causam o abatimento da alma, quando levam o homem a confessar a sua servidão, quando o forçam a arrepender-se de si mesmo. 30 O sábio será capaz de dominar a fortuna com a sua virtude, ao passo que muitos adeptos da filosofia se deixarão assustar por ameaças de somenos importância. Neste ponto será nosso o erro se exigirmos de um principiante aquilo que exigimos ao sábio. Pelo que me toca, ainda estou na fase de assimilação destes princípios, ainda não atingi a fase da completa persuasão; e mesmo que a tivesse atingido, não teria ainda tempo para os ter de tal modo assimilado e praticado que eles me pudessem ocorrer em qualquer emergência. 31 Há certas cores que a lã assimila a uma só passagem, outras só ao fim de muitas aplicações ficam bem impregnadas no tecido; semelhantemente, há certas áreas do conhecimento que, uma vez apreendidas, podem de imediato ser postas em prática; a filosofia, porém, só após longa e profundamente interiorizada, só depois de ter não só colorido mas impregnado mesmo a alma, é que está em condições de proporcionar os resul-

---

[15] *Cf. S. V. F.*, III, 668, 544, 545.

32 tados inicialmente prometidos. De uma forma breve e sintética esta tese pode resumir-se assim: o único bem é a virtude, não existe bem onde não existe virtude e quanto à virtude diremos que ela reside na melhor parte de nós mesmos, ou seja, na parte racional. A virtude não é outra coisa senão a faculdade de ajuizar de uma forma correcta e imutável; dessa faculdade provêm as decisões da vontade, e graças a ela se clarifica a natureza de todas as
33 formas que despertam a vontade. De acordo com essa faculdade é legítimo considerar como bens, — e como bens iguais entre si — tudo aquilo em que existe a presença da virtude. Os bens do corpo são de facto bens para o corpo, mas não são bens de valor absoluto; tais bens podem ter algum valor, mas carecem de dignidade; entre eles existem consideráveis diferenças, uns são mais
34 valiosos, outros menos. Entre os próprios praticantes da filosofia devemos necessariamente admitir que existem fortes diferenças: este, por exemplo, já progrediu tanto que se atreve a erguer os olhos para a fortuna, embora sem constância (pois os olhos ficam como cegos perante o excessivo brilho); aquele já avançou tanto que, se não chegou ainda à meta e ganhou plena confiança em si mesmo, já pode pelo menos encarar de frente a fortuna.
35 Uma coisa ainda incompleta está necessariamente sujeita a oscilar, a progredir, a recuar ou mesmo a ruir. E ruirá certamente, se não houver vontade e esforço em andar para a frente! Se abrandamos um pouco que seja a aplicação e o esforço constante, andaremos certamente para trás. E ninguém conseguirá retomar o progresso no mesmo ponto em que o interrompeu!

36 Só há uma solução, portanto: ser firme e avançar sem descanso. O caminho que resta percorrer é mais longo que o já percorrido, mas grande parte do progresso con-

siste na vontade de progredir. De uma coisa tenho eu plena consciência: quero progredir, quero-o com toda a alma! Sei que também tu estás cheio de entusiasmo no sentido de buscar atingir a virtude com todas as energias. Avancemos, pois só assim a vida nos será de utilidade. De outro modo não passa de um entrave, e um entrave desonroso para quem vive no meio do vício. Façamos com que todo o nosso tempo nos pertença, o que só será possível se começarmos por nos tornarmos donos de nós próprios. Quando nos será concedida a indiferença perante **37** as boas ou más graças da fortuna? Quando nos será dada a faculdade de dominar todas as paixões, de submetê-las à nossa vontade, de poder enfim dizer esta palavra: "venci!"? Perguntas-me quem é que eu pretendo vencer? Não são os Persas, nem as últimas tribos da Média, nem os povos guerreiros que porventura existam para além da Dácia, mas sim a avidez, a ambição e o medo da morte — que até dos grandes conquistadores do mundo saiu vencedor!

72

A questão que me puseste era para mim imediata- **1** mente evidente, dado que eu tinha estudado a fundo esse assunto. Sucede, porém, que há um certo tempo tenho estado sem exercitar a memória que, por isso, me não acode com facilidade. Passa-se comigo o mesmo que com os livros que se colam quando não são manuseados: tenho de "desenrolar" o meu espírito[16] e, sem demora, pôr em movimento todos os conhecimentos nele depositados

---

[16] O livro antigo era um rolo de papiro, ou pergaminho, que se ia *desenrolando* à medida que prosseguia a leitura; daí a metáfora.

de modo a tê-los em forma sempre que me forem necessários. Essa tua questão, portanto, vamos adiá-la por agora, dado que ela me vai exigir considerável esforço e atenção. Quando tiver oportunidade de permanecer com certa demora
2 no mesmo sítio tomarei o assunto entre mãos. É que, enquanto certos temas se podem escrever mesmo quando andamos de carro, outros, pelo contrário, exigem repouso, vagar, solidão! De qualquer modo, mesmo durante estes dias plenos de ocupações, devemos meditar sobre um tema qualquer, e isso ao longo de todo o dia. Novas ocupações é coisa que todos os dias temos: parece que fazemos sementeira delas, de uma vão sempre nascendo outras. E o resultado é que continuamente vamos adiando os nossos estudos: "quando tiver terminado esta tarefa dar-me-ei à filosofia de alma e coração", dizemos nós, ou então: "mal me veja livre desta maçadora tarefa vou entregar-me ao
3 estudo!" Ora nós não deveremos praticar a filosofia quando tivermos vagar, mas sim conseguir o máximo de vagar para podermos praticar a filosofia! Há que pôr de lado todas as demais ocupações para nos consagrarmos a um estudo ao qual nunca será demais o tempo dedicado, ainda que a vossa vida se prolongue desde a infância até à máxima longevidade possível. Não faz muita diferença que o estudo da filosofia seja totalmente negligenciado ou apenas cortado de interrupções; de facto, se interrompemos o estudo, nunca ficaremos no ponto em que a interrupção se deu, mas, à maneira de uma mola excessivamente esticada, voltamos ao ponto de partida, precisamente por carecermos de continuidade. Temos de oferecer resistência às nossas ocupações, temos de as eliminar, em vez de as multiplicar. Não há ocasião alguma que seja menos oportuna para um tão salutar estudo; e apesar disso muitos homens há que o não praticam por andarem envolvi-

dos em situações que precisamente tornam tal estudo imprescindível. *"Há-de surgir qualquer coisa que me impeça o estudo!"* Não, se se tratar de alguém cujo espírito se entregue à tarefa com alegria e entusiasmo: a alegria pode sofrer interrupções no caso de pessoas ainda insuficientemente avançadas, enquanto, no caso do sábio, o bem estar é um tecido contínuo que nenhuma ocorrência, nenhum acidente pode romper; em todo o tempo, em todo o lugar o sábio goza de tranquilidade! Porquê? Porque o sábio não depende de factores externos, não está à espera dos favores da fortuna ou dos outros homens. A sua felicidade está dentro dele; fazê-la vir de fora seria expulsá-la da alma, que é onde, de facto, a felicidade nasce! Pode uma **5** vez por outra surgir qualquer ocorrência que lembre ao sábio a sua condição de mortal, mas ocorrências deste tipo são de somenos importância e não o atingem mais do que à flor da pele. O sábio, insisto, pode ser tocado ao de leve por um ou outro contratempo, mas para ele o sumo bem permanece inalterável. Volto a dizer que lhe podem ocorrer contratempos provindos do exterior, tal como um homem de físico robusto não está livre de um furúnculo ou de uma ferida superficial; em profundidade, porém, não há mal que o atinja. A diferença existente, insisto **6** ainda outra vez, entre o homem que atingiu a plenitude da sabedoria e aquele que ainda lá não chegou é a mesma que se verifica entre um homem são e um convalescente de doença grave e prolongada. Para este a diminuição da intensidade da doença já quase significa saúde mas, se não se precaver, o mal rapidamente se agrava e volta à primitiva forma; o sábio, em contrapartida, nem pode retroceder, nem sequer pode avançar mais na via da sapiência. A saúde do corpo está à mercê do tempo e o médico, se a pode restituir, não a pode garantir perpetuamente, e tanto

assim é que com frequência o mesmo doente o volta de novo a chamar; a saúde da alma, essa — obtém-se de 7 uma vez por todas — e totalmente! Dir-te-ei agora o que significa uma alma sã: é cada um contentar-se consigo mesmo, ter confiança em si próprio, saber que todos os votos feitos pelos homens, todos os benefícios que trocam entre si não têm a mínima importância para a obtenção da felicidade. Uma coisa passível de acréscimo não é uma coisa perfeita; o homem que quer vir a possuir uma permanente alegria, tem de fruir apenas do que efectivamente lhe pertence. Ora todos os bens a que o comum dos mortais aspira são, de uma forma ou outra, transitórios, pois de coisa alguma a fortuna nos permite a posse para sempre. Mesmo esses bens transitórios, contudo, podem ser-nos agradáveis se estiverem sujeitos ao controlo e à influência da razão; apenas a razão pode tornar recomendáveis esses bens, cujo usufruto se revela nocivo a 8 quem os ambiciona por si mesmos. Átalo usava habitualmente deste símile: *"Já viste com certeza um cão de boca aberta, pronto a agarrar os bocados de pão ou de carne que o dono lhe atira? Cada bocado que apanha engole-o logo todo inteiro, e novamente abre a goela na esperança do mais que há-de vir. Connosco passa-se o mesmo: pomos imediatamente de lado tudo quanto a fortuna nos atira para satisfação das nossas expectativas, e ficamos ansiosos e embasbacados à espera de agarrar a próxima dádiva!"* Atitude semelhante nunca o sábio a tem: o sábio goza de plenitude; é com plena segurança que recebe ou restitui os dons da fortuna; usufrui de uma alegria inexcedível, per- 9 manente, sua, para sempre. Um homem dotado de boa vontade, já algo avançado na prática da filosofia mas muito distante ainda da plenitude, pode deixar-se afectar pelas alternâncias da sorte, sentindo-se umas vezes elevado até

ao céu e outras completamente prostrado por terra. Quanto àqueles que por completo são destituídos de estudos filosóficos, a sua queda no abismo não conhece limite: tudo se passa como se tombassem no caos de Epicuro, no vazio sem fronteiras![17] Há ainda um terceiro género de homens: **10** o daqueles que se iniciaram na filosofia mas ainda a não dominam; têm-na, todavia, como meta já visível, já — passe a expressão — ao alcance da mão! Este tipo de homens já se não deixará abater, já avançou demais para retroceder: eles não pisam ainda a terra firme, mas já se encontram dentro do porto! Dado que há, como vimos, **11** uma tão grande diferença entre o tipo superior e o tipo inferior de homens; dado que mesmo o tipo intermédio está sujeito às suas flutuações, nomeadamente ao perigo gravíssimo de regressar aos hábitos nocivos, impõe-se esta conclusão: nós não devemos ceder às nossas ocupações! Temos de nos livrar delas; se as deixarmos tomarem conta de nós, então, quando umas cessarem outras virão tomar o seu lugar! Façamos por as recusar liminarmente; melhor é não começar a praticá-las do que ter de pôr-lhes fim abruptamente!

73

Em minha opinião laboram em erro aqueles que pensam serem os fiéis praticantes da filosofia homens insolentes e obstinados, que apenas sentem desprezo em relação aos magistrados, aos reis, a todos enfim a quem cabe o encargo da administração pública. É precisamente o contrário que se passa: nenhuma classe de pessoas lhes tem **1**

---

[17] Epicuro, fr. 270, 272, 273 Usener.

maior gratidão e com toda a justiça, pois a ninguém os seus préstimos são mais notórios do que aos filósofos, aos quais proporcionam as benesses de uma vida de ócio e
2 tranquilidade. Os filósofos, portanto, que nos seus esforços com vista a uma vida consagrada à moral só têm a beneficiar com a segurança social, veneram como a um pai o príncipe a quem devem tal benesse; têm mesmo para com ele uma dívida muito superior à dos que vivem no meio da agitação da política, pois estes, embora muito devam aos príncipes, muito também exigem deles, como gente cujas ambições, tanto maiores quanto mais são satisfeitas, liberalidade alguma pode contemplar a ponto de as deixar saciadas. De facto, quem pensa no que está para receber, esquece com facilidade os benefícios já recebidos: o maior mal que a ambição arrasta consigo é a sua per-
3 manente ingratidão. Acrescente-se ainda que nenhum político pensa no número de adversários que já venceu, mas apenas naqueles por quem foi vencido; para os políticos é menos grato ver muitos em posição inferior à sua do que penoso lhes é ver alguém na sua dianteira. É este um vício comum a toda a espécie de ambição: nunca olhar para trás. Aliás, não é somente a ambição que é instável, mas todo o tipo de desejo, porquanto sempre começa pelo
4 fim. Em contrapartida, o homem sincero e puro que abandona o senado, o foro e todos os demais cargos administrativos do Estado, esse homem só sente estima pelo príncipe que lhe permite a libertação, apenas esse homem pode testemunhar desinteressadamente em favor do príncipe e ter em relação a ele, sem que este o saiba, uma enorme dívida de gratidão[18]. O filósofo tem pelos

---

[18] O abandono do Senado, etc., foi o que Séneca fez a partir de 62, para o que achou por bem ter uma longa conversa com Nero a fim de lhe dar conta da sua resolução; v. a narração do caso em Tácito, *Ann.*, XIV, 52-56.

mestres a quem ficou devendo a libertação do caminho do erro toda a veneração e respeito; o mesmo sente ele em relação ao príncipe, à sombra de cuja protecção pode dedicar-se aos seus elevados estudos!

5 *"Mas um rei não se limita a dar a sua protecção aos filósofos."* É evidente que não. Mas vejamos. Imagina que Neptuno proporcionou a uma travessia marítima a mais completa calmaria: não é verdade que, em idênticas circunstâncias, um homem cujo navio transportava uma carga maior e mais preciosa se mostrará mais grato para com o deus? Não é verdade que o mercador pagará mais pressurosamente a promessa feita do que o simples passageiro? Não é verdade que, mesmo entre os mercadores, se lhe mostrará muito mais grato aquele que transportava perfumes, púrpuras e outros bens pagáveis a peso de ouro do que um outro cuja carga quase nada valia e quase só servia para lastro? Pois com os filósofos a situação é a mesma: o benefício da paz, embora extensível a todos, sentem-no mais profundamente os que dela sabem usar. 6 De entre os nossos concidadãos muitos há que despendem mais energia em tempo de paz do que em tempo de guerra: gente que aproveita a paz para se entregar à bebida, à luxúria e a outros vícios — que até a guerra forçaria a interromper! — crês tu que a sua dívida de gratidão seja idêntica à do filósofo? A menos que se dê o caso de tu imputares ao sábio a injustiça de pensar que em relação aos benefícios comuns a todos lhe não cabe igualmente uma dívida de gratidão pessoal. Eu sinto-me muito devedor dos benefícios do sol e da lua, embora estes astros não nasçam para meu benefício exclusivo; sinto-me particularmente obrigado em relação ao ciclo do tempo e à divindade que o governa, embora não fosse para meu exclusivo proveito que as estações foram dis-

7 criminadas[19]. A estúpida avareza dos homens estabelece uma distinção entre a posse em comum e a posse em privado, e por isso ninguém considera verdadeiramente seu o que é de propriedade pública. O sábio, pelo contrário, nada considera como mais seu do que aquilo cuja posse é comum a todo o género humano. De resto, esta espécie de bens não poderia ser de facto comum se uma parte dela não fosse propriedade de cada um. A posse de um bem — ainda que numa ínfima parte — em comum faz com que surja a sociedade.

8 Acrescenta ainda mais isto: os bens importantes e autênticos não são divisíveis de modo a que cada homem obtenha só uma pequena porção: chegam às mãos de cada um na sua totalidade. Numa distribuição de salários, cada homem levará aquilo que a cada um foi atribuído; num banquete, numa refeição vulgar - tudo aquilo de que nos apropriamos "fisicamente" pode ser divisível em partes. Mas a paz e a liberdade são bens indivisíveis, são pro-
9 priedade total tanto de todos como de cada um. O filósofo, portanto, considera a quem deve o uso e o benefício destes bens — a quem deve o facto de as necessidades públicas o não chamarem às fileiras, às vigílias, à defesa das muralhas, ao pagamento de impostos de guerra — e dá graças ao príncipe que assim o governa[20]. Uma máxima fundamental da filosofia é esta: ser escrupuloso tanto a receber como a retribuir um benefício. Ocasionalmente,
10 para o retribuir será bastante reconhecê-lo. O sábio, por conseguinte, reconhecerá a sua imensa dívida ao príncipe

---

[19] Texto corrupto; a tradução correspondente à conjectura de Hense *tempora discripta sint.*
[20] Lit. "ao seu timoneiro", imagem talvez ainda inspirada pela célebre metáfora da "nau do Estado" (Horácio, *carm.*, I, 14).

cuja administração e supervisão lhe facultam o ócio produtivo, a liberdade de usar o seu tempo, e uma tranquilidade que as ocupações públicas não vêm perturbar.

> *Ó Melibeu, um deus foi quem nos proporcionou este ócio, pois um deus para mim será esse homem sempre!*[21]

11 Se este ócio de que fala Vergílio deve muito ao homem que o facultou, quando o seu principal proveito consiste em que

> *esse homem, como vês, permite que as minhas vacas deambulem*
> *enquanto eu, na minha agreste flauta, toco o que me apraz,*[22]

não é verdade que muito maior valor devemos nós atribuir a um ócio que nos faz viver entre os deuses, que faz de nós deuses?

12 Isto é o que eu penso, amigo Lucílio, e, para exemplificação, convido-te a acompanhar-me ao céu! Sêxtio costumava afirmar que o poder de Júpiter não é superior ao do homem de bem. Júpiter tem à sua disposição maior quantidade de benefícios a prestar aos homens; entre dois homens de bem, todavia, não é melhor o que for mais rico, tal como entre dois timoneiros igualmente expertos na sua arte não diremos que um deles é superior por o seu navio ser maior e mais belo! 13 Em que é Júpiter superior a um homem de bem? Apenas em que a sua bondade dura mais! O sábio em nada se considera inferior só porque as suas virtudes estão circunscritas a um menor espaço de tempo. De entre dois sábios, aquele que tiver morrido mais velho não é mais feliz do que o outro, cuja vida de virtude foi truncada mais cedo; do mesmo modo

21 Vergílio, *Buc.*, I, 6-7.

22 Vergílio, *ibid.*, 9-10.

nenhum deus ultrapassa o sábio em felicidade, embora o ultrapasse em duração; ora a virtude não é maior só pelo
14 facto de durar mais tempo. Júpiter possui tudo, mas desse "tudo" transmite a posse a outros: Júpiter só pode usar dos seus bens no sentido de ser causa de todos os usarem. Quanto ao sábio, vê todos os bens serem usados pelos outros com a mesma equanimidade e indiferença que Júpiter, e tem muito maior respeito por si próprio, porque enquanto Júpiter não usa desses bens porque não pode, o
15 sábio não os usa porque não quer! Podemos, portanto, acreditar em Sêxtio quando este nos aponta o caminho, dizendo que

> *"por esta via se chega até às estrelas,*[23]
> *que esta é que é a via da frugalidade, da temperança,*
> *da coragem."*

Os deuses não nos desprezam nem invejam, antes nos admitem à sua presença e nos estendem a mão para
16 ajudar-nos a subir! Admiras-te que um homem possa ascender à presença dos deuses? A divindade é que vem até junto dos homens e mesmo, para lhes ficar mais próxima, penetra até ao interior dos homens, pois sem a presença divina não é possível existir a virtude! As sementes divinas existem dispersas no corpo humano: se forem tratadas por quem as saiba cultivar, elas crescerão à semelhança da sua origem, desenvolver-se-ão em plano idêntico ao da divindade de que provieram; mas se caírem nas mãos de um mau cultivador então este, tal como um terreno estéril e pantanoso, matá-las-á, produzindo ervas daninhas em vez de searas.

---

[23] Vergílio, *Aen.*, IX, 641 (cf. supra carta 48, 11).

A tua carta encheu-me de satisfação e restituiu-me um pouco as forças que me vão faltando; reavivou-me mesmo a memória que já se me vai tornando cansada e lenta. Porque não hás-de considerar, caro Lucílio, que o principal meio para obter a felicidade consiste na convicção de que não há outro bem além do bem moral? Quem admite a existência de outros bens sujeita-se ao poder da fortuna, fica na dependência de uma vontade alheia; mas quem circunscreve o bem ao bem moral pode ser feliz sem depender de ninguém. Este homem sente-se vencido pela dor de ter perdido os filhos, aquele outro andará em cuidados por os ver doentes, o outro além estará angustiado por os saber nas bocas do mundo, e mesmo gozando de má reputação; verás também quem ande torturado de amor por uma mulher que lhe não pertence, ou pela sua própria; não faltará quem se atormente devido a um insucesso político; a outros ainda as próprias honras serão motivo de angústia. Mas entre todos os homens não há grupo mais atormentado do que os que se deixam angustiar pela expectativa da morte continuamente iminente, pois qualquer circunstância a pode originar. E assim, como quem atravessa um território inimigo, há que estar atento à direita e à esquerda, virar a cabeça ao mínimo rumor. Quem não consegue expulsar do ânimo o medo da morte vive sempre com o coração em ânsias. Vir-lhe-ão à memória casos de homens mandados para o exílio, privados dos seus bens; vir-lhe-ão à memória casos de pessoas a quem as riquezas de nada valem — a forma mais insuportável de indigência! —; vir-lhe-ão à memória casos de náufragos, em sentido próprio ou figurado — homens a quem a ira ou a inveja do povo (arma terrível mesmo para os melhores!) destruiu inesperadamente quando nada o fazia

1 2 3 4

prever, à maneira de uma tempestade que surge quando tudo pressagia bom tempo, ou da súbita queda de um raio que faz abalar com a sua força todo o espaço circundante! Neste último caso, quem se encontre perto do local onde o raio tombou fica entorpecido, como se tivesse sido atingido; no primeiro, quando a desgraça inopinadamente abate alguém, todos os restantes ficam tomados de medo, por saberem que a mesma angústia por que os outros passa-

5 ram pode também tocar-lhes a eles! Todos se afligem com os males repentinos que caem sobre os outros. Tal como as aves se assustam mesmo com o ruído de uma funda desarmada, também nós nos deixamos atormentar só pelo ruído, e não tanto pela pancada. Ora ninguém pode sentir-se feliz com esta maneira de pensar. Só há felicidade onde não há medo; não gozamos a vida quando

6 tudo nos faz desconfiar. Quem se confia ao acaso não consegue mais do que uma inesgotável e contínua fonte de cuidados; só há uma via para se alcançar a segurança: desprezar os bens exteriores e contentar-se com o bem moral. Quem admite a existência de algum bem superior à virtude, quem pensa que pode haver outro bem que não ela, fica sem defesa perante os dons da fortuna, na expec-

7 tativa ansiosa do que lhe irá caber em sorte. Guarda no teu espírito esta imagem: a fortuna brinca com os homens, espalha ao acaso entre eles as honras, as riquezas, os favores — mas de tudo isto, umas coisas são dilaceradas entre as mãos dos competidores, outras são mal divididas por sociedades desiguais, outras não se conseguem sem grave dano de quem as obtém. De tudo isto, umas coisas foram parar às mãos de quem andava a elas alheio, outras, disputadas por demasiados concorrentes, ficaram reduzidas a nada à força de serem ansiosamente pretendidas: em suma, ninguém, mesmo quando o roubo lhe corre de fei-

ção, consegue gozar o produto desse roubo até ao dia seguinte! É por isso que um homem verdadeiramente precavido, assim que vê começar a distribuição de presentes, se retira do teatro, pois sabe que muito terá de ceder para conseguir um pequeno favor. Quando um se recusa à disputa e se retira, o outro não vai atacá-lo ou bater-lhe; mas se ambos disputam o prémio, é inevitável o conflito. **8** O mesmo se passa com as benesses que a fortuna espalha sobre nós: ficamos desgraçadamente excitados, enfurecemo-nos, desejamos ter muitas mãos, viramo-nos ora para um lado ora para outro; dá-nos a impressão de que os bens que nos excitam a cobiça levam demasiado tempo a chegar — esses bens que poucos alcançam mas todos desejam; **9** ansiamos por ir-lhes ao encontro; alegramo-nos quando jogamos a mão a alguma coisa, deixamo-nos iludir pela esperança vã de superarmos alguns rivais, e acabamos por cair no engano de pagar por bom preço uma presa sem valor! Retiremo-nos, então, destes jogos, cedamos o lugar aos conquistadores! Estes que se deixem estar à espreita desses bens incertos, e permaneçam mais incertos, afinal, eles próprios!...

10 Quem pretender ser feliz tem de admitir que não há outro bem senão o bem moral. Se, em vez disto, considerar a possibilidade de existir outro bem, começará por ajuizar mal da providência, por um lado porque os homens justos sofrem frequentes atropelos, por outro, porque o espaço de tempo que nos é concedido nesta vida é curto, é mesmo ínfimo se o compararmos à vida do universo. **11** Desta pessimista constatação resultará uma interpretação malévola das intenções divinas; queixamo-nos de não viver sempre, de nos caber em sorte uma vida limitada, incerta, transitória. A consequência é nós não desejarmos viver nem morrer. Domina-nos o ódio à vida e o medo da

morte! Os nossos propósitos andam à deriva e não há felicidade que nos possa contentar. O motivo é simples: não conseguimos atingir aquele bem imenso e insuperável no qual necessariamente a nossa vontade se detém pois
12 não há lugar algum para lá do ponto supremo. Queres tu saber por que motivo a virtude não carece de coisa alguma? Porque se satisfaz com o que tem à mão, sem ambicionar o que está fora do seu alcance: tudo quanto é bastante lhe parece suficientemente grande. Imagina agora que não pensas assim e verás como o sentimento de solidariedade para com familiares e amigos logo começa a vacilar, uma vez que quem deseja praticá-la tem de sujeitar-se a muitas situações daquelas que o vulgo considera males e arriscar
13 muito do que temos como bens. Desaparece a coragem, a qual obriga forçosamente a pôr em risco a própria vida; desaparece a grandeza de alma, a qual só pode manifestar--se quando menosprezamos como coisas sem valor aquelas que o vulgo imagina serem as mais importantes; desaparece a gratidão e o dever de retribuir um favor quando receamos o esforço a dispender, ou julgamos que há algo superior ao dever de lealdade, em suma, quando não tendemos para o bem supremo.

14 Mas, deixando de lado esta questão, teremos de admitir que, ou aquilo a que chamamos "bens" não o são de facto, ou, se o forem, então o homem é mais feliz do que a divindade, pois aquilo a que o comum dos homens dá valor não tem a mínima utilidade para a divindade; esta, efectivamente, está acima do desejo sexual, do prazer da mesa, da riqueza, de tudo, enfim, que tenta e arrasta consigo o homem, e só o homem, com uma vil forma de prazer. Consequentemente, ou teremos de acreditar que há bens inacessíveis à divindade, ou então, o facto de a divindade deles prescindir nos servirá de prova de que

não são bens. Acrescente-se ainda que muitos dos pretensamente chamados "bens" são gozados pelos animais mais intensamente do que pelo homem. Aqueles consomem o alimento com maior apetite, não estão tão sujeitos à fadiga sexual; a sua força muscular é mais intensa e constante: logicamente os animais serão muito mais felizes do que o homem! Na realidade eles passam a vida ignorantes da maldade e do engano; gozam os seus prazeres, e obtêm-nos mais intensa e facilmente, sem qualquer restrição imposta pela vergonha ou pelo arrependimento. Pensa tu, agora, se realmente se pode chamar "bem" a uma coisa relativamente à qual o homem é superior a deus e o animal é superior ao homem! **15** **16**

Devemos circunscrever o bem supremo à alma: degradá-lo-emos se em vez da melhor parte de nós o associarmos antes à pior, se o pusermos na dependência dos sentidos que nos animais sem fala são bem mais apurados do que no homem. Não devemos atribuir ao corpo o ponto mais alto da nossa felicidade; os bens verdadeiros são aqueles que devemos à razão — bens firmes e duradouros, insusceptíveis de decadência, incapazes de padecerem qualquer decréscimo ou limitação! Os restantes bens são-no somente na opinião do vulgo; na realidade apenas têm de comum o nome com os bens verdadeiros, mas carecem das propriedades que distinguem um "bem" real. Chamemo-lhes antes "utilidades" ou, para usar o termo técnico, "recursos desejáveis", mas sem perder de vista que se trata de "utensílios", não de partes de nós mesmos; tenhamo-los à mão, mas sem esquecer que são exteriores a nós; e mesmo tendo-os à mão atribuamo-lhes um lugar subalterno e secundário, como coisas de que ninguém se deve orgulhar. Há coisa mais estúpida do que vangloriarmo-nos de algo que não fizemos? Deixemos que todos **17** **18**

esses falsos bens nos caibam em sorte mas sem se colarem a nós de modo a que, se ficarmos sem eles, os vejamos partir sem o mínimo sofrimento. Usemo-los sem nos ufanarmos deles, e usemo-los moderadamente, como algo que nos é confiado apenas transitoriamente. Quem quer que os possua sem o controlo da razão não os conserva por muito tempo; até a própria felicidade, se incontrolada, acaba por tornar-se um fardo! Se confiamos nesses bens mais do que efémeros, em breve ficaremos sem eles, e ao ficar sem eles sobrevém o desgosto! Raros homens têm sido capazes de suportar com tranquilidade a perda da felicidade; a maioria deles, quando caem por terra as condições que os tornaram eminentes, os mesmos factores que antes os exaltaram ocasionam-lhes agora o abatimento.

19 Por conseguinte há que usar de prudência para impor à nossa vida medida e moderação, pois a falta de moderação leva velozmente à ruína todos os bens disponíveis, e não há recursos, por mais vastos, que consigam durar se a razão moderadora lhes não põe freio. Desta verdade pode servir-te de prova a sorte de muitas cidades: cidades cujo poder imenso caiu por terra em pleno apogeu, com a intemperança a arruinar por completo todo o edifício outrora erguido graças à virtude. Devemos estar precavidos contra semelhantes acidentes. Não há muralha inexpugnável contra os ataques da fortuna: fortifiquemo-nos por dentro; se o nosso íntimo estiver bem seguro, poderemos ser abalados, mas nunca dominados! Queres saber em que consiste

20 este meio de defesa? Em não nos revoltarmos contra o que nos pode suceder; em termos a convicção de que mesmo o que parece lesar-nos contribui para a conservação do universo como um dos elementos que levam a cabo o curso natural deste mundo; o homem deve aceitar o que também a divindade aceita; e por isto mesmo deve

olhar com admiração a sua pessoa, a sua vida — porque nunca poderá ser vencido, porque domina os seus próprios males, porque subjuga pela razão (a sua arma mais forte!) todas as contrariedades, dores e injúrias! Ama a razão, e este amor tornar-te-á apto a afrontar as mais duras situações. O amor pelas crias precipita as feras contra as armas do caçador, a sua ferocidade, o seu ardor irreflectido torna-as indomáveis; a ambição da glória leva muitos espíritos jovens a afrontarem ferro e fogo; alguns decidem-se pelo suicídio por uma simples aparência, uma sombra de virtude: em todos estes casos, quanto mais forte e persistente se mostra a razão, tanto maior é o ímpeto que leva a defrontar toda a espécie de perigo. **21**

Vejamos uma objecção possível. "*Não tem fundamento a vossa afirmação de que não há outro bem senão o bem moral; tal convicção nunca vos poderá tornar seguros e imunes aos golpes da fortuna. O facto é que vós considerais como bens possuir filhos respeitosos da família, uma nação moralmente sã, pais bem formados. Ora vós não podeis contemplá-los em perigo e sentir-vos em segurança; o cerco à vossa cidade, a morte dos vossos filhos, a servidão dos vossos pais — tudo isto vos perturbará o espírito.*" **22**

Começarei por apresentar a refutação habitual da nossa escola a esta dificuldade, acrescentando em seguida mais alguns argumentos que eu entendo necessários. Verifica-se uma diferença de estado quando, ao sermos privados de certas particularidades, obtemos em vez delas qualquer particularidade que nos é nociva; por exemplo, se perdemos a saúde, caímos num estado de doença; se ficamos sem acção nos olhos tornamo-nos cegos; se sofremos um golpe nos joelhos, não apenas perdemos a capacidade de andar depressa, como até ficamos incapazes de nos ter em pé. Ora este perigo não se verifica nas circunstâncias que **23**

atrás nos foram objectadas. Ou seja, se porventura perder um bom amigo, isso não me obriga a suportar amigos desleais, nem, se ficar privado de bons filhos, me surgirá

24 em seu lugar o desrespeito pela família. Além do mais, num caso destes não se trata realmente da morte de amigos ou de filhos, mas apenas dos seus corpos. Um bem somente pode extinguir-se na condição de transformar-se em mal; ora tal condição é impossível por natureza, porquanto toda a virtude e tudo quanto é realizado pela virtude permanece sem a mínima degradação. Consequentemente, ainda que tenham falecido os amigos, os filhos em tudo conformes aos votos paternos, algo fica para preencher o seu lugar. Sabes o quê? Precisamente aquela pro-

25 priedade que deles fazia homens bons: a virtude! Esta não deixa vazio algum, antes preenche a totalidade da alma, faz desaparecer toda a saudade, é, ela só, suficiente, pois é nela que reside a origem e a energia de todos os bens. Que importa se uma corrente de água é interrompida ou desviada, desde que permaneça a salvo a fonte donde ela manava? Não será possível considerar que a nossa vida é mais justa, mais bem ordenada, mais sensata ou mais honesta por termos os filhos vivos: logo também não podemos considerá-la melhor. A companhia dos amigos não a torna mais sábia, assim como a sua falta não a faz mais insana; logo, a presença ou a ausência deles igualmente a não torna nem mais feliz nem mais desgraçada. Enquanto a virtude se conservar intacta é impossível sentir a falta do que quer que seja.

26 *"Que dizes? Então não somos mais felizes quando nos rodeia um grande número de amigos e filhos?"* Como, mais felizes? Repara que o sumo bem não padece diminuição ou acréscimo; mantém a sua própria grandeza seja qual for o comportamento da fortuna. Quer um homem

atinja uma extrema velhice quer se extinga antes de chegar a ela, a grandeza do sumo bem é a mesma, embora a duração da vida seja diversa. Podes desenhar um círculo **27** maior ou menor, a diferença entre eles está na área, mas não na forma; e mesmo que conserves algum tempo um dos desenhos e apagues imediatamente o outro alisando a areia em que o traçaste, ambos tiveram precisamente a mesma forma. Uma linha recta não se avalia em termos de comprimento, de quantidade, de duração, porquanto é impossível fazê-la encolher ou distender-se. Abrevia quanto quiseres uma vida regida pela moral e, em vez de durar um século, faz com que se limite a um único dia que nem por isso ela será menos moral! Nuns casos a virtude tem **28** oportunidade de se espraiar, governando países, cidades ou províncias, emitindo leis, cultivando amizades, exercendo os seus deveres para com os familiares, os filhos; noutros casos move-se dentro de estreitos limites impostos pela pobreza, o exílio, a perda da família; não se torna, contudo, menor por trocar uma alta posição social por uma humilde, um cargo governativo pela vida privada, o vasto espaço da acção pública pelo estreito limite da própria casa, dum mísero cantinho! A virtude será igualmente **29** grande mesmo quando reduzida a si mesma e privada de contactos exteriores. Não perde por isso de forma alguma o seu ânimo elevado e amplo, a sua inigualável prudência, a sua indefectível justiça. Consequentemente, em qualquer dos casos o seu grau de felicidade será o mesmo; tal felicidade reside num único ponto: o próprio espírito; e assim obtém a estabilidade, a grandeza, a tranquilidade, coisas impossíveis de obter sem o conhecimento quer da condição divina, quer da condição humana.

Passemos agora àqueles argumentos pessoais a que **30** acima me referi. O sábio não se aflige com o falecimento

dos filhos ou dos amigos; encara a morte deles com o mesmo ânimo com que aguarda a sua hora de morrer, sem sentir medo perante esta tal como não sente sofrimento perante aquela. A virtude, na realidade, baseia-se na congruência: todas as suas realizações se situam ao mesmo nível, numa harmonia perfeita. Tal congruência desaparece caso a alma — que é sempre e necessariamente elevada — se deixa abater pela dor ou pela saudade. A ansiedade, a preocupação, sejam de que espécie forem, são tão contrárias à moral como a indolência na acção; o valor moral, porém, mantém-se seguro de si, 31 pronto a agir, livre do medo, sempre alerta. *"Que dizes? Será então incapaz de sentir algo que se assemelhe à perturbação? Não se alterará a cor do rosto, não se agitará o olhar, não sentirá calafrios no corpo? Então e aquelas reacções que não derivam da vontade da alma mas provêm irreflectidamente de um qualquer instinto natural?"* Admito que isto possa suceder, mas nem por isso se abalará a convicção de que nenhuma daquelas contrariedades constitui realmente um mal digno de enfraquecer um espí- 32 rito são. Tudo quanto for necessário realizar, realizar-se-á com decisão e presteza. De alguém que se move longe da sabedoria pode com razão dizer-se que, quando age, o faz sem empenho ou por mera obstinação — com o corpo a indicar-lhe um caminho e a alma outro, pelo que se sentirá dilacerado por duas tendências de sinal contrário. Um carácter destes só consegue desprezo pelas acções que, em teoria, o deveriam encher de admiração por si próprio, e faz sem qualquer convicção os actos de que se vangloria. De facto, quando receamos algum mal, o próprio facto de o recearmos atormenta-nos enquanto o aguardamos: teme-se vir a sofrer alguma coisa e sofre-se com o 33 medo que se sente! Tal como nas doenças físicas há certos

sintomas que pressagiam a moléstia — incapacidade de movimento, lassidão completa mesmo quando se não faz nenhum esforço, sonolência, calafrios por todo o corpo —, também um espírito débil se sente abalado, mesmo antes de qualquer mal se abater sobre ele: como que adivinha o mal futuro, e deixa-se vencer antes do tempo. Há coisa mais insensata do que nos angustiarmos com o futuro em vez de deixarmos chegar a hora da aflição, e atrairmos sobre nós todo um cúmulo de tormentos? Quando não é possível livrarmo-nos por completo da angústia, pelo menos adiemo-la tanto quanto pudermos. Queres ver como é verdade que ninguém deve atormentar-se com o futuro? Imagina um homem a quem tenha sido dito que depois dos cinquenta anos será submetido a graves suplícios: ele permanece imperturbável enquanto não passa a metade desse espaço de tempo, altura em que começa a aproximar-se da angústia prometida para a segunda metade da sua vida. Por um processo semelhante sucede também que certos espíritos doentes sempre em busca de motivos para sofrer se deixam tomar de tristeza por factos já remotos e esquecidos. A verdade é que nem o passado nem o futuro estão presentes, pelo que não podemos sentir qualquer deles. Ora a dor somente pode resultar de algo que se sente!

34

LIVRO IX

(Cartas 75-80)

75

Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! Se isso fosse possível, eu preferia *mostrar-te* o que sinto, em vez de o *dizer*. Mesmo que eu estivesse discutindo contigo não me iria pôr na ponta dos pés, nem fazer grandes gestos, nem elevar a voz[1]: tudo isto seriam artifícios de oradores, enquanto a mim me bastaria comunicar-te o meu pensamento, num estilo nem grandiloquente nem vulgar. De uma coisa apenas eu te quereria convencer: de que sentia tudo quanto dissesse, e não apenas que o sentia, mas que o sentia com amor! Ninguém beija uma amante do mesmo

1 2 3

[1] Tudo quanto, em sentido genérico, se relaciona com a "gesticulação" era tratado pela retórica clássica na rubrica *actio* "acção", v. Quintiliano, III, 3, 1-3 e, sobretudo, todo o capítulo 3 do livro XI.

modo que beija os filhos; e, no entanto, mesmo nas carícias puras e comedidas de pais para filhos está claramente visível a afectividade. Hércules me ajude! Eu não quero que as palavras inspiradas por um tão magno assunto sejam excessivamente frias e secas — pois a filosofia não deve renunciar por completo ao talento literário —, mas também não há que dar demasiada importância às pala-
4 vras. O nosso objectivo último deve ser este: dizer o que sentimos, sentir o que dizemos, isto é, pormos a nossa vida de acordo com as nossas palavras. Imagina um mestre qualquer: se a impressão que tu sentes contemplando as suas acções é idêntica à que tens ouvindo o seu discurso, esse mestre atingiu o seu propósito. Observemos a qualidade dos seus actos, a fluidez do seu discurso: entre ambos,
5 a mais perfeita unidade! As nossas palavras não visam o prazer literário, mas sim a pertinência. Se a eloquência surge, por assim dizer, naturalmente, sem esforço, ou quase, deixemo-la acompanhar as mais nobres acções e realçar, não a sua presença, mas a acção em si! As restantes artes dirigem-se exclusivamente à inteligência, ao passo que a
6 filosofia é a actividade por excelência da alma. Um enfermo não exige do médico o brilho do estilo; se, todavia, o mesmo homem que sabe tratar da doença é também capaz de explicar num estilo agradável qual o tratamento a seguir, deverá fazê-lo. Isso não significa que o doente se considere muito afortunado por ter encontrado um médico eloquente, tal como de nada adianta que um piloto experimentado
7 seja simultaneamente um belo homem. Para quê acariciar--me os ouvidos, para quê deleitá-los? Apliquem-me um cautério, uma lanceta, uma dieta rigorosa. Esta é a tarefa real. A tua preocupação deve ser a de sanar uma enfermidade enraizada, grave, generalizada; a tua tarefa é tão ingente como a de um médico que trata uma epidemia.

Para quê preocupar-te com as palavras? Dá-te por satisfeito se estiveres à altura dos teus deveres. Quando aprenderás as grandes lições da filosofia? Quando interiorizarás a lição aprendida de modo tal que nunca mais a esqueças? Quando porás à prova a teoria? Na filosofia não basta, como é o caso nas outras ciências, confiar na memória, devemos pô-la à prova através da acção. Para ser feliz não basta conhecer a teoria, há que pô-la em prática.

8 *"Que estás dizendo? Abaixo do nível superior não existe qualquer gradação? Ou se atinge a sapiência ou se cai no abismo?"* É exactamente assim, segundo eu penso. Quem vai progredindo no estudo da filosofia pertence ainda ao número dos não sábios, embora esteja a uma grande distância do comum dos mortais. Mesmo entre os estudiosos da filosofia existem consideráveis diferenças; há autores que dividem tais estudiosos em três classes.[2]

---

[2] Para o estoicismo antigo, os homens dividem-se em dois grupos exclusivos: os "sábios" (*σοφοί, sapientes*), e os "não sábios, insanos, insensatos" (*φαῦλοι,κακοί, insipientes, stulti*). Qualquer homem era rigorosamente incluído numa ou noutra destas duas categorias (cf. por ex. *S. V. F.*, I, 216), sem que se considerassem graus intermédios. A ideia de um estado intermédio no qual se inserissem os ***proficientes***, isto é, aqueles que iniciaram o estudo da filosofia e que, em maior ou menor grau, se vão aproximando da sabedoria plena sem, no entanto, a terem ainda alcançado, parece ter-se originado durante o chamado estoicismo médio, nomeadamente com Panécio, cf. P. Grimal, ***Sénèque, De** constantia sapientis, Commentaire*,p. 42. Séneca, porém, é mais rigoroso: mesmo os ***proficientes*** devem ser considerados como pertencendo ao número dos *insipientes*, quanto mais não seja porque o apenas iniciado pode ainda oscilar e recuar (71, 30; 72, 6; 35, 4), o que ao sábio não é possível acontecer. Sublinhe-se, entretanto, como uma das mais importantes contribuições de Séneca para a teoria estóica, o seu ***voluntarismo***, "das erst er in die Stoa hineintragt" (M. Pohlenz, Die Stoa, I, p. 319); cf. ibid.: "Die alte Stoa schied die Menschen in Weise und Nichtwisser; bei Seneca tritt daneben der Gegensatz des guten und des bösen Willens auf".

9 A primeira classe abarca aqueles que, embora ainda não atingindo a sapiência, já se encontram muito perto de o conseguir; o próprio facto de estarem perto, contudo, implica que a sapiência ainda lhes é exterior. Se me perguntas que classe de homens é esta, a minha resposta será: são os que se libertaram já das paixões e dos vícios, e adquiriram os conhecimentos necessários a esse fim, sem conseguirem ainda prosseguir nessa via com confiança inabalável. Não alcançaram ainda na prática o sumo bem, mas já não lhes é possível voltar aos vícios abandonados; o ponto a que chegaram já não admite retrocesso, mas ainda não têm uma noção clara sobre si mesmos, ou, conforme eu me lembro de já te ter escrito em outra carta, "não sabem que sabem"![3] Já lhes é dado gozar do seu bem 10 próprio, mas ainda não confiam nele sem reservas. Esta classe de estudiosos é definida por outros autores como abarcando os que já se libertaram das doenças da alma mas ainda não das paixões, e que, portanto, ainda estão numa posição pouco segura, pois apenas está ao abrigo do mal quem expulsou de si o mal por completo; por outro lado, só pode expulsar de si o mal aquele que, em seu 11 lugar, atinge por completo a sapiência. Já muitas vezes te tenho dito qual a diferença entre as doenças da alma e as paixões. Vou recordar-to uma vez mais: doenças da alma são os vícios bem enraizados e violentos, tais como a avareza ou a ambição; tais vícios ocupam a alma com tanta intensidade que se transformam em enfermidades crónicas. Numa palavra, a doença da alma é um juízo de valor que persiste no erro: por exemplo, considerar muito desejáveis coisas que são apenas relativamente desejáveis. Se quiseres,

---

[3] V. supra, carta 71, 4.

ainda tens aqui outra definição: desejar ardentemente coisas que apenas relativamente são de desejar, ou são absolutamente não desejáveis; ou atribuir um grande valor a coisas que pouco ou nenhum valor têm. As paixões, essas, **12** são impulsos da alma condenáveis, súbitos e intensos, os quais, se se tornarem frequentes e não forem refreados, podem degenerar em doenças da alma: um pouco à maneira do catarro, que, se apenas momentâneo, ocasional, se limita a provocar tosse, mas se se tornar contínuo, crónico, degenera em tuberculose! Em conclusão, os estudiosos mais avançados já estão libertos das doenças da alma, mas, conquanto próximos da perfeição, encontram-se ainda sujeitos às paixões.

A segunda classe compreende aqueles que se consegui- **13** ram libertar das principais enfermidades da alma e das paixões, mas não a ponto de gozarem definitivamente de um estado de perfeita tranquilidade. Por outras palavras, estão ainda sujeitos a retroceder ao estádio precedente.

A terceira classe já está liberta de numerosos e consi- **14** deráveis vícios, mas ainda não de todos. Está livre da avareza, mas sujeita ainda à ira; já não é tentada pelo prazer, mas é-o ainda pela ambição; está liberta do desejo, mas não do temor, e, no que toca aos objectos de temor, pode mostrar-se firme perante alguns mas ceder perante outros: por exemplo, não recear a morte, mas ter medo da dor física.

Meditemos um pouco neste ponto: já seria muito bom **15** para nós se nos pudéssemos incluir nesta terceira classe. A segunda classe atinge-se através de uma favorável disposição natural e de uma intensa e assídua aplicação ao estudo; nem por isso, contudo, devemos menosprezar a terceira classe. Pensa na quantidade de males que vês à tua volta; vê como não há crime que não seja praticado,

como dia-a-dia a perversidade vai progredindo, como a maldade grassa na vida pública e na vida privada, e assim perceberás como já é muito bom o facto de não perten-
16 cermos ao número dos piores! Dir-me-ás: *"Tenho esperança nas minhas possibilidades de vir a atingir a classe mais elevada!"* Tal esperança é para nós mais um voto que uma promessa: vê como estamos sujeitos a pressões, como buscamos a virtude dilacerados entre toda a espécie de vícios! Até sinto vergonha de o dizer: somos apenas honestos nas horas vagas!... Mas que recompensa enorme nos aguarda se formos capazes de romper com as nossas obrigações sociais e com os nossos males inveterados!...
17 Deixaremos de ser movidos pelo desejo ou pelo medo. Não nos perturbará o terror, não nos corromperá o prazer, não nos assustarão nem a morte nem os deuses; ficaremos a saber que nem a morte é um mal, nem os deuses existem para causar o mal. Tão pouco valor tem a morte que ataca, como o corpo que é atacado: as regiões mais altas do ser não têm possibilidade de ocasionar o
18 mal. Se um dia saírmos deste mundo de lama para as regiões sublimes e superiores teremos à nossa espera a tranquilidade da alma e, eliminadas todas as causas do erro, obteremos a liberdade absoluta. Queres saber em que consiste a liberdade? Em não temermos nem os homens nem os deuses; em não desejarmos nada que seja imoral ou excessivo; em termos o maior domínio sobre nós próprios: sermos donos de nós mesmos é um bem inestimável!

76

1 Ameaças cortar relações comigo se não te der parte de todas as minhas acções diárias. Ora vê com que franqueza

eu te abro a minha vida, se até isto te vou confessar: ando a escutar as lições de um filósofo[4], já há cinco dias que frequento a sua escola onde assisto desde as duas horas da tarde às suas prelecções! *"Bela idade para ir à escola!?"* E por que não? Não será o cúmulo da insensatez desistir de estudar só porque há muito tempo já que se deixou a escola? *"Ora essa! Então eu hei-de pôr-me ao nível dos miúdos, dos adolescentes?"* Dar-me-ei por muito satisfeito se a minha velhice me não der outros motivos de que me envergonhe: a escola de filosofia aceita gente de todas as idades. *"Então é para isso que envelhecemos, para imitar os jovens?"* Pois se eu, apesar de velho, posso ir ao teatro e ao circo, se não há combate de gladiadores a que eu não assista, porque hei-de envergonhar-me de ir assistir às lições de um filósofo?... Temos de estudar enquanto formos ignorantes; e, se é verdadeiro o provérbio, temos de aprender até morrer! Em nenhum caso, aliás, o ditado se aplica melhor do que neste: enquanto vivermos, temos de aprender a viver! E eis aqui um ponto em que eu posso ensinar alguma coisa. Sabes o quê? Que mesmo um velho tem sempre algo a aprender. De resto, sempre que entro na escola, sinto vergonha da espécie humana. Como sabes, para chegar à casa de Metronacte, é preciso passar à beira do teatro de Nápoles. O teatro está sempre cheio, e é com todo o calor que o público se pronuncia sobre o talento dos flautistas; qualquer trompista grego, qualquer arauto[5] tem sempre assistência. Em contrapartida, na casa onde se investiga o que é um homem

2

3

4

---

[4] Metronacte, infra § 4. A carta 93 é inspirada pela sua morte, certamente recente.

[5] O arauto que nos concursos musicais proclamava o nome do vencedor.

de bem, em que se aprende a ser homem de bem... apenas meia-dúzia de assistentes![6] E mesmo esses dão ao comum dos mortais a impressão de não terem nada de importante a fazer: imbecis e preguiçosos, é como lhes chamam! Quanto a mim, podem troçar à vontade; há que ouvir com serenidade os insultos da gente inculta, pois quem segue a via da moral só pode sentir menosprezo pelo menosprezo em que é tido...

5 Continua, Lucílio, esforça-te por que não te suceda o mesmo que a mim: começar os estudos na velhice. E esforça-te tanto mais quanto enveredaste por um estudo 6 que dificilmente chegarás a dominar mesmo na velhice. *"Até que ponto poderei progredir?"* — perguntas-me. Até ao ponto onde chegarem os teus esforços. De que estás à espera? O saber não se obtém por obra do acaso. O dinheiro pode cair-te em sorte, as honras serem-te oferecidas, os favores e os altos cargos poderão talvez acumular-se sobre ti: a virtude, essa, não virá ter contigo! Não é sem custo, sem grandes esforços, que chegamos a conhecê-la; mas vale bem a pena o esforço, porquanto de uma só vez se obtêm todos os bens possíveis. De facto, o único bem é aquilo que é conforme à moral; nos valores aceites pela opinião comum não encontrarás a mínima 7 parcela de verdade ou de certeza. Como tu achas que na minha última carta não te deixei bem explicado por que motivo eu te digo que o único bem é o bem moral — em teu entender é uma proposição que eu expus sem provas! —, vou resumir-te concisa e logicamente tudo quanto já então te disse.

---

[6] A mesma oposição entre a multidão que assiste aos jogos e o número exíguo dos praticantes da filosofia em 80, 2: ou entre a azáfama das cozinhas e a solidão das escolas filosóficas em 95, 23.

Cada coisa é avaliada por uma qualidade específica. O valor da videira está na sua produtividade, o do vinho no seu sabor, o do veado na sua rapidez; o que nos interessa nas bestas de carga é a sua força, pois elas apenas servem para isso mesmo: transportar carga. Num cão a primeira qualidade é o faro, se o destinamos a seguir a pista da caça, a velocidade, se queremos que ele persiga as feras, a coragem, se pretendemos que as ataque à dentada. Em cada ser, portanto, há uma qualidade que predomina, para cujo exercício nasce, e em virtude da qual é avaliado. Ora qual é a qualidade suprema do homem? A razão: graças a ela o homem supera os outros animais e aproxima-se dos deuses.[7] Por conseguinte, o bem específico do homem é a razão perfeita, todas as suas restantes qualidades são-lhe comuns com os animais e as plantas. O homem tem força: também os leões. É belo: também os pavões. É veloz: também os cavalos. Não digo que em relação a todas estas qualidades ele seja superado, nem me interessa qual a qualidade que o homem tem mais desenvolvida, mas sim qual é a sua qualidade única, específica. O homem tem corpo: também as árvores. Tem capacidade de se mover instintiva e voluntariamente: os animais e os vermes também. Tem voz: mas muito mais sonora é a voz do cão, mais estridente a da águia, mais grave a do touro, mais doce e ágil a do rouxinol! Qual é a qualidade exclusiva do homem? A razão: quando a razão é plena e consumada proporciona ao homem a plenitude. Por conseguinte, uma vez que cada coisa quando leva à perfeição a sua qualidade específica se torna admirável e atinge a sua finalidade natural, e uma vez que a qualidade específica do

8 **9** **10**

[7] Cf. supra carta 41, 7-8.

homem é a razão, o homem torna-se admirável e atinge a sua finalidade natural quando leva a razão à perfeição máxima. À razão perfeita chamamos a virtude, a qual é

11 também o bem moral.[8] Por isso o único bem para o homem é aquele que é específico do homem; neste momento não estamos investigando o que seja o bem, mas sim em que consiste o bem próprio do homem. Se nenhum outro bem é exclusivo do homem além da razão, então a razão será o seu único bem, embora venha combinada com as demais qualidades. Se um homem é mau, entendo que merece desaprovação; se é bom, entendo que merece aprovação. Por conseguinte o primeiro e único bem do homem é aquele que faz o homem incorrer na aprovação ou desaprovação.

12 Tu não duvidas da realidade deste bem; duvidas apenas é que seja o único bem para o homem. Imagina um homem que possua tudo o mais (saúde, dinheiro, numerosas estátuas de antepassados, átrio cheio de gente[9]) mas que seja reconhecidamente mau: tu condená-lo-ás. Imagina agora outro homem, carecido de tudo o que mencionei acima (nem dinheiro, nem abundância de clientes, nem nobreza, nem árvore genealógica) mas que reconhecidamente seja bom: dar-lhe-ás a tua aprovação! É este, portanto, o único bem do homem: se alguém o possui, mesmo desprovido de todos os outros, merece a máxima consideração, se não o possui, mesmo dotado em profusão de todos os outros bens, sujeita-se à condenação e rejeição

---

[8] Sobre a distinção entre o bem em geral (*bonum*) e o bem moral (*honestum*), v. carta 118, 10-11.

[9] As estátuas dos antepassados denotam a pertença a alguma antiga e nobre família; o átrio cheio de gente (i. e., de clientes que vêm apresentar os cumprimentos matinais ao senhor) implica uma situação económica muito próspera.

dos demais. A condição do homem está no mesmo plano **13** que a das restantes coisas. Ninguém diz que um navio é bom por ser pintado de cores esplendorosas, ter um esporão de prata ou ouro, ter o tecto dos camarotes ornado a marfim, ou por o seu carregamento ser de moedas ou objectos valiosos; o que se lhe exige é que seja equilibrado e sólido, que tenha as juntas bem calafetadas e seja estanque, que seja capaz de aguentar o embate das ondas, obediente ao leme, veloz e resistente ao vento. Um gládio **14** diz-se que é bom, não quando pende de um cinturão dourado ou tem a bainha enfeitada de pedras preciosas, mas sim quando o gume é acerado para cortar, e a ponta capaz de fender todas as couraças. Não se exige a uma régua que seja bonita, mas sim que seja rigorosamente recta. Ou seja, cada objecto é avaliado segundo a sua finalidade, segundo a sua qualidade específica. Por conseguinte, **15** também na avaliação de um homem é irrelevante a área das terras de cultura que possui, a quantidade de dinheiro que empresta a juros, o número de clientes, o preço do leito em que dorme, ou a transparência dos seus cristais: interessa é saber até que ponto ele é bom! Um homem será bom se a sua razão for desenvolvida e justa, e se estiver adequada à plena realização da natureza humana. É a isto **16** que se chama "virtude", nisto consiste o bem moral, que é o único bem próprio do homem. Dado que só a razão dá a perfeição ao homem, também apenas a razão o pode tornar perfeitamente feliz; ora o único bem do homem é aquele que só por si o pode tornar feliz. Nós chamamos igualmente "bens" a todos os outros que da virtude derivam e por ela são conformados, ou seja, a todas as obras realizadas por meio da virtude; precisamente por este motivo é que a própria virtude será o único bem, porque

17 sem ela coisa alguma é um bem[10]. Se todo o bem reside na alma, então será um bem tudo quanto contribui para dar à alma firmeza, elevação, largueza; ora a virtude torna a alma mais forte, mais sublime, mais vasta. Tudo o mais, tudo o que excita os nossos desejos, abate e amolece igualmente a alma e, enquanto parece elevá-la, apenas a incha, iludindo-a através de um cúmulo de vaidade. Por conseguinte, o único bem será aquilo que torna superior a **18** nossa alma. Todas as acções praticadas ao longo da vida são reguladas pela consideração do que é conforme à moral ou contrário a ela, é nesta consideração que residem os motivos de fazer ou não fazer qualquer acção. Dito por outras palavras: um homem bom fará aquilo que considera ser conforme à moral embora seja difícil, fá-lo-á ainda que acarrete prejuízo material, fá-lo-á mesmo que seja perigoso; em contrapartida, não fará o que for imoral, mesmo que isso lhe proporcione dinheiro, prazer, poderio; coisa alguma o desviará da moral, coisa alguma o aliciará **19** a praticar uma vileza! Em conclusão, um homem que se disponha a seguir a moral e a evitar o imoral aconteça o que acontecer, um homem que ao longo da vida tenha sempre presentes, ao agir, estas duas considerações — que só é bem o bem moral, que não há mal senão o mal moral —, um homem cuja virtude permaneça inalterada e se mantenha sempre igual a si mesma, um tal homem tem na virtude o seu único bem, dando por adquirido que a virtude não pode deixar de ser um bem. Tal homem está ao abrigo da transformação — pois se a insensatez pode aceder à sabedoria, esta nunca pode retroceder até à insensatez!

---

[10] Cf. *S. V. F.*, I, 190.

20 Já te referi, se bem te lembras, como tem havido pessoas que, por um mero impulso irreflectido, foram capazes de vencer situações geralmente objecto ou de desejo ou de temor pelo comum dos mortais: há exemplos de quem tenha abandonado a riqueza,[11] há exemplos de quem tenha posto a mão sobre as chamas,[12] de quem não deixasse de sorrir em plena tortura,[13] de quem retivesse as lágrimas nos funerais dos próprios filhos,[14] de quem enfrentasse a morte com intrepidez;[15] de facto, uma paixão, um movimento de cólera, uma ambição podem chegar para que desprezemos o perigo. Ora daquilo de que é capaz um instantâneo impulso da alma excitada por um qualquer estímulo, não o será muito mais ainda a virtude, cuja força é contínua, e não dependente de um ímpeto de momento, a virtude — cujo apanágio é uma energia permanente? **21** Daqui se conclui que situações superadas ocasionalmente pelos não sábios mas vencidas sempre pelos sábios não são em si mesmas boas ou más. O único bem é, por conseguinte, a virtude, a qual avança altaneira entre todos os graus da fortuna ostentando total desprezo por ambos os seus extremos!

22 Se aceitares a opinião segundo a qual existe outra espécie de bem que não o bem moral, o resultado será toda a virtude tornar-se periclitante; ou melhor, não nos

---

[11] Cf. por ex. a anedota de Estilbão e Demétrio Poliorcetes (carta 9, 18).

[12] A aventura, várias vezes contada por Séneca, de Múcio Cévola (por ex. 24, 5).

[13] V. Tito Lívio, XXI, 2, 6-7-.

[14] A título de exemplo, o caso de Xenofonte, v. Diógenes Laércio, *Bíos Ξενοφῶντος*, 10.

[15] Cf., entre muitos casos possíveis, o exemplo dos Décios, pai e filho, citado por Séneca em 67, 9.

será possível alcançar a virtude se visarmos outra coisa além dela própria. Uma semelhante opinião é contrária à razão, da qual provêm todas as formas de virtude, e é contrária à verdade, a qual não pode existir sem a razão; ora toda a opinião contrária à verdade é uma opinião

23 falsa. Tu admites que necessariamente o homem bom deve manifestar o máximo respeito em relação aos deuses. Logo, ele aceitará com equanimidade tudo quanto lhe suceda, ciente como está de que tudo lhe sucedeu em conformidade com a lei divina donde tudo procede. Sendo assim, para esse homem o único bem é o bem moral; o seu modo de agir consiste em obedecer aos deuses, em não se encolerizar com os acidentes inesperados, em nunca deplorar a sua sorte, mas sim em aceitar o destino e em cum-

24 prir as suas determinações. Se admitirmos que há outro bem além do bem moral, então seremos perseguidos pelo apego à vida, e pelo apego às coisas que "ornamentam" a vida — o que é insuportável, infindável, indeterminado! Logo, o único bem é o bem moral, o único que consente a justa medida.

25 Já atrás disse que, caso considerássemos bens coisas (como a riqueza ou os cargos públicos) de que os deuses não usufruem, então teríamos de admitir que a vida dos homens comporta mais felicidade do que a vida dos deuses.[16] Acrescenta agora que, se as almas permanecem depois de separadas do corpo, então a sua situação mantém-se mais feliz do que quando estavam unidas ao corpo. Sucede, porém, que, caso considerássemos como bens aquelas coisas que usamos por meio do corpo, as almas libertadas estariam numa situação inferior: ora, é contrário às nossas

---

[16] Cf. supra, 74. 14 ss.

convicções considerar as almas confinadas aos limites do corpo como mais felizes do que as já libertas e integradas no todo do universo. Também já disse que, considerando como bem aquilo que é comum aos homens e aos animais irracionais, seríamos constrangidos a pensar que os animais irracionais gozam de felicidade, o que é impossível de admitir. Tudo devemos suportar para garantirmos o bem moral, coisa que não teríamos de fazer caso houvesse outro bem além do bem moral. **26**

Apesar de já ter explanado amplamente esta questão na minha última carta, não quis deixar de retomar esta ideia e de passar em breve revista os pontos principais. É que nunca esta teoria aparecerá como verdadeira aos teus olhos se tu não elevares o teu espírito, se não te interrogares sobre a tua disposição para morrer (caso as circunstâncias o exijam) pelo bem da pátria, de resgatares com a tua vida a salvação dos teus concidadãos se te ofereceres à morte, não apenas com resignação mas com alegria! Se fores capaz de agir desta maneira, é porque para ti só o bem moral é um bem, pois desprezas todos os outros bens a fim de alcançar aquele. Vê de que força dispõe o bem moral: tu serás capaz de morrer pela comunidade, e fá-lo-ás sem hesitação desde o momento em que te persuadas de que essa é a acção justa. Pode dar-se o caso de uma tão bela acção, ainda que por um exíguo espaço de tempo, nos proporcionar uma imensa alegria; embora o fruto de tal acção já não venha a reflectir-se sobre o homem que, pelo seu acto, se eximiu às contingências da vida humana, pelo menos ser-lhe-á motivo de contentamento a contemplação do que vai fazer: um homem corajoso e justo, quando prevê o que pode resultar da sua morte — a liberdade da pátria, a salvação de todos aqueles em cujo benefício arrisca a vida — sente-se possuído **27** **28**

da máxima satisfação e como que saboreia os perigos em
29 que incorre! Mas mesmo um homem a quem é negada a alegria da contemplação do seu acto supremo e derradeiro, nem por isso hesitará em oferecer-se à morte, contentando-se com a convicção de agir conforme a justiça e o respeito pelo próximo. Podes apresentar-lhe argumentos a ver se o demoves, podes dizer-lhe "que o seu acto em breve será esquecido, ou que bem exígua será a gratidão dos seus concidadãos." Sabes o que te responderá? *"Todas essas considerações são exteriores ao meu acto, enquanto eu só penso no acto em si; sei que é um acto conforme à moral, e, por isso, onde quer que me guie e chame o bem moral, eu estarei presente!"*

30 Este é, portanto, o único bem — um bem sentido não apenas por uma alma que já atingiu a perfeição, mas mesmo por qualquer homem que tenha um carácter nobre e virado para o bem. Tudo o mais é irrelevante e transitório. A posse dos bens vulgares é uma fonte de preocupações; podem os favores da fortuna acumulá-los, para os seus possuidores serão um peso, uma aflição e mesmo,
31 por vezes, um acervo de ilusões. Nenhum destes grandes senhores que tu vês vestidos de púrpura é feliz, como felizes não são os actores trágicos a que o argumento da peça concede o ceptro e a clâmide: perante o público, avançam altaneiros nos seus coturnos, mas, terminada a peça, descalçam-se e regressam à estatura normal! Nenhum destes homens que as riquezas ou as honras elevam aos píncaros é verdadeiramente grande. Apenas parecem grandes porque os medimos em conjunto com a base onde se erguem. Ora nem um anão é grande se se empoleirar numa montanha nem um colosso diminuirá de tamanho
32 se estiver no fundo de um poço! Aqui reside o nosso erro, aqui está a origem das nossas falsas apreciações: não ava-

liarmos as pessoas pelo que são, preferindo observá-las sempre em conjunto com os seus acessórios. Quando quiseres apreciar o verdadeiro valor de alguém, avaliar as suas qualidades, deves vê-lo sem adornos. Fora com os bens de família, fora com as honras e todos os demais embustes da fortuna, fora até com o próprio corpo: observa sim a sua alma, as suas qualidades, a sua grandeza, vê se essa grandeza é intrínseca ou extrínseca. Se um homem **33** olha para o reluzir dos gládios com o olhar firme, se está convicto de que é indiferente a alma sair pela boca ou pela garganta, podes chamar feliz a esse homem! Se, quando se lhe dão a conhecer todos os tormentos físicos a que o acaso ou a prepotência dos poderosos o podem submeter, ouve sem tremer falar em prisões, em exílios, em outros vãos terrores que afligem as mentes humanas; se é capaz de exclamar:

"Sofrimento algum,
ó virgem, será para mim inédito ou inesperado;
tudo pressenti, tudo meditei no íntimo da alma![17]
Para quê pôr-me tudo isso diante dos olhos? Eu próprio sempre o tenho feito, e, como homem que sou, estou preparado para a condição humana!"

Um mal previamente pensado fere com menor violência. **34** Só para os insensatos, para os seguidores da fortuna, é que a face do mal é inédita ou inesperada; aliás, para os inexpertos, grande parte do mal reside na novidade! Que de facto assim é prova-o o facto de um mal habitual se tornar mais fácil de suportar. Por isso o sábio se vai habi- **35** tuando aos males futuros, vai tornando mais ligeiros graças ao pensamento aqueles males que para os outros se

[17] Vergílio, *Aen.*, VI, 103-5.

tornam ligeiros graças ao hábito. Sucede-nos por vezes ouvirmos da boca de não filósofos frases deste tipo: *"eu sabia que ainda estava guardado para isto!..."* O sábio, por seu lado, sabe que ainda está guardado... para tudo, e assim, perante o que quer que lhe suceda, ele dirá sempre: *"Já sabia!..."*

77

1 Fomos hoje surpreendidos pela chegada dos navios alexandrinos que usualmente costumam partir primeiro, anunciando assim a próxima chegada dos restantes barcos; são conhecidos por navios-correio. Foi com alvoroço que a Campânia os viu chegar; em Putéolos, a multidão aglomerou-se nos molhes e, pelo próprio aspecto do velame, conseguiu distinguir, no meio da massa dos restantes, quais os navios alexandrinos. De facto, apenas estes conseguem manter desfraldada a vela pequena que todos os navios têm
2 no alto do mastro. Motivo: a parte mais alta do velame é a que mais impele o navio, é no topo que mais se exerce a força do vento. Por isso, sempre que o vento aumenta de intensidade e se torna mais forte do que o desejável, a verga do barco é arreada: a ventania é menos violenta na parte mais baixa. Quando entraram em Cápri e ultrapassaram o cabo onde

"se vê no rochoso cume o alto templo de Palas,[18]*"*

enquanto os outros barcos tiveram de se contentar com a vela grande, a presença do síparo serviu para identificar os "alexandrinos".

---

[18] *Auctorum incert.* fr. 24 p. 359 Baehrens (= *inc. fr.* 42 Morel).

Ao passo que toda a gente se precipitava para o cais eu saboreava a minha própria indolência: é que, embora esperando correspondência do meu pessoal, não me precipitei a saber qual era por lá o estado dos meus negócios, quais os lucros obtidos: já de há muito que perdas ou ganhos me não afectam! Ainda que eu não fosse velho, manteria a mesma opinião, mas, nas circunstâncias presentes, mais energicamente a defendo: é que, por muito diminutas que fossem as minhas posses, sobrar-me-ia sempre mais viático do que via, e muito especialmente porque a via em que ingressamos não precisamos de percorrê-la até ao fim. Uma viagem fica incompleta se paramos a meio do caminho ou não atingimos o local pretendido, ao passo que a vida apenas é incompleta se for imoral. Onde quer que te detenhas, se o fizeres conforme à moral, a tua vida estará completa. Frequentemente temos de deter-nos com coragem, e nem sempre por motivos de grande relevância; aliás, os motivos que nos mantêm agarrados à vida não são de grande relevância! **3** **4**

Tu conheceste perfeitamente Túlio Marcelino — um jovem calmo, precocemente envelhecido que, ao ver-se atacado de uma doença, embora curável, assaz prolongada, penosa, implicando cuidados extremos, começou a deliberar seriamente sobre a morte. Chamou vários amigos a sua casa. Uns, os medrosos, aconselhavam-no a fazer o que eles próprios fariam nas mesmas circunstâncias; outros, por adulação ou amabilidade, davam-lhe o conselho que julgavam mais agradável seria à deliberação de Marcelino. Um amigo nosso, de obediência estóica, homem notável, cheio de valor e coragem (tenho de dar aos seus méritos as palavras que ele merece), foi, quanto a mim, aquele que o aconselhou com maior dignidade. Falou-lhe deste modo: *"Meu caro Marcelino, não te tortures como se esti-* **5** **6**

vesses deliberando sobre uma grande coisa! Viver não é uma grande coisa! Todos os teus escravos vivem, todos os animais vivem! O que é importante é morrer com nobreza, com plena consciência, com coragem! Repara quantos anos há já que tu repetes sempre os mesmos actos: comer, dormir, fazer amor — a vida resume-se a este ciclo! Para desejar a morte não é indispensável ser-se consciente, cora-
7 *joso, ou infeliz: pode-se desejar a morte por tédio!"* Marcelino não carecia propriamente de quem o persuadisse, mas sim de quem o ajudasse: é que os escravos se recusavam a obedecer-lhe! O nosso estóico começou por os libertar do medo, demonstrando-lhes que os escravos só incorreriam em perigo se houvesse dúvidas sobre o carácter voluntário da morte do seu senhor; de resto, tão condenável era, por parte dos escravos, assassinar o senhor como impedi-
8 -lo de suicidar-se! Em seguida, aconselhou o próprio Marcelino a que, por humanidade, — tal como no fim dos banquetes se distribuem as sobras pelos escravos de serviço —, ao terminar a vida oferecesse alguma coisa àqueles homens que durante a vida inteira o serviram. Marcelino era homem de trato afável, e liberal... mesmo do seu património, e assim distribuiu pelos escravos em lágrimas pequenas somas de dinheiro, e dirigiu-lhes também pala-
9 vras de consolação. Para morrer, nem recurso a arma branca, nem efusão de sangue. Passou três dias sem alimentar-se, e mandou armar uma tenda dentro do quarto; depois, puseram lá uma banheira onde Marcelino se instalou, e foram-lhe deitando por cima água quente até que ele desfaleceu, sentindo nisso um certo prazer; e eu, que estou sujeito a frequentes desmaios, entendo bem esse prazer que nos dá a moleza do desfalecimento!

10 Deixei-me espraiar por uma história que com certeza te não desagradará: ficas a saber que a morte do teu

amigo nada teve de difícil ou lamentável. Embora decidindo-se pelo suicídio, a sua morte foi suave: Marcelino evaporou-se desta vida! Também espero que a minha história não tenha sido inútil, pois muitas vezes as circunstâncias tornam necessária a presença de tais exemplos. Muita vez sucede, de facto, que deveríamos morrer e não queremos, ou que morremos mesmo sem o querer! Não **11** há alguém tão estúpido a ponto de ignorar que, mais tarde ou mais cedo, há-de morrer; no entanto, quando a morte se aproxima, as pessoas vacilam, tremem, choram. Não te parece o cúmulo da imbecilidade alguém chorar por não ter vivido mil anos atrás? Pois não é menos imbecil alguém que chore por já não viver daqui a mil anos. As situações são idênticas: não existiremos no futuro, tal como não existimos no passado; um e outro espaço de tempo ser-nos-á alheio. Tu foste projectado para este ponto **12** do tempo: por muito que o alargues, até quando poderás alargá-lo? Porque choras? Por que anseias? Tudo será em vão:

Não esperes alterar com preces o destino fixado pelos deuses![19]

Os destinos estão determinados de uma vez por todas, e prosseguem a sua marcha em obediência à lei eterna do universo: tu irás para onde vai tudo o mais! Que vês nisto de estranho? Nasceste já sujeito a esta lei: o mesmo já sucedeu ao teu pai, à tua mãe, a todos os teus avós, a todos os homens que viveram antes de ti e a todos os que viverão depois de ti! Uma mesma necessidade ineluctável e inflexível domina todos os seres e arrasta-os consigo. Que multidão de gente não há para te seguir na **13**

---

[19] Vergílio, *Aen.* VI, 376.

morte, que multidão para nela te acompanhar!... Creio bem que a tua coragem seria maior se visses muitos milhares de pessoas a morrer ao mesmo tempo que tu; pois fica sabendo que no preciso momento em que tu vacilas ante a morte muitos milhares de homens e de animais estão, de uma forma ou de outra, exalando a alma. Julgavas, se calhar, que não havias um dia de chegar ao ponto para onde sempre te encaminhaste? Não há estrada que não chegue ao fim!...

14 Pensas que irei agora citar-te exemplos de homens famosos? Não, vou citar-te exemplos de crianças. Ficou na história o gesto de um jovem da Lacónia, imberbe ainda, que, ao ser feito prisioneiro, começou a gritar no seu dialecto dórico: *"Nunca serei escravo!"*[20] E comprovou as palavras pelos actos: a primeira vez que o mandaram desempenhar um trabalho servil e indigno (tratava-se de ir buscar um vaso para excrementos) ele despedaçou a cabeça con-**15**tra uma parede. Como pode alguém sujeitar-se a ser escravo tendo a liberdade assim à mão?! Não preferirias tu ver morrer assim um filho teu a vê-lo chegar à velhice por cobardia? Como te deixas perturbar pela ideia da morte se até crianças sabem enfrentá-la com coragem? Se não obedeces a bem ao destino, obedecerás a mal! Faz por vontade própria uma coisa que não tens poder para alterar. Não serás capaz de adoptar a atitude desta criança e gritar: *"Não serei escravo"?* Desgraçado de ti, que serás servo dos homens, das coisas, da vida — pois a vida não passa **16** de servidão se nos faltar a força para morrer!... Que possuis tu ainda para te alimentar a esperança? Já esgotaste todas as volúpias que te entravam e detêm: nenhuma te

---

[20] V. Séneca-o-Retor, *Suasoriae*, II, 8.

trará novidade, nenhuma te não será odiosa à força de as saciares a todas! Já conheces o sabor do vinho e do hidromel: que diferença faz então que pela tua bexiga passem cem ou mil ânforas? Não passas de um filtro!... Conheces na perfeição a que sabe uma ostra ou um rascasso: os teus luxos não te reservarão para o futuro qualquer novidade. E aqui estão as coisas de que tanto te custa apartar-te! Que mais há ainda que possas lamentar perder? Os amigos? Tens a certeza de que és amigo de alguém? A pátria? Acaso a amas tanto que por ela atrases a hora da ceia? O Sol? Se pudesses até o apagarias, já que nada fizeste na vida digno da sua luz... Confessa que não é com saudades do Senado ou do foro, nem sequer da natureza, que tu te mostras relutante em morrer! Tu vais abandonar um mercado de que experimentaste todos os produtos. Tens medo da morte, mas esqueces-te dela mal te ponham à frente um prato de cogumelos! Dizes que sabes viver: sabes mesmo?!... Tens medo da morte: e porquê? Essa tua vida não é igual à morte? Um dia que G. César ia passando pela Via Latina, aproximou-se dele um prisioneiro, que ia numa leva de forçados, com uma barba caída até ao peito, e pediu-lhe que o matasse. *"Pois tu ainda estás vivo?!"* — respondeu César. Aqui está o que devemos dizer àqueles de quem a morte se aproxima: *"Tens medo da morte; então ainda estás vivo?!"* Há quem diga que pretende viver porque comete muitas boas acções, que a custo se resigna a subtrair-se aos deveres da vida, porque no seu desempenho põe o maior empenho e boa vontade. Ora essa! Ignoras então que um dos deveres da vida é morrer? Tu não te eximes a nenhum dever, pois não é possível delimitar um número exacto de deveres que tenhas de cumprir. Toda a vida é sempre breve. Em confronto com a ordem da natureza foi breve a vida de Nestor, foi-o a

17 **18** **19** **20**

de Sátia — que mandou inscrever no túmulo: "*Vivi até aos noventa e nove anos*". Podes ver pessoas que se gabam de uma idade provecta: mas quem as suportaria se durassem até aos cem anos? Na vida é como no teatro: não interessa a duração da peça, mas a qualidade da representação. Em que ponto tu vais parar, é questão sem a mínima importância. Pára onde quiseres, mas dá à tua vida um fecho condigno!

78

1 Lamento saber que sofres frequentemente de gripe, e daquelas febres ligeiras e irritantes que as gripes prolongadas, e já quase ininterruptas, arrastam consigo. E lamento-o tanto mais quanto eu próprio também experimentei esse tipo de doença. A princípio não me preocupei: a minha juventude era ainda capaz de aguentar as maleitas e de resistir bravamente aos ataques da doença! Mas por fim fui-me abaixo, e cheguei ao ponto de ficar quase tuber-

2 culoso e reduzido a uma extrema magreza. Muitas vezes senti vontade de pôr termo à vida. O que me reteve foi a avançada idade do meu muito querido pai. Em vez de pensar no ardor com que seria capaz de enfrentar a morte, decidi pensar antes como ele desejaria ardentemente que eu não morresse! Assim, impus a mim mesmo a obrigação de viver. E a verdade é que por vezes continuar vivo é dar mostras de coragem!

3 Antes de dizer-te como é que me consolava da doença, dir-te-ei apenas isto: o próprio facto de me resignar a estar doente já me servia de remédio. De facto, formas dignas de consolação acabam por tornar-se medicamentos; e tudo quanto nos fortalece a alma transforma-se em benefício para o corpo. Os meus estudos restituíram-me a

saúde. É à filosofia que devo a minha convalescença, a minha recuperação; a ela devo a vida — aliás, a menor dívida de gratidão que tenho para com a filosofia. 4 Também contribuíram para eu recuperar a saúde os meus amigos: nos seus conselhos, na sua companhia, na sua conversa encontrei uma grande consolação. Lucílio, meu excelente amigo, nada ajuda tanto um doente a recuperar como a afeição dos amigos, nada é mais eficaz para afastar de nós a expectativa e o medo da morte. Digo-te: eu imaginava que continuaria a viver, não já na companhia deles, mas através da sua memória; dava-me a sensação de que não exalaria definitivamente a alma, mas sim que a confiaria nas suas mãos. Estes pensamentos deram-me a força de vontade para me ajudar a mim mesmo e para suportar todos os sofrimentos. O cúmulo da infelicidade seria, isso sim, ter perdido a vontade de morrer e, simultaneamente, não ter coragem para viver!

5 Recorre tu também a remédios idênticos a estes. O médico há-de indicar-te até que ponto podes andar a pé ou fazer exercícios, ele te dirá que não caias na indolência, que é o que a falta de forças tem tendência a fazer; prescrever-te-á que leias em voz alta, como forma de exercício para as tuas vias respiratórias bloqueadas; que andes de barco, para o balanço ginasticar os teus pulmões; dir-te-á o que podes comer, quando é que deverás beber vinho para ganhar força ou quando o deves evitar para não provocar e aumentar a tosse. O remédio que eu, por minha parte, te receito é válido não apenas para a tua doença, mas para toda a tua vida: despreza a morte. Nenhum motivo de tristeza pode haver quando nos libertamos do medo de morrer.

6 Em qualquer doença há três factores importantes a ter em conta: o medo de morrer, a dor física, a proibição

temporária dos prazeres. A respeito da morte já te disse o suficiente; acrescentarei apenas que o medo dela não é derivado da doença, mas da natureza humana. Muitos homens houve a que a doença adiou uma morte iminente: a sua salvação deveu-se à suposição de que estavam às portas da morte.[21] Tu hás-de morrer um dia, não por estares doente, mas sim por estares vivo. E esta lei da natureza é válida mesmo quando estiveres de boa saúde. Quando recuperares terás escapado apenas a uma doença, não à morte.

7 Voltemos agora ao aspecto mais penoso: é certo que a doença implica grandes dores físicas, mas o próprio facto de serem intermitentes torna-as suportáveis.[22] A intensidade de uma dor muito aguda tem o seu fim. É impossível alguém sentir uma dor enorme durante muito tempo. Vê como a natureza foi benévola connosco a ponto de fazer com que a dor fosse, ou suportável, ou de curta

8 duração. As dores mais fortes localizam-se nas partes mais delgadas do corpo: os nervos, as articulações, e todos os sectores mais afilados é onde se sente uma dor mais intensa, quando precisamente a moléstia se limita a um espaço diminuto. No entanto, mesmo estas partes do corpo ficam entorpecidas e acabam por deixar de sentir a dor devido à própria intensidade da dor, — ou porque o sopro vital, vendo vedada a sua via normal, segue outro curso, menos favorável, e perde aquela energia própria graças à qual nos faz mover; ou porque os humores infectados, deixando de ter um espaço aonde afluir, forçam a passagem por outro lado e tiram a sensibilidade àqueles

---

[21] Recordação autobiográfica: G. César (Calígula) chegou a pensar em mandar matar Séneca, desistindo da ideia por uma alta dama da corte (Agripina ??) o ter persuadido da iminência da morte do escritor, cf. Díon Cássio, LIX, 19.

[22] Cf. Epicuro, fr. 446 Usener.

pontos do corpo que inundam exclusivamente. Deste modo, **9** as dores da gota, quer dos pés, quer das mãos, bem como as dores nas vértebras ou nos nervos como que descansam assim que entorpecem as próprias partes do corpo em que se localizam. Em todos estes casos as primeiras manifestações da dor são difíceis de suportar, mas com a duração diminuem de intensidade, até que o entorpecimento acaba por pôr termo à dor. As dores de dentes, dos olhos, dos ouvidos são precisamente muito intensas porque se situam em partes do corpo muito diminutas, como, afinal de contas, sucede com a própria dor de cabeça; mas se a dor for muito aguda acaba por gerar como que um adormecimento, uma insensibilidade. Aqui tens outra forma de **10** te consolares das dores intensas: se sentires dores muitíssimo agudas acabas por necessariamente deixar de senti-las. As pessoas inexperientes[23] vêem-se em grandes dificuldades para superar as dores físicas precisamente porque não se acostumaram a contentar-se com a vida da alma, e dão portanto ao corpo uma grande importância. Por isso mesmo, o homem entregue de coração à sabedoria separa a alma do corpo e ocupa-se mais da primeira — a sua parte melhor, de natureza divina —, e apenas dá ao corpo — frágil e sempre queixoso! — os cuidados estritamente indispensáveis. *"Mas"* — dir-se-á — *"é penoso privarmo-* **11** *-nos dos prazeres habituais: deixar de comer, passar sede, passar fome."* Os primeiros tempos de jejum são naturalmente penosos, mas depois o apetite vai decrescendo, até porque os órgãos através dos quais se nos desperta o apetite

[23] Por pessoas inexperientes entenda-se os *insipientes*, os não sábios. Note-se como a receita aqui indicada por Séneca para combater a dor — "separar a alma do corpo" — se assemelha às técnicas praticadas pelos mestres de *yoga*.

se vão cansando e perdendo as forças; o estômago torna-se preguiçoso, e mesmo as pessoas ansiosas por comida acabam por sentir repugnância pelos alimentos. Os próprios desejos cessam: afinal, não custa nada passar sem **12** uma coisa que se deixou de desejar. Acrescenta a isto que toda e qualquer dor física está sujeita a intermitências, ou, pelo menos, diminui de intensidade. Acrescenta a isto que é possível precavermo-nos contra a dor tomando remédios quando ela está para chegar; de facto, não há dor que se não faça anunciar, porquanto regressa habitualmente em circunstâncias já conhecidas. E toda a doença é fácil de suportar desde que não liguemos importância à ameaça mais grave que ela implica.

13 Não comeces tu a fazer os teus males mais graves do que são e a afligires-te com queixumes. Toda a dor é ligeira quando não a julgamos a partir da opinião comum. Se, pelo contrário, começares a exortar-te a ti mesmo e a dizer: *"Isto não é nada, ou pelo menos não é nada de importância! O que é preciso é paciência! Isto passa já!"* — pelo próprio facto de considerares ligeiras as tuas dores, já estás a torná-las de facto ligeiras. Todos os nossos juízos estão suspensos da opinião comum. Não são apenas a ambição, o luxo, a avareza que se regulam por ela: tam-**14** bém sentimos as dores de acordo com a opinião. Cada um só é desgraçado na justa medida em que se considera tal. Em meu entender, há que pôr termo às lamentações por dores já passadas, e que evitar palavras tais como: *"Nunca alguém esteve tão mal como eu! Que dores, que sofrimentos eu padeci! Ninguém imaginava que eu iria recuperar! Quantas vezes a família chegou a chorar-me e os médicos a abandonarem-me como morto! Os supliciados na mesa de tortura não sofrem tormentos iguais aos meus!"* Mesmo que tudo isto fosse verdade, pertence já ao passsado.

O que é que se ganha em *re-sentir* os sofrimentos passados, qual a vantagem de, por o ter sido uma vez, se continuar a sentir desgraçado? E não é verdade que toda a gente exagera consideravelmente os próprios males, mentindo, afinal, a si mesma? Ao fim e ao cabo, uma coisa penosa de suportar torna-se agradável quando a vemos já no passado: sentir prazer com o termo da própria infelicidade é um sentimento natural. Há, portanto, dois sentimentos que devemos eliminar decididamente: o medo do futuro e a recordação da desgraça já passada; esta já não **15** me diz respeito, o primeiro ainda o não faz. Perante uma situação difícil há que dizer apenas: "*Um dia — quem sabe! — até isto nos será grato recordar!*"[24] Um homem tem que lutar contra a dor, de alma e coração; se ceder à dor será vencido, mas se juntar contra ela todas as suas forças sairá vencedor. O que hoje fazem quase todas as pessoas é atrair sobre si a ruína a que deviam tentar obstar. Imagina um muro já todo inclinado, a ameaçar cair: se lhe escavares os fundamentos, o resultado será ele desabar com mais violência; mas se lhe meteres ombros, se tentares escorá-lo, ele aguentar-se-á. Quantas pancadas não **16** apanham os pugilistas no rosto, e em todo o resto do corpo! No entanto, submetem-se a essa tortura apenas pela ambição da glória. E não apanham pancada apenas porque lutam, mas também para que possam lutar: o próprio treino já é uma tortura. Pois também nós devemos superar todos os confrontos, embora a nossa recompensa não seja uma coroa, uma palma ou um toque de trombeta a fazer silêncio no estádio para que se proclame o nosso nome. O nosso prémio estará na virtude, na fir-

---

[24] Vergílio, *Aen.*, I, 203.

meza de alma, na paz interior para todo o sempre conquistada desde que uma só vez, em qualquer confronto, formos capazes de dominar a fortuna. *"Sinto uma dor aflitiva."*

17 E então? Sente-la menos se diante dela te portares cobardemente? Na guerra, o inimigo é mais perigoso para os soldados fugitivos; semelhantemente, qualquer contrariedade fortuita torna-se mais grave quando, em vez de resistir, lhe viramos as costas. *"Mas é mesmo aflitiva!"* E depois? Então nós somos fortes e só pegamos em coisas leves? O que é que preferes, uma doença prolongada, ou um ataque muito forte mas de curta duração? Uma doença prolongada tem altos e baixos, está sujeita a recaídas, exige necessariamente grande lapso de tempo quer para se declarar quer para se extinguir. Uma doença muito grave mas breve, pelo contrário, fará uma de duas coisas: ou acaba com o doente, ou acaba ela. Que diferença há entre não existir a doença ou não existir eu se, em ambos os casos, a dor deixa de sentir-se?

18 Outra coisa salutar a fazer é desviar a atenção para outros pensamentos em vez de se estar a pensar na dor. Pensa em todos os actos que cometeste com rectidão e coragem; discute contigo mesmo causas justas: exercita a memória recordando todos os exemplos que suscitaram algum dia a tua admiração. Vir-te-ão à lembrança mil e um exemplos de homens que, à força de energia, saíram vencedores da própria dor: este, enquanto por sua ordem lhe laqueavam as varizes continuou como se nada fosse a ler o seu livro; aquele nunca parou de rir enquanto os seus algozes, tanto mais irritados quanto mais ele ria, experimentavam nele todos os instrumentos que a crueldade lhes oferecia. Se o riso pôde vencer a dor, como não

19 há-de vencê-la a razão? Podes falar-me do que te apetecer: das tuas gripes, da tosse forte e contínua que te

arranca bocados dos pulmões, da sede, dos teus membros distorcidos pelas múltiplas deformações das articulações! Piores ainda são o fogo, a mesa da tortura, as placas incandescentes aplicadas sobre feridas entumescidas, para as reabrir, para as cavar ainda mais fundas. No entanto, submetido a estes tormentos houve alguém que não gemeu. Mais: que não implorou. Mais: que não respondeu ao interrogatório. Mais ainda: que riu, e com toda a alma. Perante este exemplo, já sentes coragem para fazer pouco da dor?

20 Poderá objectar-se *"que a doença não deixa as pessoas agir, impede-as de cumprirem as suas obrigações."* Vejamos: a falta de saúde afecta o teu corpo, mas não o teu espírito. Ou seja, pode impedir um corredor de usar as pernas, um sapateiro ou outro qualquer artífice de usar as mãos. Mas se tu estás habituado a usar o espírito poderás continuar a aconselhar e a ensinar, a ouvir e a aprender, a investigar e a relembrar. Vamos lá a ver: tu julgas que, se fores um doente paciente, ficas impossibilitado de agir? Não ficas: mostras aos outros que a doença pode ser superada, ou pelo menos tolerada! **21** Acredita no que te digo: mesmo quando se está acamado há ensejo para manifestar virtude. Não é só em combate, de armas na mão, que se pode dar mostras de uma alma corajosa e intrépida ante o perigo: o homem de coragem até jazendo num leito se impõe. Aqui tens matéria para agires: luta valorosamente com a tua doença. Se ela te não dominar, te não subjugar — darás aos outros um belo exemplo. Oh, que manancial de glória nós obteríamos se os outros nos contemplassem na doença! Contempla-te a ti mesmo, dá a ti mesmo motivos para te sentires contente contigo!

22 Também devemos pensar que há dois géneros de prazer. A doença diminui os prazeres corporais, embora os

não elimine; pelo contrário, vendo bem até os estimula. É quando se tem sede que melhor sabe a bebida, e quando se está com fome é quando a comida mais apetece. Em suma, agarramos com mais avidez algo de que habitualmente estamos proibidos. Os prazeres do espírito, contudo — que são muito superiores e seguros —, esses nenhum médico os proíbe ao doente. Quem se entrega a estes prazeres e os aprecia devidamente não atribui a menor relevância às seduções dos sentidos. **23** "*Que infeliz doente!*" Porquê? Porque não deita neve no copo para refrescar o vinho? Porque não reaviva com gelo moído a frescura da bebida que preparou numa taça enorme? Porque lhe não servem à mesa ostras do lago Lucrino, abertas no momento? Porque, enquanto janta, não anda à volta dele uma multidão de cozinheiros trazendo para a sala os próprios fogareiros onde se cozinham os pratos? Sim, porque este é o último requinte da moda: para a comida não arrefecer, para que não chegue às bocas calejadas sem ser a ferver, a cozinha transfere-se para a sala de jantar!... **24** "*Que infeliz doente!*" Pois coma só o que é capaz de digerir; não ponham à vista dele um javali que ele rejeita como se fora carne de segunda indigna da sua mesa, não lhe apresentem nas travessas um monte de peitos de aves (já que ver as aves inteiras lhe provoca enjoo!). Que infelicidade é a dele? Comerá como pessoa que está doente, ou, melhor dizendo, como alguém que finalmente está de boa saúde!

25 Quanto a nós, não teremos dificuldade em suportar tudo isto — as poções, a água quente — e outras coisas ainda que pareçam intoleráveis às pessoas requintadas e emasculadas pelo luxo, mais doentes afinal do espírito que do corpo. Basta para isso que deixemos de ter horror à morte. E deixaremos de o ter desde o momento em que conheçamos os limites do bem e do mal; neste caso nem

a vida nos causará fastídio nem a morte temor. Um homem habituado à contemplação das coisas mais diversas, elevadas, divinas nunca pode sentir-se farto de viver; é a ociosidade sem energia que costuma tornar a vida odiosa. A quem percorre a natureza nunca a verdade se tornará fastidiosa; pelo contrário, fartá-lo-ão, sim, as falsas aparências. Um tal homem, se a morte lhe vem bater à porta, ainda que o ceife na força da vida — nem por isso deixa de atingir os benefícios que lhe daria uma existência prolongada. Esse homem conhece a natureza em grande parte; sabe que os valores morais não aumentam com o tempo. Aos outros — os que medem a vida segundo os seus prazeres vãos e, por isso mesmo, infindáveis —, a esses toda a vida se afigura necessariamente breve! **26** **27**

Entretanto, vai-te entretendo com estas meditações, mas não deixes de arranjar tempo para me escrever. Um dia virá em que nós nos possamos juntar e conviver de novo, e, por muito breve que esse momento seja, a nossa capacidade para aproveitá-lo fá-lo-á parecer longo. Conforme diz Posidónio, *"um único dia da vida de um sábio é mais rico do que a existência interminável de um ignorante."* Agarra-te por agora a este princípio, assimila-o bem: não sucumbir com a adversidade, não confiar na felicidade, ter sempre diante dos olhos a arbitrariedade da fortuna — como se ela houvesse mesmo de fazer tudo o que lhe é possível fazer. O que esperamos longamente torna-se mais fácil de aguentar quando nos atinge! **28** **29**

79

1 Aguardo uma carta em que me descrevas todas as novidades que encontraste durante o périplo da Sicília, incluindo informações exactas acerca de Caríbdis. Quanto a

Cila, sei perfeitamente que não passa de um rochedo, e nem sequer muito perigoso para a navegação, mas de Caríbdis estou interessado em saber se corresponde à lenda. Se fores observar o local (e é inegável que merece uma visita tua!), informa-me se é um único vento que provoca o turbilhão, ou se é a ventania soprando em todas as direcções que transforma o mar em sorvedouro. Também pretendo saber se é verdade que um objecto sorvido nesse remoinho marítimo é arrastado por muitas milhas sob as águas para voltar à surperfície perto da
2 costa de Tauroménio. Se me transmitires todos estes dados, então atrever-me-ei a pedir-te que, em minha honra, subas ao alto do Etna. De acordo com certos autores, a montanha vai sendo consumida e diminui de altitude, o que eles deduzem de antigamente o Etna ser visível aos navegantes de uma distância um tanto maior. O fenómeno pode explicar-se, não por uma diminuição de altitude da montanha, mas sim por as chamas internas se acalmarem e serem projectadas com menor energia e amplitude; pelo mesmo motivo vemos a coluna de fumaça mais reduzida durante o dia. Nenhuma das duas explicações é inverosímil: pode suceder que uma montanha diariamente devorada pelo fogo diminua de tamanho, mas pode suceder também que conserve o mesmo tamanho, por as chamas não corroerem a própria montanha, antes, concentrando-se em algum vale subterrâneo, transbordarem e irem alimentar-se noutro local; o Etna seria, neste caso, não pasto,
3 mas apenas local de passagem para o fogo. Há na Lícia uma região muito conhecida, a que os indígenas dão o nome de Hefestion, na qual o solo está perfurado em muitos locais dando passagem ao fogo, que aliás se espalha sem qualquer prejuízo para a vegetação. É um facto

que a dita região é muito fértil e toda coberta de ervas; as chamas, em vez de consumirem tudo, parecem ter perdido as forças e limitam-se a brilhar.

Deixemos esta questão por agora. Voltarei a pôr-ta quando tu me disseres a que distância do cume do monte se estendem as neves que nem o verão derrete, a tal ponto elas se mantêm incólumes apesar da vizinhança do fogo. Aliás, não me atribuas só a mim esta curiosidade: mesmo que ninguém de tal te incumbisse tu serias louco bastante para querer satisfazê-la... Que presente queres tu que eu te ofereça para te dissuadir de incluíres no teu poema a descrição do Etna, e renunciares a um motivo que tem atraído todos os poetas? Tema que nem o facto de Virgílio o ter desenvolvido, impediu Ovídio de também o tratar, tal como ambos estes poetas não dissuadiram Cornélio Severo de igualmente o versar.[25] De resto, foi este um tema que se prestou a todos eles em abundância: parece-me a mim que os poetas mais antigos, longe de esgotarem o assunto, apenas indicaram os tópicos a desenvolver. Há grande diferença entre um tema já esgotado e outro meramente aludido: neste caso, a matéria vai dia-a-dia ganhando amplitude, e as exposições já feitas não impedem a feitura de outras novas. Pode também dizer-se que a situação do último poeta da lista é privilegiada, pois encontra à sua disposição imagens já feitas que, inseridas em novo contexto, ganham diferente coloração. Utilizar tais imagens não é, de modo algum, um furto, por-

4 5 6

---

[25] Vergílio, *Aen.*, III, 570 ss.; Ovídio, *Met.*, XV, 340 ss.; nos reduzidos fragmentos conservados de Cornélio Severo (Morel, pp. 116-119) não figura qualquer referência ao Etna. Quanto ao poema intitulado *Aetna* nada prova, nem mesmo este passo de Séneca, que a sua autoria deva ser atribuída a Lucílio Júnior, apesar de vários filólogos se terem pronunciado nesse sentido.

7 quanto elas já são do domínio público. Ou eu não te conheço, ou o tema do Etna faz-te crescer a água na boca! Aí estás tu cheio de vontade de escrever um grande poema, tão bom como os já existentes! Digo "tão bom" porque da tua modéstia não se pode esperar mais: tal é ela que, julgo bem, te levaria a refrear o teu talento se corresses o risco de escrever melhor que os antigos, tanta é a veneração que por eles sentes!

8 Entre outras vantagens, a sabedoria também tem isto de bom: só se pode ser ultrapassado por outro durante a fase de ascenção. Quando se chega ao cume, não mais subsistem diferenças: a sabedoria é um estado constante, não passível de qualquer incremento. Acaso o Sol pode aumentar de tamanho ou a Lua sair da sua órbita? Os oceanos também não crescem; o mundo conserva sempre 9 a sua forma e as suas medidas. Todos os seres que atingiram as suas dimensões ideais já não podem aumentar e, por isso, todos os homens que atingirem a sapiência são de valor inteiramente idêntico. De entre eles, cada um terá as suas qualidades próprias: um poderá ser mais afável, outro mais desembaraçado, outro de palavra mais pronta, outro dotado de maior eloquência. Mas o ponto que nos interessa — a sapiência que gera a beatitude — essa será 10 igual em todos eles. Se o teu Etna pode ser interiormente consumido e ruir sobre si mesmo, se a acção contínua das chamas tem força para destruir essa imponente montanha, visível da vastidão do mar — isso ignoro-o! A virtude, contudo, não há chamas ou catástrofes que a abatam; a sua majestade é a única que não admite decréscimo. Não pode ser aumentada, tal como não pode ser reduzida; à semelhança dos corpos celestes, a sua magnitude é constante. Esforcemo-nos, pois, para nos elevarmos até ela! 11 Muito do trabalho necessário já está feito; ou melhor,

para dizer a verdade, não muito!... Quando partimos do mais baixo grau, tornarmo-nos melhores não significa atingir o bem: alguém se orgulha dos seus olhos só por vislumbrar a claridade do dia? O homem que vê o Sol luzir através do nevoeiro, se tem razão para se mostrar contente de ter já escapado às trevas, nem por isso goza plenamente dos benefícios da luz! A nossa alma só terá **12** motivo para se congratular quando, liberta das trevas em que ainda se debate, não se limitar a ver uma débil luminosidade, mas receber em pleno a luz do dia, quando for restituída ao espaço celeste e reocupar o lugar que era o seu antes do nascimento. É para lá que a chama o seu estado primordial, e lá poderá a nossa alma residir mesmo antes de subtrair-se à prisão do corpo desde que, expulsando por completo os vícios, se eleve subtil e pura até ao pensamento divino!

13 Aqui tens o nosso objectivo, caríssimo Lucílio, esta a meta para onde devemos dirigir-nos com todo o empenho, ainda que poucos, ou mesmo ninguém, saiba do nosso esforço. A fama é para a virtude como uma sombra: segue-a ainda que esta o não pretenda. Ora, a sombra umas vezes precede-nos, outras projecta-se para trás de nós: o mesmo se passa com a fama, que umas vezes nos precede com a maior evidência, e outras só nos alcança mais tarde — mas tornando-se tanto maior quanto mais tardia, quando já toda a inveja se desvaneceu. Quanto tempo não **14** se julgou que Demócrito era louco! Como foi diminuta a celebridade de Sócrates! Quanto tempo ignorou Roma o valor de Catão, a quem rejeitou, a quem só apreciou na justa medida quando o perdeu! A pureza e a virtude de Rutílio permaneceriam ignoradas se ele não tivesse sido vítima de uma injustiça, mas refulgiram à luz do dia quando a violência se abateu sobre ele. Porventura não se

mostrou ele grato ao destino e aceitou com entusiasmo o exílio que lhe impuseram? Estou-te falando de homens a quem a fortuna, ao mesmo tempo que os abateu, tornou famosos. Mas quantos outros não alcançaram sucesso senão após a morte! E quantos ainda a fama, mais do que **15** envolver, não foi por assim dizer exumar!... Vê a multidão, e não só de gente culta mas mesmo de pessoas pouco letradas, que hoje pasma de enlevo por Epicuro, esse Epicuro que viveu nos arredores de Atenas sem que a cidade desse pela sua presença! Muitos anos depois de o seu amigo Metrodoro ter falecido, Epicuro, numa carta em que calorosamente se referiu à amizade que o unira a Metrodoro, escreveu a terminar que, no meio da sua felicidade, nem ele nem Metrodoro em nada se sentiram lesados pelo facto de a nobre Grécia não só os ter ignorado **16** mas mesmo quase lhes não conhecer os nomes. Não é verdade que Epicuro só foi descoberto depois de terminados os seus dias? Não é exacto que só então a sua fama resplandesceu? O próprio Metrodoro também afirma numa carta que tanto ele como Epicuro eram pouco conhecidos; mas acrescentou que, depois da morte de ambos, grandemente famosos seriam os que se dispusessem a seguir os **17** seus ensinamentos[26]. A virtude nunca passa despercebida mas, se passar, isso em nada a diminui: um dia virá que traga ao conhecimento de todos a virtude ignorada e como que soterrada pela perversidade da sua época! Quem só pensa nos seus contemporâneos veio a este mundo para proveito de escasso número. Muitos milhares de anos e de gerações se sucederão: pensa na posteridade. Ainda que a

---

[26] Este passo forma o fr. 188 Usener, de Epicuro. V. também Epicuro, fr. 551 Usener, a máxima λάθε βιώσας.

inveja dos teus coetâneos cubra de silêncio o teu nome, outros homens virão capazes de te julgarem sem má vontade nem parcialidade[27]. Se a glória dá algum valor à virtude, esse valor nunca perecerá. Não chegará aos nossos ouvidos o que os pósteros dirão de nós, mas decerto nas suas palavras, embora sem o sentirmos, continuaremos a ser uma presença. Vivo ou morto, todo o homem **18** tirou benefício da virtude, na condição de a ter praticado com sinceridade, de não a ter usado como mero adorno postiço, de ter agido sempre de forma idêntica perante os visitantes, quer estes se fizessem anunciar quer, pelo contrário, lhe surgissem diante inesperadamente. De nada vale a hipocrisia; podem alguns deixar-se iludir por uma ligeira afectação de virtude superficialmente afivelada no rosto, a verdade, essa, é sempre constante em todos os pormenores. As aparências ilusórias carecem de solidez. Toda a mentira é frágil, e imediatamente se denuncia como tal se a analisares com atenção.

80

1 Hoje tenho o tempo todo por minha conta, benesse que fico devendo menos a mim próprio do que à realização de uma "esferomaquia"[28] e à atracção que tal espectáculo exerceu sobre todos os possíveis importunos. Ninguém virá interromper-me, ninguém impedirá o curso das minhas meditações que assim, com esta certeza, prossegue com maior firmeza. Não ouvirei de vez em quando a

---

[27] *Sine ira et studio*, dirá Tácito no prefácio dos seus *Annales* (1, 1, 4).

[28] "Esferomaquia" — jogo de bola em que podiam participar diversos competidores.

porta a abrir-se, não verei afastar-se a cortina do meu gabinete: poderei prosseguir em paz e sossego, o que é tanto mais necessário para quem caminha sozinho seguindo a sua própria via. Não pretendo negar que sigo os meus predecessores; claro que os sigo, mas reservando-me o direito de descobrir, alterar ou abandonar alguma ideia; não sou escravo dos meus mestres, apenas lhes dou o meu assentimento!

2 Mas creio que falei demais quando me gabei de poder gozar uma tarde de silêncio e um retiro livre de interrupções: agora mesmo me chega aos ouvidos um enorme clamor vindo do estádio, o qual, se me não corta o pensamento, pelo menos o desvia para a consideração do fenómeno desportivo. Ponho-me a pensar na quantidade dos que exercitam o físico, e na escassez dos que ginasticam a inteligência; na afluência que têm os gratuitos espectáculos desportivos, e na ausência de público durante as manifestações culturais; enfim, na debilidade mental desses atletas de quem admiramos as espáduas musculadas. 3 E penso sobretudo nisto: se o corpo pode, à força de treino, atingir um grau de resistência tal que permite ao atleta suportar a um tempo os murros e pontapés de vários adversários, que o torna apto a aguentar um dia inteiro sob um sol abrasador, numa arena escaldante, todo coberto de sangue — não será mais fácil ainda dar à alma uma tal robustez que a torne capaz de resistir sem ceder aos golpes da fortuna, capaz de erguer-se de novo ainda que derrubada e espezinhada?! De facto, enquanto o corpo, para se tornar vigoroso, depende de muitos factores materiais, a alma encontra em si mesma tudo quanto necessita para se robustecer, alimentar, exercitar. Os atletas precisam de grande quantidade de comida e bebida, de muitos unguentos, sobretudo de um treino intensivo: tu, para atingires a

virtude, não precisarás de dispender um tostão em equipamento! Aquilo que pode fazer de ti um homem de bem **4** existe dentro de ti. Para seres um homem de bem só precisas de uma coisa: a vontade[29]. Em que poderás exercitar melhor a tua vontade do que no esforço para te libertares da servidão que oprime o género humano, essa servidão a que até os escravos do mais baixo estrato, nascidos, por assim dizer, no meio do lixo, tentam por todos os meios eximir-se? O escravo gasta todas as economias que fez à custa de passar fome para comprar a sua alforria; e tu, que te julgas de nascimento livre, não estás disposto a gastar um centavo para garantires a verdadeira liberdade?![30] Escusas de olhar para o cofre, que esta liber- **5** dade não se compra. Por isso te digo que a "liberdade" a que se referem os registos públicos é uma palavra vã, pois nem os compradores nem os vendedores da alforria a possuem. O bem que é a liberdade terás tu de dá-lo a ti mesmo, de o reclamar a ti mesmo! Liberta-te, para começar, do medo da morte (já que a ideia da morte nos oprime como um jugo), depois do medo da pobreza. Para **6** te convenceres de que a pobreza não é em si um mal bastar-te-á comparares o rosto dos pobres com o dos ricos. Um pobre ri com mais frequência e convicção; nenhuma preocupação o aflige profundamente; mesmo que algum cuidado se insinue nele depressa passará como nuvem ligeira. Em contrapartida, aqueles a quem o vulgo chama "afortunados" exibem uma boa disposição fingida, carregada, contaminada de tristeza, e tanto mais lamentável

---

[29] Sobre a importância da *vontade* no pensamento de Séneca cf. supra nota 2.

[30] Idêntica oposição entre a "liberdade" civil acessível aos escravos e a verdadeira liberdade só ao alcance dos filósofos em Pérsio, *Sat.*, V, 73 ss.

quanto, muitas vezes, nem sequer podem mostrar-se abertamente infelizes, antes se vêem forçados, entre desgostos que lhes roem o coração, a representarem a comédia da

7 felicidade! Eu sirvo-me frequentemente deste exemplo, pois nenhum outro exprime com mais eficácia a farsa que é a vida humana, farsa em que desempenhamos papéis para que não somos fadados. O actor que entra faustosamente em cena e proclama com arrogância

> *"Sou o rei de Argos; Pélope deixou-me este reino,*
> *o território do Istmo, batido pelas águas do Helesponto e pelas do mar Jónio!"*[31]

não passa de um escravo que recebe cinco módios de trigo

8 e outros tantos dinheiros como salário! Aquele outro que grita com insolência e grosseria, inchado com a presunção da própria força

> *"se não páras, Menelau, cairás às minhas mãos!"*[32]

esse é pago ao dia, e dorme numa manta de retalhos! O mesmo podemos dizer de todos estes efeminados que viajam de liteira, suspensos acima do comum dos mortais e olhando o vulgo de cima: a sua felicidade não passa de

9 encenação! Despe-os dos seus adornos, eles só te causarão desprezo. Se fores comprar um cavalo mandas primeiro tirar a manta que o cobre, se um escravo, mandas despi-lo, não vá ele ter qualquer mazela: porquê, então, avaliar o valor dos homens pelo vestuário? Os vendilhões, esses é que quando notam algum defeito no escravo o tratam de cobrir de ornamentos, e o resultado é que os compradores desconfiam quando vêem muito adorno: quando o escravo tem uma perna ou um braço muito enfeitado, mandamo-lo

---

[31] *Trag. rom. fr.* inc. 104-6, p. 289 Ribbeck[3] (= *fr. trag. inc.* 55 Klotz); o primeiro verso deste fr. é citado também por Quintiliano, IX, 4, 140.

[32] *Trag. rom. fr.* inc. 27, p. 276 Ribbeck[3].

tirar a roupa e mostrar o corpo. Conheces os turbantes com que os reis citas ou sármatas enfeitam a fronte? Se quiseres avaliar em si mesmo o valor total de algum deles tens de tirar-lhes todas essas faixas: quanta maldade não podem elas esconder! Mas para quê falar dos outros? Pensa em ti: se quiseres saber quanto vales não atendas aos teus rendimentos, à tua casa ou à tua posição social, olha sim para dentro de ti, em vez de, como agora, acreditares no valor que os outros te atribuem! **10**

LIVRO X

(Cartas 81-83)

81

Queixas-te de teres dado com um ingrato! Se é a primeira vez que isso te sucede bem podes agradecer à tua sorte ... ou à tua prudência. Mas esta é uma questão em que a prudência apenas fará de ti um homem azedo, pois se pretenderes evitar o perigo da ingratidão nunca mais farás benefícios a ninguém. Quer dizer, para que os teus benefícios não sejam em vão, privas-te de fazê-los. A verdade é que é preferível proporcionar benefícios mesmo sem contrapartida do que renunciar a beneficiar os outros: há que voltar a semear, mesmo depois de uma má colheita! As sementeiras perdidas por uma prolongada esterilidade de um terreno pouco fértil podem ser compensadas pela abundância de uma única messe. Para encontrarmos um só homem grato vale bem a pena sujeitarmo-nos à ingratidão de muitos. Ao distribuir benefícios ninguém tem a mão tão certeira que não se possa com frequência enganar: pois sejam em vão esses benefícios, desde que uma ou outra vez sejam bem aplicados! Não é um naufrágio que põe termo à navegação, como não é a presença de um falido que impede o usurário de montar banca no foro. Em breve a nossa vida se transformará num torpor

1 2

inutilmente ocioso se pretendermos eximir-nos à mínima contrariedade. A ingratidão que sofreste deve dar-te ânimo para seres ainda mais pródigo nos teus benefícios: quando uma acção é de resultado imprevisível há que empreendê-la uma e outra vez para aumentar a probabilidade de sucesso!

3 Sobre este problema, todavia, já discreteei mais do que suficiente no meu livro *"Sobre os benefícios"*[1]. Esclareçamos antes uma questão que, segundo julgo, não foi completamente discutida nessa obra, e que é a seguinte; perante um homem que nos fez um benefício e que posteriormente nos prejudicou podemos considerar-nos quites, livres da nossa dívida de gratidão? Se queres, podes ainda acrescentar: o prejuízo que nos causou superou em muito o

4 benefício que antes nos fizera. Se pedires a opinião a um juiz estritamente rigoroso, ele entenderá que o prejuízo equilibra o benefício e dir-te-á que, *"embora o malefício seja preponderante, a medida em que o prejuízo o excede deverá ser posta na conta dos benefícios"*. O homem prejudicou-nos, mas anteriormente já nos fora útil; dê-se por-

5 tanto o desconto devido ao tempo que passou. É por demais evidente — e nem preciso de te chamar a atenção para isto! — que devemos investigar o grau de boa vontade com que o outro nos prestou o benefício, ou até que ponto o prejuízo que nos causou foi involuntário, porquanto quer os benefícios, quer as ofensas dependem do ânimo com que foram feitas. *"Eu não quis fazer-te um benefício; apenas o fiz por vergonha, ou por me deixar vencer pelas tuas súplicas, ou por esperança de retribui-*

6 *ção."* A nossa dívida de gratidão é proporcional à boa

---

[1] Cf. *De beneficiis*, I, 1, 9 ss.

vontade que usaram connosco: o que interessa num benefício não é o seu quantitativo, mas sim o espírito com que foi feito. Mas abandonemos por agora esta conjectura: o nosso homem fez-nos primeiramente um benefício, e causa-nos agora um prejuízo que ultrapassa o valor do benefício precedente. Um homem de bem fará as contas de maneira que o saldo lhe seja desfavorável, aumentará a cifra do benefício, reduzirá a do prejuízo. Um juiz mais brando, tal como eu próprio prefiro ser, mandará que se esqueçam os prejuízos e apenas se pense na dívida de gratidão. Poderás objectar-me *"que é de justiça pagar a cada um conforme merece: ser grato em relação aos benefícios, e retribuir com a pena de talião — ou pelo menos com a cessação da gratidão — os prejuízos recebidos".* Isso é verdade quando o autor da ofensa e o autor do benefício não são uma e a mesma pessoa; se o são, nesse caso o benefício deve anular a gravidade da ofensa. Se nós, mesmo para com quem não nos fez qualquer bem, devemos ser indulgentes, devemos ser mais do que indulgentes se esse alguém nos faz mal depois de nos ter feito algum benefício. Eu não julgo os dois actos pela mesma bitola, pelo contrário, dou mais importância ao benefício do que à ofensa. Nem todos sabem ser gratos: um indivíduo, — mesmo de pouca formação, inculto, homem vulgar, em suma — pode ficar devendo um favor, pelo menos vendo a coisa pelo ângulo dos benefícios que recebeu, pois não sabe a medida exacta em que fica em dívida. Apenas o filósofo sabe o valor que a cada benefício se deve atribuir. O indivíduo inexperto de que acima falei, por boa vontade que tenha, pagará pela sua dívida menos do que deve, ou fá-la-á numa ocasião ou num local inoportuno — em suma, o favor com que pensa retribuir vai-se em pura perda!

7

8

9 Há certos domínios em que empregamos as palavras com uma rara propriedade. Usamos tradicionalmente certos vocábulos que designam com toda a eficácia os deveres sociais que pretendemos ensinar. Costumamos, por exemplo, dizer com toda a propriedade "que este homem *apresentou* os seus agradecimentos àquele outro". De facto, *apresentar* significa mostrar maior gratidão do que a devida. Não dizemos: "*pagou* o favor recebido", pois *pagar* fazem-no todos, mesmo quando a dívida tem de lhes ser reclamada, ou quando a pagam contra vontade, sem data certa ou por interposta pessoa. Também não dizemos que "*recompensou* o favor recebido" ou o "*restituiu*": quer dizer, não gostamos de usar para esta situação os termos empre-**10** gados quando se fala de dinheiro emprestado. *Apresentar* significa *tornar presente* alguma coisa àquela pessoa de quem recebemos um favor. Este vocábulo implica que se trata de uma apresentação voluntária: quem *apresenta*, fá-lo por sua própria iniciativa. O sábio examinará, no seu foro íntimo, todos os aspectos da questão: o valor do benefício recebido, a pessoa que o fez, e porquê, quando, onde e por que forma. Por esta razão nós afirmamos que apenas o sábio sabe manifestar devidamente a sua gratidão, do mesmo modo que apenas o sábio sabe prestar devidamente um favor, ou seja, de um modo tal que maior contentamento sente o sábio em prestá-lo do que o outro em recebê-lo! Não faltará neste ponto quem veja nas nossas palavras uma daquelas frases insólitas, ou *paradoxos*[2], como dizem os gregos, e nos objecte: "*Com que então ninguém, excepto o sábio, sabe manifestar a sua gratidão?!*

---

[2] Uma pequena colecção de "paradoxos dos estóicos" é objecto de um texto de Cícero com esse título.

Pela mesma ordem de ideias também só o sábio saberá como pagar aos credores ou dar aos vendedores o justo preço dos objectos que compra!" — Bom, para não terem má vontade connosco, fiquem todos sabendo que Epicuro partilha a nossa opinião. Metrodoro, pelo menos, afirma sem hesitar que tão somente o sábio sabe como manifestar a sua gratidão[3]. De resto, também causa espanto nós dizermos *"que apenas o sábio sabe amar, que apenas o sábio sabe ter amizade"*. Ora, manifestar gratidão é um componente do amor e da amizade, direi até que é um componente de alcance mais geral e que abrange mais pessoas do que a verdadeira amizade. E não menor espanto causa nós dizermos que só no sábio pode existir a lealdade, como se o nosso antagonista não dissesse afinal a mesma coisa! Ou pensas tu que pode conhecer a lealdade quem não sabe manifestar gratidão? Deixem então de falar mal de nós como se nós apenas proclamássemos paradoxos, e fiquem de uma vez por todas a saber que, enquanto o sábio age segundo os valores morais, o vulgo se limita a guardar a aparência exterior da moralidade. Ninguém, excepto o sábio, sabe manifestar gratidão. O não-sábio deve tentar manifestá-la conforme souber e puder: será preferível faltar-lhe o conhecimento do que a vontade — já que a vontade não é coisa que se aprenda. O sábio terá de proceder a uma avaliação comparativa de todos os factores, porquanto o benefício — embora de valor material idêntico — revestirá maior ou menor relevância em função do momento, do local e da motivação. Muitas vezes se tem verificado que riquezas abundantes afluindo sobre uma família se mostraram menos eficazes do que mil denários

12

13

14

---

[3] Metrodoro, fr. 54 Koerte.

oferecidos no momento exacto. Há considerável diferença entre uma oferta e um gesto de socorro, não significa o mesmo o facto de, com a nossa liberalidade salvarmos alguém ou apenas o financiarmos; e com frequência uma dádiva exígua traz consigo consequências de grande alcance. Por exemplo, não vez tu a diferença entre alguém que dispõe dos seus fundos para fazer um favor a outrem, e alguém que tem de pedir primeiro para poder ser útil por sua vez?!

15 Mas não passemos mais tempo a remoer assuntos já amplamente tratados. Ao fazer a comparação entre o benefício recebido e o prejuízo sofrido, o homem de bem, embora pronunciando o seu juízo com a maior equidade, penderá a favor do benefício, inclinar-se-á de preferência
16 nesse sentido. Da maior relevância, porém, é a pessoa que está em causa nestas situações: *"Fizeste-me um benefício concernente a um escravo mas ofendeste-me a respeito do meu pai"*; ou então: *"Salvaste-me o filho, mas roubaste-me o pai"*; A nossa personagem fictícia prosseguirá em seguida a sua comparação e, caso verifique que é diminuta a diferença entre o valor do benefício e o da ofensa, não lhe ligará importância; mesmo na hipótese de essa diferença ser considerável, deverá retribuir o favor, caso o possa fazer sem detrimento dos seus deveres de lealdade familiar — isto é, se a ofensa recebida apenas tiver sido diri-
17 gida à sua própria pessoa. Em conclusão, o procedimento a adoptar será: aceitar sem dificuldade a lei das compensações; assumir obrigações mesmo superiores ao devido; retribuir um benefício, mesmo contrariado, como paga pelas injúrias sofridas; preferir tender, preferir inclinar-se no sentido de, apesar de tudo, desejar dever favores a outrem — e desejar retribuí-los. É laborar em erro mostrar melhor disposição em aceitar do que em retribuir favores: quem

recorre a empréstimos tem maior alegria no rosto em pagar a dívida do que ao contraí-la — e do mesmo modo maior satisfação deve sentir quem retribuir um favor traduzido em importante soma do que quem contrai uma obrigação de tal monta! Também neste ponto caem em erro os ingratos: aos seus credores têm de pagar o capital e mais o juro, mas dos favores recebidos entendem que podem gozar gratuitamente, quando na realidade a demora em retribuí-los lhes acresce o valor, e a nossa dívida de gratidão se torna tanto maior quanto mais tardia! Também é ser ingrato retribuir sem juros os benefícios; mais uma coisa a ter em conta quando se contabilizar o "deve" e o "haver"!... **18**

Devemos fazer tudo no sentido de sermos tão gratos quanto possível. A gratidão é um bem que nos pertence a nós, assim como a justiça (ao contrário do que vulgarmente se crê) tira o seu valor mais de si mesma do que da aplicação aos outros. Cada um de nós ao ser útil aos outros, é útil a si mesmo. Não digo isto no sentido de cada um pretender ajudar quando é ajudado, proteger quando é protegido, ou no sentido de que um bom exemplo acaba por redundar em benefício do seu autor (tal como os maus exemplos recaem nos seus autores — e por isso ninguém tem pena das vítimas de injúrias que as próprias vítimas, por também as fazerem, mostram ser possíveis); quero, sim, dizer é que a recompensa de todas as virtudes reside na sua prática! Não é com vista a obter uma recompensa que nós as praticamos: o prémio de uma acção correcta é essa mesma acção! Eu não me mostro grato para que um outro, levado pelo meu exemplo, me faça um favor de melhor vontade, mas porque a gratidão provoca um sentimento da mais pura e bela alegria. Não me mostro grato porque isso me possa ser útil, mas **19** **20**

sim porque me dá prazer. Para te convenceres de que assim é, dir-te-ei ainda mais: se eu não puder mostrar-me grato senão à custa de parecer ingrato, se não puder retribuir um benefício senão sob a aparência de uma ofensa, tenho o dever de, com a consciência tranquila, tomar a decisão mais acertada mesmo a troco de parecer um miserável. A meu ver, ninguém mostrará ter mais amor à virtude e dedicar-lhe maior devoção do que quem não receia perder a reputação de homem de bem só para não macular a sua consciência. **21** Em suma, como já disse, é mais para o teu bem do que para o bem alheio que tu te sentes grato; ser-se retribuído por algo que se deu é coisa vulgar, quotidiana, mas sentir gratidão é um sentimento grandioso que provém do mais feliz estado de alma. De facto, se a maldade torna os homens infelizes e a virtude os torna felizes, então a gratidão é uma virtude; tu restituis um bem de uso comum, mas consegues um outro de inestimável valor: a consciência da tua gratidão, coisa só possível a uma alma acima do normal.

A consequência do sentimento oposto à gratidão é a máxima infelicidade, porquanto ninguém pode ser grato a **22** si mesmo se o não for para com os outros. Eu não estou afirmando que quem *é* ingrato *será* infeliz; os dois estados são simultâneos: o ingrato é imediatamente infeliz. Evitemos, portanto, ser ingratos, não por causa dos outros, mas por nossa causa. Da maldade, a parte que redunda sobre os outros é a mais ínfima, a menos importante: o pior da maldade, a sua parte por assim dizer mais "densa", é a que permanece dentro de nós e nos oprime. Conforme dizia o nosso Átalo, *"a maldade bebe ela mesma a maior parte do seu veneno"!* As serpentes produzem venenos que causam dano aos outros seres mas são inofensivos para elas mesmas; com o veneno da maldade é o contrário, quem o produz é quem mais sofre!

O ingrato tortura-se e aflige-se a si mesmo; odeia os benefícios que recebe por ter de retribuí-los, procura reduzir a sua importância e, pelo contrário, agigantar enormemente as ofensas que lhe foram causadas. Há alguém mais miserável do que um homem que se esquece dos benefícios para só se lembrar das ofensas? A sabedoria, pelo contrário, valoriza todos os benefícios, fixa-se na sua consideração, compraz-se em recordá-los continuamente. Os maus só têm um momento de prazer, e mesmo esse breve: o instante em que recebem o benefício; o sábio, pelo seu lado, extrai do benefício recebido uma satisfação grande e perene. O que lhe dá prazer não é o momento de receber, mas sim o facto de ter recebido o benefício; isto é para ele algo de imortal, de permanente. O sábio não tem senão desprezo por aquilo que o lesou; tudo isso ele esquece, não por incúria, mas voluntariamente. Não interpreta tudo pelo pior, não procura descobrir o culpado do que lhe sucedeu, preferindo atribuir os erros dos homens à fortuna. Não atribui más intenções às palavras ou aos olhares dos outros, antes procura dar do que lhe fazem uma interpretação benevolente. Prefere lembrar-se do bem que lhe fizeram, e não do mal; tanto quanto pode, guarda na memória os benefícios precedentes e não muda de disposição para com aqueles a quem deve algum favor a não ser que as suas más acções sejam de longe mais graves, numa desproporção evidente mesmo a quem não a quer ver; e até neste caso o sábio terá por eles, depois de uma considerável ofensa, sentimentos idênticos aos que tinha antes do favor recebido. Na realidade, mesmo quando a ofensa é equivalente ao benefício, permanece na nossa alma um certo sentido de benevolência. Quando há paridade de votos, o réu é absolvido; quando surge uma situação ambígua, o nosso sentido de humanidade inclina-nos

23 **24** **25** **26**

para a interpretação mais favorável. Do mesmo modo a alma do sábio, quando os favores são equivalentes aos malefícios, embora deixe de ser devedor não cessa de querer sentir-se em dívida, fazendo como aqueles que pagam o que devem mesmo depois de um decreto determinar a anulação das dívidas.

27 Ninguém poderá ser grato se não desprezar tudo aquilo que excita a atenção do vulgo: se quiseres, de facto, retribuir um favor terás que estar disposto a enfrentar o exílio, a derramar o teu sangue, a resignar-te à indigência, a consentir mesmo que a tua inocência seja posta em causa e

28 se sujeite a infames boatos. Um homem grato não é coisa de pouca monta. Habitualmente, a nada se dá mais valor do que a um benefício enquanto o solicitamos, mas a nada se dá menos valor depois de obtê-lo. Sabes o que ocasiona em nós o esquecimento dos favores recebidos? É o desejo daqueles que procuramos obter! Não pensamos no que já conseguimos, mas só no que ainda procuramos alcançar. Somos desviados do caminho recto pelas riquezas, as honras, o poder e outras coisas mais que a opinião comum considera valiosas mas que em si mesmas nada valem.

29 Somos incapazes de juízos de valor quando o que está em causa não é a opinião corrente mas sim a própria natureza das coisas. Tudo o que atrás referi não tem em si nada que mereça atrair a nossa admiração, para além do facto de serem habitualmente objecto de admiração. Não se trata de coisas justamente desejáveis e por isso mesmo julgadas valiosas, pelo contrário, julgamo-las valiosas e por isso as desejamos; quando a opinião errónea de uns quantos se torna a opinião geral, essa opinião geral condiciona

30 por sua vez a opinião de cada indivíduo. No entanto, se nos deixamos guiar pela opinião pública no caso precedente, façamos o mesmo quando ela nos afirma que o

ponto mais alto da moral consiste na gratidão. E esta verdade proclamá-la-ão todas as cidades, todos os povos, mesmo os oriundos das regiões bárbaras, neste ponto estão de acordo os bons e os maus. Haverá quem aprecie sobre- **31** tudo o prazer, outros haverá que julguem preferível o esforço activo; uns consideram a dor como o sumo mal, para outros a dor não será sequer um mal; alguns incluirão a riqueza no sumo bem, outros dirão que a riqueza foi inventada para o mal da humanidade e que o homem mais rico é aquele a quem a fortuna nada encontra para dar; no meio desta diversidade de posições uma coisa há que todos afirmarão, como soe dizer-se, a uma só voz: que devemos gratidão àqueles que nos favorecem. Neste ponto toda esta multidão de opiniões se mostra de acordo, mesmo quando por vezes pagamos favores com injúrias; e a primeira causa de ingratidão é não podermos ser suficientemente gratos. A insensatez chegou ao ponto de se tornar **32** perigosíssimo fazer um grande benefício a alguém; como se considera uma vergonha não pagar o benefício, julga-se preferível não existir ninguém que no-lo faça! Goza em paz o que de mim recebeste; não to reclamo, não to exijo. Basta-me saber que te fui útil. Não há ódio mais violento do que o proveniente de um benefício não honrado!

82

Já deixei de estar na incerteza a teu respeito. Se me **1** perguntares que divindade me serve de garante, dir-te-ei; aquela que nunca engana ninguém, ou seja, a alma que apenas ama o que é justo e bom. A melhor parte de ti mesmo já se encontra a salvo. Pode suceder que a fortuna te faça algum mal; no entanto, — o que é mais impor-

tante! —, já não receio que tu faças mal a ti mesmo. Prossegue na via que encetaste, adapta-te a este estilo de
2 vida com serenidade, mas não com moleza! Eu prefiro viver mal do que com moleza — entendendo aqui "mal" no sentido que se lhe dá correntemente, isto é, com dureza, dificuldades, sacrifícios. Ouvimos não raro enaltecer certas pessoas cuja vida se inveja em termos deste género: "*Mas que moleza de vida!*", "*Mas que moleza de homem!...*" O certo é que gradualmente a alma se vai efeminando e perdendo consistência, à imagem da ociosidade e indolência em que vegetam. Pois quê, não será mais digno de um homem ter um ânimo vigoroso? (...)[4], e cá temos estes nossos "frágeis donzéis" com medo da morte, eles que fizeram da própria vida um simulacro da morte! Ora, há uma enorme diferença entre viver no ócio e viver
3 numa tumba. "*Que dizes? Então não é preferível levar uma vida de inactividade, mesmo que com moleza, do que deixar-se enredar nesta vertigem dos deveres públicos?*" Ambas as coisas são condenáveis, tanto a crispação como o entorpecimento. Acho eu que tão morto está o que jaz no meio de perfumes como aquele cujo cadáver é removido com um gancho; um ócio à margem da cultura equivale à morte, é como o sepulcro de um homem vivo!
4 Que interessa viver retirado nestas condições? Vale tanto como atravessar os mares levando atrás de nós as causas dos nossos cuidados. Onde encontrar um esconderijo em que não penetre o medo da morte? Que tipo de vida goza de tanta tranquilidade, é tão protegida e remissa que não possa ser perturbada pela dor? Onde quer que te

---

[4] Frase mutilada; antes de *deinde*, o copista deve ter deixado escapar qualquer palavra que os editores se empenham variamente em restituir.

refugies sentirás à tua volta o estrépito dos males humanos. Vivemos em meio de condicionalismos externos que nos iludem ou atormentam, mas muitos outros há, de ordem interna, que nos fazem ferver em plena solidão. A **5** filosofia deverá circundar-nos, como uma muralha inexpugnável que a fortuna, embora a assalte com inúmeros engenhos, nunca poderá transpor. A alma que se aparta de tudo quanto é externo, que se defende no seu domínio próprio, alça-se por isso mesmo a um lugar inacessível donde vê todos os dardos cair sem lhe tocarem. A fortuna não tem um braço assim tão longo quanto se julga: apenas atinge os que dela se encontram próximos. Por essa **6** razão devemos saltar para fora do seu alcance tanto quanto nos for possível, o que só conseguiremos através do conhecimento de nós mesmos e da natureza[5]. Cada um deve procurar saber para onde vai, donde provém, em que consiste para si o bem e o mal, quais as coisas a alcançar, quais as que são de evitar; deve saber que coisa é essa razão graças à qual se torna apto a discernir as metas a atingir e a evitar, essa razão que acalma a loucura dos desejos e aniquila a ferocidade dos temores. Certos pensa- **7** dores entendem que se consegue reprimir estas últimas perturbações mesmo sem recorrer à filosofia. No entanto, se um homem atravessou sem perigo todos os acasos da vida, a declaração que então faça já vem tarde! Quero ouvi-lo falar é quando o carrasco se está aprestando, quando a morte se está avizinhando. A esse homem poderíamos dizer: *"Tu estavas desafiando sem riscos males ausentes: aqui tens agora a dor (que tu dizias suportar sem dificuldade),*

---

[5] Sobre a importância que o conhecimento da natureza tem para o conhecimento de nós mesmos veja-se o prefácio das *Naturales Quaestiones* que Séneca, como se sabe, dedicou ao seu amigo Lucílio.

aqui tens agora a morte (a respeito da qual proclamavas sentenças tão corajosas); estalam os chicotes, brilham as espadas:

mostra agora, Eneias, a tua coragem, a tua energia!"[6]

8 Um coração forte consegue-se através de uma contínua meditação, desde que nos não apliquemos às palavras mas ao conteúdo, desde que nos preparemos para aceitar a morte; e não é à força de sofismas que alguém conseguirá exortar-te e levar-te à convicção de que a morte não é um mal. Dão-me vontade de rir, amigo Lucílio, algumas patetices dos Gregos: por muito que os admire ainda não as **9** consegui entender! O nosso Zenão serve-se deste raciocínio: "*Nenhum mal é causa de glória; ora, a morte não é causa de glória; logo, a morte não é um mal!*"[7] Magnífico! Já estou liberto do medo! Depois disto, já não hesitarei em estender o pescoço ao carrasco... Vamos lá falar com mais dignidade, sem cobrir de ridículo um homem que vai morrer! Pelos deuses! Nem sei dizer-te qual dos dois me parece mais imbecil: se quem imaginou com este silogismo eliminar o medo da morte, se quem se aplicou **10** a solucioná-lo como se ele fosse pertinente para o caso! O mesmo pensador contrapôs a este um silogismo inverso, baseado no facto de nós, estóicos, incluirmos a morte no número das coisas *indiferentes*, ou, como se diz em grego, ἀδιάφορα[8]. Ei-lo:"*Nenhuma coisa indiferente é causa de glória; ora, a morte é causa de glória; logo, a morte não é indiferente.*" Estás a ver onde é que tropeça este silogismo: a glória não está na morte em si, a glória está em

---

[6] Vergílio, *Aen.*, VI, 261.
[7] Este silogismo forma o fr. 196 de *S.V.F.*, I.
[8] Sobre a teoria dos indiferentes cf. *S.V.F.*, I, 191 ss.; III, 117 ss.

morrer valorosamente. Quando se diz que "nenhuma coisa indiferente é causa de glória" eu estou de acordo, mas neste sentido, que tudo quanto é glorioso gira à volta de coisas em si mesmo indiferentes. Entendo por "indiferentes", isto é, nem boas nem más, coisas como a doença, a dor, a pobreza, o exílio, a morte. Nada disto, por si mesmo, **11** pode ocasionar a glória, mas sem isto também nada o faz. Objecto de louvor não é a pobreza, mas sim o homem que se não deixa vencer nem abater pela pobreza; objecto de louvor não é o exílio, mas sim quem parte para o exílio com mais serenidade no rosto do que se exilasse alguém;[9] objecto de louvor não é a dor, mas sim quem em nada cedeu à dor; ninguém louva a morte em si, mas sim o homem que a morte arrebata sem previamente lhe perturbar o ânimo. Nenhuma destas coisas tem por si mesma **12** valor moral ou glória; o que lhe atribui valor moral e glória é somente o facto de nelas se ter de algum modo inserido a virtude. Tais coisas estão, por assim dizer, a meio caminho: a diferença surge quando o homem as enfrenta com cobardia ou com virtude. A mesma morte que em Catão foi gloriosa tornou-se em Bruto vergonhosa e vil. Refiro-me àquele Bruto que, condenado à morte, procurou todas as formas de adiar a execução: retirou-se para aliviar o ventre, chamaram-no para ser executado, ordenaram-lhe que submetesse o pescoço ao carrasco. *"Eu submeto"* — gritou — *"mas deixem-me viver!..."* Que loucura esta de tentar fugir quando já se não pode retroceder! *"Eu submeto, mas deixem-me viver!"* Só lhe faltou acrescentar: *"Mesmo sob as ordens de António!"* Ó homem digno de ser condenado ... à vida!

---

[9] Trata-se, uma vez mais, do célebre exemplo de Rutílio.

Mas continuemos. Estás vendo que, como te dizia, a
13 morte em si não é um mal nem um bem: Catão usou-a da forma moralmente mais nobre, Bruto do modo mais indigno. É a presença da virtude que pode dar a qualquer coisa o valor de que, em si, carecia. Nós dizemos de um quarto que é muito claro, embora de noite fique totalmente às escuras: o dia faculta-lhe a luz, a noite rouba-lha.
14 O mesmo se passa com aquelas coisas que nós classificamos de indiferentes ou intermédias — riqueza, força, beleza, carreira das honras, poder, ou, inversamente, morte, exílio, problemas de saúde, dor, e outras ainda que, ora mais ora menos, nós receamos: é a vileza ou a virtude que delas faz um bem ou um mal. Uma massa de metal não é em si quente nem fria: se a atirarmos a uma fornalha ela aquece, se a deitarmos à água, arrefece. A morte só tem valor moral graças ao valor em si, isto é, a virtude, o desprezo em que a alma tem os condicionalismos externos.

15 Existe no entanto, Lucílio, uma grande diferença mesmo entre aquelas coisas a que chamamos "intermédias". Por exemplo, a morte não é indiferente no mesmo sentido em que o é ter um número par ou ímpar de cabelos. A morte inclui-se entre aquelas coisas que, sem serem em si um mal, revestem, no entanto, a aparência de um mal; e isto porque nos é inerente o amor por nós mesmos, o instinto de conservação permanente, a repugnância perante o aniquilamento,...[10] (e também) por imaginarmos que a morte nos vem arrebatar imensos bens, nos vem subtrair ao infindável mundo de coisas que nos habituámos a gozar. Repelimos ainda a ideia da morte porque, se conhecemos

[10] Lacuna postulada por Haupt, com a concordância de Reynolds.

bem este mundo, ignoramos tudo do mundo para que iremos,... e o homem tem horror ao desconhecido! Mais: sofremos também do terror natural pela escuridão, e é crença geral que a morte nos lançará nas trevas. Todas estas considerações mostram que, se a morte é um *"indiferente"*, não é apesar disso um daqueles que possamos tratar com ligeireza: para a alma se dispor a encarar a aproximação da morte é indispensável robustecê-la à custa de intenso treino. Não recear a morte é um dever nosso, mas não um hábito generalizado: concebemos todas as fantasias acerca dela; muitos poetas talentosos aplicaram-se à porfia a aumentar a má fama de que a morte desfruta, com as suas descrições dos antros infernais como uma região oprimida por uma noite eterna, um mundo em que **16**

"o gigantesco porteiro do Orco,
estendido no antro sangrento sobre
ossadas meio roídas,
assusta com o seu ladrar incessante
as almas exangues!"[11]

Mesmo estando convencidos de que tudo isto não passa de fábula[12] e de que os mortos nada mais têm a recear,

---

[11] Contaminação de dois passos de Vergílio:
a) *Aen.*, VI, 400-1:
embora o gigantesco porteiro na caverna assuste com o seu ladrar incessante as almas exangues
b) *Aen.*, VIII, 296-7:
o porteiro do Orco, estendido no antro sangrento sobre ossadas meio roídas.
Séneca citava de cor, daí a contaminação. — O "porteiro do Orco" é Cérbero, o cão infernal de três cabeças.

[12] Também em *Troianas*, 405-6 Séneca chama às tradicionais descrições do mundo infernal "ocos boatos, palavras sem sentido, fábulas semelhantes a pesadelos". — Neste ponto, aliás, é total o acordo entre estóicos e epicuristas, cf. Lucrécio, III, 978 ss.

sobrevém-nos outro temor: o comum das pessoas tanto receia ir parar aos infernos como não ir parar a parte alguma. Perante estas visões, uma e outra negativas, impos-
17 tas ao nosso espírito por uma longa habituação, como não pensarmos que a coragem perante a morte é uma fonte de glória, é uma das maiores façanhas do espírito humano?! Nunca este se elevará até à virtude enquanto estiver convencido de que a morte é um mal, mas fá-lo-á se passar a considerá-la como indiferente. É contrário à natureza afrontar com decisão uma situação que consideramos ser um mal: a acção será sempre lenta e hesitante. Também não é glorioso fazer-se qualquer coisa contrariada e indecisamente. A virtude não age apenas por estrita necessidade.
18 Acrescenta ainda que nenhuma acção tem valor moral senão quando nos aplicamos a ela com toda a nossa alma, quando nenhuma parte do nosso ser lhe opõe resistência. Quando alguém afronta um mal, por medo de algo pior ou na esperança de vir a obter algum bem, e apenas tenha "*engolido*" pacientemente um único mal, — esse alguém sofrerá a acção de impulsos opostos: por um lado, sentir-se-á incitado a levar até ao fim o seu propósito, por outro sentirá vontade de retroceder e de se pôr a salvo de uma conjuntura suspeita e perigosa; em suma, vê-se puxado simultaneamente em direcções opostas. Quando se dá uma situação destas toda a glória se vai! A virtude, porém, leva até ao fim a decisão tomada em bloco pela alma, sem receio daquilo que vai fazer.

"*Não cedas à desgraça, antes avança mais audaz*
ainda do que a própria fortuna te permite!"[13]

19 Nunca poderás avançar com toda a audácia se pensares que vais enfrentar um mal. Há que arrancar essa ideia do

---

[13] Vergílio, *Aen.*, VI, 95-6.

teu espírito, pois dúvida que persista em ti só servirá para entravar-te o passo. Se queremos entrar, temos de empurrar as portas com energia!

É exacto que os mestres estóicos pretendem fazer crer que, enquanto o silogismo de Zenão é verdadeiro, o outro, que lhe é contraposto, é incorrecto e falacioso. Eu, por mim, não estou disposto a tratar o problema da morte segundo as leis da lógica, fabricando desses sofismas próprios de uma subtileza entorpecida. Entendo que devemos rejeitar todo este aparato de que se rodeiam os autores de silogismos e que os leva, afinal de contas, a forçarem o seu oponente a uma conclusão contrária ao que de facto pensa. Em defesa da verdade devemos agir com maior simplicidade, contra o medo devemos empregar maior energia. Quanto a estes raciocínios congeminados por tais pensadores, eu gostaria de solucioná-los e desenvolvê-los, não para enganar os outros mas para os persuadir. Um general em campanha de que modo deve exortar os seus soldados a enfrentarem a morte em defesa das mulheres e dos filhos? Toma o exemplo dos Fábios que assumiram para a sua família o peso da guerra que afligia todo o Estado. Reflecte no exemplo dos Espartanos postados no desfiladeiro das Termópilas: não têm esperança alguma de vitória ou de regresso; sabem que aquela posição será o seu túmulo. Que argumentos usar para exortar estes homens a opor os seus corpos à massa dos Persas que se abatia sobre eles? Como convencê-los a antes abandonarem a vida do que cederem o passo? Será que lhes vais dizer: "*Nenhum mal pode ser glorioso; ora a morte é gloriosa, logo a morte não é um mal?!*"... Que discurso persuasivo! Depois de o ouvir quem é que hesitaria em oferecer o peito às espadas inimigas e morrer de pé?... Em contrapartida, vê agora o vigor com que Leónidas lhes dirigiu a palavra: "*Camara-*

20

21

das, jantai hoje na plena certeza de que haveis de ir cear entre os mortos!" A comida não se lhes enrolou na boca, não se lhes colou na garganta, não lhes caíu das mãos: antes foi com energia que eles usaram as mãos quer ao

22 jantar quer à ceia! Queres outro exemplo? Vê o daquele general romano que, enviando os seus soldados ao ataque de uma posição (o que os obrigava a atravessar as linhas do vasto exército inimigo) lhes falou nestes termos: "*Camaradas, é necessário marchar sobre um local donde não é necessário regressar!"* Vê bem como a virtude é directa e imperiosa. Em contrapartida, onde está o homem a quem os argumentos capciosos possam dar mais coragem e entusiasmo? Tais argumentos só servem para embotar a alma — e nunca ela menos deve ser abatida e enredada em questiúnculas miudinhas do que quando vai afrontar uma

23 situação difícil. Não são apenas trezentos homens, é todo o género humano que devemos libertar do medo da morte. De que modo farás compreender a todos que a morte não é um mal? De que modo destruirás neles uma ideia errada cimentada ao longo de toda a vida, bebida desde a infância? Que recurso usarás para socorrer a fraqueza dos homens? Que poderás dizer-lhes que os faça lançar-se com determinação no meio dos perigos? Que discurso será o teu para poder vencer o consenso geral que incita ao temor da morte, que energia intelectual terás de despender a fim de eliminar essa convicção arreigada no espírito humano? Será que vais congeminar argumentos arrevezados ou construir silogismos? Os grandes monstros têm de

24 ser combatidos com armas poderosas. A terrível serpente africana (mais funesta para as legiões romanas do que a própria guerra) em vão os nossos soldados tentaram feri-la com setas ou pedras: nem mesmo Apolo Pítio a conseguiria trespassar! O seu tamanho gigantesco, a dureza da

pele que lhe cobria o corpo imenso repeliam o ferro e todas as outras armas que contra ela se usaram: só com pedregulhos do tamanho de mós foi possível matá-la. E tu vais empregar contra a morte argumentos tão miseráveis!... A tua figura é a de quem defronta um leão com um canivete! Os teus raciocínios são muito agudos; repara, porém, que nada é mais aguçado do que a ponta de uma espiga, mas a própria finura de muitos instrumentos faz deles armas inúteis e ineficazes!

83

Queres que eu te descreva integralmente tudo quanto faço em cada dia, de manhã à noite. Quer isto dizer que fazes um bom juízo a meu respeito, pois não imaginas que eu possa ter algo a esconder-te. É assim mesmo que nós devemos viver: como se a nossa vida decorresse à vista de todos. É assim mesmo que nós devemos pensar: como se alguém pudesse surpreender o nosso mais íntimo pensamento. E alguém há que pode fazê-lo. De que nos vale esconder dos outros alguma coisa se à divindade nada permanece oculto? Ela existe dentro da nossa alma, toma parte activa nas nossas reflexões. "Toma parte", digo eu, como se apenas o fizesse esporadicamente. Vou, portanto, fazer o que me pedes: descrever-te com todo o gosto cada acto que pratico, e por que ordem o faço. Vou observar-me com toda a atenção, vou fazer uma coisa da maior utilidade: avaliar com cuidado cada um dos meus dias. Habitualmente, ninguém auto-analisa a própria vida, o que só contribui para acrescer os vícios. Todos pensamos no que estamos para fazer, e mesmo isto raramente, mas não atentamos no que já fizemos, quando afinal as decisões quanto ao futuro estão dependentes do passado.

3 O meu dia de hoje pertence-me, ninguém me roubou um bocadinho que fosse: todo ele foi dividido entre o leito[14] e a leitura. Os exercícios físicos ocuparam uma parcela mínima. A propósito, devo render graças à velhice que me não faz perder muito tempo com tais exercícios! Um pouco de movimento, e fico cansado; ora o cansaço obriga mesmo os melhores atletas a darem por terminado o

4 treino. Se queres saber quem são os meus "treinadores" dir-te-ei que me contento apenas com Fário, que é um escravozinho muito simpático, como tu sabes. Mas vou necessitar de trocá-lo por outro ainda um pouco mais jovem. Fário diz que ambos sofremos do mesmo mal porque a ambos já nos estão caindo os dentes. No entanto, quando ele se põe a correr, eu já quase não consigo acompanhá-lo, e dentro de alguns dias não conseguirei mesmo. Daqui poderás inferir a utilidade dos exercícios diários. Rapidamente estabelece-se uma grande distância entre nós, pois marchamos em direcções opostas. Enquanto ele vai subindo vou eu descendo, e tu bem sabes em qual destes sentidos se caminha mais depressa! Disse uma mentira: a minha idade já não se limita a "descer", tomba em

5 queda livre! Bem, mas tu queres saber qual foi o resultado da corrida de hoje? Um resultado que só raramente os atletas alcançam, ficámos os dois em primeiro lugar! Depois da corrida, que mais foi estafadeira que exercício, meti-me na água fria, nome que em minha casa se dá à água morna. Aqui está: eu, o grande banhista de água gélida, eu que não passava o dia 1 de Janeiro sem dar um mer-

---

[14] Não se entenda que o filósofo passou metade do dia a dormir, pois ele (infra, § 6) necessitava pouco do sono. O leito de que se trata aqui, portanto, é uma espécie de divã em que Séneca se reclinava para meditar quando não estava à mesa de trabalho a ler ou a escrever.

gulho na piscina, eu que, na passagem do ano, assim como celebrava a chegada do ano com uma leitura, uma obra, um discurso, também costumava ir saltar para dentro da Fonte da Virgem, comecei por transferir os meus banhos para o Tibre, e por fim, quando estou de boa saúde e tudo me corre bem, para esta banheira aquecida pelo sol; pouco me falta para ficar reduzido ao banho quente! A seguir ao banho, um pouco de pão seco, uma **6** ligeira refeição mesmo em pé, daquelas que não obrigam a ir lavar as mãos. Durmo muito pouco. Tu conheces o meu hábito: basta um breve sono para repousar; deixar, por poucos minutos, de estar acordado é o suficiente. Por vezes tenho a consciência de ter dormido, outras apenas suspeito que o fiz. Irrompe subitamente o estrépito do **7** circo; uma vozearia repentina e unânime fere-me os ouvidos, sem perturbar, sem interromper sequer as minhas reflexões. Sou capaz de suportar muito bem o ruído; um grande número de vozes indistintas é para mim como o barulho das ondas, do vento a bater na folhagem ou outros sons de que mal nos apercebemos.

Vou agora dizer-te em que problema ocupei o meu **8** espírito. Fiquei matutando desde ontem no que é que pode ter levado pensadores profundos a apresentarem demonstrações ridículas e confusas para questões da máxima importância, demonstrações que, embora conformes à verdade, têm todo o ar de mentiras. O grande Zenão, o fun- **9** dador da nossa vigorosa e sublime escola estóica, pretende demover-nos da embriaguês. Pois aqui tens o silogismo que ele congeminou para provar que o homem de bem nunca pode embriagar-se: "*Ninguém confia um segredo a*

[15] *S.V.F.*, I, 229.

um ébrio, mas pode confiá-lo a um homem de bem; logo, o homem de bem nunca estará ébrio"[15]. Observa agora como, através de um silogismo similar, se pode evidenciar o ridículo desta demonstração (basta-me enunciar um exemplo de entre muitos possíveis): "*Ninguém confia um segredo a alguém que está a dormir, mas pode confiá-lo a um homem de bem; logo, o homem de bem nunca dorme*".

10 Posidónio procura defender o nosso Zenão da única forma possível, mas sem o conseguir, acho eu. Diz ele que a palavra "*ébrio*" pode ser entendida em dois sentidos: num caso, aplicada a alguém que bebeu demais e ficou inconsciente; noutro, a alguém que habitualmente se embriaga, que é viciado na bebida. Quando Zenão emprega o vocábulo está a pensar em alguém que se embriaga habitualmente, não em quem está ébrio de momento; é ao primeiro que ninguém confiaria um segredo que ele, sob a

11 acção do álcool, poderia imediatamente revelar. Ora isto é falso, porque a primeira premissa do silogismo citado se refere a alguém que de momento está mesmo ébrio, não a alguém que pode vir a estar. Nós temos de admitir que há uma grande diferença entre um ébrio ocasional e um ébrio habitual: um homem pode estar ébrio pela primeira vez, sem que tenha o vício, enquanto um viciado na bebida se encontra frequentemente sóbrio! É assim que eu entendo o significado deste vocábulo, sobretudo tendo em conta que ele é usado por alguém que se preocupa com a exactidão e propriedade dos termos que emprega. Imaginemos agora que Zenão estava ciente deste significado da palavra mas pretendeu que nós o não estivéssemos: neste caso, usando ambiguamente o vocábulo, permitiu a introdução de um sofisma, o que não é o processo correcto de chegar

12 à verdade. Mas admitamos que fez assim conscientemente. Neste caso, a conclusão a que chegou — ou seja, que a

um homem habitualmente ébrio ninguém confia um segredo — é errónea. Basta que penses quantas vezes um general, um tribuno ou um centurião tiveram de dar instruções confidenciais a soldados nem sempre sóbrios! A tarefa de assassinar Gaio César (refiro-me ao César que, após a vitória sobre Pompeio, se tornou senhor do Estado romano)[16] tanto foi confiada a Tílio Cimbro como a Gaio Cássio. Ora, enquanto Cássio em toda a sua vida nunca bebeu senão água, Tílio Cimbro era imoderado na bebida, o que o tornava um indivíduo irascível. Ele próprio, aliás, admitia com ironia o seu vício, dizendo: "*Como hei-de eu aguentar um chefe supremo se nem consigo aguentar o vinho?*"

13 Cada um poderá recordar-se de pessoas suas conhecidas a quem se não pode dar a guardar uma ânfora de vinho mas se pode confiar um segredo. Por mim, vou referir-me a um caso que me ocorre antes que me passe da lembrança, porquanto temos o dever de utilizar como modelos casos famosos sem precisar de estar sempre a recorrer à antiguidade. **14** Lúcio Pisão, o chefe da polícia de Roma, desde que foi nomeado para o cargo, nunca mais deixou de embriagar-se. Passava a maior parte da noite em festins; depois ficava a dormir até quase ao meio-dia, o que, para ele, era uma madrugada. No entanto, cumpriu sempre com a maior diligência o seu dever de manter a ordem na cidade. A este homem o divino Augusto confiou instruções secretas ao nomeá-lo como governador da Trácia que ele, aliás, acabou de pacificar; o mesmo fez Tibério ao retirar-se para a Campânia, muito embora a situação em Roma fosse confusa e houvesse grande hosti-

---

[16] A precisão de Séneca é necessária porque Gaio César era o nome comummente usado para designar o imperador também conhecido pela alcunha de Calígula.

15 lidade contra si. A experiência de Tibério com este Pisão dado à bebida foi mesmo tão bem sucedida que, imagino eu, foi essa a causa de ele nomear para governador de Roma[17] Cosso, — homem severo, de bom carácter, mas de tal modo "embebido" em vinho que uma vez, quando saiu de um banquete para participar no Senado, se deixou dormir em plena sessão, e teve de ser levado de lá sem dar acordo de si. Pois Tibério confiou a este homem muitos documentos escritos pelo próprio punho, que nem aos seus íntimos colaboradores ousava revelar, sem que Cosso tivesse desvendado o mínimo segredo, público ou privado!

16 Ponhamos, portanto, de lado as declamações deste tipo: "*O espírito dominado pelo álcool não é senhor de si mesmo. À maneira do mosto que, ao fermentar, estoira com os próprios tonéis e faz vir ao de cima tudo quanto está lá no fundo, assim o ébrio, sob a pressão do vinho, deita cá para fora, diante de toda a gente, todos os segredos que lá tem dentro. Sob o peso da bebida, um ébrio, regorgitando de vinho, não consegue sequer reter no estômago a comida. E o mesmo faz com os segredos, pondo-se a revelar indiscriminadamente tanto os próprios como os*

17 *alheios.*" É certo que, por vezes, isto acontece. Mas acontece também nós discutirmos assuntos prementes com pessoas que sabemos serem dadas à bebida. Consequentemente, é falsa toda a argumentação aqui utilizada para provar "que a um homem viciado na bebida ninguém costuma confiar segredos".

Muito mais importante do que estes discursos é a condenação expressa da embriaguez, e a exposição do que nela há de vicioso. Qualquer homem, mesmo um homem

---

[17] Cargo idêntico ao atribuído anteriormente a L. Pisão, isto é, chefe da polícia de Roma. Cosso, portanto, foi sucessor de Pisão nestas delicadas funções.

vulgar, deve evitar os excessos, quanto mais aquele que já atingiu um elevado grau de sabedoria. Para este, é mais do que suficiente saciar a sede; e se, porventura, levado pela companhia, prolonga um pouco mais a boa disposição, nunca chega a atingir o estado de embriaguez. **18** Investigaremos depois se o espírito do sábio pode deixar-se perturbar por excesso de vinho, e comportar-se como ébrio; entretanto, se quiseres provar que um homem de bem nunca deve embriagar-se, para quê recorrer a silogismos? Diz antes que é vergonhoso ingerir mais do que podemos, fazendo por ignorar a capacidade do nosso estômago; que os ébrios tomam atitudes de que eles próprios se envergonham quando sóbrios; diz que a embriaguez não passa de uma loucura voluntária. Imagina que um homem se comporta como ébrio durante vários dias consecutivos: acaso hesitarás em considerá-lo um autêntico demente? Nos casos de que falávamos a demência não é menor, apenas dura menos tempo. **19** Lembra-te do caso de Alexandre da Macedónia, o qual, no meio de um banquete, trespassou com a espada Clito, o mais querido e fiel dos seus amigos; quando deu conta do que fizera desejou morrer, e sem dúvida era isso que deveria ter feito! A embriaguez excita e descobre todos os vícios, e repele o pudor que se opõe às atitudes condenáveis; muita gente, de facto, evita tais atitudes mais pela vergonha de cometer um mau acto do que propriamente por íntima convicção. **20** Quando o espírito é possuído por um violento excesso de bebida, todo o seu lado mau vem ao de cima. A embriaguez não causa os vícios, mas trá-los à luz: o libertino não espera a hora de recolher-se, mas entrega-se sem demora a tudo quanto os seus apetites solicitam; o pervertido não hesita em reconhecer publicamente a sua perversão; o arruaceiro fica incapaz de controlar a língua e as mãos. Avoluma-se a má

criação do insolente, a malvadez do cruel, a inveja do despeitado; todo o vício, em suma, cresce e torna-se visível.
21 Acrescente-se a falta de autocontrolo, as palavras titubeantes e indistintas, os olhos revirados, os passos cambaleantes, a cabeça à roda, o próprio tecto movendo-se como se um furacão fizesse girar toda a casa, as dores no estômago quando o vinho fermenta e dilata as entranhas. Mas, apesar de tudo, isto ainda é suportável quando a pessoa consegue aguentar-se de pé. Agora se, para cúmulo, sobrevém
22 o sono e a embriaguez se transforma em indigestão? Pensa em todas as catástrofes que têm sido causadas pela embriaguez colectiva: num caso, é um povo valoroso e combativo que fica à mercê dos inimigos; noutro, é uma cidade que, após uma guerra defensiva de longos anos, acaba por abrir ela mesma as muralhas; noutro ainda, é uma nação obstinada na sua independência que se vê submetida; ou ainda um exército imbatível em combate mas derrotado
23 pelo vinho. Alexandre, a quem acima fiz referência, escapou ileso a inúmeras marchas forçadas, a inúmeras batalhas, a inúmeras tempestades de que saiu vencedor apesar da hostilidade das terras e dos climas, a inúmeras torrentes caindo sabe-se lá donde, a inúmeras travessias por mar: só o deitou por terra o excessivo prazer da bebida, o
24 seu copo digno de Hércules! Que glória há em beber muito? Ainda que sejas o vencedor, que todos os outros — prostrados pelo sono, agoniados — não te acompanhem já nos brindes, ainda que, em pleno banquete, sejas o único ainda de pé, ainda que superes todos com a tua espantosa resistência à bebida, ainda que ninguém mais consiga beber tanto vinho... um tonel far-te-ia tombar!
25 Outra não foi a perdição desse homem notável e de ânimo nobre que se chamou Marco António: não foi acaso a paixão por Cleópatra (tão violenta como a paixão pelo

vinho) que o levou a adoptar costumes estrangeiros e vícios não romanos? Esta paixão fez dele um inimigo da República, tornou-o incapaz de medir-se com os adversários; fê-lo cruel a ponto de, enquanto ceava, lhe serem levadas as cabeças dos principais cidadãos, a ponto de observar, entre manjares requintadíssimos, no meio de luxo asiático, os rostos e as mãos dos proscritos, a ponto de já saciado de bebida, ter ainda sede de sangue. Já era intolerável que ele se embriagasse por cometer tais actos; muito mais intolerável ainda que os cometesse enquanto se embriagava! **26** A crueldade segue-se inevitavelmente ao excesso de vinho, pois a sanidade mental fica completamente alterada, e todos os excessos são possíveis. Uma doença muito prolongada torna qualquer pessoa irritadiça, irascível, incapaz de resistir à mínima contrariedade; do mesmo modo, um contínuo estado de embriaguez torna os ânimos cruéis. Como a pessoa está frequentemente fora de si, a demência torna-se um estado habitual, e os vícios originados pelo vinho permanecem mesmo quando não se bebe.

27 Em conclusão, diga-se por que razão o sábio nunca deve embriagar-se; mostre-se, por factos e não por palavras, tudo quanto há de horroroso e prejudicial na embriaguez. Prove-se (o que é facílimo de conseguir) como os chamados prazeres, quando excessivos, se tornam tormentos. Se, pelo contrário, se argumentar que o sábio, embora bebendo muito, não perde a razão e conserva a plenitude das suas faculdades mesmo embriagado,... então poder-se-á argumentar também que ele não morrerá se beber um veneno, não dormirá se tomar um soporífero, nem vomitará as entranhas se ingerir um bocado de eléboro! Mas se ele fica incapaz de marchar a direito e de articular duas palavras — como pretender que está em parte sóbrio e em parte embriagado?!...

LIVROS XI A XIII[1]

(Cartas 84-88)

84

Estas viagens que me forçam a sacudir a minha indolência são óptimas, acho eu, quer para a minha saúde, quer para os meus estudos. Óptimas para a saúde, é fácil de ver porquê: como a minha paixão pela escrita me torna sedentário e descuidado com o corpo, sempre vou fazendo um pouco de exercício à conta dos outros[2]. E porque são boas para o estudo? Já te digo: porque não interrompi as minhas leituras. A leitura, é de facto, em meu entender, imprescindível: primeiro, para me não dar por satisfeito só com as minhas obras, segundo, para, ao informar-me dos problemas investigados pelos outros, poder ajuizar das descobertas já feitas e conjecturar as que ainda há por fazer. **1**

---

[1] No termo da carta 83 (última do livro X) o manuscrito Q nota: *"aqui termina o livro X, começa o livro XI"*; o mesmo manuscrito anota no fim da carta 88: *"termina aqui o livro XIII das Epístolas morais de L. Aneu Séneca"*. Os limites dos três livros XI, XII e XIII, porém, não são indicados no interior do conjunto; ignora-se, portanto, qual a última carta do livro XI, quais as cartas compreendidas no livro XII e qual a primeira carta do livro XIII.

[2] Séneca viajava de liteira, pelo que na realidade quem fazia exercício eram os escravos que carregavam o veículo! Cf., no entanto, a carta 55, em que Séneca refere até que ponto um passeio de liteira pode equivaler a um exercício físico, até violento para um homem de idade.